



WILLIAM S.
BURROUGHS

EDIÇÃO DEFINITIVA

ALMOÇO NO


COMPANHIA DAS LETRAS

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)



EDIÇÃO DEFINITIVA

WILLIAM S. BURROUGHS
ALMOÇO NU

TRADUÇÃO
DANIEL PELLIZZARI

EDIÇÃO
JAMES GRAUERHOLZ
BARRY MILES


COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

ALMOÇO NU

Direto para o oeste

O Justiceiro

O Bronco

Benway

Joselito

A Carne Negra

Hospital

Lázaro, volte para casa

O salão de festas de Hassan

Campus da Universidade de Interzona

A festa anual de A. J.

O mercado

Homens e mulheres comuns

Corporação Islã e os partidos da Interzona

O Funcionário Público

Interzona

O exame

Alguém viu Rose Pantopon?

Besouros da cocaína

O Exterminador faz um bom trabalho

A Álgebra da Necessidade

Hauser e O'Brien

Prefácio atrofiado: Você não faria o mesmo?

APRESENTAÇÕES ORIGINAIS E ADENDOS DO AUTOR

Depoimento: Testemunho acerca de uma doença

Pós-escrito: Você não faria o mesmo?

Reflexões tardias sobre um depoimento

Carta de um perito no vício em drogas perigosas

TEXTOS DE BURROUGHS ANEXADOS PELOS EDITORES

Nota dos editores

Carta para Irving Rosenthal

A morte de Mel, o garçom

Sobras

ALMOÇO NV

Direto para o oeste

Consigo sentir a tocaia se armando, sentir os movimentos da polícia lá fora mobilizando seus informantes demoníacos, cochichando ao redor da colher e do conta-gotas¹ que jogo longe na estação Washington Square; pulo uma roleta, desço dois lances da escadaria de ferro e pego a linha A direto para a parte alta da cidade... Uma bicha jovem e atraente, de cabelo escovinha e jeito de quem saiu de uma universidade de luxo para trabalhar como executivo no mundo da publicidade, segura a porta para mim. Sem dúvida acha que sou uma figura. Sabe como é essa gente: aborda garçons e taxistas falando de ganchos de direita e beisebol, chama o balconista do Nedick pelo nome. Um verdadeiro idiota. E justo nessa hora surge na plataforma um detetive da narcóticos vestido com um impermeável branco (que ideia seguir alguém usando um impermeável branco. Deve estar querendo parecer uma bichona). Consigo até imaginá-lo dizendo “Acho que você deixou cair um negócio, camaradinha”, agarrando minha roupa com a mão esquerda e pousando a direita sobre a arma.

Mas o metrô começa a andar.

— Até mais, tira! — grito para dar à bicha um gostinho de filme B. Encaro-a de perto, tomo nota de seus dentes brancos, da pele bronzeada na Flórida, do terno de viscose de duzentos dólares, da camisa da Brooks Brothers abotoadinha e do *The News* usado como acessório. — Leio só a *Família Buscapé*.

Um quadradão querendo se fazer de malandro... Fala de “magonha”, fuma de vez em quando e sempre tem um pouco para oferecer aos tipinhos descolados de Hollywood.

— Valeu, garoto — digo. — Dá pra ver que você é um dos nossos. — Seu rosto se ilumina como uma máquina de pinball, evidenciando a estupidez de sua expressão cor-de-rosa.

— O cara me dedou — expliquei, com ar ressentido. (Nota: “Dedar” é uma gíria da ladroagem para “delatar”.) Cheguei mais perto e encostei meus dedos de junky sujo em sua manga de viscose. — E a gente era como irmãos de sangue, dividindo a mesma agulha suja. Anota aí, esse cara entrou na fila pra levar um pico quente. (Nota: Trata-se de uma cápsula de heroína envenenada, vendida ao viciado que alguém quer eliminar. Costuma ser dada a informantes. Quase sempre se prepara o pico quente com estricnina, que é parecida com junk² e tem o mesmo gosto.)

— Já viu um pico quente batendo, garoto? Vi o Manco levar um pico desses lá na Filadélfia. Cercamos o quarto dele com um daqueles espelhos transparentes de puteiro e cobramos dez paus de quem quisesse assistir. Nem chegou a tirar a agulha do braço. Quando a dose é preparada do jeito certo, não tem como. Foi encontrado bem assim, com um conta-gotas cheio de coágulos de

sangue cravado no braço todo roxo. Precisava ver os olhos dele quando o pico bateu. Garoto, aquilo foi de dar água na boca...

“Isso me fez lembrar de quando eu andava com o Justiceiro, o melhor preparador de doses em todo o ramo. Foi lá em Chicago... Estávamos metidos com as bichas do Lincoln Park. Aí uma noite o Justiceiro me aparece pra trabalhar usando botas de caubói, um colete preto com uma estrelinha de xerife e um laço largado sobre o ombro.

“Perguntei na hora: ‘Mas que negócio é esse? Já se drogou?’.

“Aí ele só me deu uma olhada e disse ‘Saque sua arma, forasteiro’, e aí me apontou um revólver enferrujado, o que me fez sair correndo pelo Lincoln Park com balas zunindo à minha volta. Conseguiu matar três bichas antes de ser preso. É isso aí, o Justiceiro fez por merecer o apelido...

“Já percebeu quantas expressões das bonecas acabam sendo usadas pelos michês? Como ‘levantar’, por exemplo, que é fazer alguém saber que você é entendido.

“‘Pega ela!’

“‘Pega o Garoto Paregórico³ se atirando naquele otário!’

“‘A Gulosa tá indo rápido demais.’

“Garante o Menino Sapataria (ele ganhou esse apelido extorquindo dinheiro de fetichistas em sapatarias): ‘Se você usar KY com algum otário ele volta rapidinho implorando por mais’. E quando o Menino enxerga um otário, começa logo a arfar. Seu rosto incha e seus lábios ficam roxos como os de um esquimó no cio. Então ele se

aproxima aos poucos do otário, tateando e apalpando com seus dedos de ectoplasma pútrido.

“O Bronco tem um olhar de garotinho sincero, que brilha como néon azul. Parece ter saído direto de uma capa do *Saturday Evening Post*, mostrando os bagres fígados na pescaria, para depois ser conservado em junk. Os otários do Bronco nunca reclamam, e ninguém duvida que a pilantragem está armando alguma pra ele. Um dia o Garotinho Azul começa a falar mais do que deve e o que acontece com ele logo em seguida faria até um enfermeiro de emergência vomitar. Quando já é tarde demais o Bronco perde a cabeça e atravessa as estações de metrô correndo pelo meio das máquinas automáticas vazias, gritando ‘Volta, garoto!! Volta!!’, até que se atira no East River em busca de seu menino, mergulhando em meio às camisinhas, às cascas de laranja e ao mosaico de jornais flutuantes até afundar no lodo negro e silencioso na companhia dos gângsteres presos em blocos de concreto e das pistolas achatadas para escapar aos dedos bisbilhoteiros de lascivos peritos em balística.”

E a bicha pensando: *Mas que figura!! Mal posso esperar para contar desse aí ao pessoal do Clark*. É um típico colecionador de figuras, pararia até para assistir a Joe Gould⁴ conversando com gaivotas. Por isso lhe arranco dez dólares e combino um esquema para vender “magonha”, como ele diz, pensando: *Vou é dar gatária pra esse trouxa*. (Nota: O cheiro de gatária queimada é muito parecido com o da maconha. Costuma ser vendida para apressadinhos ou desinformados.)

— Bem — falei, dando um tapinha no braço —, o dever me chama. Como um juiz disse para outro: “Sê justo; caso não consigas ser justo, sê arbitrário”.

Ao entrar no autosserviço, encontro Bill Gains metido em um capote de outra pessoa, mais parecendo um banqueiro parésico de 1910, e também o Velho Bart, esfarrapado e insignificante, molhando pedaços de bolo inglês no café com seus dedos sujos, brilhando por sobre a imundície.

Bill cuidava de alguns dos meus clientes na parte alta da cidade, e Bart conhecia alguns veteranos dos tempos do ópio, faxineiros espectrais, grisalhos como cinzas, porteiros-fantasmas que varrem salões empoeirados com toda a lentidão de suas mãos senis, tossindo e escarrando em meio à aurora do enjoo narcótico, receptadores aposentados e asmáticos que moram em decadentes hotéis para artistas, Rose Pantopon, a velha cafetina de Peoria, estoicos garçons chineses que nunca demonstram qualquer desagrado. Com seu caminhar de velho junky, paciente, cauteloso e lento, Bart saía à cata de seus clientes para depositar algumas horas de calor em suas mãos anêmicas.

Certa vez, para me divertir, acompanhei Bart nas entregas. Sabe como ficam os velhos depois que perdem qualquer pudor ao comer? Só de olhar eu sinto ânsia de vômito. Quando o assunto é junk, os velhos junkies são idênticos. Basta enxergar a droga para que comecem a gaguejar e guinchar. Fios de baba escorrem por seu queixo, sua barriga ronca e suas entranhas retorcem-se em movimentos peristálticos enquanto preparam a dose, dissolvendo a escassa pele apresentável que ainda lhes resta no corpo, e parece que a qualquer momento uma imensa bolha de protoplasma brotará para engolfar a junk. É realmente uma coisa nojenta de assistir.

— Bem, algum dia meus meninos vão ficar desse jeito
— ruminei, filosófico. — Não é mesmo curiosa esta vida?

Volto ao centro pela estação Sheridan Square para não correr o risco de encontrar aquele mesmo detetive escondido em algum armário de vassouras.

Como costumo dizer, não tinha mesmo como durar. Sabia que estavam reunidos ali por perto, lançando seus feitiços policiais malignos, preparando bonecos com minha fisionomia em Leavenworth. “Nesse aí nem adianta espetar agulhas, Mike.”

Alguém me conta que usaram um desses bonecos para apanhar o Chapin. Um policial velho e eunuco ficou sentado por anos a fio no porão da delegacia, enforcando um boneco com a fisionomia do Chapin dia e noite. E quando finalmente enforcaram o cara em Connecticut, encontraram o tal velho esquisito com o pescoço quebrado.

Rolou pela escada, é o que dizem. Todo mundo conhece essa conversa fiada dos policiais.

Magia e tabus, maldições e amuletos cercam a junk. Na Cidade do México, eu conseguia usar meu radar para encontrar meu canal. Não está nessa rua, vamos até a próxima, virando à direita... agora à esquerda. Agora à direita de novo, e ali estava meu canal com seu rosto de velha desdentada e seus olhos ocos.

Conheço um traficante que faz sua ronda cantarolando sem parar, e todos que passam por perto ficam com aquela canção na cabeça. É um sujeito tão desbotado, fantasmagórico e anônimo que ninguém é capaz de enxergá-lo, e os passantes ficam com a impressão de que a música brotou de sua própria cabeça. Assim, os clientes aproximam-se no compasso de “Smiles” ou “I’m

in the Mood for Love” ou “They Say We’re Too Young to Go Steady” ou qualquer que seja a música do dia. Às vezes pode-se topar com uns cinquenta junkies molambentos guinchando de dor, seguindo o rastro de um menino tocando gaita, e também se encontra O Cara sentado em uma cadeira de bambu e atirando pão aos cisnes, uma drag queen obesa passeando pelo East Fifties com seu galgo afegão, um velho bêbado mijando em uma coluna da Elevada, um estudante judeu distribuindo panfletos extremistas na Washington Square, um arboricultor, um desinsetizador e um publicitário bicha que chama o balconista do Nedick pelo nome. Toda a rede mundial de junkies está interligada por um cordão de esperma rançoso, garroteando o braço em quartos de pensão, tremendo com os calafrios matinais do enjoo narcótico. (Opiômanos veteranos aspiram a fumaça negra no quarto dos fundos da lavanderia do China enquanto o Bebê Melancólico morre de overdose de tempo ou súbita falta de ar). No Iêmen, em Paris, em New Orleans, na Cidade do México e em Istambul, tiritando sob martelos pneumáticos e escavadeiras a vapor, junkies trocam guinchos ofensivos que não são ouvidos por nenhum de nós enquanto O Cara se debruça para fora de um antigo rolo compressor e eu afofo um balde de alcatrão. (Nota: Istambul está sendo demolida e reconstruída, especialmente os bairros decadentes ocupados pelos junkies. Lá tem mais viciados em heroína que na cidade de Nova York.) Os vivos e os mortos, passando mal ou completamente chapados, usando ou largando ou voltando a usar, todos acodem ao feixe luminoso da junk enquanto seu canal come chop suey na rua Dolores, Cidade do México, Distrito Federal,

molhando bolo inglês no café dentro do autosserviço para depois ser perseguido através de Exchange Place por uma ruidosa matilha de Gente. (Nota: “Gente” é uma gíria de New Orleans para policiais da divisão de narcóticos.)

Com uma lata enferrujada, o velho chinês colhe água do rio e engole um *yen pox* duro e negro como carvão. (Nota: *Yen pox* é a cinza resultante da queima do ópio.)

Bem, os policiais têm minha colher e meu conta-gotas e sei que estão prestes a captar minha frequência graças à ajuda de um informante cego chamado Willy Discoidal. Willy possui uma boca em formato de disco, redonda e cercada de pelos negros, sensíveis e eriçados. Ficou cego quando aplicou uma injeção no próprio globo ocular, seu nariz e seu céu da boca foram carcomidos de tanto cheirar heroína, e seu corpo tornou-se uma maçaroca de cascas de ferida duras e ressecadas como madeira. Agora só lhe resta comer a droga usando aquela boca, às vezes projetando um comprido tubo ectoplasmático que oscila em busca da silenciosa frequência da junk. Depois de seguir meu rastro por toda a cidade, acaba indo parar em quartos de hotel que já abandonei, fazendo a polícia interromper a lua de mel de um casal de pombinhos de Sioux Falls.

— Certo, Lee!! Pode ir tirando esse consolo atado na cintura! Sabemos muito bem quem você é! — E arrancam o pau do cara na mesma hora.

Agora que Willy está chegando mais perto, consigo escutar seus choramingos intermináveis em meio à escuridão (ele só funciona à noite) e sentir a urgência terrível daquela boca vasculhando às cegas. Quando a polícia está prestes a dar o flagrante, ele se descontrola

e abre um rombo na porta usando a boca. Se os policiais não estivessem ali para domá-lo com um agulhão de gado, ele sugaria o sumo de todos os junkies que encontrasse.

Eu sabia que tinham posto o Discoidal atrás de mim, todo mundo sabia disso. Se meus jovens clientes chegarem a depor no tribunal, “Ele me obriga a cometer vários tipos escabrosos de atos sexuais em troca de junk”, posso dar adeus às ruas.

Isso nos faz providenciar um estoque de heroína, comprar um Studebaker usado e seguir direto para o oeste.

1 Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, grande parte dos viciados americanos usava conta-gotas combinados com agulhas hipodérmicas para injetar drogas. Como ainda não havia seringas descartáveis, criadas na metade da década de 1950, esse método era considerado o mais barato, prático e eficiente. [Esta e as demais notas são do tradutor. As notas do autor estão indicadas.]

2 Literalmente, “porcaria”; “refugio”. É um termo genérico para diversos medicamentos e substâncias relacionadas ao ópio, que têm em comum propriedades narcóticas, analgésicas e hipnóticas. Seus derivados mais puros, extraídos diretamente da papoula, são conhecidos como opiáceos, como a morfina. Quando resultam de modificações parciais, são chamados de opiáceos semissintéticos, como a heroína, enquanto os compostos sintéticos de ação semelhante à do ópio são conhecidos como opiáceos sintéticos ou opioides, como a metadona. Junky é o usuário da junk.

3 De “elixir paregórico”, um dos nomes para a tintura de ópio. Utilizado na medicina como analgésico e antidiarreico.

4 Personagem de uma célebre reportagem do jornalista americano Joseph Mitchell (1908-96), publicada em 1942 na revista *New Yorker*. Gould, também conhecido como Professor Gaivota, era um mendigo alcoólatra que vivia nas ruas de Nova York, afirmava ser capaz de se comunicar com as gaivotas e tinha supostamente escrito um livro intitulado *Uma história oral de nossa época*.

O Justiceiro

O Justiceiro apelou para uma história de possessão esquizofrênica:

— Eu estava fora do corpo, olhando para mim mesmo e usando meus dedos de fantasma para tentar impedir aqueles enforcamentos... Sou um fantasma e desejo o mesmo que todo fantasma, um corpo, depois de passar um Longo Tempo transitando pelos becos inodoros do espaço onde não existe vida, somente o não cheiro incolor da morte... Ninguém consegue respirar ou farejar a morte por baixo das róseas espirais de cartilagem entremeadas com cristais de ranho, esterco temporal e filtros sangue-negros de carne humana.

Falava à sombra alongada da sala de audiências, seu rosto transfigurado como uma película destroçada pelos desejos e apetites dos órgãos larvais que brotavam de sua carne hesitante e ectoplasmática, abstinente de junk (passou dez dias na solitária antes da Primeira Audiência), carne que se esvai à primeira carícia silenciosa da junk.

Vi isso acontecer. Foram quase cinco quilos perdidos em dez minutos dentro de um quarto de hotel em Nova York, agarrando a seringa com uma das mãos e as calças

com a outra, sua carne descartada se consumindo em uma gélida auréola amarela... a mesinha de cabeceira coberta de caixas de bombons, tocos de cigarro transbordando de três cinzeiros, um mosaico de noites insones e súbitos desejos alimentares de um dependente tentando largar a droga e acalentando sua carne recém-nascida...

Por conta de uma lei contra linchamentos, o Justiceiro é julgado em um tribunal federal e acaba sendo mandado para um hospício federal criado especialmente para a detenção de fantasmas: impacto preciso e prosaico de objetos... lavatório... porta... privada... grades... ali estão elas... é isso aí... todas as conexões cortadas... nada além... não há saída... E todos os rostos parecem dizer que não há saída...

De início lentas, as mutações físicas aceleraram-se de repente sob forma de estilhaços negros que transpassaram seus tecidos frouxos, obliterando quaisquer sinais de traços humanos... Naquele mundo de escuridão total, a boca e os olhos formam um único órgão, capaz de projetar-se para morder com seus dentes transparentes... mas nenhum órgão tem função ou posição constantes... órgãos sexuais brotam por toda a parte... retos escancaram-se, defecam e fecham-se novamente... o organismo inteiro muda de cor e consistência em ajustes de frações de segundo...

O Bronco

Por causa de seus ataques, como ele costuma chamá-los, o Bronco é inapto para a convivência social. Estava sendo completamente tomado pelo Otário Interior, e esse é um fogo que ninguém é capaz de apagar; ao chegarmos perto da Filadélfia, ele resolve saltar do carro para roubar um carro-patrolha, no que os guardas olham bem para a cara dele e mandam todos nós para a cadeia.

Setenta e duas horas no interior de uma cela em companhia de cinco junkies passando mal. Como não tenho intenção alguma de desvelar minha reserva na frente desses peões famintos, preciso executar algumas manobras cautelosas para molhar a mão do carcereiro de modo que sejamos transferidos para uma cela separada.

Junkies precavidos, conhecidos como esquilos, trazem consigo uma reserva para usar quando acabam sendo presos. Como deixo algumas gotas cair no bolso do colete sempre que me aplico, a droga chegou a endurecer o forro. Tinha um conta-gotas de plástico escondido no sapato e uma joaninha presa ao cinto. Todo mundo sabe como rola esse esquema do conta-gotas com a joaninha: “Apanhando uma joaninha coberta de

sangue e ferrugem, ela cavoucou um buraco enorme na perna, que se escancarava como uma boca obscena e purulenta no aguardo da comunhão inefável com o conta-gotas, que enterra até sumir no interior de sua ferida boquiaberta. Entretanto, sua fissura horrenda e comburente (fome dos insetos em lugares secos) quebra o conta-gotas cravado nas profundezas da carne de sua coxa devastada (que mais parece um cartaz sobre erosão do solo). Mas e por acaso ela se importa? Não se preocupa sequer em remover o vidro estilhaçado, fitando sua anca sangrenta com os olhos frios e alheios de um carnicheiro. Pouco lhe importam a bomba atômica, os percevejos no colchão, a dívida do aluguel que cresce como um câncer, a Dinheiro Fácil prestes a tomar de volta sua carne delinquente... Bons sonhos, Rose Pantopon”.

No mundo real, belisca-se um naco da perna e, com um golpe rápido da joaninha, faz-se um furo profundo. Em seguida encaixa-se o conta-gotas *sobre* o buraco, e não *dentro* dele, e libera-se a solução aos poucos, tomando cuidado para que não escorra pelos lados... Quando agarrei a coxa do Bronco, a carne se ergueu como se fosse feita de cera e então ficou ali, parada, até que uma vagarosa gota de pus brotou do buraco. Nunca encostei em um corpo vivo tão frio quanto o do Bronco lá na Filadélfia...

Resolvi que precisava me livrar dele, nem que isso significasse promover uma festinha sufocante. (Este é um costume rural inglês, criado para eliminar os familiares idosos e os inválidos. Quando sofre o infortúnio de contar com um integrante desse quilate, a família promove uma “festinha sufocante”. Nessa festa os

convidados amontoam colchões sobre o peso morto da família e depois se empoleiram lá em cima, onde ficam enchendo a cara e se divertindo a valer.) O Bronco é uma desgraça para o ramo e deve ser “conduzido” às sarjetas do mundo. (Esta é uma prática africana. Um sujeito batizado de Condutor tem como função levar os idosos até o meio da selva e abandoná-los lá.)

Os ataques do Bronco tornam-se crônicos. Guardas, porteiros, cães e secretárias rosnam ao vê-lo por perto. O Deus loiro caiu vítima de uma indignidade de intocável. Michês nunca mudam: em vez disso, quebram e se despedaçam — explosões de matéria no frio espaço interestelar, pairando com a poeira cósmica, deixando o corpo vazio para trás. Michês de todo o mundo, saibam que existe um Otário que vocês não podem enganar: o Otário Interior...

Abandonei o Bronco parado em uma esquina, ao lado de cortiços de tijolos vermelhos que rompiam o céu sob a insistência de uma chuva de fuligem. — Vou falar com um médico charlatão que conheço. Volto já com uma bela morfina de farmácia, bem purinha... Não, você espera aqui, não quero que ele acabe se estranhando com você. Não importa quanto eu demore, Bronco, fique me esperando aí nessa esquina. Adeus, Bronco, adeus, garoto... Para onde será que eles vão quando caem fora e deixam o corpo para trás?

Chicago: hierarquia invisível de carcamanos que fizeram plástica facial, odor de gângsteres atrofiados, espectro apegado à matéria que nos atinge na esquina da North com a Halsted, Cicero e Lincoln Park, mendigo de sonhos, passado invadindo o presente, magia rançosa de caça-níqueis e botecos de beira de estrada.

No interior: um imenso subúrbio com antenas de tevê apontadas para o céu absurdo. Em casas à prova de vida, pairam sobre os jovens absorvendo um tanto daquilo que negaram a si mesmos. Somente os jovens trazem algo para casa, mas não permanecem jovens por muito tempo. (Ao longo dos bares de East St. Louis repousa a fronteira morta, os tempos da navegação fluvial.) Illinois e Missouri, miasmas dos povos que ergueram colinas funerárias, adoração submissa dos programas assistenciais de distribuição de alimentos, festivais cruéis e medonhos, o horror inescapável do Deus Centopeia estendendo-se da Terra das Colinas aos desertos lunares da costa do Peru.

A América não é uma terra jovem: era velha e suja e maligna mesmo antes dos colonizadores, mesmo antes dos índios. Ali, o mal está à espreita.

E incontáveis policiais: guardas estaduais com curso superior, experientes, de conversa educada e olhos eletrônicos que revistam seu carro e sua bagagem, suas roupas e sua fisionomia; investigadores raivosos da cidade grande, xerifes rurais de fala mansa com algo de obscuro e ameaçador em seus olhos antigos, da cor de uma camisa de flanela cinzenta e desbotada...

E incontáveis problemas com o carro: em Saint Louis trocamos o Studebaker 1942 (assim como Bronco, tinha um defeito de fábrica) por uma velha limusine Packard envenenada que mal conseguiu nos levar até Kansas City, onde compramos um Ford que se revelou um saco sem fundo em termos de consumo de gasolina e acabou trocado por um jipe que forçamos demais (não prestam em rodovias) e começou a chacoalhar depois que queimamos alguma coisa no motor, e assim voltamos

para o velho Ford V-8. Nenhum outro veículo se compara quando você quer chegar ao seu destino, mesmo que consuma toda a gasolina do mundo.

E o tédio americano desaba sobre nós como nenhum outro tédio no mundo, ainda pior que o tédio dos Andes, cidades no alto de montanhas, vento frio soprando de montanhas de cartão-postal, ar rarefeito deixando um gosto de morte na garganta, povoados ribeirinhos do Equador, malária acinzentada como junk debaixo do chapéu negro de caubói, espingardas de carregar pelo cano, urubus bicando as ruas enlameadas, e o que você sente ao descer da balsa em Malmö (bebida sem impostos a bordo) acaba com qualquer efeito daquela bebida barata e livre de impostos, arrastando você até o fundo do poço: olhos esquivos, um cemitério no meio da cidade (toda cidade sueca parece ter sido construída ao redor de um cemitério) e tardes sem nada para fazer, sem bares nem cinemas, e assim depois de queimar meu último fumo de Tânger eu anunciei: — Vamos voltar para a balsa agora mesmo, K. E.

Mas tédio algum é comparável ao tédio americano. Ninguém enxerga, ninguém sabe de onde vem. Escolha um desses bares no final de uma rua qualquer — todo quarteirão residencial tem seu próprio bar, sua farmácia, seu mercado e sua loja de bebidas. Basta entrar no bar para ser atingido em cheio pelo tédio. Mas de onde ele vem? Não vem do garçom, nem dos clientes, nem do plástico bege que forra os banquinhos, nem do brilho mortiço do néon. Nem mesmo da tevê.

E assim o tédio acaba aumentando nosso vício, da mesma forma que a cocaína oferece algum alívio para quem está tentando evitar a depressão causada por essa

mesma droga. E a junk estava acabando. Ali estávamos nós naquela cidade arruinada, vivendo à base de xarope contra tosse. E então vomitávamos o xarope e dirigíamos sem parar, com o vento frio da primavera sibilando pelos lombos naquela lata velha que cercava nossos corpos abstinentes que tremiam e suavam, gelados como sempre ficam quando nada mais resta de junk em seu interior... Abrindo caminho pela paisagem desnuda, por entre os tatus mortos na estrada, os abutres a sobrevoar o pântano e os tocos de ciprestes. Motéis com paredes de compensado, aquecedores a gás, cobertores finos e cor-de-rosa.

Jogadores de pôquer, funcionários de parques de diversões e toda sorte de vigaristas itinerantes acabaram com os estoques dos médicos charlatões do Texas...

E ninguém em sã consciência se prestaria a negociar com um charlatão na Louisiana: eles têm uma lei estadual contra a junk.

Acabamos chegando em Houston, onde conheço um farmacêutico. Não aparecia lá havia cinco anos, mas assim que ele me olha percebo que me reconhece, mesmo de relance, e então meneia a cabeça e pede: — Espera aí no balcão...

Sento-me, tomo uma xícara de café e depois de algum tempo ele aparece, senta-se ao meu lado e pergunta: — O que você quer?

— Um litro de elixir paregórico e cem cápsulas de Nembutal.*

Ele assente com a cabeça. — Volta daqui a meia hora.

Quando volto, ele me estende um pacote e diz: — Quinze dólares... Tenha cuidado.

Aplicar paregórico dá um trabalho terrível: primeiro você precisa queimar todo o álcool, depois deve isolar a cânfora e extrair um líquido marrom usando um conta-gotas — injeta-se na veia para evitar a formação de abscessos, mas em geral o abscesso acaba aparecendo de qualquer jeito, não importa onde se aplique. Nada melhor que beber o paregórico misturado com calmantes... Sendo assim, derramamos o negócio inteirinho em uma garrafa de Pernod e seguimos para New Orleans, passando por lagos iridescentes e chamas de gás alaranjadas, pântanos e monturos de lixo, crocodilos rastejando em meio a garrafas quebradas e latas vazias, motéis com arabescos em néon e gigolôs que, abandonados em arquipélagos de lixo, gritam obscenidades aos carros que vão passando...

New Orleans é um museu defunto. Caminhamos por Exchange Place cheirando paregórico e encontramos O Cara sem demora. Como é um lugar pequeno e a polícia sempre sabe quem está traficando, ele pensa *Ah, que se dane* e vende para qualquer um. Preparamos um bom estoque de heroína e partimos para o México.

Voltamos pelo lago Charles e pela terra morta dos caça-níqueis, no extremo sul do Texas, onde xerifes matadores de crioulos nos conferem de perto e verificam o documento do carro. Ao cruzar a fronteira do México é como se um peso fosse arrancado com a mão, e de uma hora para a outra somos arrebatados pela experiência direta da paisagem, pelo deserto, pelas montanhas e pelos abutres; alguns deles parecem manchinhas voando em círculos, outros passam tão perto que é possível ouvir suas asas cortando o ar (um ruído seco e rouco), e sempre que avistam algo que lhes interessa despençam

do céu azul, o embasbacante e maldito céu azul do México, na forma de um turbilhão negro... Passamos a noite toda dirigindo, e ao amanhecer chegamos a um lugar abafado e nebuloso, com cães latindo e ruído de água corrente.

— Thomas e Charlie — falei.

— O quê?

— É o nome deste povoado. Fica no nível do mar. Daqui vamos subir três mil metros sem parar. — Tomei uma dose e fui dormir no banco de trás. Ela dirigia bem. É uma coisa fácil de perceber assim que alguém encosta no volante.

Cidade do México, onde Lupita, entronada como uma deusa-mãe asteca, distribui seus míseros papелotes de droga vagabunda.

— Vender vicia mais que usar — diz ela. Traficantes que não usam drogas ficam viciados no contato com os clientes, e esse vício é impossível de largar.

Acontece a mesma coisa com os agentes policiais. Bradley, o Comprador, por exemplo. Melhor agente de narcóticos de todo o ramo. Qualquer um o tiraria para junky. (Nota: Tirar no sentido de considerar, achar.) Ou seja, para conseguir junk ele só precisa chegar perto de um traficante. É um sujeito tão anônimo, tão macilento e espectral que mais tarde o traficante nem se lembra dele. E é assim que vai prendendo um atrás do outro...

Bem, aí o Comprador começa a ficar cada vez mais parecido com um junky. Não consegue beber. Não consegue ficar de pau duro. Seus dentes caem. (Assim como as grávidas perdem os dentes quando alimentam o corpo estranho em seu ventre, os junkies perdem suas presas amareladas ao alimentar seu macaco.** Passa o

tempo todo com algum doce na boca. Tem nítida preferência por chocolate Baby Ruth.

— É muito nojento ver o Comprador chupando uma barra daquele jeito — comenta um guarda.

O Comprador adquire uma tez verde-acinzentada e sinistra. O fato é que seu corpo está produzindo sua própria junk (ou algo equivalente). Ele usa sempre o mesmo canal. Tem, digamos assim, um Traficante Interno. Ou pelo menos é o que imagina.

— Vou é ficar no meu quarto — desdenha. — Quero mais é que se fodam. Todo mundo é quadrado, dos dois lados do campo. Sou o único homem completo do ramo.

Mas acaba tomado por uma fissura feroz, como se um vendaval negro lhe varresse o esqueleto. Então o Comprador sai à caça de um jovem junky, oferecendo um papelote em troca de serviços sexuais.

— Ah, certo — concorda o menino. — E o que você quer que eu faça?

— Só quero me esfregar em você, pra ficar ligado.

— Ugh... Certo, tudo bem... Mas cê não quer mesmo fazer que nem todo mundo?

Mais tarde, sentado no Waldorf com dois colegas, o menino molha bolo inglês no café. — Foi o troço mais nojento que já tive de aguentar — conta. — Não sei como aquilo aconteceu, mas o sujeito ficou mole que nem uma bolha gelatinosa e me envolveu todinho, foi um nojo. Depois ficou todo molhado, coberto com uma gosma verde. Acho que ele gozou, aquilo deve ter sido algum tipo de orgasmo asqueroso... Quase desmaiei com aquele negócio verde em cima de mim, e ainda por cima o cara fedia que nem melão podre.

— Bem, mesmo assim foi uma droga fácil de conseguir.

Resignado, o menino suspirou: — Sim, acho que dá pra se acostumar com qualquer coisa. Amanhã vou me encontrar de novo com esse cara.

O vício do Comprador vai ficando cada vez mais pesado. Precisa de recargas a cada meia hora. Às vezes ele faz a ronda nas delegacias e suborna o carcereiro para deixá-lo entrar em alguma cela cheia de junkies. Chega ao ponto em que nenhuma quantidade de contato é suficiente para que volte a ficar ligado. Nessa altura do campeonato, é intimado pelo Supervisor do distrito:

— Bradley, sua conduta está gerando boatos, e para seu próprio bem espero que realmente não passem de boatos, tão indescritivelmente repugnantes que... veja bem, a mulher do Caesar... hummm... digamos que o Departamento precisa estar acima de qualquer suspeita... e certamente acima das suspeitas que correm a seu respeito. Você está abalando a reputação do nosso ramo. Estamos dispostos a acatar imediatamente seu pedido de demissão.

O Comprador se atira no chão e rasteja até o Supervisor: — Não, patrão, não... O Departamento é a minha vida.

Ele beija a mão do Supervisor, enfiando os dedos dele dentro da boca (para que o Supervisor sinta suas gengivas banguelas), lamentando ter perdido todos os dentes “em fervifo”. — Por favor, patrão. Juro que limpo sua bunda, lavo suas camisinhas sujas, engraxo seus sapatos com o sebo do meu nariz...

— Ora, isso é mesmo repugnante! Você não tem dignidade? Devo confessar que estou tomado de verdadeira repulsa. Você tem algo de, bem, algo de podre, e fede como um monte de estrume. — Ele

aproxima um lenço perfumado do rosto. — Peço que deixe esta sala imediatamente.

— Faço qualquer coisa, patrão, *qualquer* coisa. — Seu rosto verde e destroçado abre-se em um sorriso horrendo. — Ainda sou jovem, patrão, e sou bem forte quando o sangue me sobe à cabeça.

Usando seu lenço, o Supervisor controla a ânsia de vômito e aponta para a porta, a mão trêmula. O Comprador fica parado, fitando o Supervisor com um olhar distante. Seu corpo se move como a varinha de um rbdomante. Começa a fluir...

— Não! Não! — grita o Supervisor.

— *Shlup... shlup... shlup...*

Uma hora mais tarde o Comprador é encontrado semiadormecido na cadeira do Supervisor, completamente chapado. Quanto ao Supervisor: desaparece sem deixar rastros.

JUIZ: — Tudo indica que, de algum modo indescritível, o senhor... hã... ingeriu o Supervisor do distrito. Infelizmente, não possuímos prova disso. Pensei em recomendar que o senhor fosse confinado ou, mais especificamente, contido em alguma instituição, mas não estou ciente de nenhum lugar adequado a gente do seu calibre. É com relutância que ordeno sua soltura.

— Esse aí tinha que ser enfiado num aquário — comenta o policial que efetuou a prisão.

O Comprador semeia o horror pelo ramo. Junkies e agentes desaparecem. Como se fosse um morcego vampiro, passa a exalar um eflúvio narcótico, uma névoa verde e úmida que anestesia suas vítimas, deixando-as indefesas perante sua presença envolvente. E depois de ficar ligado ele se recolhe por vários dias, de modo

idêntico a uma jiboia empanturrada. Acaba sendo apanhado em flagrante enquanto digere o Comissário de Narcóticos e é destruído com um lança-chamas — a comissão de inquérito decide que tal ação foi justificada pelo fato de o Comprador ter perdido sua cidadania humana e ter se tornado, em consequência disso, uma criatura sem espécie, uma ameaça em todos os sentidos para o ramo dos Narcóticos.

No México, o truque é encontrar algum junky nativo que tenha permissão do governo para obter mensalmente certa quantidade de droga. Nosso Cara era o Velho Ike, que passara a maior parte da vida nos Estados Unidos.

Dessa vez usamos uma receita para conseguir um pouco de cocaína. Pico na veia, meu filho. Enquanto ela vai entrando é possível sentir o cheiro no nariz e na garganta, limpo e gélido, seguido por uma onda de puro prazer que transpassa o cérebro e acende as conexões da cocaína. Sua cabeça se estilhaça em alvas explosões. Dez minutos mais tarde você quer outra dose... cruzaria a cidade de uma ponta a outra para aplicar outra dose. Mas se por algum motivo não consegue a cocaína, você come, dorme e esquece o assunto.

É uma fissura puramente cerebral, desprovida de corpo ou emoção, a fissura de um espectro apegado à matéria, um ectoplasma rançoso varrido por um velho junky que tosse e escarra em meio à aurora do enjoo narcótico.

Certa manhã você acorda, aplica uma injeção de *speedball**** e sente insetos rastejando por debaixo de sua pele. Policiais com bigodes negros, fardados com

uniformes de 1890, bloqueiam as saídas e enfiam-se pelas janelas crispando os lábios e sacudindo distintivos azuis e dourados em alto-relevo. Junkies marcham pelo quarto entoando o hino fúnebre muçulmano e carregando o cadáver de Bill Gains enquanto os estigmas das chagas causadas pelas agulhas resplandecem com um delicado clarão azul. Detetives esquizofrênicos e resolutos farejam seu penico.

São os horrores da cocaína... Sente, fique calmo e aplique uma bela dose daquela morfina de milico.

Dia dos Mortos: A droga me deu fome e acabei comendo a caveira de açúcar de meu pequeno Willy. Como ele começou a chorar, precisei sair atrás de outra. Passei pelo bar onde apagaram aquele sujeito que recolhia apostas de pelota basca.

Em Cuernavaca ou será que foi em Taxco? Jane conhece um gigolô que toca trombone e desaparece em meio a uma nuvem de fumaça de maconha. Ele é um desses artistas que não param de falar de vibrações e de inventar dietas — em outras palavras, é um sujeito que degrada o sexo feminino ao obrigar suas garotas a engolir tanta bobagem. Vivia ampliando suas teorias... começava a interrogar uma garota e ameaçava abandoná-la caso a coitada não tivesse conseguido decorar todas as nuances de seu mais recente assalto à lógica e ao ideal humano.

— Escuta só, meu amor, tenho muito para lhe dar. Mas, se você não estiver aberta a receber, não posso fazer nada.

Fumava maconha como se aquilo fosse um ritual e, como ocorre com alguns maconheiros, tinha uma postura terrivelmente puritana a respeito da junk. Dizia que a maconha o fazia entrar em contato com campos gravitacionais supra-azuis. Tinha opiniões sobre todo e qualquer assunto: que tipo de roupa íntima era mais saudável, qual era a melhor ocasião para beber água, como limpar a bunda. Seu rosto era vermelho e brilhante, com um nariz mole e achatado, olhinhos vermelhos que se acendiam sempre que fitava uma garota e apagavam-se quando olhava para qualquer outra coisa. Ombros muito largos, dando certa impressão de deformidade. Agia como se os outros homens não existissem, e quando era atendido por um deles em restaurantes ou lojas fazia seus pedidos por intermédio de uma mulher. E seu desolado e secreto refúgio nunca fora invadido por homem algum.

Ali estava ele, falando mal da junk e cobrindo a maconha de elogios. Depois que dou três pegas, Jane olha para ele e sua carne se cristaliza. Levantei de um salto gritando “Bateu o pavor!” e fugi correndo daquela casa. Tomei uma cerveja em um pequeno restaurante — com balcão de mosaicos e resultados de futebol e cartazes de touradas — e fiquei esperando pelo ônibus que me levaria até a cidade.

Um ano mais tarde, em Tânger, fiquei sabendo que ela tinha morrido.

* Pentobarbital sódico, barbitúrico utilizado como tranquilizante por suas propriedades hipnóticas e sedativas.

** “Macaco” é uma gíria usada entre toxicômanos para se referir ao vício. A origem está na expressão “have a monkey on one’s back” [ter um macaco

nas costas], que significa enfrentar um problema grave e de difícil solução.
*** Mistura de cocaína e heroína.

Benway

Fui encarregado de contratar os serviços do dr. Benway para a Corporação Islã.

O dr. Benway fora nomeado conselheiro da República de Liberlândia, uma terra dedicada ao amor livre e aos banhos constantes. Seus cidadãos são bem ajustados, cooperativos, honestos, tolerantes e, acima de tudo, limpos. Mas a convocação de Benway sinaliza que nem tudo vai bem por trás dessa fachada higiênica: ele é um manipulador, um coordenador de sistemas simbólicos, um especialista em todas as etapas de interrogatórios, lavagens cerebrais e formas de controle. Eu não falava com Benway desde sua saída precipitada de Anéxia, onde estivera encarregado do processo de D. T. (Desmoralização Total). Lembro que o primeiro ato de Benway foi abolir os campos de concentração, as prisões em massa e, exceto em circunstâncias delimitadas e especiais, a tortura.

— Abomino a brutalidade — declarou. — É ineficaz. Já os maus-tratos prolongados, quando aplicados de forma adequada e sem chegar às raias da violência física, geram ansiedade e um sentimento de culpa muito peculiar. Algumas regras, ou melhor, diretrizes, fazem-se

necessárias. O espécime não deve perceber que os maus-tratos configuram um ataque deliberado à sua identidade pessoal por parte de um inimigo anti-humano. Devemos proceder de maneira tal que ele passe a se considerar merecedor de qualquer tratamento que vier a receber, porque sente que existe algo (nunca especificado) de terrivelmente errado com sua pessoa. Os viciados em controle devem ter a decência de disfarçar sua fissura gritante por intermédio de uma burocracia intrincada e arbitrária, de modo que o espécime nunca consiga entrar em contato direto com seu inimigo.

Todo cidadão de Anéxia era obrigado a solicitar do governo uma pasta abarrotada de documentos, que deveria carregar sempre consigo. Os cidadãos estavam sujeitos a ser detidos na rua a qualquer momento: então o Inspetor, que poderia estar à paisana ou fardado com algum dos diversos modelos de uniformes, muitas vezes usando apenas roupa de banho ou pijamas ou até mesmo completamente nu à exceção de um distintivo fincado no mamilo esquerdo, aplicava seu carimbo depois de verificar cada documento. Na inspeção subsequente, o cidadão precisava mostrar os carimbos adequadamente aplicados na última inspeção. Quando detinha um grupo numeroso, o Inspetor se limitava a examinar e carimbar não mais que alguns documentos. Os outros, por sua vez, passavam a correr risco de prisão por não carregar documentos adequadamente carimbados. Prisão, nesse caso, significava “detenção provisória”; isto é, o prisioneiro seria libertado se — e quando — sua Certidão Explicativa, devidamente assinada e carimbada, recebesse a aprovação do Auditor

Assistente de Explicações. Como tal funcionário raramente aparecia em seu gabinete e a Certidão Explicativa precisava ser apresentada pessoalmente, todos aqueles que precisavam explicar-se passavam semanas, ou até meses, à espera em gabinetes sem aquecimento, cadeiras ou banheiros.

Documentos impressos em tinta que desaparecia metamorfoseavam-se em velhos recibos de loja de penhores. Novos documentos eram exigidos com frequência. Em uma tentativa frenética de cumprir prazos impossíveis, os cidadãos passavam boa parte de seu tempo correndo de uma repartição a outra.

Removeram-se todos os bancos das praças da cidade, as fontes foram desativadas e as flores e árvores foram todas destruídas. Imensas sirenes elétricas instaladas no topo de cada edifício de apartamentos (todos viviam em apartamentos) soavam a cada quarto de hora. Tamanha vibração costumava atirar as pessoas para fora da cama. Holofotes passavam a noite inteira esquadrinhando a cidade (ninguém tinha permissão para usar persianas, cortinas, venezianas ou reposteiros).

Uma pessoa não olhava para a outra, por medo de infringir alguma das leis rígidas que proibiam importunar qualquer indivíduo, verbalmente ou não, não importava por qual motivo, fosse sexual ou de qualquer outra natureza. Todos os cafés e bares foram fechados. Para conseguir bebidas alcoólicas era necessário obter uma permissão especial (o álcool obtido dessa maneira não podia ser vendido, presenteado ou transferido de qualquer outra forma a qualquer outra pessoa), e a presença de uma pessoa no mesmo recinto que alguém de posse de álcool constituía um indício *prima facie* de

uma tentativa de efetuar transferência de bebida alcoólica.

Ninguém tinha permissão para colocar ferrolhos nas portas e a polícia tinha chaves mestras capazes de abrir todos os cômodos da cidade. Acompanhados por um telepata, entravam de supetão nos aposentos alheios e começavam a “vasculhar”.

O telepata guiava os policiais até qualquer coisa que o indivíduo estivesse tentando esconder: um tubo de vaselina, um enema, um lenço sujo de esperma, uma arma ou bebidas alcoólicas ilegais. E o suspeito precisava submeter-se a uma revista terrivelmente humilhante de seu corpo nu, sempre acompanhada de zombaria e comentários depreciativos. Muitos homossexuais reprimidos foram colocados em camisas de força depois que lhes untaram o cu com vaselina. Isso quando os policiais não resolviam se deter em um objeto qualquer. Um limpador de caneta-tinteiro, uma sapateira.

— E isto aqui, serve para quê?

— É um limpador de caneta-tinteiro.

— Ele diz que é um limpador de caneta-tinteiro.

— Já ouvi o bastante.

— Isso me parece mais que suficiente. Venha conosco.

Alguns meses nesse andar foram suficientes para que os cidadãos comesçassem a se esgueirar pelos cantos, como se fossem gatos neuróticos.

Desnecessário dizer que a polícia de Anéxia passava boa parte do tempo indiciando agentes suspeitos, sabotadores e dissidentes políticos. Quanto à investigação de suspeitos, Benway tinha o seguinte a declarar:

— Muito embora eu, via de regra, evite o uso de tortura, pois tal procedimento identifica quem é o oponente e assim acaba por mobilizar a resistência, ameaçar um espécime com tortura é útil para induzir uma bem-vinda sensação de impotência, normalmente acompanhada por um senso de gratidão ao interrogador quando ele não lança mão desse expediente. E a tortura pode também ser empregada de forma vantajosa sob forma de castigo quando o espécime já avançou o suficiente no tratamento e acata qualquer tipo de punição como se fosse algo merecido. Para esse fim, criei diversas formas de procedimentos disciplinares. Um deles ficou conhecido como Painel de Controle. Brocas elétricas que podem ser ligadas a qualquer momento são fixadas aos dentes do espécime; em seguida ele é instruído a operar um painel de controle qualquer, inserindo certos plugues em certas entradas em resposta a estímulos oferecidos por campainhas e luzes. Sempre que comete um erro, as brocas são ligadas por vinte segundos. Gradualmente, a velocidade dos sinais é acelerada até que enfim ultrapassa seu tempo de reação. Depois de meia hora no Painel de Controle, o espécime se desmantela como um computador sobrecarregado.

“O estudo dos computadores nos ensina mais coisas a respeito do cérebro do que somos capazes de aprender através de métodos introspectivos. O homem ocidental está se externalizando por meio de engenhocas.

“Já aplicou cocaína na veia? Corre direto para o cérebro, ativando sinapses de puro prazer. Por sua vez, o prazer da morfina é visceral. Depois de uma dose, você começa a escutar seu próprio corpo. Mas cocaína é como eletricidade correndo pelo cérebro, sua fissura é

puramente cerebral, desprovida de corpo e emoção. O cérebro ativado pela cocaína é uma máquina de pinball enlouquecida, piscando luzes azuis e cor-de-rosa no auge de seu orgasmo elétrico. O prazer da cocaína poderia ser experimentado por um computador, como se se tratasse dos primeiros movimentos de uma forma de vida repugnante e invertebrada. O desejo pela cocaína não dura mais que algumas horas, apenas enquanto os circuitos da cocaína permanecem estimulados. Não tenho dúvidas de que o efeito da cocaína poderia ser facilmente reproduzido por uma corrente elétrica que ativasse os circuitos da droga no cérebro...

“Contudo, como acontece com as veias, depois de algum tempo os circuitos se desgastam e o viciado precisa sair à cata de outros. Como uma veia se recupera depois de algum tempo, um junky habilidoso pode aumentar seu cardápio de veias fazendo uso de um rodízio, a menos que resolva abusar até passar dos limites. Mas como os neurônios não voltam mais depois que morrem, podemos afirmar que o viciado se fode bonito quando finalmente perde todos os neurônios.

“Agachados sobre antigas ossadas, excrementos e metal enferrujado, rodeados pela alvura de uma onda de calor, um panorama de retardados nus estende-se a perder de vista. O silêncio é absoluto, pois seu centro de fala está destruído, à exceção do crepitar de fagulhas e dos estalidos de carne humana tostada que acompanham a aplicação dos eletrodos ao longo de sua coluna vertebral. Uma fumaça branca de carne humana queimada flutua pelo ar imóvel. Usando arame farpado, um grupo de crianças prendeu um dos retardados a um poste, acendeu uma fogueira entre suas pernas e em

seguida ficou assistindo com curiosidade animal a elas lambem suas coxas. Sua carne se retorcia no fogo em agonia invertebrada.

“Divago, como de costume. Na falta de conhecimentos mais precisos sobre a eletrônica cerebral, as drogas continuam sendo uma ferramenta essencial do interrogador em seus ataques à identidade pessoal do espécime. Barbitúricos, é claro, são praticamente inúteis. Sendo mais claro: quem consegue ser dobrado dessa forma sucumbiria aos métodos pueris utilizados em qualquer delegacia americana. A escopolamina costuma ser eficaz para anular a resistência, mas prejudica a memória. Um agente pode estar disposto a revelar seus segredos mas ser incapaz de se lembrar deles, ou pode fazer uma confusão inextricável com as informações sobre seu disfarce e sua vida secreta. Mescalina, harmina, LSD6, bufotenina e muscarina são bem-sucedidos em muitos casos. Um estado semelhante à esquizofrenia catatônica pode ser induzido com uso de bulbo-capnina... foram registradas diversas ocorrências de obediência automática. Ao deprimir o cérebro posterior, é bem provável que a bulbo-capnina desative os centros motores no hipotálamo. Outras drogas que provocam esquizofrenia experimental — mescalina, harmina, LSD6 — são estimulantes do cérebro posterior. Na esquizofrenia, o cérebro posterior é alternadamente estimulado e deprimido. Quando a catatonia cessa, costuma dar lugar a um período de excitação e hiperatividade motora, durante o qual o maluco fica zanzando pelas enfermarias e enchendo a paciência de todo mundo. Esquizofrênicos deteriorados muitas vezes recusam-se a fazer qualquer movimento e passam o

resto da vida deitados na cama. Suspeita-se que um transtorno da função reguladora do hipotálamo possa ser a ‘causa’ (o raciocínio causal é incapaz de oferecer uma descrição precisa do processo metabólico — são as limitações de nossa presente linguagem) da esquizofrenia. Doses alternadas de LSD⁶ e bulbo-capnina — potencializada com curare — oferecem os melhores resultados na obtenção de obediência automática.

“Existem outros procedimentos. Pode-se reduzir o espécime à depressão profunda administrando-se uma dose considerável de benzedrina por dias a fio. Um estado psicótico pode ser induzido com doses fartas e contínuas de cocaína ou Demerol,¹ ou ainda suspendendo de forma abrupta a administração de barbitúricos depois de um período prolongado de uso. Pode-se viciar o espécime em di-hidroxi-heroína e depois forçar uma crise de abstinência (como esse composto causaria uma dependência cinco vezes mais forte que a apresentada pela heroína, acredita-se que a síndrome de abstinência seria proporcionalmente severa).

“Existem também diversos ‘métodos psicológicos’, como a psicanálise compulsória. O indivíduo é obrigado a passar uma hora fazendo associações livres, diariamente (nos casos em que um resultado rápido não é essencial). ‘Ora, ora. Não sejamos teimosos, menino. Senão papai chama o homem malvado e leva o nenê pra passear no Painel de Controle.’

“O caso da agente que se esqueceu de sua verdadeira identidade e acabou por fundir-se com seu disfarce — ela ainda mora em Anéxia, trabalhando como *fricteuse* — fez-me lembrar de outro truque. Treinam-se os agentes para que neguem sua identidade verdadeira, reforçando

assim seu disfarce. Ora, então por que não usar de jiu-jítsu psíquico e entrar na dele? Comece sugerindo que seu disfarce é na verdade sua identidade verdadeira e que não existe nenhuma outra. Sua identidade de agente torna-se inconsciente, isto é, foge ao seu controle; e ainda assim você pode desencavá-la por intermédio de drogas e hipnose. Com essa abordagem é possível transformar um cidadão heterossexual e quadrado em um pederasta... isto é, reforçando e embasando a rejeição de suas tendências homossexuais, via de regra reprimidas — ao mesmo tempo privando-o de boceta e sujeitando-o a estímulos homossexuais. Em seguida, usam-se drogas, depois hipnose e então...”

Benway desmunheca.

— Muitos espécimes são vulneráveis à humilhação sexual. Usa-se a nudez e a estimulação com afrodisíacos, sempre com supervisão constante para constranger o espécime e impedir que se alivie através de masturbação (ereções durante o sono ativam automaticamente uma enorme sirene vibratória que atira o sujeito para fora da cama e o joga dentro de uma banheira de água gelada, desse modo reduzindo a um mínimo a incidência de poluição noturna). É uma delícia hipnotizar um padre e convencê-lo de que está prestes a consumir uma união hipostática com o Cordeiro, e logo em seguida mandar buscar um velho carneiro tarado para enrabá-lo. Depois disso o Interrogador obtém um controle hipnótico total: o espécime atenderá qualquer assobio seu e até mesmo cagará no chão se o Interrogador disser ‘Abre-te Sésamo’.

“Desnecessário dizer que essa abordagem baseada em humilhação sexual é contraindicada em casos de

homossexualidade assumida. (Veja, é sempre bom manter os olhos bem abertos e ter em mente aquele velho bordão: nunca se sabe quem pode estar na escuta.) Lembro-me de um garoto que condicionei a cagar sempre que me visse. Depois eu lavava sua bunda e o enrabava. Era uma delícia. E ainda por cima era um rapaz adorável. Às vezes um espécime desata a chorar como criança porque não consegue deixar de ejacular quando é enrabado por você.

“Bem, como acho que ficou muito claro, são possibilidades tão infinitas quanto caminhos que se bifurcam por um vasto e belo jardim. Eu estava começando a progredir para além dessa adorável superfície quando fui expurgado pelos estraga-prazeres do Partido... Bem, *son cosas de la vida*.”

Chego em Liberlândia e, meu Deus, como é limpa, um lugar chato de dar dó. Benway é diretor do C. R. (Centro de Recondicionamento). Apareço por lá e meu “O que houve com fulano e beltrano?” resulta em: — Sidi Idriss Smithers, vulgo Informante, se vendeu para os Emissores em troca de um soro de longevidade. Ninguém é mais trouxa que uma bicha velha. Lester Stroganoff Smuunn, El Hassein, transformou a si mesmo em *latah* em uma tentativa de aperfeiçoar o P. O. A. (Procedimento de Obediência Automática). Um mártir do ramo... (*Latah* é uma condição que ocorre no Sudeste Asiático. De resto sadios, os *latahs* sofrem de uma compulsão a imitar quaisquer movimentos quando sua atenção é atraída por um estalar de dedos ou uma ordem verbal. É uma forma involuntária de hipnose impositiva. Às vezes os *latahs*

acabam se machucando quando resolvem imitar os movimentos de diversas pessoas ao mesmo tempo.)

— Avise se você já ficou sabendo desse segredo atômico...

Mesmo à luz dos clarões da urgência, o rosto de Benway conserva sua forma, ainda que permaneça sujeito a sofrer segmentações ou metamorfoses indizíveis a qualquer momento. Cintila como uma imagem que entra e sai de foco.

— Venha cá — pede Benway —, vou mostrar o C. R. para você.

Avançamos por um corredor branco e interminável. Saída de nenhum lugar em especial, a voz de Benway infiltra-se em minha consciência... uma voz incorpórea, por vezes alta e clara, por outras quase inaudível, como música nas ruas durante uma ventania.

— Grupos humanos isolados, como os nativos do arquipélago Bismarck. Entre eles não existe homossexualidade assumida. Maldito matriarcado. Todos os matriarcados são anti-homossexuais, conformistas e prosaicos. Se um dia você descobrir que foi parar em um matriarcado, não perca tempo e caminhe até a fronteira mais próxima. Mas não invente de correr. Caso resolva fazer isso, vai acabar levando um tiro de algum guarda frustrado com sua bichice reprimida. Não diga, então querem estabelecer uma vanguarda de homogeneidade em pandemônios potenciais como a Europa Ocidental e os Estados Unidos da América? Aí está outro matriarcado fodido, apesar da Margaret Mead...

“Foi bem ali que tive um probleminha. É nossa sala de cirurgia, onde duelei com um colega usando meu bisturi. Minha assistente-babuíno pulou sobre o paciente e o fez

em pedaços. Babuíños sempre atacam o oponente mais fraco em uma briga. E nisso têm toda a razão. Nunca devemos desconsiderar nossa gloriosa herança simiesca. Outro coadjuvante era o dr. Brubeck. Aborteiro aposentado e traficante de junk (na verdade, era veterinário), foi convocado a trabalhar conosco durante a escassez de pessoal. Bem, o doutor passara a manhã inteira na cozinha do hospital, bolinando as enfermeiras e se empanturrando de gás de carvão e Klim, e pouco antes da operação ainda resolveu ingerir uma dose dupla de noz-moscada para ficar mais animado.”

(No Reino Unido, especialmente em Edimburgo, alguns cidadãos costumam borbulhar gás de carvão em porções de Klim — uma forma horrenda de leite em pó, com gosto de giz mofado — para se drogar com a substância resultante. Empenham tudo o que possuem para pagar a conta do gás, e quando alguém chega para efetuar o corte por falta de pagamento, é possível escutar seus gritos a quilômetros de distância. Quando um cidadão está passando mal de tanta fissura, diz “Estou sem gás” ou “Estou carregando o fogão nas costas”.)

(Noz-moscada. Cito um artigo do autor a respeito de drogas narcóticas, publicado no *British Journal of Addiction* [ver Apêndice]: “Presidiários e marinheiros costumam recorrer à noz-moscada. Engolem cerca de uma colher de sopa de noz-moscada moída misturada com água. O efeito é vagamente similar ao da maconha, com dores de cabeça e náusea como efeitos colaterais... Os índios sul-americanos fazem uso de uma série de narcóticos da família da noz-moscada. Em geral, aspira-se uma forma pulverizada da planta seca e moída. Ao consumirem essas substâncias nocivas, os curandeiros

entram em estados convulsivos. Do ponto de vista da tribo, suas convulsões e murmúrios têm valor profético”.)

— Eu também não estava nada bem, com ressaca de iagê e sem condição alguma de tolerar as cagadas de Brubeck. Logo de saída ele começou a insistir que eu deveria começar a incisão pela parte posterior ao invés da frontal, resmungando bobagens absurdas a respeito de cortar fora a vesícula biliar para que a carne não ficasse totalmente fodida. Percebi que ele achava estar na fazenda, limpando um frango. Quando mandei que voltasse a enfiar a cabeça no forno da cozinha, o sujeito teve a audácia de empurrar minha mão, seccionando a artéria femoral do paciente. Ao esguichar, o sangue cegou o anestesista, que saiu correndo aos berros pelos corredores. Quando Brubeck tentou me dar um joelho no saco, consegui cortar um de seus tendões de aquiles usando meu bisturi. Começou a rastejar pelo chão, dando estocadas nos meus pés e nas minhas pernas. Violet, esse é o nome de minha assistente-babuíno, a única mulher com quem me importei nesta vida, ficou possessa. Subi na mesa de cirurgia e estava pronto para me atirar com as duas pernas sobre Brubeck quando os policiais entraram.

“Bem, digamos que esse tumulto na sala de cirurgia, ‘esse evento inominável’, como descreveu o Supervisor, foi a gota d’água. A matilha de lobos cercara sua presa. Crucificação é a única palavra que me vem à cabeça. Admito que cometi umas *Dummheits* vez ou outra, é claro. Quem é inocente? Certa vez eu e o anestesista bebemos todo o éter disponível e depois o paciente acordou bem no meio da cirurgia, e também fui acusado de misturar bissulfato de sódio, um desinfetante de vaso

sanitário, na cocaína. Quem fez isso foi Violet, na verdade. Mas tive de protegê-la, é claro...

“Resumindo, acabamos expulsos do ramo. Não que Violet fosse uma médica *bona fide*, coisa que por sinal Brubeck também não era, mas no final das contas até mesmo meu diploma acabou sendo revogado. Só que Violet entendia mais de medicina que toda a equipe da clínica mais conceituada do país. Tinha uma intuição extraordinária e um tremendo senso de dever.

“Ali estava eu, na rua da amargura e sem diploma. Não seria melhor procurar outro ofício? Claro que não. Ser médico estava no meu sangue. Consegui ganhar a vida fazendo abortos por preço de banana em banheiros de metrô. Cheguei ao cúmulo de assediar mulheres grávidas na rua, uma coisa certamente nada ética. Foi então que conheci um sujeito fabuloso chamado Juan Placenta, o Magnata do Pós-Parto. Fez fortuna durante a guerra negociando gorados.”

(Gorados são bezerros prematuros que ainda contam com suas placentas infestadas de bactérias e quase sempre estão em condições anti-higiênicas e inadequadas. É proibido vender um bezerro para abate até que ele complete a idade mínima de seis semanas. Antes desse período, classifica-se o animal como gorado. A punição para o tráfico de gorados é muito severa.)

— Pois bem, Juanito comandava uma frota de cargueiros que registrara sob bandeira abissínia para evitar restrições incômodas. Empregou-me como médico de bordo do S. S. *Filariasis*, que talvez tenha sido a embarcação mais imunda a ter singrado os mares. Eu operava com uma das mãos enquanto usava a outra

para tirar os ratos de cima do paciente, enquanto percevejos e escorpiões choviam do teto.

“E alguém aparece querendo homogeneidade naquela situação. Possível é, mas tem seu custo. Aquilo tudo acabou me deixando entediado... Pronto, chegamos... Beco dos Problemas.”

Benway ergue uma das mãos, traça um símbolo no ar e uma porta se escancara. Assim que passamos ela volta a se fechar. É uma enfermaria comprida, tomada pelo brilho do aço inoxidável, do piso de ladrilhos brancos e das paredes de tijolo de vidro. Leitos alinham-se numa das paredes. Ninguém fuma, ninguém lê, ninguém conversa.

— Venha olhar de perto — Benway convida. — Ninguém vai ficar constrangido.

Chego mais perto e paro na frente de um homem que está sentado em seu leito. Encaro seus olhos. Ninguém me retorna o olhar, não há nada lá.

— LNI — explica Benway. — Lesão Neurológica Irreversível. Uma liberação excessiva, digamos assim... mais um fardo para o ramo.

Passo uma das mãos diante dos olhos do homem.

— Sim — diz Benway —, eles ainda têm reflexos. Preste atenção. — Benway tira um chocolate do bolso, desembala-o e segura-o em frente ao nariz do homem. Ele fareja. Sua mandíbula começa a se mover. Suas mãos se mexem como se tentassem agarrar alguma coisa. Fios compridos de saliva escorrem de sua boca e pendem de seu queixo. Sua barriga ronca. Seu corpo todo se contorce em movimentos peristálticos. Benway dá um passo para trás e segura o chocolate no alto. O homem cai de joelhos, atira a cabeça para trás e começa a latir.

Benway atira-lhe o chocolate. O homem tenta apanhá-lo no ar com uma dentada, mas erra e rola pelo chão ganindo ruídos cheios de baba. Rasteja até debaixo da cama, encontra o chocolate e mete-o na boca com as duas mãos.

— Deus do céu! Esses LNIS não têm a mínima classe!

Benway chama o atendente que está sentado em um canto da enfermaria, lendo uma antologia das peças teatrais de J. M. Barrie.

— Tire esses LNIS de merda da minha frente. Esse negócio é uma tristeza. Prejudica o turismo.

— E o que eu faço com eles?

— Eu sei lá, porra! Sou um cientista. Um homem consagrado à mais *pura* ciência. Tire-os daqui, só isso. Não tenho de ficar olhando para eles, entenda. São aves de mau agouro.

— Mas como? E onde vou enfiá-los?

— Entre em contato com os canais competentes. Ligue para o Coordenador Distrital ou sei lá como ele se intitula... o sujeito troca de título uma vez por semana. Chego até a duvidar que exista.

O dr. Benway se detém na porta e dá outra olhada nos LNIS.

— Fracassamos com esses aí — diz. — Bem, são os ossos do ofício.

— Eles chegam a voltar a si?

— Depois que ficam desse jeito não voltam a si e nunca mais voltarão. — Benway cantarola suavemente. — Venha ver esta outra enfermaria, é bem interessante.

Avisto um grupo de pacientes em pé, conversando e cuspiendo no chão. Junk paira no ar como uma névoa acinzentada.

— É um espetáculo comovente — diz Benway — ver todos esses junkies à espera do Cara. Há seis meses eram todos esquizofrênicos. Alguns deles não saíam da cama havia anos. Olhe só para eles agora. Em toda a minha carreira profissional, nunca encontrei um junky esquizofrênico, e a maioria dos junkies tem o mesmo tipo físico dos esquizos. Se quiser curar alguém de uma doença, descubra quem é imune a ela. E quem é imune, nesse caso? Os junkies. Ah, a propósito, na Bolívia existe uma região livre de qualquer tipo de psicose. Naquelas montanhas vive um pessoal bem sadio. Adoraria conhecer o lugar antes que seja arruinado pela alfabetização, pela publicidade, pela tevê e pelos drive-ins. Queria fazer um estudo estritamente metabólico, registrando dieta, uso de drogas e álcool, sexo etc. Quem se importa com o que pensam? Atrevo-me a dizer que devem ser as mesmas bobagens que todo mundo pensa.

“E por que os junkies são imunes à esquizofrenia? Isso eu ainda não sei. Se não for alimentado, um esquizofrênico é capaz de ignorar a própria fome até morrer de inanição. Ninguém é capaz de ignorar a abstinência de heroína. O fato é que a dependência torna obrigatório o contato com o mundo exterior.

“Mas essa é apenas uma das abordagens. Mescalina, LSD6, adrenalina deteriorada e harmina são capazes de produzir um estado semelhante à esquizofrenia. Não existe produto melhor que o extraído do sangue dos esquizos; portanto, a esquizofrenia é muito provavelmente uma psicose tóxica. Eles formam um canal metabólico, uma espécie de Traficante Interno, digamos assim.”

(Leitores interessados podem consultar o Apêndice.)

— No estágio terminal da esquizofrenia, o cérebro posterior fica permanentemente deprimido enquanto o anterior torna-se quase desprovido de conteúdo, lembrando aqui que o cérebro anterior só entra em atividade em resposta aos estímulos do posterior.

“A morfina constitui um antídoto contra a estimulação do cérebro posterior, de ação semelhante à substância produzida pelos esquizos. (Perceba a similaridade entre a síndrome de abstinência e a intoxicação por iagê ou LSD6.) Uma consequência frequente do uso de junk — especialmente em casos de dependência de heroína nos quais o viciado tem doses fartas à sua disposição — é a depressão permanente do cérebro posterior, acompanhada por um estado muito semelhante à esquizofrenia terminal: completa ausência de afetos, autismo e atividade cerebral quase inexistente. O dependente é capaz de passar oito horas encarando uma parede. Permanece consciente daquilo que o rodeia, mas o ambiente não tem para ele nenhuma conotação emocional e, por conseguinte, nenhum interesse. Relembrar um período de dependência pesada é como assistir a uma gravação de acontecimentos vividos tão somente pelo cérebro anterior. É um relato frio de eventos externos. ‘Fui até o mercado e comprei açúcar mascavo.² Voltei para casa e comi meio pacote. Apliquei uma dose de duzentos miligramas’ etc. São lembranças completamente desprovidas de saudade. Assim que o nível de consumo de junk cai abaixo do limiar, contudo, o corpo é inundado pelo fluxo da abstinência.

“Se todo prazer é um alívio de tensões, a junk proporciona alívio para todos os processos vitais ao

desconectar o hipotálamo, centro da energia psíquica e da libido.

“Alguns de meus distintos colegas (uns cuzões anônimos) aventaram a hipótese de que a junk deriva sua ação euforizante a partir da estimulação direta dos centros do orgasmo. Parece-me mais provável concluir que ela suspende por completo o ciclo de tensão, descarga e repouso. Para um junky, o orgasmo não tem função. O tédio, clássico indicador de alguma tensão que necessita ser descarregada, não é algo que incomoda o viciado. Ele é capaz de encarar o próprio sapato por oito horas. Só se anima a tomar alguma atitude quando a areia na ampulheta da junk termina de escorrer.”

No fundo da enfermaria, um atendente puxa um cordão para erguer uma persiana metálica e dá início a uma chamada. Os junkies começam a correr, guinchando e roncando como porcos.

— Um sujeito esperto — afirma Benway. — Não tem respeito algum pela dignidade humana. Agora você vai conhecer a enfermaria dos criminosos e pervertidos moderados. Sim, aqui consideramos o criminoso um pervertido moderado. Ele não renega o contrato social de Liberlândia. Busca meramente driblar algumas de suas cláusulas. É uma atitude repreensível, mas nada muito sério. Venha por este corredor... Vamos pular as enfermarias 23, 86, 57 e 97... e o laboratório.

— Homossexuais também são considerados pervertidos?

— Não. Lembre-se do arquipélago Bismarck. Lá não existe homossexualidade assumida. Um estado policial que *funciona* prescinde de polícia. Ninguém pensa na homossexualidade como uma conduta concebível... Nos

matriarcados, a homossexualidade é um crime *político*. Nenhuma sociedade tolera a rejeição aberta de seus princípios básicos. Isto não é um matriarcado, *Insh'allah*. Você deve conhecer aquele experimento no qual ratos machos que se aproximam de fêmeas são submetidos a choques elétricos e imersão em água gelada. Todos eles acabam virando bichas. É o mecanismo dessa etiologia. Se algum desses ratos começasse a guinchar “Adooooooooooooo ser uma bicha louca” ou “Que fim levou seu cacete, ô aberração de dois buracos?”, estaria agindo normalmente, guinchemos assim. Durante minha breve experiência como psicanalista (tive alguns probleminhas com a Sociedade) tive um paciente que ficou possuído e saiu correndo pela estação Grand Central brandindo um lança-chamas, dois outros que cometeram suicídio e ainda outro que morreu no divã, como um rato selvagem (ratos selvagens tendem a morrer de ataque cardíaco quando são acuados de repente). Seus parentes vieram reclamar e eu respondi: “São os ossos do ofício. Tirem esse presunto daqui. Esse negócio deprime os pacientes que ainda estão vivos”. Observei que todos os meus pacientes homossexuais manifestavam fortes tendências heterossexuais inconscientes, enquanto todos os meus pacientes heterossexuais demonstravam possuir tendências homossexuais inconscientes. É de dar um nó nas ideias, não concorda?

— E que conclusões você tirou disso tudo?

— Conclusões? Nenhuma, ora. Foi apenas uma observação passageira.

Almoçávamos no consultório de Benway quando ele recebeu um telefonema.

— Como assim?... Mas isso é monstruoso! É fantástico! Vá em frente e fique no aguardo. — Desligou o telefone. — Estou prestes a assumir um cargo na Corporação Islã. Parece que o computador ficou totalmente maluco de tanto jogar xadrez hexadimensional com o Técnico e acabou dando alta para todos os pacientes aqui do C. R. Vamos para o terraço. Tudo indica que o plano mais adequado é a Operação Helicóptero.

Empoleirados no terraço do C. R., assistimos a uma cena de horror inigualável. LMS reunidos em volta das mesas do café, com longos fios de saliva pendendo do queixo e a barriga roncando escandalosa, ejaculam quando veem mulheres. *Latahs* imitam os passantes, tomados de obscenidade macaqueadora. Junkies saquearam as farmácias e começaram a se aplicar em todas as esquinas... Catatônicos ornamentam os parques... Esquizofrênicos agitados correm pelas ruas, esgoelando urros penetrantes e inumanos. Um grupo de PRS (Parcialmente Recondicionados) cercou alguns turistas homossexuais, cujo sorriso tenebroso e calejado expõe abertamente seu crânio nórdico.

— O que vocês querem? — irrompe uma das bichas.

— Queremos *entender* você.

Um contingente de simiopatas ululantes dependura-se em candelabros, varandas e árvores, cagando e mijando sobre os passantes. (Um simiopata — o nome técnico desse transtorno me foge — é um cidadão convencido de que é um macaco ou outro símio qualquer. É um transtorno específico dos militares, facilmente curável com a dispensa.) Amoques avançam decepando cabeças,

com um vago meio sorriso no rosto tomado por uma expressão doce e distante... Cidadãos com *bang-utot* agarram o pênis com as mãos e gritam pedindo socorro aos turistas... Desordeiros árabes ladram e uivam, castrando, destripando e atirando gasolina em chamas... Dançarinos fazem striptease com os próprios intestinos, mulheres enfiam genitais amputados nas bocetas e com eles esfregam-se, açoitam e golpeiam os homens escolhidos. Fanáticos religiosos a bordo de helicópteros atacam os membros da multidão com seus discursos e despejam tábuas de pedra com inscrições absurdas sobre sua cabeça... Homens-leopardo estraçalham pessoas com suas garras de ferro, bufando e rugindo... Iniciados da Sociedade Canibal Kwakiutl arrancam narizes e orelhas com mordidas...

Um coprófago exige um prato, caga sobre ele e come a merda, exclamando: “Hmmm, minha deliciosa essência!”.

Em busca de vítimas, um batalhão de inconvenientes contumazes vaga pelas ruas e pelos saguões dos hotéis. Um vanguardista intelectual — “Sem dúvida, a única literatura que ainda pode ser levada em consideração encontra-se em relatórios e revistas científicas” — aplicou uma injeção de bulbocapnina em um pobre coitado e começa a ler para ele um boletim sobre “o uso da neo-hemoglobina no controle do granuloma degenerativo múltiplo”. (Tais relatórios, obviamente, não passam de completas bobagens sem sentido algum, engendradas e impressas por ele mesmo.)

Começa falando: “Você me parece um homem de inteligência”. (Palavras sempre agourentas, menino... Quando ouvi-las, não fique parado: fuja na hora.)

Auxiliado por cinco jovens policiais, um agente colonial inglês interpelou um súdito no bar do clube, perguntando: “Diga-me, já esteve em Moçambique?”, e em seguida desandou a relatar a infinita saga de sua malária. “Foi então que o médico me disse: ‘Aconselho com fervor que abandone esta região. Se não o fizer, aposto que precisarei enterrá-lo’. Aquele charlatão também trabalhava como coveiro. Era, digamos assim, uma forma de equilibrar as probabilidades, de sempre haver chance de ter algo para fazer.” Quando começa a se sentir mais íntimo, depois do terceiro pink gin, muda de assunto e fala de sua disenteria. “Fezes realmente prodigiosas. Líquidas e um tanto amarelo-pálidas, entende, mais ou menos no mesmo tom de filamentos de esperma rançoso.”

Usando uma zarabatana armada com um dardo de curare, um explorador com chapéu tropical abateu um cidadão e aplica-lhe respiração artificial com um dos pés. (O curare mata paralisando os pulmões. Não possui nenhum outro efeito tóxico e, em termos mais estritos, não chega a ser um veneno. Se a respiração artificial for aplicada, a vítima não morrerá. Os rins eliminam o curare com grande rapidez.) “Foi o ano da morrinha, quando tudo morreu, até mesmo as hienas... Ali estava eu, sem um pinga de κΥ, em plena nascente do Cudemandril. Quando minha encomenda de κΥ finalmente chegou de paraquedas, fui tomado de uma gratidão indescritível... Para falar a verdade, e nunca contei isso a viva- alma, vivo rodeado de canalhas nos quais não se pode confiar” — sua voz ecoa pelo amplo saguão vazio de um hotel decorado em estilo 1890, com veludo vermelho, peperômias douradas e estátuas: “Fui o primeiro homem

branco a ser iniciado na infame sociedade agouti, sou testemunha e cúmplice de seus ritos abomináveis”.

(A sociedade agouti promoveu uma *fiesta* chimu. [Os chimus do antigo Peru, que a propósito eram muito afeitos à sodomia, costumavam encenar batalhas sangrentas usando tacapes e acumulavam centenas de baixas no decorrer de uma tarde.] Zombando e bolinando uns aos outros com seus tacapes, os rapazes marchavam até o campo. Começava a batalha.

Amável leitor, a fealdade de tal espetáculo desafia qualquer descrição. Quem conseguiria agir como um covarde apavorado e submisso e ao mesmo tempo ser impiedoso como um babuíno de traseiro roxo, alternando tais condições deploráveis como se não passassem de esquetes de vaudeville? Quem seria capaz de cagar sobre um adversário tombado que, moribundo, engole a merda e grita de alegria? Quem poderia enforcar um indivíduo franzino e passivo para em seguida recolher seu esperma com a boca, como faria um cão de rua? Amável leitor, de bom grado eu lhe pouparia disso tudo, mas assim como o Velho Marinheiro minha pena é dotada de vontade própria. Ah, meu Deus, que cena aquela! Seriam língua ou pena capazes de transmitir tamanho escândalo? Um jovem rufião descontrolado arranca fora o olho de um confrade e passa a lhe foder o cérebro. “Temos aqui um caso de atrofia cerebral, esse negócio está tão seco quanto a buça da vovó.”

Transforma-se em um roqueiro delinquente. “Podo mesmo aquela puta velha — é como nas palavras cruzadas, que relação tenho eu com o resultado, isso se algo vier a resultar? Já é meu pai ou ainda não? Não posso enrabá-lo, Jack, você está prestes a se tornar meu

pai. Seria preferível lhe degolar para então enrabar minha mãe jogando limpo, a foder meu pai ou vice-versa mutatis mutandis dependendo do caso, ou talvez degolar minha mãe, aquela puta sublime, que seria contudo a melhor forma de enterrar seu Tesouro de Palavras e bloquear seus bens. É como quando um sujeito é pego com a boca na botija e não tem ideia alguma de como se safar e sua melhor saída é oferecer a bunda para o ‘papaizão’ ou cometer um entra-e-sai com a velha. Traga-me duas bocetas e um caralho de aço e mantenha seu dedo sujo longe da minha bunda doce, está achando que sou alguma espécie de passivo de traseiro roxo fugido de Gibraltar? Macho e fêmea castrados os dois. Mas quem não consegue diferenciar os sexos? Olha que degolo você, seu branquelo filho da puta. Segui vós o exemplo de meu neto, saí a campo aberto e enfrentai em incerta batalha vossa mãe ainda por nascer. Sua obra-prima, fodida pela confusão. Por conta de um engano na identificação degolei o servente, que de qualquer modo era tão escroto e abominável quanto meu velho. E no interior da carvoeira todos os paus são iguais.”

Retornemos pois ao campo deflagrado. Vede que um dos rapazes penetrou seu camarada enquanto outro deles ocupa-se de amputar o membro predileto do exultante receptáculo do caralho alheio, de modo que o órgão visitante possa dedicar-se a preencher o vácuo mais detestado pela natureza até por fim ejacular na Lagoa Negra, onde piranhas impacientes abocanham a criança ainda não nascida e que — tendo em vista certos fatos profusamente confirmados — muito provavelmente não nascerá.)

Outro dos inconvenientes traz consigo uma maleta abarrotada de troféus e medalhas, taças e faixas. “Essa aqui eu ganhei em Yokohama, no Concurso de Engenhoca Sexual Mais Criativa. (Agarrem esse sujeito, está nitidamente desesperado.) Foi-me entregue pelo Imperador em pessoa, que tinha lágrimas nos olhos. Todos os perdedores castraram-se com espadins de haraquiri. Esta faixa ganhei no Concurso de Degradação na filial de Teerã dos Junkies Anônimos.”

— Apliquei uma injeção com o S. M.³ da minha esposa, que estava de cama com uma pedra no rim imensa, do tamanho do diamante Hope. Depois fiz ela tomar meio Veganin⁴ e disse: “Nem espera ficar muito aliviada... Calessaboca. Quero curtir meus remédios”.

“Roubei um supositório de ópio direto do cu da minha vó.”

O hipocondríaco atira seu laço sobre um passante, mete o incauto dentro de uma camisa de força e começa a falar sobre a putrefação de seu septo: “Mais cedo ou mais tarde uma grandiosa descarga purulenta vai acabar escorrendo... espere só para ver”.

Faz um striptease e guia os dedos relutantes de sua vítima por sobre suas cicatrizes cirúrgicas. “Está sentindo esse inchaço supurado em minha virilha? Foi bem aí que peguei os linfogranulomas... Agora quero que você apalpe minhas hemorroidas internas.”

(Perceba a alusão ao linfogranuloma, também conhecido como “mula” ou “bubão”. Trata-se de uma doença infecciosa sexualmente transmissível, nativa da Etiópia e causada por um vírus. “Não é de graça que somos conhecidos como etíopes *chujos*”, troça um mercenário etíope, peçonhento como uma cobra-real,

enquanto sodomiza o faraó. Antigos papiros egípcios fazem referências constantes aos tais etíopes *chujos*.

Como o suíngue, essa moléstia também surgiu primeiro em Adis-Abeba. Contudo, agora vivemos em tempos modernos: um só mundo. Hoje os bubões incham em Shanghai e Esmeraldas, em New Orleans e Helsinque, em Seattle e na Cidade do Cabo. Mas a doença parece sentir saudades de casa e demonstra uma nítida preferência por vítimas da raça negra, tornando-se assim a loira menina dos olhos dos partidários da supremacia branca. Diz-se, entretanto, que feiticeiros vodu Mau-Mau andam preparando uma verdadeira bomba em forma de doença venérea para atingir os branquelos. Não que os brancos sejam imunes à doença: cinco marinheiros britânicos contraíram os bubões em Zanzibar. E lá no condado do Crioulo Morto, no Arkansas [A TERRA MAIS NEGRA E O POVO MAIS BRANCO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: NEM CHEGA PERTO DAQUI, NEGÃO], registrou-se o surgimento de bubões na proa e na popa do legista local. Quando seu estado peculiar tornou-se público, um comitê justiceiro de moradores queimou o sujeito vivo no banheiro da delegacia, entre mil e um pedidos de desculpas.

— Ora, Clem, faz de conta que você é uma vaca com aftosa.

— Ou um frango com pneumoencefalite.

— Não cheguem tão perto, rapazes. Aposto que o fogo vai acabar fazendo com que os intestinos dele explodam.

Por tratar-se de uma doença transmitida pela fornicção, a mula apresenta uma forte tendência à propagação generalizada, ao contrário de certos vírus de menor sorte condenados a definharem sem alcançar todo o

seu potencial, esquecidos no interior das tripas de uma pulga ou de um carapanã, ou na saliva prateada de um chacal que agoniza sob o luar do deserto. Depois que a lesão inicial no ponto de infecção desaparece, a doença espalha-se para os gânglios linfáticos da virilha, que incham, explodem e formam fístulas supuradas que secretam uma substância purulenta e pegajosa com traços de sangue e linfa pútrida por dias, meses, anos a fio. Uma complicação frequente é a elefantíase da genitália, e foram observados casos de gangrena nos quais se recomenda a amputação *in medio* do paciente da cintura para baixo, ainda que dificilmente o procedimento valha a pena. Por sua vez, as mulheres costumam padecer de infecções secundárias no ânus. Homens que se oferecem em intercurso passivo a parceiros infectados, como se fossem débeis babuínos de traseiro roxo, também correm o risco de receber um visitante indesejado em seu organismo. Subsequente à retite inicial, a inevitável secreção purulenta — coisa difícil de perceber quando se está no meio de uma trepada — sem demora faz-se acompanhar pelo estreitamento do reto, exigindo a intervenção de um descaroçador de maçãs ou seu equivalente cirúrgico, de modo a evitar que o desventurado paciente seja obrigado a peidar e cagar pela boca, criando as condições para o surgimento de casos renitentes de halitose que implicariam em um surto de impopularidade com todos os sexos, idades e qualidades de *Homo sapiens*. E digo mais: um cego que padecia de bubões chegou a ser abandonado por seu próprio cão-guia — um genuíno cu de ferro. Até pouco tempo não havia qualquer tratamento satisfatório para a doença. “O tratamento é

sintomático” — quem é do ramo sabe que isso significa que não existe tratamento algum. Diversos casos têm regredido sob terapia intensiva com aureomicina, terramicina e outras das mais novas penicilinas. Uma porcentagem considerável de casos, contudo, permanece tão irreduzível quanto gorilas-das-montanhas... Portanto, meninos, quando seus bagos e seu pau forem acariciados por labaredas que avançam sem pedir licença por dentro de seu cu como a chama azulada de um maçarico de orgônios invisíveis, lembrem-se das palavras de T. J. Watson: *Pensem*. Parem de ofegar e comecem a apalpar... e se porventura apalparem um bubão, recuperem a compostura e indaguem com seu mais enervante tom de voz impassível e nasalado: “Você acha meeesmo que eu tenho algum interesse em compartilhar de seu estadinho abominável? Olha, não estou nadiiiiinha interessado”).

Delinquentes roqueiros no auge da adolescência tomam de assalto as ruas de todas as nações. Invadem o Louvre e jogam ácido no rosto da Mona Lisa. Abrem portões de zoológicos, manicômios e prisões, arrebatam encanamentos com martelos pneumáticos, arrancam o assoalho dos banheiros de aviões, apagam faróis à bala, limam cabos de elevadores até que fiquem com a espessura de um fio de cabelo, conectam esgotos com canos d’água, atiram tubarões e arraia e enguias elétricas e candirus em piscinas (ainda que mais pareça um verme com seu pouco mais de meio centímetro de largura e cinco de comprimento, o candiru é uma espécie diminuta de peixe semelhante à enguia, que circula por certos rios de má reputação na Grande Bacia Amazônica e tem o costume de se infiltrar em caralhos e cus ou,

faute de mieux, em bocetas, para em seguida agarrar-se ali com seus espinhos afiados por motivos que ninguém conhece ao certo, pois nunca foi realizada uma observação do ciclo de vida de um candiru in situ), vestem roupas de marinheiro para arremeter o *Queen Mary* a todo vapor na direção do porto de Nova York, promovem rachas suicidas no comando de ônibus e aviões de passageiros, usam jalecos para invadir hospitais carregando serrotes, machados e bisturis com um metro de comprimento, atiram paralíticos para longe de seus pulmões de aço (arremedam a asfixia dos pobres-diabos convulsionando-se no chão de olhos revirados), aplicam injeções com bombas de encher pneus de bicicleta, desconectam unidades de diálise, serram uma mulher ao meio usando um serrote cirúrgico operado em dupla, guiam porcadas guinchantes ao interior da Caaba, cagam no piso das Nações Unidas e limpam a bunda com tratados, pactos e alianças.

Em aviões, carros e cavalos, camelos e elefantes, tratores, bicicletas e arcaicos rolos compressores, a pé, de esquis e em trenós, de muletas e sobre pula-pulas, os turistas invadem as fronteiras, exigindo com inflexível ar de autoridade seus direitos de asilo por conta das “condições indescritíveis que grassam na Liberlândia, enquanto a Câmara do Comércio tenta em vão impedir o desastre: Favor manter a calma. São apenas uns loucos que fugiram do hospício”.

1 Opioide de ação analgésica e narcótica, também conhecido no Brasil pela marca Dolantina.

2 Em inglês, “açúcar mascavo” (*brown sugar*) é uma das diversas gírias para a heroína, emprestando ao termo um caráter ambíguo.

3 Ver "Carta para Irving Rosenthal".

4 Ver "Carta para Irving Rosenthal".

Joselito

E Joselito, que escrevia poemas medíocres e politicamente engajados, começou a tossir. O médico alemão examinou-o rapidamente, usando os dedos compridos e delicados para tatear suas costelas. Além de médico também era concertista de violino, matemático, mestre enxadrista e doutor em jurisprudência internacional licenciado para exercer tal ofício nos banheiros públicos de Haia. O médico lançou um olhar distante e severo ao torso bronzeado de Joselito. Olhou para Carl, sorriu — o sorriso de um homem educado a um igual —, soergueu uma das sobrancelhas e anunciou, sem fazer uso de palavras:

— Parra eze plebeu ignorante ê melhor non valar nada, non ê? Ou ele fai mze cagar de meda. Koch e catarra zon dois palafras veias, *ja?*

Ele acrescentou em voz alta: — É um *catarro de los pulmones*.

Lá fora, abrigado sob uma arcada estreita, Carl conversou com o médico enquanto a chuva que caía sobre a rua respingava nas pernas de suas calças... Tentava imaginar para quantas pessoas o médico já teria dito aquilo, contemplando os espectros de escadarias,

varandas, gramados, alamedas, corredores e ruas do mundo todo no interior de seus olhos... alcovas germânicas asfixiantes, com pilhas de travessas decoradas erguendo-se até o teto e o sereno e portentoso odor da uremia infiltrando-se por debaixo da porta, murmúrio de irrigadores nos gramados suburbanos lembrando a tranquilidade de uma noite na selva, abrigada sob as asas silenciosas do mosquito anófele. (Nota: Isso não é uma metáfora. Os mosquitos anófele são silenciosos.) Carpetes grossos forrando o assoalho no discreto sanatório de Kensington: uma xícara de chá e a poltrona rígida com tantos brocados, na moderna sala de estar com mobília sueca e aguapés vegetando no interior de um recipiente amarelo e bojudo — no lado de fora, o azul de porcelana do céu setentrional sopra nuvens desgarradas contra as medíocres aquarelas do estudante de medicina moribundo.

— Frau Underschnitt, traga-me um *schnapps*, *ja*.

O médico falava ao telefone tendo à sua frente um tabuleiro de xadrez. — É uma lesão bem grave, *ja*... isso sem ter analisado o fluoroscópio, é claro. — Ergue o cavalo e, pensativo, devolve a peça à mesma posição. — Sim... Ambos os pulmões... sem dúvida alguma. — Coloca o fone no gancho e dirige-se a Carl. — Percebi que essa gente demonstra uma rapidez incrível na cicatrização de ferimentos, com baixa incidência de infecções. Por aqui, o problema é sempre nos pulmões... pneumonia e o Bom & Velho, é claro. — O médico agarra o pau de Carl e dá um salto acompanhado por uma gargalhada estrondosa e rude, digna de um camponês. Seu sorriso europeu faz pouco-caso das travessuras típicas de crianças ou animais. Sem sobressaltos,

prossegue o discurso com sua voz incorpórea, sinistramente desprovida de qualquer sotaque. — Nosso Bom & Velho Bacilo de Koch. — O médico bate um sapato contra o outro e depois baixa a cabeça. — Se não fosse ele, esses plebeus ignorantes seriam capazes de multiplicar suas carcaças fedidas até alcançar o mar, não acha? — Dá um grito agudo e aproxima de repente seu rosto ao de Carl, que desvia para um lado, tendo às costas a parede incolor da chuva.

— Não existe algum lugar onde ele possa receber tratamento?

— Creio que deva existir alguma espécie de *sanatório* — declara, usando de certa obscenidade ambígua para arrastar a última palavra para fora da boca — na Capital do Distrito. Anotarei o endereço para você.

— Quimioterapia?

Sua voz soou plana e pesada no ar úmido.

— Como vou saber? Não passam de um bando de plebeus ignorantes, e não existe coisa pior do que um plebeu que se acha instruído. Essa gente não deveria apenas ser impedida de aprender a ler, mas também de aprender a falar. Impedi-las de pensar é desnecessário; disso a natureza se encarregou. Aqui está o *endereço* — sussurrou o médico, sem mover os lábios.

Depositou uma bolinha de papel na mão de Carl. Brilhando por sobre a imundície, seus dedos sujos pousaram na manga de Carl.

— Ainda precisamos discutir meus honorários.

Carl passou-lhe uma cédula enrolada... e o médico desapareceu no crepúsculo macilento, surrado e furtivo como um junky veterano.

Carl encontrou Joselito em um quarto amplo e limpo, banhado de luz, com banheiro privativo e sacada de concreto. E nada havia a dizer no vazio daquela sala fria, com os aguapés vegetando no interior de um recipiente amarelo e bojudo, o céu azul de porcelana e as nuvens desgarradas, o medo vacilando em seus olhos, indo e voltando. Quando ele sorriu, o medo voou longe em partículas de luz e esgueirou-se pelos cantos mais altos e arejados do quarto, enigmático. E o que poderia eu dizer enquanto me sentia cercado de morte, com a mente dominada por diminutos estilhaços das imagens que costumam surgir pouco antes do sono?

— Amanhã serei transferido para o novo sanatório. Venha me visitar. Vou ter um quarto só para mim.

Tossiu e engoliu uma codeinita.¹

— Doutor, pelo que sei, quero dizer, por tudo o que li e escutei (não sou um conhecedor das artes médicas, tampouco faço de conta que sou um deles), o conceito do tratamento em sanatórios foi praticamente suplantado, ou no mínimo suplementado, pela quimioterapia. Doutor, minha pergunta é a seguinte, e por favor responda-me com toda a sinceridade, de um ser humano a outro: qual seu parecer a respeito da quimioterapia, comparada com o tratamento em sanatórios? O senhor é um *adepto*?

O rosto do médico, cujos traços lembravam um índio vítima de algum transtorno no fígado, permaneceu tão impassível quanto o de um carteador.

— Tudo aqui é muito moderno, como você mesmo pode atestar. — Indicou a sala com um gesto, expondo seus dedos arroxeados pela má circulação. — Banhos... água...

flores. Tudinho. — Concluiu seu discurso com um sotaque *cockney*, abrindo um sorriso forçado e triunfante. — Escreverei uma carta para você.

— Carta? Para o sanatório?

Era como se o médico estivesse falando a partir de uma terra de rochas negras e enormes lagoas pardacentas e iridescentes:

— E a mobília... moderna e confortável. É claro que você *concorda* com isso, não é?

Carl não conseguia enxergar o sanatório por causa de uma fachada falsa de estuque verde, coroada por um intrincado letreiro de néon que, desligado, recortava-se agourento contra o céu, à espera da escuridão. Percebia-se que o sanatório fora construído no topo de um íngreme promontório de calcário, coberto de árvores em flor e videiras incipientes. O perfume das flores dominava o ar.

O comandante estava sentado em um comprido cavalete de madeira, sob uma treliça para videiras. Não estava fazendo absolutamente nada. Apanhou a carta que Carl lhe estendeu e começou a murmurar seu conteúdo, lendo os próprios lábios com a mão esquerda. Enfiou a carta em um prego cravado logo acima de uma privada. Passou a transcrever um livro contábil cheio de números. Escreveu sem parar.

Estilhaços de imagens explodiram suaves no interior da cabeça de Carl, que começava a abandonar o próprio corpo em um arroubo silencioso. Enxergou a si mesmo à distância, de forma clara e nítida, sentado em um restaurante. Overdose de heroína. Sua mãe o sacudia e

segurava uma xícara de café quente bem debaixo de seu nariz.

Do lado de fora, um junkie veterano fantasiado de Papai Noel vende selos natalinos. “Vamos combater a tuberculose, pessoal”, murmura com sua voz incorpórea de junkie. Um coral do Exército de Salvação, composto por treinadores de futebol americano sinceros e homossexuais canta “In the Sweet Bye and Bye”.²

Carl retornou ao seu corpo sob a forma de um espectro opiáceo apegado à matéria.

— Poderia suborná-lo, sem dúvida.

O comandante tamborilou na mesa com um dos dedos somente, cantarolando “Coming Through the Rye”.³ De início sua voz parece distante, mas aos poucos fica cada vez mais próxima, tomada pela urgência de uma sirene de neblina soando meio segundo antes de uma colisão retumbante.

Carl fez menção de tirar uma nota do bolso da calça... O comandante estava parado em frente a um vasto painel de armários e cofres. Fitou Carl com olhos animais e vidrados, morrendo por dentro, refletindo a face da morte em seu medo desesperado. Rodeado pelo perfume das flores e com metade da cédula para fora do bolso, Carl é atingido em cheio pela fraqueza, que corta seu fôlego e congela seu sangue. Parecia estar no interior de um cone imenso, rodopiando sem parar na direção do ponto negro.

— Quimioterapia? — Brotando de sua carne, o grito cruzou vestiários desertos, quartéis abandonados, colônias de férias bolorentas e corredores espectrais de sanatórios de tuberculosos povoados por tosse, murmúrios e pigarros, o cheiro de louça suja de pensões

baratas e asilos de idosos, alfândegas e armazéns empoeirados, cruzou pórticos em ruínas e arabescos desfeitos, mictórios de ferro tornados finos como papel pela urina de um milhão de bichonas, cabines vazias de banheiros públicos vazios, cobertos de limo e do cheiro bolorento da merda retornando para as entranhas da terra, falos eretos esculpidos em madeira e colocados sobre o túmulo dos povos moribundos, lastimosos como folhas ao vento, até chegar ao vasto rio pardacento no qual flutuam árvores inteiras com serpentes verdes enrascadas em seus ramos enquanto lêmures de olhos tristes contemplam as margens e a distante e vasta planície (asas de abutres fustigam o ar seco). O trajeto é salpicado por camisinhas rasgadas, cápsulas de heroína vazias e tubos de KY espremidos até o final, tão secos quanto osso moído sob o sol da manhã.

— Minha mobília. — O rosto do comandante se incandesceu como metal sob o clarão da urgência. Seu olhar ficou vidrado. Uma lufada de ar puro vagueou pelo recinto. Em um dos cantos da sala, a “*novia*” cobriu de queixumes suas velas e seus altares.

— Trak⁴ e nada mais... moderna, excelente... — babando, meneia a cabeça como um idiota. Um gato amarelo puxa a perna da calça de Carl e corre até uma sacada de concreto. Nuvens passam, desgarradas.

— Posso reaver meu depósito. Depois abro um negócio qualquer, uma coisa bem simples. — Sorrindo, sacode a cabeça como um boneco de corda.

— Joselito!!! — Meninos esquecem o futebol de rua, as touradas e as corridas de bicicleta quando o nome passa por eles zunindo, até que, lentamente, se esvai.

— Joselito!... Paco!... Pepe!... Enrique!... — As lamúrias do menino vagueiam pela noite cálida. Como uma criatura da noite, o letreiro da Trak desperta e explode sua chama azul.

1 Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

2 Marcha religiosa tornada célebre pelas bandas do Exército de Salvação. Uma paródia dessa canção, ironizando seu estímulo à passividade diante do sofrimento, tornou-se uma espécie de hino de protesto do movimento sindical americano no início do século xx.

3 Canção do poeta escocês Robert Burns (1759-96), escrita em *scots*, o dialeto nacional da Escócia. Popular em países de língua inglesa, inspirou o título da obra mais conhecida do americano J. D. Salinger, *The Catcher in the Rye* [*O apanhador no campo de centeio*].

4 Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

A Carne Negra

— Amigos, né?

Envergando seu sorriso maroto, o pequeno engraxate olhou para cima e encarou os olhos mortos, frios e submarinos do Marujo, olhos sem traço algum de afeto, luxúria, ódio ou qualquer sentimento que o menino já tivesse experimentado por si mesmo ou visto em outro alguém, ao mesmo tempo frios e intensos, impessoais e predatórios.

O Marujo inclinou-se para a frente e encostou um dedo na dobra do cotovelo do menino. Falou com seu sussurro morto de junky.

— Se tivesse veias como essas, rapazinho, eu me divertiria de montão.

Soltou uma gargalhada de inseto negro que de alguma forma obscura parecia servir de orientação, como os guinchos de um morcego. O Marujo riu três vezes. Parou de rir e ficou imóvel, atento a algo dentro de si mesmo. Sintonizara a frequência silenciosa da junk. Seu rosto tornou-se maleável, como se o que recobrisse seus molares proeminentes fosse cera amarela. Fumou meio cigarro, esperando. O Marujo sabia esperar. Seus olhos, porém, ardiam com a fome seca e abominável. Em lenta

revolução, girou seu rosto de urgência controlada e examinou o homem que acabara de entrar. Terminal, o Gordo, estava sentado e esquadrihava o café com seu distante olhar de periscópio. Quando seus olhos passaram pelo Marujo, meneou a cabeça de forma quase imperceptível. Somente nervos expostos pela abstinência de junk registrariam aquele movimento.

O Marujo estendeu uma moeda ao menino. Seu caminhar flutuante o levou até a mesa do Gordo, onde tomou assento. Ficaram um bom tempo sentados em silêncio. O café fora construído em um dos lados de uma rampa de pedra no sopé de um branco despenhadeiro de alvenaria. Silenciosos como peixes, rostos da Cidade escoavam para dentro, maculados por vícios desprezíveis e luxúrias de inseto. Iluminado, o café era como um sino de mergulhador com o cabo rompido, afundando nas mais negras profundezas.

O Marujo polia as unhas na lapela de seu terno xadrez esverdeado. Assobiou uma musiquinha por entre o brilho de seus dentes amarelados.

Quando ele se movia, um eflúvio bolorento abandonava suas roupas, um odor mofado de vestiários desertos. Examinava suas unhas com intensidade fosforescente.

— Tem coisa boa por aqui, Gordo. Consigo vinte. Claro que preciso de um adiantamento.

— Sem garantia?

— Ora, claro que não tenho vinte ovos no bolso. Mas pode acreditar, é papa-fina. Vou e volto. — O Marujo olhou para as unhas como se estudasse uma carta marítima. — Você sabe que pode confiar em mim.

— Trinta, então. Com dez tubos adiantados. Amanhã, a essa mesma hora.

— Estou precisando de um tubo agora mesmo, Gordo.

— Dá uma volta que você arruma.

Vagaroso, o Marujo caminhou até a praça. Um menino de rua meteu um jornal diante do rosto dele, encobrindo a caneta que manuseava com a outra mão. O Marujo seguiu caminhando. Sacou a caneta. Com ajuda de seus dedos grossos, fibrosos e rosados, partiu-a como uma noz e retirou dela um tubo de chumbo. Cortou uma das extremidades do tubo com uma faquinha recurvada. Uma névoa negra jorrou para fora do tubo e, ainda que espessa, esvoaçou pelo ar. O rosto do Marujo se dissolveu. Sua boca começou a espichar, ondulante, até assumir a forma de um tubo comprido e sugar aquela penugem negra, vibrando em peristalses supersônicas e desaparecendo com uma explosão rósea e sem ruído. Suas feições voltaram a entrar em foco, com clareza e nitidez intoleráveis, o ferro de marcar ardente e amarelado da junk chamuscando as ancas pálidas de um milhão de junkies esgoelantes.

— Essa vai durar um mês — resolveu, consultando um espelho invisível.

Na Cidade, todas as ruas são ladeiras que descem por entre despenhadeiros cada vez mais profundos até chegar a uma imensa praça em forma de rim, tomada pela escuridão. Nas ruas e nas praças, os muros parecem uma peneira de cubículos habitacionais e cafés, alguns com poucos metros de profundidade, outros que se estendem até perder de vista por uma vasta rede de cômodos e corredores.

Por todos os níveis se encontra um emaranhado de pontes, passarelas e teleféricos. Rapazes catatônicos vestidos de mulher, com túnicas de aniagem e trapos puídos, rostos com maquiagens pesadas e toscas formando uma camada de cores berrantes a cobrir seus hematomas, arabescos de cicatrizes irregulares e purulentas contra o branco dos ossos, esbarram nos passantes com terrível insistência silenciosa.

Em redutos camuflados da praça, visíveis apenas aos Comedores de Carne, crustáceos paralisados são expostos por traficantes da Carne Negra obtida da imensa centopeia aquática — chega a atingir quase dois metros de comprimento — que pode ser encontrada em meio aos rochedos negros e nas iridescentes lagoas pardacentas.

Adeptos de inimagináveis ofícios obsoletos que escrevinham em etrusco, viciados em drogas ainda não sintetizadas, negociantes do mercado negro da Terceira Guerra Mundial, extirpadores de sensibilidade telepática, osteopatas do espírito, investigadores de infrações denunciadas por enxadristas levemente paranoicos, oficiais de justiça em posse de mandados fragmentários redigidos em caligrafia hebefrênica com acusações de mutilações indizíveis do espírito, funcionários de estados policiais não constituídos, corretores de refinados sonhos e nostalgias testados nas células sensibilizadas da abstinência de junk e trocados em escambo pela matéria-prima da vontade, bebedores de Fluido Pesado lacrados no translúcido âmbar dos sonhos.

O Café Encontro ocupa um dos lados da praça, um labirinto de cozinhas, restaurantes, cubículos para

dormir, perigosas sacadas de ferro e porões que levam às casas de banho subterrâneas.

Sentados nus em banquetas forradas de cetim branco estão os Entrepelados, sugando xaropes coloridos e translúcidos por canudos de alabastro. Entrepelados não possuem fígado e toda a sua nutrição é baseada em doces. Lábios finos e violáceos recobrem um afiadíssimo bico de osso negro, que usam com frequência para retalhar uns aos outros em suas brigas por clientes. Tais criaturas secretam de seus pênis eretos um fluido que prolonga a vida ao desacelerar o metabolismo, mas causa dependência. (Aliás, todos os agentes de longevidade se mostraram causadores de dependência na razão direta de sua eficácia em prolongar a vida.) Dependentes do fluido do Entrepelado são conhecidos como Répteis. Uma série deles desliza por sobre as cadeiras, com seus ossos flexíveis e sua carne rósea-negra. Por trás de suas orelhas brota um abano de cartilagem verde, coberto por pelos ocos e eréteis que os Répteis utilizam para absorver o fluido. Os abanos, que de quando em quando agitam-se como que tocados por correntes invisíveis, também facilitam uma forma de comunicação conhecida apenas pelos Répteis.

Durante os Pânicos bienais, quando a Polícia Onírica em carne viva toma a Cidade de assalto, os Entrepelados refugiam-se nas fendas mais profundas dos muros, encerrando-se no interior de cubículos de argila e permanecendo em biostase por semanas a fio. Nesses dias de horror cinzento, os velozes Répteis zanzam de lá para cá aos berros, ultrapassando uns aos outros em velocidade supersônica, seu crânio flexível oscilando nos ventos negros da agonia invertebrada.

Até a Polícia Onírica desintegrar-se em coágulos de ectoplasma putrefato, varridos longe por um velho junky que tosse e escarra em meio à aurora nauseada. Assim que o Traficante Entrepelado desponta com seus jarros de alabastro cheios de fluido, os Répteis finalmente se acalmam.

O ar volta a ficar parado e límpido como glicerina.

O Marujo avistou seu Réptil. Chegou mais perto e pediu um xarope verde. O Réptil tinha uma boquinha redonda, de cartilagem marrom, olhos verdes e inexpressivos cobertos por uma delicada membrana à guisa de pálpebra. O Marujo esperou durante uma hora, até a criatura tomar conhecimento de sua presença.

— Tem ovos pro Gordo? — perguntou então, e suas palavras agitaram os pelos do abano do Réptil.

Duas horas se passaram até o Réptil erguer três dedos róseos e transparentes cobertos de penugem negra.

Enfraquecidos demais para se mover, diversos Comedores de Carne jaziam sobre o próprio vômito. (Carne Negra é como um queijo rançoso, tão saborosíssima e enjoativa que seus apreciadores comem, vomitam e voltam a comer até desabar de exaustão.)

Um jovem maquiado serpenteou para dentro do café e apanhou uma das imensas garras negras, espalhando ondas de seu cheiro adocicado e enjoativo.

Hospital

Departamento Maçante: Agente Willy sendo tratado no Hospital de Hassan... O cemitério vizinho ao Hospital de Hassan... Cremações no pátio... Na sala de espera e nos corredores, carpideiras profissionais abordam os parentes...

Notas da desintoxicação.

Paranoia do início da abstinência... Tudo parece azul... Carne morta, pastosa, descorada.

Pesadelos da abstinência.

Um café forrado de espelhos. Vazio... À espera de algo... Surge um homem na porta lateral... Um árabe baixo e franzino, vestido com uma *djellaba* azul, barba grisalha, rosto grisalho... Seguro uma vasilha com ácido fervente... Tomado pela convulsão da urgência, jogo o ácido sobre seu rosto...

Todos parecem viciados em drogas...

Dou uma voltinha pelo pátio do hospital... Alguém usou minha tesoura durante minha ausência, agora está suja de alguma coisa grudenta e ferruginosa... Aposto que foi

a *criada*, aquela putinha deve ter aparado seus trapos menstruosos.

Europeus de aparência repulsiva atravancam as escadas, interceptam a enfermeira quando preciso de meus remédios, derramam mijo na bacia quando estou me lavando, ocupam o banheiro por horas sem fim — provavelmente tentando catar a dedeira recheada de diamantes que esconderam no cu...

O fato é que o clã de europeus instalou-se inteiro bem aqui ao meu lado... Como a mãe idosa vai sofrer uma cirurgia, sua filha apareceu para assistir à puta velha recebendo o que merece. Estranhos visitantes, imagina-se que parentes... Um deles usa no lugar dos óculos aqueles dispositivos que os joalheiros colocam para examinar gemas preciosas... Aposto que é um lapidador na rua da amargura... Talvez o homem que arruinou o diamante Throckmorton e foi escorraçado do ramo... Todos aqueles joalheiros de sobrecasaca reunidos em torno do diamante, esperando a chegada do Cara. Como qualquer ínfimo erro de cálculo de frações de milímetros arruinaria a gema por completo, foi preciso importar um sujeito de Amsterdam somente para realizar esse trabalho... Surge cambaleante, podre de bêbado, e reduz o diamante a pó com seu imenso martelo pneumático...

Não reconheço esses cidadãos... São vendedores de drogas de Aleppo?... Traficantes de gorados de Buenos Aires? Compradores de diamantes ilegais de Joanesburgo?... Mercadores de escravos da Somalilândia? No mínimo são colaboracionistas...

Sucessivos sonhos opiáceos: procuro uma plantação de papoulas... Destiladores clandestinos com chapéus pretos de caubói indicam-me o caminho de um café no

Oriente Próximo... Um dos garçons é um canal de ópio iugoslavo...

Compro um pacote de heroína de uma lésbica da Malásia vestida com um impermeável de cinto branco... Afano o papelote na ala tibetana de um museu. Ela tenta de tudo para roubá-lo de volta... Procuro um canto para me aplicar...

O ponto crítico da abstinência não é a fase inicial, de enjoo agudo, mas o último passo na tentativa de se libertar da junk... É um interlúdio pesadelesco de pânico celular, quando a vida fica em suspenso entre dois estados do ser... Nessa altura o desejo pela junk se concentra em uma última fissura devastadora e parece ganhar um poder onírico: as circunstâncias colocam a junk em seu caminho... Você encontra um drogado veterano, um atendente hospitalar desonesto, um charlatão que distribui receitas a torto e a direito...

Uma sentinela fardada com um uniforme de pele humana, casaco negro e lustroso com botões de dentes amarelos e cariados, camisa elástica de reluzente morenice indiana, calças largas de bronzeado nórdico adolescente, sandálias feitas com as solas dos pés cheias de calos de um jovem agricultor malaio, um xale cinza-pardo envolto no pescoço e enfiado na camisa. (Cinza-pardo seria o tom obtido se fosse possível espalhar cinzas *sob* uma pele morena. É por vezes encontrado em mestiços de negro e branco; quando a mescla não é muito bem-sucedida, as cores separam-se como óleo e água...)

Como não tem nada para fazer, a Sentinela veste-se bem e economiza todo o seu soldo para comprar peças refinadas, trocando de roupa três vezes ao dia em frente a um gigantesco espelho de aumento. Seu rosto liso traz certa beleza latina, com um bigode tão fino que parece feito a lápis, e olhos negros e diminutos, inexpressivos e vorazes, olhos de inseto incapaz de sonhar.

Assim que me aproximo da fronteira, a Sentinela sai correndo de sua *casita* com um espelho emoldurado em madeira dependurado no pescoço. Está tentando tirar o espelho do pescoço... Isso nunca aconteceu antes, é a primeira vez que alguém surge na fronteira... A Sentinela machucou sua laringe tirando a moldura do espelho. Ela perdeu a voz... Abre a boca, que revela em seu interior a língua saltando. É uma visão horrenda: o rosto inexpressivo, liso e juvenil, a boca escancarada com a língua inquieta. A Sentinela ergue uma das mãos. Seu corpo está inteiramente sob domínio de uma negação convulsiva. Avanço e desengancho a corrente que bloqueia a estrada. Desaba com um clangor de metal contra pedra. Sigo adiante. A Sentinela fica parada em meio às brumas, tentando me enxergar. Então volta a engancha a corrente, retorna para a *casita* e começa a arrancar pelos do bigode com uma pinça.

Acabam de me trazer o suposto almoço... Um ovo cozido e sem casca, que se revela um objeto totalmente inédito aos meus olhos... Um ovinho minúsculo, amarelo-pardacento... Talvez seja de ornitorrinco. No interior da laranja encontrei um verme enorme e pouca coisa mais... Como ele chegou primeiro, levou a melhor... No Egito

existe um verme que se infiltra nos rins, onde cresce até ficar enorme. Com o passar do tempo, o rim torna-se pouco mais que uma casca delgada ao redor do verme. Gourmets intrépidos apreciam a carne desse verme acima de qualquer outro acepipe. Afirmam ser impossível descrever o quanto é saboroso... Um legista da Interzona, chamado Ahmed Autópsia, fez fortuna negociando o Verme no mercado negro.

Basta olhar pela janela para observar a escola francesa e admirar os meninos com meus binóculos de óctuplo alcance... Ficam tão próximos que parece que me basta esticar a mão para conseguir tocá-los... Usam calções... Enxergo a pele arrepiada de suas pernas no frio da manhã de primavera... Através do binóculo eu me projeto e atravesso a rua, um espectro sob o sol da manhã, destroçado por luxúria incorpórea.

Quando encontrei o Marv na frente do Sargaço acompanhado de dois garotos árabes ele quis saber:

— Quer ver esses garotos trepando?

— Claro. Quanto?

— Acho que eles topam qualquer coisa por cinquenta centavos. Sabe como é a fome.

— É assim mesmo que eu gosto.

Aquilo faz com que eu me sinta um velho safado, mas *son cosas de la vida*, como disse Sobera de La Flor quando precisou ouvir um sermão dos policiais por ter matado uma puta, levado o corpo até o motel Bar O e trepado com a defunta...

— Ela tava bancando a difícil — declarou. — Num tenho que guentar choradeira. (Sobera de La Flor foi um criminoso mexicano condenado por diversos assassinatos desprovidos de sentido.)

O banheiro ficou trancado por três horas inteirinhas... Acho que estão usando o lugar como sala de cirurgia...

ENFERMEIRA: — Não consigo encontrar o pulso, doutor.

DR. BENWAY: — Talvez ela tenha escondido em uma dedeira e enfiado na racha.

ENFERMEIRA: — Adrenalina, doutor?

DR. BENWAY: — O porteiro noturno roubou todo o nosso estoque para se aplicar. — Olha ao seu redor e apanha um desentupidor de borracha com cabo de madeira, do tipo usado para desobstruir privadas... Aproxima-se da paciente... — Faça uma incisão, dr. Limpf — ordena a seu estarecido assistente. — Resolvi fazer uma massagem cardíaca.

O dr. Limpf dá de ombros e começa a incisão. O dr. Benway lava o desentupidor rodopiando sua ventosa no interior da privada...

ENFERMEIRA: — Não seria o caso de esterilizar, doutor?

DR. BENWAY: — Aposto que sim, mas não temos tempo. — Senta sobre a ventosa, como se usasse um banquinho, e observa seu assistente fazendo a incisão. — Esses médicos novatos são incapazes de lancetar um furúnculo sem ajuda de um bisturi elétrico e vibratório, com dreno e sutura automáticos... Vamos acabar fazendo cirurgias por controle remoto, em pacientes que nunca encontraremos pessoalmente... Não seremos mais que apertadores de botões. Cada vez mais a habilidade cirúrgica se torna desnecessária... Saber como fazer, o modo correto... Já contei da vez em que realizei uma apendicectomia com uma lata de sardinhas enferrujada? Outra vez fui pego de surpresa, sem instrumento algum,

e ainda assim removi um tumor uterino usando os dentes. Isso foi lá no alto Effendi, e além do mais...

DR. LIMPF: — A incisão está pronta, doutor.

O dr. Benway aplica a ventosa do desentupidor sobre a incisão e começa a bombear. O sangue esguicha sobre os médicos, a enfermeira e as paredes... O ruído de sucção produzido pela ventosa é tenebroso.

ENFERMEIRA: — Creio que ela faleceu, doutor.

DR. BENWAY: — Bem, são os ossos do ofício. — Cruza a sala na direção de um armário de remédios. — Algum viciado filho de uma puta misturou desinfetante na minha cocaína! Enfermeira! Mande alguém aviar esta receita agora mesmo!

O dr. Benway opera em um auditório cheio de estudantes.

— Meninos, saibam que vocês não terão chance de assistir a esta cirurgia sendo realizada com muita frequência, e existe um motivo para isso... Vejam bem, para a medicina isto não tem valor algum. Ninguém sabe qual era o propósito original deste procedimento, e nem ao menos se havia algum propósito. Pessoalmente, acredito que se tratou desde sempre de pura criação artística. Assim como um toureiro faz uso de sua habilidade e experiência para se livrar de perigos provocados por ele mesmo, neste procedimento o cirurgião arrisca a vida de seu paciente de forma deliberada para em seguida, com rapidez e destreza assombrosas, resgatá-lo das garras da morte na última fração de segundo...

“Algum de vocês assistiu a alguma apresentação do dr. Tetrazzini? Falo em ‘apresentação’ porque suas cirurgias eram nada menos que espetáculos. Começava

arremessando um bisturi que varava a sala até cravar-se no paciente. Em seguida, fazia sua entrada com passos de balé. Sua velocidade era incrível: ‘Não dou tempo para que morram’, afirmava. Tumores o deixavam possesso. ‘Células indisciplinadas de merda’, rosnava, avançando sobre o tumor com a determinação de um esgrimista.”

De repente um jovem pula até o palco da operação e avança sobre o paciente com um bisturi na mão.

DR. BENWAY: — Um *espontâneo*! Detenham-no antes que destripe meu paciente!

(“Espontâneo” é um termo de touradas aplicado ao espectador que pula na arena, saca uma capa que traz escondida e tenta tourear o animal antes de ser arrastado para fora de cena.)

Os auxiliares digladiam-se com o *espontâneo* até conseguir colocá-lo para fora do auditório. Aproveitando-se da situação, o anestesista subtrai uma enorme obturação de ouro da boca do paciente...

Passo pelo quarto 10, de onde fui removido ontem... Imagino que tenha sido um caso de maternidade... Comadres cheias de sangue e absorventes e substâncias femininas desprovidas de nome em volume suficiente para poluir um continente inteiro... Se alguém aparecer em meu antigo quarto para me visitar pensará que pari um monstro e que o Departamento de Estado está tentando acobertar o caso...

Música. “I Am an American.”* Um homem idoso de calças listradas e ares de diplomata ascende a uma plataforma envolto na bandeira americana. Um tenor

decadente, usando espartilhos — suas carnes explodem para fora de um figurino em estilo Daniel Boone — canta “The Star-Spangled Banner”** acompanhado por uma orquestra completa. Ceceia levemente...

O DIPLOMATA (lendo um rolo imenso de fita telegráfica que nunca para de crescer e emaranhar-se ao redor de seus pés): — E negamos categoricamente que algum cidadão dos Estados Unidos da América pertencente ao sexo masculino...

TENOR: — *Oh thay can you thee...* — Sua voz falha e torna-se um falsete.

Na sala de controle, o Técnico prepara bicarbonato de sódio e cobre um arrote com a mão:

— Esse tenor desgraçado não passa de uma falcatrua! — resmunga, amargo. — Mike! Ärp! — O grito termina com um arrote. — Cartão vermelho pra essa boneca peidorreira, tira ela do ar! Tira essa bicha do ar agora mesmo... Coloca no lugar aquela atleta que trocou de sexo, a tal de Liz... Ela pelo menos é tenor profissional... *Figurino?* Mas que porra é essa? Por acaso sou uma boneca estilista do setor de figurino? *Como é que é?* Fecharam o setor de figurino por motivos de segurança? Estão achando que sou o quê, um polvo? Vamos ver... Que tal um clima indígena? Pocahontas ou sei lá, Hiawatha?... Não, isso não vai dar certo. Algum cidadão vai acabar bancando o espertinho e dizendo que precisamos devolver tudo para os índios... Que tal um uniforme da Guerra Civil, o casaco do Norte com as calças do Sul, mostrando que no final da história acabaram reunidos? Ela pode entrar vestida de Buffalo Bill ou de Paul Revere, caso contrário aquele cidadão não vai calar a bosta, digo, a boca... Ou talvez fardada de

infante ou artilheiro ou Soldado Desconhecido... É a melhor saída... Coloque um monumento por cima dela, assim ninguém vai ficar olhando...

Oculto no interior de um Arco do Triunfo de papel machê, a Lésbica infla seus grandiosos pulmões e liberta a voz com estrondo.

— *Oh say do that Star-Spangled Banner yet wave...*

Um rasgo enorme abre o Arco do Triunfo de cima a baixo. O Diplomata coloca a mão sobre a fronte...

O DIPLOMATA: — Que algum cidadão dos Estados Unidos da América pertencente ao sexo masculino tenha parido, na Interzona ou em qualquer outro lugar...

— *O'er the land of the FREEEEEEEEEEEE...*

Mesmo que a boca do Diplomata continue se movendo, ninguém mais consegue escutar o que ele diz. O Técnico tapa os ouvidos com as mãos: — Santa Mãe de Deus! — berra. Sua ponte começa a vibrar como um berimbau de boca e de repente escapa voando dela... Irritado, estende a mão para agarrá-la, mas falha e cobre a boca com uma das mãos.

O Arco do Triunfo desmorona com estrépito, completamente despedaçado, revelando um pedestal sobre o qual está a Lésbica, vestindo somente um suporte atlético tigrado com um enchimento gigantesco na parte da frente... Com um sorriso estúpido no rosto, flexiona seus músculos imensos... Rastejando pelo assoalho da sala de controle em busca de sua ponte, o Técnico grita ordens ininteligíveis:

— Efe negócio é fuperfônico! Fira ifo fo ar!

O DIPLOMATA (enxugando o suor da fronte): — Qualquer tipo de criatura de qualquer espécie ou descrição...

— *And the home of the brave.*

O rosto do Diplomata perdeu a cor. Ele cambaleia, tropeça no rolo e desaba sobre a balaustrada com sangue escorrendo de seus olhos, nariz e boca, e acaba morrendo de hemorragia cerebral.

O DIPLOMATA (quase inaudível): — O Departamento nega... Antiamericano... Foi destruído... Quer dizer, isso nunca... Categor...

Morre.

Na Sala de Controle, os painéis começam a explodir... Fortes descargas elétricas crepitam por todo o ambiente... Com o corpo nu e esturricado, o Técnico cambaleia como um figurante do *Götterdämmerung*, gritando:

— Fuperfônico!! Fira fo ar!!

Uma última descarga reduz o Técnico a um monte de cinzas.

*Gave proof through the night
That our flag was still there...*

Notas do vício.

Aplico-me Eucodal a cada duas horas. Há um ponto onde consigo enfiar a agulha direto na veia, que fica aberta como uma boca vermelha e purulenta, inchada e obscena... uma gota de sangue e pus forma-se lentamente depois de cada injeção...

Eucodal é uma variação química da codeína — oxycodona.

Quando esse negócio bate, mais parece cocaína que morfina... Quando você aplica cocaína na veia ela corre direto para o cérebro, ativando sinapses de puro prazer... Dez minutos depois você quer outra dose... Por sua vez,

o prazer da morfina é visceral... Depois de uma dose, você começa a escutar seu próprio corpo... Mas cocaína intravenosa é como eletricidade correndo pelo cérebro, ativando as sinapses de prazer da cocaína... Com ela não existe síndrome de abstinência. É uma fissura puramente cerebral — uma fissura desprovida de corpo e emoção —, a fissura de um espectro apegado à matéria. O desejo pela cocaína dura apenas algumas horas, enquanto seus circuitos permanecem estimulados. Depois você esquece. Eucodal parece uma mistura de junk com cocaína. Ninguém supera a capacidade dos alemães de inventar coisas realmente malignas. Assim como a morfina, o Eucodal é seis vezes mais forte que a codeína, enquanto a heroína é seis vezes mais forte que a morfina. Em tese, a di-hidroxi-heroína seria seis vezes mais forte que a heroína. É perfeitamente factível sintetizar uma droga com tamanho poder de dependência, e bastaria usá-la somente uma vez para ficar viciado para sempre.

Notas do vício, continuação.

Quando pego a agulha, minha mão esquerda procura automaticamente o cordão que uso como garrote. Encaro como um sinal de que posso me aplicar na única veia decente que ainda resta em meu braço esquerdo. (Os movimentos de amarrar o garrote são tais que você normalmente amarra o mesmo braço que usa para apanhar o cordão.) A agulha desliza para dentro sem dificuldade, perto de um calo. Apalpo ao redor. Uma esbelta coluna de sangue irrompe de súbito para dentro da seringa, permanecendo por algum tempo nítida e sólida como um cordão vermelho.

O corpo sabe quais são as veias que você pode usar, e demonstra esse conhecimento através de movimentos involuntários quando você está prestes a se aplicar... Às vezes a agulha aponta para baixo, como uma varinha de rabadomante. Às vezes é preciso esperar pela mensagem. Mas quando ela chega é sangue sem erro.

Uma orquídea vermelha brotou no fundo do conta-gotas. Ele hesitou por um segundo e comprimiu a borracha. Observou o líquido escapando para dentro da veia, como que sugado pela avidez silenciosa de seu sangue. Restou apenas uma camada fina e iridescente de sangue no conta-gotas e o colarinho de papel ensopado de sangue, como se fosse um curativo. Estendeu a mão e encheu de água o conta-gotas. Quando esguichou a água, a dose acertou seu estômago em cheio, um impacto doce e delicado.

Olho para minhas calças imundas, há meses não troco de roupa... Os dias passam voando, atados a uma seringa com um longo fio de sangue... Esqueço sexo e todos os outros prazeres intensos do corpo — sou um espectro desbotado, apegado à junk. Os meninos espanhóis me chamam de *El Hombre Invisible* — o Homem Invisível...

Vinte flexões toda manhã. Usar junk acaba com a gordura do corpo, mas deixa os músculos relativamente intactos. É como se o dependente precisasse de menos tecidos... Seria possível isolar essa molécula que elimina a gordura?

Na farmácia a estática aumenta cada vez mais, qualquer murmúrio é imperativo como um telefone fora do gancho... Esperei o dia todo até conseguir duas caixas de Eucodal às seis da tarde...

Veias acabando, dinheiro acabando.

Continuo chapado. Ontem à noite acordei quando alguém apertou minha mão. Era minha outra mão... Caí no sono durante a leitura e as palavras transformaram-se em códigos... Obsessão por códigos... O ser humano contrai uma série de doenças que transmitem uma mensagem em código...

Aplico uma dose na frente de D. L. Procurando uma veia em meio à imundície do meu pé descalço... Junkies não têm pudor... São imunes à repugnância alheia. Não acredito que o pudor sobreviva na ausência de libido sexual... No junky, o pudor desaparece com sua sociabilidade assexual, que também é dependente da libido... O viciado lida de forma impessoal com seu corpo, que para si não é mais que um instrumento para absorver o meio em que vive... Avalia seus próprios tecidos com as mãos frias de um negociante de cavalos. "Aqui não adianta injetar." Olhos de peixe morto pestanejam sobre uma veia destrocada.

Ando usando um novo tipo de remédio para dormir, chamado Soneryl... Você não fica sonolento... Cai direto no sono, sem transição alguma, e vai parar bem no meio de um sonho... Estive em um campo de prisioneiros por muitos anos, fiquei desnutrido...

O Presidente é um junky, mas a natureza de seu cargo impede qualquer consumo direto. É por isso que ele me

usa para se drogar... De tempos em tempos entramos em contato e eu recarrego suas baterias... Para um observador casual, tais contatos parecem práticas homossexuais... Mas nossa excitação tem outra origem, não é meramente sexual, e o clímax é alcançado assim que nos separamos depois que se completa a recarga. Basta colocar os pênis eretos em contato — pelo menos era o método que usávamos no início, mas assim como as veias, os pontos de contato também se desgastam. Agora eu geralmente preciso enfiar meu pênis por debaixo de sua pálpebra esquerda. É evidente que sempre tenho como lhe arranjar uma Recarga Osmótica, que corresponde a uma injeção subcutânea, mas isso seria uma admissão de derrota. Uma R. O. deixaria o Presidente de mau humor por semanas a fio e poderia até causar uma carnificina atômica. E o Presidente paga um preço alto por sua Dependência Oblíqua. Sacrificou todo e qualquer controle, tornando-se tão indefeso quanto um bebê dentro do útero. O Dependente Oblíquo padece de todo um espectro de horrores subjetivos, silenciosos frenesis protoplásmicos, tenebrosas agonias ósseas. Tensões vão se acumulando até que energia pura desprovida de conteúdo emocional abre caminho por seu corpo, que chacoalha como se tivesse encostado em cabos de alta tensão. Caso alguma coisa interrompa sua conexão e impeça a recarga, o Dependente Oblíquo é acometido por convulsões elétricas tão violentas que seus ossos se desconjuntam, morrendo quando seu esqueleto luta para deixar a prisão intolerável da carne e sair correndo na direção do cemitério mais próximo.

A relação entre um D. O. (Dependente Oblíquo) e sua C. R. (Conexão de Recarga) é tão intensa que ambos só

conseguem tolerar a própria companhia por intervalos breves e pouco frequentes — descontados os encontros de recarga, que fique claro, quando toda espécie de contato pessoal acaba eclipsada pelo processo.

Leio o jornal... Algo a respeito de um triplo assassinato ocorrido na Rue de la Merde, em Paris: “Um acerto de contas...”. Continuo disperso... “A polícia identificou o culpado... Pepe El Culito... O Cuzinho, um diminutivo carinhoso.” É isso mesmo que está escrito?... Tento me concentrar nas palavras... elas se desmembram em um mosaico sem sentido...

* Canção patriótica composta em 1940 por Paul Cunningham, Ira Schuster e Leonard Whitcup. Em tradução livre, a primeira estrofe diz: “Na rua, em casa/ Na multidão ou sozinho/ Grite! Onde quer que você esteja/ Eu sou um americano/ Eu sou, do fundo do meu coração”.

** “Pendão cravejado de estrelas”, o hino dos Estados Unidos.

Lázaro, volte para casa

Remexendo fitas gastas na estação transmissora

da fronteira, uma região lânguida e acinzentada, um hiato de miasmas tomado por bocejos boquiabertos, Lee descobriu que o jovem junky parado à sua frente em seu quarto às dez da manhã voltava de uma temporada de dois meses na Córsega, onde mergulhou e ficou longe da junk...

Veio exhibir seu novo corpo, pensou Lee, sofrendo tremores de enjoo narcótico matinal. Sabia que estava enxergando — ah, sim, *Miguel*, obrigado — uma coisa ocorrida havia três meses, quando estava totalmente chapado, sentado no Metropole em frente a uma bomba de creme amarela e azeda que duas horas mais tarde mataria um gato por envenenamento, certo de que o esforço exigido para encontrar-se com Miguel às dez da manhã já configurava incômodo suficiente para ainda ter de encarar a tarefa intolerável de corrigir mais um de seus enganos (“Mas que porra é essa, uma granja?”), coisa que certamente perpetuaria a imagem corrente de Miguel em diversas regiões como a de um objeto enorme e inconveniente que não cabe em mala alguma.

— Você está maravilhoso — disse Lee, usando um guardanapo sujo e comum para limpar os sinais mais óbvios de repulsa, contemplando a gosma cinzenta da junk no rosto de Miguel, estudando certos padrões de desleixo que davam a impressão de que homem e roupas tinham passado anos cruzando a sordidez das vielas do tempo, sem nunca ter tido chance de entrar em alguma estação espacial para tomar um banho e trocar de roupas...

Além disso, quando eu finalmente conseguir que o engano seja corrigido... Lázaro, volte para casa... Pague o Cara e volte para casa... Por que diabos eu me interessaria em ver sua velha carne alheia?

— Ora é muito bom saber que você largou... Fez um favor a si mesmo. — Miguel nadava pelo recinto arpoando peixes com a mão...

— Quando você está no fundo do mar, nunca pensa em heroína.

— É bem melhor ficar longe dela — disse Lee, distraído e acariciando uma cicatriz de agulha no dorso da mão de Miguel, acompanhando com lentos beliscões as espirais e os padrões da carne macia e arroxeadada...

Miguel coçou o dorso da mão... Olhou pela janela... Seu corpo estremecia em breves solavancos elétricos à medida que os circuitos da junk se acendiam... Lee permaneceu sentado, esperando. — Uma cafungada nunca fez ninguém recair, rapaz.

— Sei o que estou fazendo.

Sempre sabem.

Miguel pegou a lixa de unha.

Lee fechou os olhos: *É cansativo demais.*

— Hã, valeu, foi ótimo. — As calças de Miguel escorreram até os tornozelos. Permaneceu ali, um disforme sobretudo de carne que a luz da manhã foi tornando pardo, verde e incolor até começar a se desfazer, enchendo o assoalho de glóbulos.

Lee moveu os olhos até a matéria de seu rosto... apagava e acendia em piscadelas frias e acinzentadas...

— Limpe isso — ordenou. — Este lugar já está sujo demais.

— Ah-hã, claro. — Miguel remexeu uma pá de lixo.

Lee afastou o pacote de heroína.

Lee costumava largar a droga depois de três dias de uso, mas obviamente concedia-se algumas, hã, tréguas essenciais para realimentar as chamas que ardiam através de sua matéria gelatinosa e amarelo-rósea-parda, impedindo o advento da nova carne. De início sua carne era apenas tenra, tão tenra que chegou a ser retalhada até chegar aos ossos por partículas de poeira, correntes de ar e roçar de sobretudos... Ainda assim o contato direto com portas e cadeiras não parecia acarretar desconforto algum. Nenhuma ferida cicatrizava em sua carne tenra e hesitante... Fungos esbranquiçados enrolavam seus brotos de tentáculos ao redor dos ossos expostos. Odores bolorentos de testículos atrofiados agasalhavam seu corpo com uma nevoa acinzentada e indistinta...

Durante sua primeira infecção grave o termômetro ferveu e lançou um projétil de mercúrio que atravessou o cérebro da enfermeira... Caiu morta com um grito lancinante. Depois de um rápido exame, o médico baixou as cortinas metálicas de segurança. Exigiu que tanto o

leito em chamas quanto seu ocupante fossem retirados imediatamente das dependências do hospital.

— Acho que ele consegue produzir sua própria penicilina! — rosnou o médico.

Mas a infecção consumiu todo o bolor... Lee existia em graus variáveis de transparência... Embora não fosse invisível, era ao menos difícil de enxergar. Sua presença não atraía muita atenção... Era encoberto pelas projeções alheias ou desconsiderado como se não passasse de um reflexo, uma sombra: “É algum tipo de truque de iluminação, talvez um anúncio de néon”.

Foi quando Lee sentiu os primeiros abalos sísmicos de sua Amiga Fiel, a Queimadura Fria. Empurrou o espírito de Miguel até o corredor com um golpe de tentáculo gentil, mas firme.

— Santo Deus! — disse Miguel. — Preciso ir. — Saiu correndo.

Chamas róseas de histamina esguicharam do núcleo incandescente de Lee e cobriram a carne viva de sua zona periférica. (O recinto era à prova de fogo, com paredes de ferro cobertas de bolhas e coalhadas de crateras lunares.) Aplicou uma dose imensa e falsificou seu cartão de ponto.

Decidiu visitar um colega, Joe Imprestável, que caíra no vício durante um surto de *bang-utot* em Honolulu.

(Nota: *Bang-utot*, literalmente, significa “gemendo ao tentar levantar-se”. A morte acontece no decurso de um pesadelo... A doença atinge homens provenientes do Sudeste Asiático... Em Manila registram-se anualmente por volta de doze casos de *bang-utot*.)

Geralmente as vítimas sentem que estão prestes a morrer, demonstrando temor de que seu pênis entre para

dentro do corpo e acabe com suas vidas. Algumas vezes, histéricos e aos berros, agarram o pênis e pedem ajuda para impedir que ele escape e transpasse o corpo. Ereções como as que costumam acontecer durante o sono são consideradas especialmente perigosas, por trazer consigo o risco de um acesso fatal... Um homem criou uma invenção digna de Rube Goldberg* para prevenir ereções durante o sono. Mas acabou morrendo de *bang-utot*.

Autópsias cuidadosas realizadas em vítimas de *bang-utot* não revelaram nenhuma causa orgânica para a morte. É rotina encontrar sinais de estrangulamento [causado pelo quê?]; às vezes aparecem hemorragias leves no pâncreas e nos pulmões — insuficientes para causar morte, e de origem também desconhecida. Na opinião do autor, a causa mortis deve ser alguma espécie de deslocamento da energia sexual, causando uma *ereção pulmonar* que resulta em estrangulamento... Um homem que conseguiu se recuperar da doença afirmou que “um homenzinho” sentou sobre seu peito e tentou estrangulá-lo.

[Ver artigo do dr. Nils Larsen, “O homem do sonho mortal”, publicado no *Saturday Evening Post* de 3 de dezembro de 1955. Conferir também o artigo de Erle Stanley Gardner para a revista *True*.])

Como o Imprestável vivia com medo de ter uma ereção, seu uso de junk aumentava cada vez mais. (Nota: É um fato que todos estão cansados de saber, um fato confirmado infinitas vezes, que se alguém cai no vício por causa de alguma doença ela acaba ressurgindo durante os períodos de escassez ou privação da droga [é

possível se divertir além da conta, sabia?], em uma escalada geométrica de proliferação assustadora.)

Quando um eletrodo preso em um de seus testículos brilhou por um breve instante, o Imprestável acordou com o cheiro de carne queimada e estendeu a mão em busca de uma seringa pronta para o uso. Enroscou-se em posição fetal e deslizou a agulha para dentro de sua espinha. Retirou a agulha com um breve suspiro de prazer e percebeu que Lee estava no quarto. Ondulando, uma lesma comprida saiu do olho direito de Lee e com seu rastro de gosma iridescente escreveu na parede: “O Marujo está na Cidade ganhando TEMPO”.

Estou esperando em frente à farmácia, que abre às nove. Dois meninos árabes rolam latões de lixo até um muro caiado onde há uma porta de madeira alta e pesada. Na superfície da porta, poeira com listras de urina. Um dos meninos se inclina enquanto rola os latões pesados, empinando a bunda jovem e esbelta que recheia suas calças justas. Quando me enxerga, seu olhar é neutro e calmo como o de um animal. Acordo sobressaltado, como se o menino fosse real e eu tivesse perdido um encontro marcado com ele para aquela tarde.

— Esperamos que compensações adicionais sejam providenciadas — afirma o Inspetor em entrevista ao Seu Repórter. — Caso contrário, poderíamos ter casos — o Inspetor ergue uma das pernas, em um gesto tipicamente nórdico — de mal dos mergulhadores, não é? Mas nada impede que ofereçamos as câmaras de descompressão adequadas.

O Inspetor abre a braguilha e põe-se a catar chatos, aplicando unguento de um potinho de barro. Fica muito claro que a entrevista está encerrada. — Vai ficar aí? —

indaga. — Bem, como um juiz disse para o outro: “Sê justo; caso não consigas ser justo, sê arbitrário”. Lamento não poder ser fiel às obscenidades costumeiras. — Estende a mão direita, coberta por um unguento amarelo e fedorento.

Seu Repórter avança e agarra aqueles dedos sujos com ambas as mãos:

— Foi um prazer, Inspetor, um prazer inenarrável — afirma. Então tira as luvas, enrolando-as até transformá-las em um bolinho, que atira no cesto de lixo. — E com tudo pago — sorri.

* Reuben “Rube” Goldberg (1883-1970) foi um dos maiores cartunistas americanos, ganhador do Pulitzer em 1938. Ficou célebre também por inventar dispositivos absurdos e desnecessariamente complexos que realizavam tarefas simples e inesperadas, geralmente com toques cômicos. Esses aparatos de mecânica nonsense ficaram conhecidos como “máquinas de Goldberg”.

O salão de festas de Hassan

Veludo dourado e vermelho. Um balcão rococó com fundo de madrepérola rosada. Ar saturado por uma substância doce e maligna, que lembra mel estragado. Homens e mulheres vestindo trajes de noite degustam *pousse-cafés* com canudos de alabastro. Um Entrepelado do Oriente Próximo está sentado nu sobre uma banquetta forrada com seda cor-de-rosa. Sua genitália é perfeitamente formada — caralho circuncidado, pelos pubianos negros e brilhantes. Seus lábios são finos e azul-arroxeados, como os lábios de um pênis, e tem olhos ocos dotados de serenidade invertebrada. O Entrepelado não possui fígado e sua nutrição é completamente baseada em doces. Ele empurra um rapaz loiro e esbelto até um sofá e despe-o com habilidade.

— Levante-se e vire de costas — ordena por intermédio de pictogramas telepáticos. Com um cordão de seda vermelha, amarra as mãos do garoto às suas costas. — Hoje vamos até o final.

— Não, não! — grita o menino.

— Sim, sim.

Caralhos ejaculam em silenciosa anuência: “Sim”. O Entrepelado abre as cortinas de seda para revelar uma

força de madeira de teca disposta em frente a um painel luminoso de sílex vermelho. A força está armada sobre um patíbulo de mosaicos astecas.

Exclamando um “oooooooooH” demorado, o menino cai de joelhos, borrando-se e mijando-se de medo. Sente o calor da merda entre as coxas. Uma enorme onda de sangue quente incha seus lábios e sua garganta. Seu corpo se contrai em posição fetal e esperma quente banha seu rosto. O Entrepelado umedece a ponta dos dedos na água morna e perfumada de uma tigela de alabastro e, pensativo, lava a bunda e o pau do garoto, enxugando-os em seguida com uma toalha azul e macia. Uma brisa cálida varre o corpo do menino, fazendo seus cabelos esvoaçarem. O Entrepelado coloca uma das mãos sob o peito do menino e o faz se levantar. Agarrando o menino subjugado, força-o a subir os degraus e posicionar-se sob o laço da força. Para na frente do garoto, segurando o laço com ambas as mãos.

O menino encara os olhos do Entrepelado, vítreos como espelhos de obsidiana, poços de sangue negro, buracos na parede de um banheiro que se fecham sobre a Última Ereção.

Um lixeiro idoso, de rosto delicado e amarelo como marfim chinês, soa O Toque em seu clarim de latão amassado, e o cafetão espanhol acorda com uma ereção. Cambaleando pelo meio da poeira, da merda e da ninhada de gatinhos mortos, a prostituta leva consigo fardos de fetos abortados, camisinhas rasgadas, absorventes ensanguentados e cagalhões embalados em páginas coloridas de histórias em quadrinhos.

Um porto amplo e tranquilo de água iridescente. Chamas de um poço de gás esquecido brilham no

horizonte esfumaçado. Fedor de esgoto e óleo diesel. Tubarões enfermos nadam pela água escura, arrotam enxofre de seus fígados putrefatos, ignorando a presença de um Ícaro com ossos quebrados, coberto de sangue.

Nu e ardendo de amor por si mesmo, grita o Mister América:

— Meu eu deixa o Louvre humilhado! Peido ambrosia e meus cagalhões são do ouro mais puro! Meu pau esguicha tenros diamantes sob o sol da manhã!

Despenca então do farol sem facho mandando beijos e batendo punheta em frente ao espelho negro, planando oblíquo por sobre crípticas camisinhas e um mosaico de incontáveis jornais, cruzando uma cidade submersa construída com tijolos vermelhos até finalmente pousar na lama negra repleta de latas vazias e garrafas de cerveja, gângsteres presos em blocos de concreto e pistolas achatadas até ficarem irreconhecíveis para evitar inspeções sacanas de lascivos peritos em balística. Com seus quadris fósseis, aguarda o lento striptease da erosão.

O Entrepelado passa o laço da força pela cabeça do menino e, como se aquilo fosse uma carícia, ajusta o nó pouco acima da orelha esquerda. O pênis do menino está retraído, seus bagos se recolheram. Olha para a frente, respirando fundo. O Entrepelado movimenta-se ao redor dele, bolinando suas nádegas e acariciando sua genitália com gestos de zombaria hieroglífica. Detém-se às costas do menino e depois de alguns solavancos enfia o caralho em sua bunda. Onde está fica, rebolando os quadris em movimentos circulares.

Os convivas pedem silêncio uns aos outros, acotovelam-se e dão risadinhas.

Sem aviso, o Entrepelado empurra o corpo do menino para a frente, libertando-o do caralho e arremessando-o no vazio. Segura o menino pela bacia para que seu corpo fique estacionário e em seguida estende as mãos estilizadas e hieroglíficas, quebrando seu pescoço. Um tremor perpassa o corpo do rapaz. Seu pênis ergue-se em três amplas convulsões, empinando sua pelve, e logo em seguida ejacula.

Fagulhas verdes explodem por detrás de seus olhos. Uma sensação doce como uma dor de dente percorre seu pescoço, passa pela coluna e chega até sua virilha, contraindo seu corpo em espasmos de prazer. Todo o seu corpo esguicha para fora através de seu caralho. Um espasmo final lança um jorro volumoso de esperma sobre o painel vermelho, lembrando uma estrela cadente.

Com um delicado ruído de sucção intestinal, o menino escorre por um labirinto de fliperamas e imagens pornográficas. Seu cu expele um portentoso cagalhão. Pencas esverdeadas de foguetes explodem na margem oposta de um vasto rio. Ele escuta o ruído fugaz de um barco a motor em meio ao crepúsculo da selva... Abrigado sob as asas silenciosas do mosquito anófele.

O Entrepelado puxa o menino de volta ao seu caralho. Empalado, o menino se contorce como um peixe cravado em um arpão. O Entrepelado remexe-se por trás do garoto, sacolejando seu corpo em ondas fluidas. Sangue escorre pelo queixo do garoto a partir de sua boca entreaberta, tornada doce e irada pela morte. O Entrepelado se deixa cair com um baque fluido e satisfeito.

Cubículo sem janelas e com paredes azuis. Cortina imunda e cor-de-rosa cobrindo a porta. Besouros vermelhos arrastam-se pelas paredes, formando grupos nos cantos. Um menino nu dedilha um lude* de duas cordas no meio da sala, traçando um arabesco no assoalho. Outro garoto se recosta na cama fumando *keif* e soprando a fumaça sobre o pau duro. Na cama, disputam carteados com um baralho de tarô para decidir quem fode e quem será fodido. Trapaceiam. Brigam. Rolam pelo chão rosnando e cuspiendo como animais selvagens e adolescentes. O perdedor senta no assoalho com o queixo apoiado nos joelhos e lambe um dente quebrado. O vencedor se enrosca na cama fingindo dormir. Quando o outro menino chega mais perto, desfere um pontapé. Ali agarra um de seus tornozelos, que prende debaixo do sovaco enquanto segura a batata da perna com o outro braço. Desesperado, o garoto chuta o rosto de Ali. Outro tornozelo imobilizado. Ali empurra o menino até que encoste os ombros no chão. O caralho do menino projeta-se sobre sua barriga, livre e pulsante, a flutuar. Ali coloca as mãos por trás dos joelhos do garoto e empurra suas pernas por cima da cabeça. Cospe em seu caralho. Quando Ali desliza o caralho para dentro de seu cu, o outro dá um suspiro profundo. Suas bocas entram em choque, borradas de sangue. Odor pungente e bolorento de reto penetrado. Nimun penetra como uma cunha, ordenhando o sêmen para fora do outro caralho em esguichos quentes e demorados. (O autor observou que caralhos árabes tendem a ser largos e em forma de cunha.)

Sátira e efebo grego desnudo usando cilindro de oxigênio delineiam um balé persecutório no interior de

um monstruoso vaso de alabastro transparente. O Sátira apanha o menino de frente e começa a rodopiá-lo. Movem-se como peixes, aos solavancos. O menino libera uma corrente de bolhas prateadas pela boca. Esperma branco é ejaculado no interior da água esverdeada e flutua preguiçoso por entre os corpos inquietos.

Negro amável ergue sublime garoto chinês até uma rede. Empurra as pernas do menino por cima de sua cabeça e senta na rede de pernas abertas. Desliza o caralho para dentro da bunda esbelta e apertada do menino. Embala a rede de um lado para o outro, suavemente. O garoto berra, um lamento agudo e estranho de prazer intolerável.

Sentado em uma requintada cadeira giratória de madeira de teca assentada sobre um pedestal de pedra calcária em forma de nádegas, um dançarino javanês puxa um menino americano — ruivo, de olhos verdes e brilhantes — em direção ao seu caralho com movimentos ritualísticos. Empalado, o garoto encara o dançarino que usa movimentos giratórios para penetrá-lo, emprestando à cadeira certa qualidade fluida. — Oooooooooobaaa! — berra o menino, esguichando seu esperma sobre o torso moreno e esbelto do dançarino. Boa parte atinge um dos cantos da sua boca. O menino enfia-lhe o sêmen boca adentro e dá risada: — Cara, isso é o que eu chamo de sucção!

Duas mulheres árabes com rostos animalescos arrancaram o calção de um francês loirinho. Fodem sua bunda com caralhos vermelhos de borracha. O menino rosna, morde, chuta e desata a chorar enquanto seu caralho endurece e ejacula.

O rosto de Hassan incha, túrgido de sangue. Seus lábios ficam roxos. Arranca seu traje feito com notas de dinheiro e arremessa-o no interior de uma cripta, que se fecha sem fazer ruído.

— Este é o Salão da Liberdade, pessoal! — grita, afetando um sotaque texano. Com seu imenso chapéu e suas botas de caubói, dança a Giga Liquefacionária, terminando sua coreografia com um canção grotesco ao ritmo de “She Started a Heat Wave”.**

— *Vale tudo! Nenhum buraco está proibido!!!*

Pendendo de cabos barrocos, casais ornados com asas postiças copulam em pleno ar, grasnando como corvos.

Trapezistas masturbam-se reciprocamente durante seu voo, e basta-lhes um toque preciso para que ejaculem.

Aramistas chupam-se com destreza, equilibrados perigosamente sobre postes e cadeiras que oscilam sobre o vácuo. Uma brisa cálida traz um cheiro de rio e selva proveniente das profundezas tomadas pelas brumas.

Centenas de meninos despencam do teto com cordas no pescoço. Tremem e esperneiam em níveis diferentes, alguns mais perto do teto e outros a alguns centímetros do chão. Balineses e malaio lindíssimos, índios mexicanos com semblante de terrível inocência e gengiva escarlate. Negros (dentes, dedos, unhas dos pés e pelos pubianos dourados), meninos japoneses macios e brancos como porcelana, rapazes de Veneza com cabelos à Ticiano, americanos loiros ou negros com indomáveis cabeleiras (amáveis, os convivas afastam os cachos de suas fronteiras), polacos loiros e rabugentos de olhos castanhos e animais, meninos de rua árabes e espanhóis, delicados meninos austríacos com penugens

loiras a cobrir seus púbis rosados, rapazes alemães arrogantes com ígneos olhos azuis que gritam “*Heil Hitler!*” quando caem pelo alçapão. *Sollubis* cagam e choramingam.

Esparramado sobre uma praia da Flórida, obsceno e detestável, o sr. Rico e Vulgar masca seu Havana cercado pelos sorrisos de loiros sodomitas:

— O cidadão importou um *latah* da Indochina. Resolve enforcar o *latah* e produzir uma vinheta natalina para mandar de presente aos amigos. Aí ele arranja duas cordas, uma é elástica, a outra é de verdade. Mas o *latah* acorda de pá virada, veste sua fantasia de Papai Noel e troca as cordas. Amanhece. Quando o cidadão coloca uma das cordas ao redor do pescoço, o *latah*, que como todos os outros é dado a macaquear, coloca a outra em si mesmo. Quando abrem-se os alçapões, o cidadão acaba realmente enforcado e o *latah* se estica na corda elástica de borracha. Ainda assim, o *latah* imita todas as convulsões e espasmos. Goza três vezes.

— É um jovem *latah* muito esperto, presta atenção em tudo. Coloquei-o para trabalhar como despachante em uma de minhas indústrias.

Sacerdotes astecas despem o Jovem Nu do manto de penas azuis. Fazem com que se curve sobre um altar de pedra calcária e envolvem sua cabeça com um crânio de cristal, trancando os dois hemisférios — anterior e posterior — com parafusos de cristal. Uma cascata derrama-se sobre o crânio, quebrando o pescoço do menino. Sua ejaculação lembra um arco-íris perante o sol nascente.

Um odor pungente e proteico de sêmen preenche o ar. Os convivas acariciam meninos espasmódicos, chupam

seus caralhos, penduram-se em suas costas como se fossem vampiros.

Salva-vidas nus surgem trazendo pulmões de aço cheios de rapazes paralíticos.

Meninos cegos tateiam seu caminho para fora de tortas gigantescas, esquizofrênicos deteriorados irrompem de uma boceta de borracha, meninos com doenças de pele horrendas surgem de uma lagoa negra (peixes lerdos mordiscam cagalhões amarelos que boiam em sua superfície).

Um homem de gravata branca e camisa engomada, completamente nu da cintura para baixo à exceção de ligas negras, conversa polidamente com a Abelha Rainha. (Abelhas Rainhas são mulheres idosas que se cercam de veados para formar uma “colmeia”. É um sinistro costume mexicano.)

— Mas cadê a *estatuária*? — fala, usando somente um dos cantos da boca; o outro foi deformado pela Tortura de um Milhão de Espelhos. Masturba-se loucamente. Sem perceber nada, a Abelha Rainha continua a conversar.

Sofás, cadeiras e todo o assoalho começam a vibrar, chacoalhando os convivas até tornarem-se espectros macilentos e borrados, esgoelando-se de agonia cravada em caralhos.

Dois garotos batendo punheta debaixo da ponte ferroviária. O trem vibra através de seus corpos, faz com que ejaculem e desaparece aos poucos com um apito distante. Sapos coaxam. Os garotos limpam o sêmen que cobre suas barrigas esbeltas e morenas.

Cabine do trem: passando mal, dois rapazes junkies a caminho de Lexington arrancam as calças em meio a convulsões de luxúria. Um deles ensaboa o caralho e

começa a metê-lo na bunda do outro com movimentos de saca-rolha. “Meudeeeeeeeeeeeus!” Ejaculam ao mesmo tempo, ambos em pé. Separam-se e puxam as calças até a cintura.

— Lá em Marshall tem um charlatão da antiga que passa receitas de tintura de ópio e óleo de amêndoas.

— Sangrando e em carne viva, as hemorroidas de uma mãe envelhecida urram implorando a Carne Negra... Doutor, e se fosse o cu da sua mãe sendo chupado dia e noite por sanguessugas nojentas que não param de se contorcer... Pare de mexer essa pelve, Mamãe, já estou com nojo de você.

— Vamos até lá pedir uma receita.

O trem irrompe em meio à noite de junho, esfumaçada e iluminada por néon.

Imagens de homens e mulheres, garotos e garotas, animais, peixes e pássaros, o ritmo copulatório do universo flui pela sala como uma grandiosa e azul maré vital. Vibrando, o zumbido silente da floresta profunda — a calma súbita das cidades quando o junky consegue o que deseja. Um momento de quietude e espanto. Até mesmo o Suburbano faz soar suas veias entupidas de colesterol em busca de contato.

Hassan esgoela-se: — A culpa é toda sua, A. J.! Você estragou minha festa!

A. J. encara-o com uma expressão impassível como pedra calcária: — Vai tomar no cu, seu árabe liquefascistoide.

Uma horda de americanas taradas invade o recinto. Bocetas gotejantes, saídas de granjas e hotéis-fazenda, de fábricas, bordéis, clubes de campo, coberturas e subúrbios, de motéis e iates e bares de grã-finos

arrancam seus trajes de cavalgar, roupas de esqui, vestidos de noite, calças jeans, penhoares, vestidos estampados, calças compridas, maiôs e quimonos. Gritam e ladram e uivam, pulando sobre os convivas como cadelas raivosas no cio. Arranham os meninos enforcados, clamando: “Sua bicha! Seu puto! Me fode! Me fode! Me fode!”. Aos berros, os convivas fogem correndo, abrindo caminho por entre os meninos enforcados e derrubando os pulmões de aço.

A. J.: — Mande chamar meus Sweitzers, diabos! Protejam-me dessas predadoras!

O sr. Hyslop, secretário de A. J., ergue a cabeça de sua história em quadrinhos: — Os Sweitzers já foram liquefeitos.

(A liquefação envolve um processo de segmentação de proteínas e redução ao estado líquido, que então é absorvido pelo corpo protopolásmico de algum indivíduo. Neste caso o beneficiário mais provável é mesmo Hassan, um conhecido liquefacionário.)

A. J.: — Embusteiros! Chupadores de caralho! De que serve um homem sem os seus Sweitzers? Estamos encurralados, cavalheiros. Nossos caralhos correm risco. Fique alerta para repelir qualquer abordagem, sr. Hyslop, e distribua armas brancas para os homens.

A. J. desembainha um sabre de abordagem e começa a decapitar as Garotas Americanas. Canta, enlevado:

*Quinze homens sobre a arca do morto
lou-rou-rou e uma garrafa de rum.
A bebida e o diabo cuidaram do resto.
lou-rou-rou e uma garrafa de rum.*

Sr. Hyslop, resignado e vencido pelo tédio: — Ai Deus! De novo essa história. — Indiferente, tremula a *Jolly Roger*.***

A. J., cercado e desafiando todas as probabilidades, joga a cabeça para trás e apela para a chamada. Na mesma hora mil esquimós no cio invadem o recinto a roncar e guinchar, com rosto tumefato, olhos incandescentes e lábios roxos, e caem sobre as americanas.

(Esquimós têm uma temporada de cio, quando as tribos se encontram durante o curto verão para dedicar-se a orgias. Seus rostos incham e seus lábios ficam roxos.)

Um Investigador Residente enfia a cabeça pela parede, fumando um charuto de meio metro.

— O que vocês têm aí dentro, um zoológico?

Hassan retorce as mãos: — Um pandemônio! Um maldito pandemônio! Juro por Alá que nunca vi uma coisa tão horrenda!

Lança-se sobre A. J., que está sentado sobre uma arca de marinheiro, com um papagaio no ombro e um tapa-olho, bebendo rum de uma caneca. Esquadrinha o horizonte com uma enorme luneta de latão.

HASSAN: — Sua cadela fática de araque! Caia fora daqui e nunca mais invente de arruinar meu salão de festas!

* Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

** Também conhecida como “Heat Wave” [onda de calor], composta pelo russo naturalizado americano Irving Berlin (1888-1989), um dos primeiros e mais talentosos compositores de trilhas para musicais de Hollywood. “Heat Wave” foi gravada, entre outros, por Ella Fitzgerald e Marilyn Monroe.

*** “Roger Alegre” é a tradicional bandeira pirata com fundo negro e tíbias cruzadas encimadas por um crânio. O nome em inglês é uma corruptela do

francês *jolie rouge* [belo vermelho], nome dado a algumas das primeiras bandeiras usadas por piratas, que costumavam ser cor de sangue.

Campus da Universidade de Interzona

Burricos, camelos, lhamas, riquixás e carroças de mercadorias empurradas por meninos exaustos com olhos saltando para fora como línguas de enforcados — vermelhos, pulsando com ódio animal. Rebanhos de ovelhas e bodes e gado de longos chifres passeiam por entre os estudantes e o palanque dos docentes. Os estudantes tomam seus lugares em bancos de praça enferrujados, blocos de pedra calcária, assentos de latrinas, engradados vazios, barris de petróleo, tocos de árvore, coxins de couro empoeirado e tapetes de ginástica mofados. Vestem jeans — *djellabas* — calções e gibões... bebem aguardente em potes de conserva, café em latas de estanho, fumam cigarros de *gania* (maconha) enrolados com papel de embrulho e bilhetes de loteria... aplicam junk usando joaninhas e conta-gotas, estudam programas de corridas, histórias em quadrinhos, códices maias...

O Professor chega de bicicleta, carregando uma linha de pesca cheia de bagres. Sobe no palanque apoiando as mãos nas costas (por sobre sua cabeça, um guindaste embala uma vaca a mugir).

PROFESSOR: — Passei a noite de ontem sendo fodido pelo Exército do Sultão. Desloquei a coluna a serviço de minha soberana residente... Não há como fugir daquela puta velha. Preciso que um eletricista cerebral licenciado desconecte-lhe sinapse por sinapse e que um meirinho cirurgião espalhe suas tripas sobre a calçada. Quando Mamãe parte com tudo para cima de algum menino ele não consegue mais se livrar dela nem requisitando ajuda infernal...

Olha para os bagres, cantarolando melodias dos anos 1920. — Fui pego de jeito pela nostalgia, garotos, e agora ela vai escapar pelos meus poros... meninos caminham pelo parque de diversões comendo algodão-doce rosado... bolinam uns aos outros no *peep show*... batem punheta na roda-gigante... esguicham sêmen sobre a lua que surge vermelha e brumosa sobre as fundições no outro lado do rio. Um preto pende de um choupo em frente ao Velho Tribunal... mulheres lamurientes colhem seu esperma usando os dentes vaginais...

“(Marido encara a pequenina criança trocada, com olhos estreitos da cor cinzenta e desbotada de uma camisa de flanela cinzenta... ‘Doutor, tô achando que é um preto.’

“O Médico dá de ombros: ‘É como naquele velho truque, meu filho’.

“Ervilha debaixo da casca... ‘Estava aqui, agora não está mais...’)

“E o dr. Parker a aplicar suas injeções de duzentos miligramas de heroína com anfetaminas nos fundos de sua farmácia — ‘Tonificante’, murmura. ‘Eterna primavera’.

“Benson Mãozinha, o Perverso da Cidade, tomou *querencia* no banheiro da escola (*querencia* é um termo de touradas... O touro encontra na arena um canto que lhe agrada e fica por lá, forçando o toureiro a aproximar-se para enfrentá-lo em seu próprio terreno ou então tentar atraí-lo para fora — das duas uma). O xerife A. Q. Larsen, conhecido como Insosso, anuncia: ‘Precisamos arrumar um jeito de arrancá-lo daquela *querencia*’... E a Velha Mamãe Lottie, que há uma década vem dormindo ao lado do cadáver da filha que tratou em casa, acorda tremendo em plena aurora do leste texano... abutres sobrevoam as águas negras do pântano e os tocos de ciprestes...

“E agora, cavalheiros — espero não haver travestis no recinto, hehe —, saibam que todos vocês são cavalheiros por Determinação do Congresso, restando apenas confirmá-los como *humanos do sexo masculino*. Transicionais de qualquer espécie, seja para qual lado for, de forma alguma serão tolerados neste decente recinto. Cavalheiros, apresentem suas terceiras pernas, digo, suas armas brancas. Imagino que todos já tenham sido instruídos sobre a importância de manter sua lâmina bem lubrificada e pronta para a ação, seja ela de vanguarda ou retaguarda.”

ESTUDANTES: — Atenção! Atenção! — Enfastiados, abrem a braguilha. Um deles exhibe uma ereção imensa.

PROFESSOR: — E agora, cavalheiros, de que eu falava, mesmo? Ah sim, Mamãe Lottie... Acorda tremendo na suave e rósea aurora, cor-de-rosa como as velas do bolo de aniversário de uma garotinha, rosa como algodão-doce, rosa como uma concha nacarada, rosa como um caralho pulsando em uma zona de meretrício... Mamãe

Lottie... a-ham... se não colocar limites a tamanha prolixidade, sucumbirá às moléstias próprias da idade e acabará fazendo companhia à própria filha no formol. 'A balada do velho marinheiro', do poeta Coleridge. Devo chamar sua atenção para o simbolismo do Velho Marinheiro *em si*.

ESTUDANTES: — *Em si*, ele diz.

— Desse modo chamando a atenção para sua impalatável pessoa.

— Isso não foi muito simpático de sua parte, Professor.

Uma centena de delinquentes juvenis avança sobre ele, ao som de canivetes automáticos que estalam como presas.

PROFESSOR: — Oh, o que será deste país? — Desesperado, tenta disfarçar-se de senhora idosa calçando galochas pretas e empunhando uma sombrinha... — Se não estivesse impedido de debruçar-me por força do lumbago eu lhes mostraria minha Bunda Doce, como fazem os babuínos... Se um babuíno mais fraco é atacado por outro mais forte, o babuíno mais fraco: a) oferece seu a-ham, creio que o termo é rabisteco, cavalheiros, hehe, para desfrute de intercuro passivo *ou* b) caso seja um tipo diferente de babuíno, mais extrovertido e bem ajustado, começa a atacar um babuíno ainda mais fraco caso consiga encontrá-lo.

Uma Declamadora falida usando roupas no estilo dos anos 1920, que passam a impressão de estar naquele corpo desde então, serpenteia por uma rua sombria de Chicago, iluminada por néon... o peso morto dos Doces Dias Defuntos paira no ar como um espectro apegado à matéria.

DECLAMADORA (voz de tenor que engoliu parafina): — Encontre o babuíno mais fraco.

Saloon de faroeste: Babuíno Afeminado com vestido azul de garotinha canta com voz resignada na melodia de “Alice Blue Gown”:* — Sou o mais fraco dos babuínos.

Um trem de carga separa o professor dos delinquentes juvenis... Quando o trem finalmente termina de passar todos já ficaram barrigudos e assumiram cargos de responsabilidade...

ESTUDANTES: — Queremos Lottie!

PROFESSOR: — Isso aconteceu em outro país, cavalheiros... Como eu estava dizendo antes de ser interrompido de maneira tão rude por uma de minhas múltiplas personalidades... criaturinhas enervantes... consideremos o Velho Marinheiro sem curare ou laço, sem bulbocapnina nem camisa de força, mas ainda capaz de capturar a atenção de uma plateia... Qual seria o a-ham, truque? Hehehehe... Ao contrário dos supostos artistas dos dias atuais ele não aborda um passante *qualquer*, o que geralmente força alguém a suportar um tédio imerecido e cria incômodos aleatórios... Aborda somente quem não tem outra escolha a não ser escutar, graças à relação de longa data entre O Marinheiro (ainda que velho) e o, hã, Convidado do Casamento...

“O que o Marinheiro realmente diz não tem importância... Pode tagarelar coisas irrelevantes, até mesmo cruéis ou claramente senis. Mas alguma coisa acontece com o Convidado do Casamento, assim como acontece na psicanálise quando acontece e se acontece. Se me permitem uma breve digressão... conheço um analista que fala sem parar — seus pacientes escolhem se terão ou não a paciência de escutá-lo... Ele remói o

passado... conta piadas sacanas (as mais conhecidas)... traça paralelos de idiotice jamais sonhada pelo Funcionário Público mais tacanho... Prova com algum desembaraço que nenhum êxito é possível no plano verbal... Chegou a esse método observando que Aquele Que Escuta — o Analista — não consegue ler a mente do paciente... Era o paciente — Aquele Que Fala — quem estava lendo *sua* mente... Isto é, o paciente tinha uma consciência extrassensorial dos sonhos e dos planos do analista, enquanto o contato do analista se limitava ao cérebro anterior... Muitos agentes lançam mão dessa abordagem — são notórios enroladores e péssimos ouvintes...

“Cavalheiros, lançar-vos-ei uma pérola: *Para descobrir o máximo de coisas a respeito de alguém, é melhor falar do que ouvir.*”

Porcos aproximam-se, afobados, e o Professor verte baldes de pérolas sobre uma gamela.

— Não sou digno de comer seus pés — diz o mais gordo dos leitões.

— São de barro mesmo.

* Canção composta em 1919 por Joseph McCarthy e Harry Tierney para o musical da Broadway *Irene* e gravada por diversos artistas desde então. Foi dedicada à filha do presidente Teddy Roosevelt, Alice.

A festa anual de A. J.

A. J. dirige-se aos convivas: — Bocetas, cacetes e indecisos: trago-lhes esta noite... o empresário de filmes pornô e tevê de ondas curtas de renome internacional, o único, o formidável, o Magnífico Degolhasputa!

Aponta para uma cortina de veludo vermelho com vinte metros de altura. Relâmpagos dilaceram a cortina de cima a baixo. Surge o Magnífico Degolhasputa. Seu rosto é imenso e imóvel como uma urna funerária chimu. Usa traje de gala completo, com manto e monóculo azuis. Seus enormes olhos macilentos têm pupilas negras diminutas que parecem cuspir agulhas. (Apenas o Fático Nivelado suporta seu olhar.) Quando se enfurece, o monóculo sai voando pelo recinto. Muitos atores desafortunados sofreram o impacto glacial de seu desprazer:

— Cai fora do meu estúdio, seu maldito falastrão barato! Achou que conseguiria me enganar com um orgasmo fingido? EU SOU O MAGNÍFICO DEGOLHASPUTA! Consigo saber se você gozou só de olhar para seu dedão do pé! Idiota! Escória descerebrada!! Peso morto insolente!! Vai vender esse cu em outra freguesia e saiba que alguém precisa ter sinceridade e arte, além de devoção, se

quiser trabalhar para Degolhasputa. Nada de truques vagabundos, suspiros dublados, cagalhões de borracha, ampolas de leite escondidas na orelha e doses de ioimbina tomadas nos bastidores.

(Ioimbina, um derivado da casca de uma árvore nativa da África Central, é o mais seguro e eficaz dos afrodisíacos. Age dilatando os vasos sanguíneos da derme, especialmente na região genital.)

Degolhasputa ejeta seu monóculo, que sai voando a perder de vista e, como um bumerangue, retorna ao seu olho. O Magnífico faz uma pirueta e desaparece em meio a uma névoa azulada, gélida como ar líquido... Escurece...

Na tela. Menino ruivo de olhos verdes, pele branca com algumas sardas... beija uma morena magra vestida com calças. Roupas e penteado sugerem bares existencialistas de todas as cidades do mundo. Estão sentados sobre uma cama baixa forrada de seda branca. Com dedos delicados, a menina desabotoa as calças do rapaz e puxa seu caralho para fora. É pequeno e está muito duro. Uma gota de lubrificante coroa sua glândula, como uma pérola. Ela acaricia suavemente a cabeça do caralho: “Tira a roupa, Johnny”. Ele arranca as roupas com movimentos abruptos e decididos e fica nu em frente a ela, com o caralho pulsando. Com um gesto, a garota pede que ele vire de costas e ele dá uma voltinha com a mão no quadril, imitando uma modelo. Ela tira a camisa. Seus seios são firmes e pequenos, com mamilos empinados. Tira a calcinha. Seus pelos pubianos são negros e brilhantes. Ele senta ao lado dela e estende as mãos para tocar os seios. Ela o detém.

— Querido, quero lambar seu cu — sussurra.

- Não. Agora não.
- Por favor, eu quero.
- Certo, tudo bem. Vou lavar meu rabo.
- Não, deixa que eu lavo.
- Ah, para com isso, nem está sujo.
- Está sim. Deixa disso, Johnny Boy.

Ela o acompanha até o banheiro.

— Certo, agora se abaixe. — O menino fica de joelhos e se debruça, encostando o queixo no tapete da banheira.
— Por Alá — diz. Olha para trás e sorri para a garota. Ela lava seu rabo com sabão e água quente, enfiando os dedos em seu cu.

— Isso dói?

— Nããããããããã.

— Vem comigo, *baby*. — Ela o conduz de volta para o quarto. Ele deita de barriga para cima e dobra as pernas para cima, até a altura da cabeça, passando os braços pela dobra dos joelhos. Ela se ajoelha e acaricia-lhe a parte interna das coxas e os bagos, correndo os dedos pela região do períneo. Separa-lhe as nádegas, inclina-se e começa a lambe-lhe o ânus, fazendo suaves movimentos circulares com a cabeça. Abre ainda mais as nádegas, lambendo cada vez mais fundo. Ele fecha os olhos e se contorce. Ela lambe a região do períneo. Seus bagos diminutos começam a inchar... Uma pérola grandiosa brota da ponta de seu caralho circuncidado. Ela envolve a glândula com a boca. Chupa de cima a baixo, em movimentos ritmados, fazendo uma pausa ao chegar no topo e movendo a cabeça em círculos. Sua mão delicada brinca com os bagos do menino, enfiando-lhe os dedos médio e mínimo cu adentro. Quando sua boca alcança a base do caralho, usa os dedos para brincar de

lhe fazer cócegas na próstata. Ele abre um sorriso e peida. Agora ela chupa-lhe o caralho com força. O corpo dele começa a se contrair, subindo na direção de seu queixo. As contrações são cada vez mais demoradas.

— Oooooobaaa! — berra o menino, músculos completamente tensos, o corpo todo tentando escapar pelo caralho enquanto a garota sorve o esperma que enche sua boca em gloriosos jorros quentes. Ele deixa as pernas desabarem sobre a cama. Arqueia as costas e boceja.

Mary começa a atar um pênis de borracha: — Pau de Aço III, de Yokohama — anuncia, acariciando a glândula. Leite esguicha pelo quarto.

— Confira se o leite é pasteurizado. Não invente de me passar uma dessas terríveis doenças bovinas como antraz, mormo ou aftosa...

— Quando eu vivia em Chicago como um travesti chamado Liz, trabalhei como exterminador de pragas e insetos. Passava cantadas em meninos bonitos só para sentir a emoção de apanhar como um homem. Mais tarde encontro um dos meninos e o domino usando alguns golpes de judô supersônico que aprendi com uma monja zen idosa e lésbica. Amarrei o rapaz, retalhei suas roupas com uma navalha e fodi seu cu com o Pau de Aço I. O menino fica tão aliviado por eu não castrá-lo que literalmente goza bem em cima de meu veneno contra percevejos.

— O que aconteceu com Pau de Aço I?

— Foi partido ao meio por uma sapata machona. Tinha os músculos vaginais mais incríveis que conheci. Eram capazes de amassar um cano de chumbo. Por sinal, esse era um de seus truques de salão.

— E Pau de Aço II?

— Destroçado em pedacinhos pelos dentes de um candiru faminto no alto Cudemandrill. E não diga “Oooooobaaa!” desta vez.

— Por que não? É coisa de menino.

— Menino descalço, mostre para a madame do que você é feito.

O menino olha para o teto com as mãos por trás da cabeça e o caralho pulsando.

— E o que eu posso fazer? Não tenho como cagar com esse negócio no meu rabo. Será que é possível rir e gozar ao mesmo tempo? Lembro que durante a guerra, no jôquei-clubes do Cairo, eu e o cara que eu comia naquela época, chamado Lu, ambos cavalheiros por Determinação do Congresso... nada mais poderia ter deixado a gente daquele jeito... Ficamos rindo tanto que começamos a mijar nas calças e o garçom disse: “Malditos fumetas, caiam fora daqui!”. Enfim, se eu consigo esguichar mijo de tanto rir também devo conseguir esguichar porra. Quando eu for começar a gozar, me conta algo bem engraçado. É fácil de perceber a hora se você prestar atenção nas vibrações premonitórias da próstata...

Ela coloca um disco na vitrola, um bebop metálico que faz lembrar cocaína. Lubrifica o consolo, ergue as pernas do menino até a altura da cabeça e começa a meter em seu cu, os quadris fluidos fazendo movimentos de saca-rolha. Faz um vagaroso movimento circular, girando sobre o eixo da glândula. Esfrega os mamilos duros no peito do menino. Beija seu pescoço, seu queixo e seus olhos. O menino corre as mãos por suas costas até lhe alcançar as nádegas, puxando o corpo dela de encontro

ao seu. A garota rebola cada vez mais rápido. O corpo do menino se contrai e se contorce em espasmos convulsivos.

— Rápido, por favor — ela implora. — O leite está esfriando. — Ele não escuta. A menina esfrega a boca contra a dele. Seus rostos estão colados. Como lambidas quentes, o esperma atinge os seios dela.

Mark está parado na porta. Usa uma malha preta de gola rulê. Tem um rosto belo e frio, com um quê de narcisista. Olhos verdes, cabelos negros. Sorri levemente ao olhar para Johnny, com a cabeça inclinada para o lado e as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta em um gracioso balé delinquente. Quando sacode a cabeça, Johnny passa à sua frente para entrar no quarto.

Mary vem logo atrás. — Certo, meninos — diz, nua, tomando assento sobre um estrado coberto de seda cor-de-rosa posicionado de frente para a cama. — Mandem ver!

Mark começa a tirar as roupas com movimentos fluidos, requebrando uma coreografia de dança do ventre, e espreme-se para fora da malha de gola rulê revelando seu belo torso muito branco. Johnny mantém o ar impassível, com o rosto paralisado, a respiração ofegante e os lábios secos, e começa a tirar as roupas e jogá-las no chão. Mark deixa que sua cueca escorregue até um dos pés. Estende a perna como se fosse uma corista e atira a cueca longe. Está completamente nu, exibindo o pau duro e latejante. Lento, percorre os olhos por sobre o corpo de Johnny. Sorri e lambe os beiços.

Mark apoia-se sobre um dos joelhos e arrasta Johnny pelo braço até apoiá-lo em suas costas. Levanta abruptamente catapultando Johnny sobre a cama, a dois

metros de distância. Cai de costas, quicando no colchão. Mark salta por cima da cama e agarra Johnny pelos tornozelos, erguendo-lhe as pernas até a altura da cabeça. Os lábios de Mark estão crispados em uma carranca rígida. — Muito bem, Johnny Boy. — Contrai o corpo, vagaroso e constante como uma máquina bem azeitada, e enfia o caralho no cu de Johnny. Johnny deixa escapar um suspiro profundo e se contrai em êxtase. Mark agarra os ombros de Johnny e puxa-o em direção ao seu caralho. Mete até o talo no cu de Johnny. Silvos ruidosos escapam por entre seus dentes. Johnny grita como um pássaro. Mark esfrega seu rosto contra o de Johnny, carranca desfeita, e sua expressão é inocente e juvenil ao preencher o corpo inquieto de Johnny com sua matéria líquida.

É atravessado por um trem que ruge a toda velocidade, soando o apito... apito de navio, sirene de neblina, fogos de artifício explodindo sobre lagoas cheias de óleo... fliperamas abrindo-se para um labirinto de imagens pornográficas... cerimoniosa salva de canhões no porto... um grito atravessa o corredor branco de um hospital... escapa por uma rua ampla, poeirenta e ladeada por palmeiras, assobia pelo deserto como um projétil (asas de abutres fustigam o ar seco), milhares de meninos gozam ao mesmo tempo no interior de latrinas e banheiros lúgubres de escolas públicas, sótãos, porões, casas na árvore, rodas-gigantes, casas abandonadas, cavernas calcárias, barcos a remo, garagens, celeiros, por trás dos muros enlameados de terrenos baldios de periferia açoitados pelo vento (cheiro de excremento seco)... poeira negra soprando sobre corpos esbeltos e bronzeados... calças esfarrapadas caídas sobre pés

descalços e rachados, brotando sangue... (onde abutres disputam cabeças de peixe)... nas lagoas da selva, peixes odiosos abocanham o esperma branco que flutua sobre a água negra, mosquitos transmissores de leishmaniose picam as nádegas morenas, bugios confundem-se com o vento soprando nas árvores (uma terra de vastos rios pardacentos nos quais flutuam árvores inteiras com serpentes coloridas e brilhantes enroscadas em seus ramos enquanto lêmures de olhos tristes contemplam as margens), um avião vermelho traça arabescos na matéria azul-celeste, uma cascavel dá o bote, uma naja recua, dilata o pescoço e cospe seu veneno branco, lascas de pérola e opala desabam em chuva lenta e silenciosa pelo ar límpido como glicerina.

O tempo salta como uma máquina de escrever quebrada, os meninos envelhecem, os quadris jovens que se contorciam e tiritavam em espamos de menino tornam-se frouxos e flácidos, espalham-se por assentos de latrina, bancos de praça, em um muro de pedra sob o sol da Espanha, pela cama desconjuntada de um quarto de hotel (do lado de fora, um cortiço de tijolos vermelhos à luz ofuscante do inverno)... vestindo cuecas imundas, contorcendo-se e tremendo, procurando uma veia na aurora do enjoo narcótico, resmungando e babando no interior de um café árabe — os árabes sussurram “*medjoub*” e se afastam (*Medjoub* é uma espécie peculiar de lunático religioso muçulmano... via de regra epiléticos, entre outras moléstias).

— Os muçulmanos precisam de sangue e sêmen... Vede, vede, onde o sangue de Cristo verte-se no espermamento — uiva o *medjoub*... Levanta-se gritando, com sangue negro a esguichar sólido de sua ereção

derradeira, uma estátua branca, pálida e impassível, como se houvesse cruzado a Grande Cerca, saltando-a inocente e tranquilo como um menino que pula a cerca para pescar no açude proibido; em questão de segundos fisga um imenso jundiá, o Velho sairá às pressas de seu casebre obscuro, praguejando e brandindo um forcado, e o menino sairá correndo pelos campos do Missouri, morrendo de rir; avista uma bela sagitária rosada que apanha sem parar de correr com um movimento ágil e juvenil de ossos e músculos (seus ossos fundem-se aos campos, cai morto ao lado da cerca de madeira com uma espingarda ao seu lado, sangue na terra argilosa vermelhando o mato no inverno da Geórgia)... O jundiá ondula às suas costas... Alcança a cerca e atira o jundiá sobre a grama manchada de sangue... o peixe fica se debatendo e guinchando, o menino pula a cerca. Apanha o jundiá e desaparece por uma estrada de terra vermelha cravejada de pedregulhos aberta em meio a carvalhos e caquizeiros que soltam folhas castanho-avermelhadas ao vento do crepúsculo outonal, verdes e cobertas de orvalho na aurora estival e negras nos dias límpidos de inverno... o Velho pragueja às suas costas... seus dentes voam para fora da boca e passam zunindo pela cabeça do menino, o Velho corre dando tudo de si, tendões do pescoço rígidos como cabos de aço, sangue negro esguicha por cima da cerca em um coágulo solitário e ele então desaba, múmia descarnada sobre o capim-limão. Espinhos crescem por entre suas costelas, as janelas de seu casebre desabam, estilhaços de vidro empoeirados em massa de vidraceiro negra, ratos correm pelo assoalho e meninos batem punheta na escuridão do quarto bolorento em tardes de verão, comendo as

amoras que nascem de seu corpo e seus ossos, bocas manchadas de sumos vermelho-escuros...

O velho junky encontrou uma veia... o sangue brota no conta-gotas como uma flor chinesa... assim que aplica a heroína o menino que bateu punheta há cinquenta anos brilha imaculado através da carne arrasada, preenchendo a latrina com um cheiro doce de castanhas, o aroma da luxúria adolescente masculina...

Quantos anos encadeados por uma agulha ensanguentada? Sentado com as mãos largadas sobre o colo, observa a aurora do inverno com os olhos vidrados pela junk.

Olhando os índios adolescentes passarem, abraçados nos pescoços e nas costelas uns dos outros, a bicha velha se contorce em um banco de pedra calcária do parque Chapultepec, retesando sua carne moribunda na esperança de ter acesso a nádegas e coxas jovens, bagos inchados e caralhos esporreantes.

Mark e Johnny estão sentados um de frente para o outro em uma cadeira vibratória, com Johnny empalado no caralho de Mark.

— Pronto, Johnny?

— Pode ligar.

Mark aciona o interruptor e a cadeira começa a vibrar... Mark atira a cabeça para trás para encarar Johnny com uma expressão ausente, seus olhos frios zombando do rosto de Johnny... Johnny grita e geme... Seu rosto se desintegra, como que derretido de dentro para fora... Johnny berra como uma mandrágora, desmaia quando seu esperma começa a jorrar e desaba

sobre o corpo de Mark como um anjo drogado. Mark acaricia seu ombro com tapinhas distraídos...

Uma sala do tamanho de um ginásio... O piso é de espuma de borracha, forrado com seda branca... Uma das paredes é de vidro... O sol nascente preenche a sala com luz rosada. Johnny é trazido para dentro entre Mary e Mark, com as mãos amarradas. Quando Johnny enxerga a força, suas pernas ficam bambas e ele grita “Ohhhhhhhhhhh!” enquanto sua cabeça pende na direção do caralho e seus joelhos perdem toda a firmeza. O esperma jorra diante de seu rosto descrevendo um arco quase vertical. Mark e Mary perdem a paciência de repente, cada vez mais excitados... Empurram Johnny na direção do patíbulo coberto de uniformes e suportes atléticos mofados. Mark ajusta o nó da força.

— Bem, chegou sua hora. — Mark começa a empurrar Johnny para fora do patíbulo.

MARY: — Não, deixe isso comigo. — Enlaça as mãos por trás das nádegas de Johnny, apoia a testa em seu corpo e retrocede sorrindo e olhando dentro de seus olhos, puxando seu corpo para fora do patíbulo para arrojá-lo no vazio... O sangue incha o rosto do menino... Ágil, Mark estende o braço e quebra o pescoço de Johnny... é o som de alguém quebrando um graveto envolto por toalhas molhadas. Um tremor perpassa o corpo de Johnny... um de seus pés se agita, como um pássaro preso em uma arapuca... Mark enrosca-se em um trapézio e imita as convulsões de Johnny, fechando os olhos e colocando a língua de fora... Quando o caralho de Johnny fica duro, Mary o introduz em sua boceta, retorcendo-se em uma fluida dança do ventre, gemendo e urrando de prazer... o suor escorre de seu corpo, mechas úmidas de seu cabelo

lhe grudam no rosto. — Corta, Mark — grita. Mark apanha um estilete e corta a corda, apanhando Johnny em plena queda e deitando-o de costas no chão enquanto Mary continua empalada e a contorcer-se... Com os dentes, ela arranca os lábios e o nariz de Johnny e suga seus olhos com ruído... Dilacera pedaços enormes da bochecha... Almoça seu cacete... Mark aproxima-se e Mary ergue os olhos da genitália semidevorada de Johnny, o rosto coberto de sangue, olhos fosforescentes... Mark coloca o pé em seu ombro e, com apenas um movimento, faz com que Mary caia de barriga para cima... Pula sobre ela e começa a fodê-la loucamente... rolam de um lado a outro da sala, girando como um cata-vento e saltando no ar como um imenso peixe enganchado em um anzol.

— Deixe eu enforcar você, Mark... Deixe eu enforcar você... Por favor, Mark, deixe eu enforcar você!

— Claro. — Ergue-a com violência até colocá-la em pé e lhe ata as mãos às costas.

— Não, Mark!! Não! Não! Não — grita ela, cagando e mijando de pavor ao ser arrastada até o patíbulo. Enquanto ajusta a força em um dos cantos da sala, Mark deixa Mary amarrada sobre o patíbulo, em meio a uma pilha de camisinhas usadas... então retorna carregando o laço em uma bandeja de prata. Faz Mary levantar-se com um safanão e ajusta o nó da força. Mete seu caralho na garota e valsa pelo patíbulo até deixar sua superfície e balançar-se no vazio... “Oooooobaaa!”, grita, transformando-se em Johnny. O pescoço de Mary é partido. Uma onda grandiosa e fluida serpenteia por seu corpo.

Johnny deixa-se cair no chão e fica em posição de alerta, como um animal jovem. Salta pela sala. Com um

grito de desejo que estilhaça a parede de vidro, salta no vazio. Masturbando-se o tempo inteiro, desce três mil pés acompanhado por seu esperma flutuante, grita sem parar contra o azul opressor do céu, o sol nascente queimando seu corpo como gasolina, passando por carvalhos e caquizeiros enormes, pinheiros-do-brejo e mognos, até esborrachar-se em alívio líquido nas ruínas de uma praça calçada com pedra calcária. Ervas daninhas e cipós crescem por entre as pedras, pinos de aço enferrujado com um metro de espessura penetram a pedra branca, manchada pela ferrugem cor de merda.

Johnny encharca Mary com gasolina usando um obsceno jarro chimu feito de jade branco... Encharca o próprio corpo... Abraçam-se, caem no chão e saem rolando até debaixo de uma imensa lupa presa no teto... irrompem em chamas com um grito que estilhaça a parede de vidro, rolam até o vazio, fodendo e gritando em pleno ar até que explodem em sangue, chamas e fuligem sobre as rochas pardas ao sol do deserto.

Johnny salta pela sala, tomado de agonia. Com um grito que estilhaça o vidro, abre os braços para o sol nascente com sangue esguichando do caralho... um deus de mármore branco, ele despenca em meio a explosões epiléticas sobre o velho *Medjoub* que se contorce na merda e no lixo ao lado de um muro de barro sob um sol que causa cicatrizes e faz a pele erguer-se em arrepios... É um menino que dorme encostado na parede da mesquita e em meio a sonhos molhados, ejaculando dentro de mil bocetas rosadas e macias como conchas nacaradas, deleitando-se com os pelos pubianos a beliscar seu caralho, que nunca para de deslizar.

Johnny e Mary em um quarto de hotel (ao som de “East St. Louis Toodleoo”).¹ Um vento morno de primavera sopra nas cortinas cor-de-rosa desbotadas que encobrem a janela aberta... Sapos coaxam em terrenos baldios onde cresce o milho e meninos capturam cobrinhas verdes escondidas debaixo de estelas de calcário em ruínas, manchadas de merda e envoltas por arame farpado tomado de ferrugem...

(Luz de néon — verde-clorofila, roxo, alaranjado — vem e vai.)

Johnny extrai um candiru da boceta de Mary com seu calibrador... Deposita-o em uma garrafa de mescal, onde transforma-se em um verme do agave... Aplica uma lavagem com emoliente ósseo tropical na garota e seus dentes vaginais escorrem para fora, misturados com sangue e cistos... Sua boceta resplandece, fresca e doce como pasto na primavera... Começando devagar, Johnny lambe a boceta de Mary com excitação crescente, separa os lábios e lambe o interior sentindo os pelos pubianos beliscarem sua língua inchada... Braços lançados para trás, seios empinados, Mary jaz transpassada por pregos de néon... Johnny coloca-se sobre ela, o caralho exibindo uma brilhante e redonda opala de lubrificante a coroar a uretra, desliza entre os pelos pubianos e penetra na boceta até o talo, atraído para dentro pela sucção da carne faminta... Sangue incha seu rosto, luzes verdes se acendem por detrás de seus olhos e ele desaba por entre garotas aos berros ao lado de uma ferrovia panorâmica...

Os pelos úmidos de seus bagos secam como pasto banhado pelo vento morno da primavera. Um vale no meio da selva, onde cipós infiltram-se pela janela.

Quando o caralho de Johnny começa a inchar, brotam dele novos e luxuriantes botões. Uma comprida asclépias irrompe da boceta de Mary e começa a tatear o solo. O casebre desaba em ruínas de pedra esfacelada. O menino é uma estátua de pedra calcária, com uma planta brotando do cacete e lábios entreabertos no meio sorriso de um junky chapado.

O Perdigueiro escondeu a heroína em um bilhete de loteria.

Só mais uma dose — amanhã, a reabilitação.

O caminho é demorado. Ereções e depressões se alternam.

Levou muito tempo para atravessar o *reg*² pedregoso até chegar ao oásis de tamareiras onde meninos árabes cagam no poço e dançam rock 'n' roll nas areias das praias cheias de desportistas, devorando cachorros-quentes e cuspiendo dentes de ouro em forma de pepitas.

Desdentados e pouco mais que desnutridos, com costelas tão evidentes que poderiam ser usadas para lavar macacões imundos, amarrotados e tremendo, desembarcam de canoa na Ilha da Páscoa e marcham até a praia usando como muletas suas pernas rígidas e quebradiças... tiram cochilos nas janelas dos clubes... mergulhados na necessidade primal de vender um corpo esbelto.

As tamareiras morreram por falta de encontros,³ o poço está cheio de merda e de um mosaico de milhares de jornais: “Rússia nega... Alarmado como um pederasta, o Secretário do Interior encara...”.

O alçapão se abriu às 12h02. Às 12h30 o médico foi comer ostras e voltou às 14h para dar um tapinha amistoso nas costas do enforcado.

— O quê? Você ainda não morreu? Acho que vou ter de pegar no seu pé, entendeu? Haha! Não posso deixar que você se asfixie nesse ritmo, eu acabaria sendo advertido pelo Presidente. E se o rabecão tirasse você daqui com vida, que desgraça! Meus bagos caíam de vergonha e eu teria de virar aprendiz de boi. Um, dois, três, puxando!

O planador desce silencioso como uma ereção, silencioso como vidro engordurado partido pelo jovem ladrão com mãos de anciã e olhos vidrados pela junk... Penetra a casa em ruínas com uma explosão silenciosa e passa pelos cristais engordurados, um relógio bate ruidoso na cozinha, o ar quente despenteia seu cabelo, sua cabeça desintegra-se com uma carga de chumbo grosso... O Velho faz saltar um cartucho vermelho e faz piruetas ao redor de sua espingarda. — Mas, ah, compadres, foi sopa no mel... Brincadeira de criança... Canja de galinha... menino intrometido, só precisou de um tiro na cabeça pra se estatelar de um jeito bem indecente... Consegue me ouvir aí onde você está, menino?

“Eu também fui jovem e ouvi a sereia cantar o dinheiro fácil e as mulheres e os meninos de cu apertado, e por favor não me irrite, estou tentando contar uma história que vai deixar seu pau duro e louco para ser enfiado em bocetas jovens, róseas e peroladas ou para ser usado como vitrola pela música adorável, palpitante, marrom e coberta de muco que brota no cu dos meninos... e quando você atinge a pérola prostática diamantes

límpidos se agrupam nos bagos dourados do rapaz, inexoráveis como pedras nos rins... Desculpe, mas precisei matá-lo... Minha velha égua macilenta não é mais a mesma... Não posso decepcionar meu público... tenho que botar a casa abaixo, custe o que custar... Como um leão velho com as presas cariadas, preciso de pasta de dente para conseguir morder direito... Pode apostar que esses leões acabam virando devoradores de meninos... E quem poderia culpá-los, se os meninos são tão apetitosos, tão frios, tão bonitos na Enfermaria St. James?⁴ Olha, meu filho, não me venha com rigor mortis. Mostre respeito por este caralho idoso... Um dia você também vai ser um velho chato... Ah, hã; pois é, acho que não... Como o sodomita descalço e sem-vergonha de Housman, o Ingênuo Solidificado de Shropshire, você pousou seus pés ligeiros sobre o silo da mudança... Mas não se pode matar esses meninos de Shropshire... foi enforcado tantas vezes que continua resistindo, como um gonococo semicastrado por penicilina que arranja forças descomuns e multiplica-se em progressão geométrica... Assim, permita-nos votar em prol de uma soltura honrosa e do encerramento dessas exposições animais pelas quais o xerife cobra meio quilo de carne humana.”

XERIFE: — Baixo as calças dele por meio quilo, pessoal. Podem chegar mais perto. Uma demonstração séria e científica sobre a localização do Centro Vital. O negócio desta criatura aqui tem vinte e dois centímetros, senhoras e senhores, entrem e meçam por si mesmos. Basta meio quilo ou uma rara nota de três dólares para assistir a um menino gozar no mínimo três vezes seguidas (eu nunca me rebaixaria a trabalhar com um eunuco) *totalmente contra sua vontade*. Quando seu

pescoço for quebrado, não tenham dúvida de que a criatura vai colocar-se em posição de sentido e sair esguichando em cima de vocês.

Parado em pé sobre o alçapão, o menino desloca o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Ai, Deus! Menino, as coisas que você precisa aguentar nessa profissão. Tenho certeza de que algum velho nojento vai meter a mão em mim.

O alçapão se abre, a corda sibila como uma rajada de vento e o som do pescoço se partindo reverbera alto e claro como um gongo chinês.

O menino usa um canivete automático para cortar a corda e corre atrás de uma bichona aos berros. A bicha mergulha pelo vidro do *peep show* e lambe o cu de um negro sorridente...

Escurece.

(Mary, Johnny e Mark fazem uma medida, ainda com a corda ao redor do pescoço. Não são tão jovens quanto aparentam nos filmes ... Parecem cansados e petulantes.)

Congresso da Associação Internacional de Psiquiatria Tecnológica.

Dr. “Dedos” Schafer, o Garoto Lobotomia, levanta-se e dirige aos participantes o impacto gélido e azul de seu olhar:

— Cavalheiros, o sistema nervoso humano pode ser reduzido a uma coluna vertebral compacta e abreviada. O cérebro, tanto faz se anterior, médio ou posterior, deve seguir o mesmo rumo das adenoides, dos sisos e do apêndice... Apresento-lhes minha Obra-Prima: O

Americano Perfeito Completamente Desprovido de Ansiedade...

Soam as trombetas: dois Carregadores Negros trazem o Americano nu e largam-no sobre o palco com brutalidade animalesca e desdenhosa... O Americano se contorce... Sua carne transforma-se em uma geleia pegajosa e transparente que paira em meio a uma bruma esverdeada, revelando uma centopeia negra e monstruosa. Ondas de um fedor desconhecido tomam a sala, queimando pulmões e tomando conta de estômagos...

Schafer entrelaça as mãos, choramingando:

— Clarence!! Como pôde fazer isso comigo?? Ingratos!!
Todos não passam de ingratos!!

Consternados, os Participantes começam a cochichar:

— Acho que desta vez Schafer foi longe demais...

— Eu bem que avisei...

— Schafer é um sujeito brilhante... mas...

— Faz qualquer coisa para aparecer...

— Cavalheiros, esta criação inominável e completamente ilegítima do cérebro perverso do dr. Schafer não deve vir à tona... Nosso dever para com a raça humana é bem claro...

— O que ele fez já veio à tona — lembrou um dos Carregadores Negros.

— Precisamos eliminar essa criatura Antiamericana! — exige um médico sulista, um gordo com cara de sapo que até então bebia aguardente em um pote de conserva. Avança a passos bêbados e então se detém, estarrecido com o tamanho formidável e o aspecto ameaçador da centopeia...

— Tragam gasolina! — urra. — Precisamos queimar esse filho da puta como se fosse um crioulo metido!

— Não vou me meter nisso, não... — declara um médico jovem e malandro, louco de LSD²⁵. — Ora, vai que um procurador metido a esperto...

Escurece.

— Ordem no tribunal!

PROMOTOR: — Cavalheiros do júri, estes “distintos cavalheiros” alegam que a criatura humana inocente por eles abatida de maneira tão frívola havia se transformado subitamente em uma imensa centopeia negra e que era “seu dever para com a raça humana” destruir tal monstro antes que fosse capaz de, lançando qualquer meio à sua disposição, cometer algum ato inominável...

“Por acaso somos obrigados a engolir tamanho engodo? Devemos receber de bom grado tais mentiras deslavadas como se fôssemos um cu anônimo e bem lubrificado? Onde *está* tal assombrosa centopeia?

“‘Nós a destruímos’, afirmam com arrogância... E gostaria de lembrá-los, cavalheiros e hermafroditas do júri, que esta Grande Besta”, diz apontando para o dr. Schafer, “compareceu a este tribunal em diversas ocasiões anteriores, acusado do inominável crime de estupro cerebral... Sendo mais claro”, diz esmurrando a balaustrada do banco do júri e elevando a voz até converter-se em grito, “sendo mais claro, cavalheiros, estamos falando de *lobotomia forçada*...”

O júri engole em seco... Um dos jurados morre de ataque cardíaco... Três outros desabam no chão, retorcendo-se em orgasmos lascivos...

Com um gesto dramático, o Promotor aponta o dedo:

— Foi ele. Ele, e mais ninguém, foi o responsável por reduzir províncias inteiras de nosso belo país a um estado que beira a mais pura estupidez... Foi ele quem encheu depósitos imensos com filas e filas, pilhas e pilhas de criaturas indefesas que precisam de ajuda alheia para satisfazer toda e qualquer necessidade... “Os Lerdos”, é assim que ele os chama, com o rosto cínico dominado pela mais pura malícia... Cavalheiros, afirmo que o assassinato frívolo de Clarence Cowie não deve ficar impune! Como uma bichona ofendida, este crime infame clama no mínimo por justiça!

Agitada, a centopeia não para de se mexer.

— Cara, essa vagabunda tá morta de fome — grita um dos Carregadores.

— Vou é sair daqui.

Uma onda de horror elétrico varre os Participantes... Correm na direção das saídas, gritando e arranhando...

1 Composta em 1926, essa música foi um dos primeiros sucessos do pianista e compositor Duke Ellington (1899-1974), um dos pais do jazz.

2 Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

3 Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

4 Referência a “St. James Infirmary Blues”, um clássico da música popular americana. Foi gravado por Louis Armstrong e Billie Holiday, entre outros.

O mercado

Panorama da Cidade de Interzona. Compassos iniciais de “East St. Louis Toodle-oo”... por vezes altos e claros, tornam-se débeis e intermitentes como música em uma rua açoitada pelo vento... A Cidade Composta, onde todo o potencial humano estende-se por um imenso mercado silencioso.

Minaretes, palmeiras, montanhas e selva... Um rio preguiçoso coalhado de peixes malignos, imensos parques cobertos de mato onde meninos deitados na grama brincam com jogos enigmáticos. Na Cidade, nenhuma porta fica trancada. Qualquer um entra em seu quarto a qualquer momento. O Chefe de Polícia é um chinês que está sempre a palitar os dentes e acata denúncias relatadas por um lunático. De vez em quando, o chinês tira o palito da boca e examina uma de suas pontas. Malandros com rosto moreno e macio relaxam sob os umbrais das portas, manuseando cabeças encolhidas penduradas em correntes de ouro, rostos ausentes com a calma remota dos insetos.

Por trás deles, através de portas abertas, mesas, cabines, cozinhas e banheiros, casais copulando em fileiras de camas de latão entrecruzadas por mil redes de

dormir, junkies preparando o garrote para se aplicar, fumantes de ópio, fumantes de haxixe, gente comendo, falando, tomando banho, imersos em uma névoa de fumaça e vapor.

Mesas de jogo onde se fazem apostas incríveis. De quando em quando algum jogador levanta de um salto, gritando em desespero por ter perdido sua juventude para um ancião ou se convertido em *latah* de seu oponente. Existem, contudo, apostas ainda mais altas que a juventude ou a condição de *latah*, jogos em que apenas dois jogadores em todo o mundo sabem o que está sendo apostado.

Na cidade, todas as casas são geminadas. Casas de turfa — montanheses mongóis apertam os olhos em suas portas tomadas pela fumaça —, casas de bambu e madeira de teca, casas de barro, pedra e tijolos vermelhos, casas maoris e do Pacífico Sul, casas em árvores e em embarcações fluviais, casas de madeira com trinta metros de comprimento abrigando tribos inteiras, casas feitas de caixotes e telhas de metal onde velhos esfarrapados cozinham usando parafina enlatada, vastas estruturas de ferro enferrujado de sessenta metros de altura com divisórias vertiginosas erigidas sobre plataformas de múltiplos níveis e redes de dormir balançando sobre o vazio.

Expedições partem para lugares ignorados, com propósitos ignorados. Estranhos aportam em jangadas feitas com velhos caixotes amarrados com cordas puídas, cambaleiam para fora da selva com inchaços nos olhos semicerrados por picadas de inseto, descem das trilhas das montanhas com sangue nos pés rachados que usam para atravessar os arredores empoeirados e

tempestuosos da cidade, onde pessoas defecam lado a lado ao longo de muros de barro e abutres disputam cabeças de peixe. Pousam nos parques usando paraquedas remendados... Escoltados por um guarda bêbado, registram-se no interior de um imenso banheiro público. Depois de registrados, seus dados são fincados em pregos para servir de papel higiênico.

Pairam por sobre a cidade odores culinários de todos os países, um nevoeiro de ópio e haxixe, a fumaça vermelha e resinosa do iagê, um cheiro de selva e de água salgada e do rio putrefato e de excremento seco e de suor e genitália.

Flautas de cordilheira, jazz e bebop, instrumentos mongóis de uma corda só, xilofones ciganos, tambores africanos e gaitas de foles árabes...

Quando a Cidade é assaltada por epidemias de violência, os mortos abandonados nas ruas são devorados pelos abutres. Albinos fulguram sob o sol. Sentados debaixo de árvores, meninos se masturbam, lânguidos. Pessoas carcomidas por moléstias desconhecidas encaram os passantes com seus olhos astutos e malignos.

No Mercado da Cidade fica o Café Encontro. Adeptos de inimagináveis ofícios obsoletos que escrevinham em etrusco, viciados em drogas ainda não sintetizadas, negociantes de harmina potencializada, junk reduzida a puro hábito que oferece uma precária serenidade vegetal, líquidos indutores da condição de *latah*, soros de longevidade titonianos, negociantes do mercado negro da Terceira Guerra Mundial, extirpadores de sensibilidade telepática, osteopatas do espírito, investigadores de infrações denunciadas por enxadristas levemente

paranoicos, oficiais de justiça em posse de mandatos fragmentários redigidos em caligrafia hebefrênica com acusações de mutilações indizíveis do espírito, burocratas de repartições espectrais, funcionários de estados policiais não constituídos, uma anã lésbica que aperfeiçoou a operação *bang-utot*, ereção pulmonar que estrangula um inimigo adormecido, vendedores de tanques de orgônios e máquinas de relaxamento, corretores de refinados sonhos e nostalgias testados nas células sensibilizadas da abstinência de junk e trocados em escambo pela matéria-prima da vontade, médicos especialistas no tratamento das enfermidades à espreita na poeira negra das cidades em ruínas, concentrando sua virulência no sangue branco dos vermes sem olhos que se arrastam lentos na direção da superfície e de seus hospedeiros humanos, moléstias do fundo do mar e da estratosfera, moléstias de laboratório e da guerra atômica... Um lugar onde o passado desconhecido e o futuro emergente encontram-se com um zumbido vibrante e desprovido de som... Entidades larvais à espera de Alguém Vivo...

(A passagem que descreve a Cidade e o Café Encontro foi escrita sob efeito de intoxicação por iagê... iagê, ayahuasca, mariri e *natima* são alguns nomes indígenas para a *Banisteriopsis caapi*, um cipó de crescimento rápido nativo da região amazônica. Confira a análise do iagê no Apêndice.)

Anotações sob efeito de iagê.

Imagens caem lentas e silenciosas como neve... Serenidade... Caem todas as defesas... tudo é livre para sair ou entrar... É simplesmente impossível ter medo...

Uma bela substância azul flui para dentro de mim... Enxergo o sorriso de um rosto arcaico, parecido com uma máscara do Pacífico Sul... Seu rosto é azul-violáceo com manchas douradas...

O quarto assume um aspecto de bordel do Oriente Próximo, com paredes azuis e abajures com franjas vermelhas... Sinto que estou me transformando em uma negra, a cor escura invade minha pele sem alarde... Convulsões de luxúria... Minhas pernas assumem um formato polinésio e bem torneado... Tudo se agita com vida fervilhante e furtiva... O quarto pertence ao Oriente Próximo, aos negros, ao Pacífico Sul e a algum local familiar que não consigo definir... Iagê é uma viagem pelo espaço-tempo... O quarto parece chacoalhar e vibrar com puro movimento... Meu corpo é atravessado pelo sangue e pela essência de muitas raças, negros, polinésios, montanheses mongóis, nômades do deserto, políglotas do Oriente Próximo, índios e raças ainda não concebidas ou surgidas... Migrações, jornadas incríveis através de desertos, selvas e montanhas (estagnação e morte em um vale cercado de montanhas onde plantas brotam de órgãos genitais e crustáceos imensos são gerados no interior das cascas corpóreas, que rompem quando chega a hora de nascer) até cruzar o Pacífico a bordo de uma canoa rumo à Ilha da Páscoa...

(Tenho a impressão de que a náusea inicial causada pelo iagê é uma espécie de cinetose detonada pelo transporte até o estado oferecido pela planta.)

Todos os curandeiros fazem uso do iagê em suas práticas, seja para prever o futuro, encontrar objetos perdidos e roubados, diagnosticar e tratar doenças ou revelar o culpado de algum crime.

Como os índios (tragam uma camisa de força para *Herr Jiboias* — piada interna — nada é mais enlouquecedor para um antropólogo do que um Homem Primitivo, que chamam com desdém de “nossos primos pelados”) não consideram morte alguma um acidente e não têm consciência de suas próprias tendências autodestrutivas, talvez por sentirem que tais tendências estão sujeitas acima de qualquer outra coisa à manipulação de vontades alienígenas e hostis, para eles toda e qualquer morte é um assassinato. Quando o curandeiro toma iagê, a identidade do assassino lhe é revelada. Como se pode imaginar, as deliberações dos curandeiros nesses inquéritos da selva provocam certo nervosismo em seus clientes.

— Tomara que o Velho Xiuptutol não caia na bobagem de aparecer com o nome de algum dos nossos rapazes.

— Relaxa, toma um curare. Tudo vai dar certo...

— Mas e se ele *fizer* isso? Faz uns vinte anos que não encosta no chão, fica tomando mariri o tempo todo... Pode acreditar, Chefe, ninguém pode abusar tanto assim desse negócio... Isso cozinha o cérebro...

— Bem, então basta declará-lo incapaz...

Então Xiuptutol surge dançando do meio da selva e diz que a culpa é dos rapazes do território de baixo Tzpino, o que não surpreende ninguém... Aprendam com o velho *brujo*, queridos, ninguém gosta de surpresas...

Um funeral cruza o Mercado. Caixão negro — filigranas prateadas com inscrições em árabe —, levado por quatro carregadores. Uma procissão de carpideiras entoando a canção fúnebre... Clem e Jody unem-se ao cortejo carregando outro caixão, do qual emerge o cadáver de um porco imenso... O porco está vestido com uma

djellaba, um cachimbo de *keif* projeta-se de sua boca, uma das patas segura um pacote com imagens pornográficas e de seu pescoço pende um *mezuzá*... No caixão está escrito: “Este foi o mais nobre dos árabes”. Entoam uma paródia tenebrosa da canção fúnebre em árabe de faz de conta.

Quando Jody imita um chinês, é de matar de rir — parece uma versão histérica de um boneco de ventríloquo. Conseguiu até mesmo provocar um motim contra os estrangeiros em Shanghai, que clamou três mil vítimas.

— Levanta daí, fofa, e vê se mostra algum respeito por esses macaquitos.

— É, acho que *seria* a coisa certa a fazer.

— Querido, estou trabalhando em uma invenção das mais fabulosas... um menino que desaparece assim que você goza, deixando atrás de si um perfume de folhas queimadas e um efeito sonoro de apitos distantes de locomotiva.

— Já fez sexo em algum local sem gravidade? O sêmen flutua no ar como um adorável ectoplasma e as participantes femininas ficam sujeitas a casos de imaculada concepção, ou ao menos de concepção indireta... Isso me recorda um velho amigo, um dos homens mais bonitos que já conheci e também um dos mais insanos, completamente arruinado pela riqueza. Costumava andar com uma pistola d’água, com a qual esguichava esperma em todas as carreiristas que encontrava em festas. Ganhou sem esforço todos os processos de paternidade. Nunca usou o próprio sêmen, compreende?

Escurece...

— Ordem no tribunal!

ADVOGADO DE A. J.: — Testes conclusivos provaram que meu cliente não tem, hã, conexão pessoal com o, hã, pequeno acidente sofrido pela encantadora reclamante... Talvez ela esteja se preparando para emular a Virgem Maria e conceber de forma imaculada, acusando meu cliente de ser uma espécie de, hummm, espírito aproveitador... Lembro-me de um caso ocorrido na Holanda do século xv, em que uma jovem acusou um feiticeiro idoso e respeitável de ter conjurado um íncubo que veio a, hã, realizar congresso carnal com a dita jovem resultando em uma gravidez, efeito deveras indesejado nas circunstâncias em questão. Assim, o feiticeiro foi indiciado como cúmplice por ter supostamente agido como voyeur antes, durante e depois do ato. Contudo, cavalheiros do júri, não damos mais crédito algum a tais, hã, lendas; e uma jovem que atribui sua, hã, condição interessante às atenções de um íncubo nesta época esclarecida seria considerada uma romântica ou, falando mais claramente, uma mentirosa descarada, hehehehehe...

E agora, a Hora do Profeta:

— Milhões pereceram no lodo da maré baixa. Só conseguiram tomar fôlego uma vez. ‘Sim, sim, meu capitão’, disse, apertando os olhos em pleno convés... E quem colocará as correntes esta noite? É recomendável exercer alguma cautela ao navegar a favor do vento, pois não conseguimos nada de bom com o vento de popa... *Señoritas* são a moda desta temporada no Inferno, e

fiquei exausto com a longa subida ao cume de um pulsante Vesúvio de cacetes alienígenas.

Preciso tomar o Expresso do Oriente para sair daqui e me esconder, minas de *plaisir* são frequentes nesta região... Cavar um pouco a cada dia ajuda a passar o tempo...

Espectros punheteiros murmuram cálidos no ouvido ósseo...

Conquiste sua liberdade com as próprias mãos.

— *Cristo?* — desdenha o velho Santo, maligno e afeminado, aplicando pancake de uma vasilha de alabastro... — Um canastrão barato! Você acha que eu me rebaixaria a praticar milagres?... Esse aí deveria ter procurado algum circo...

“Aproximem-se, Mandatários e Otários, e tragam consigo os Caudatários. Faz bem para jovens e idosos, homens e bestas... O único e legítimo verdadeiro *Filho do Homem* vai curar a gonorreia de um menino usando uma de suas mãos — pelo simples contato, pessoal — enquanto produz maconha com a outra, ao mesmo tempo que caminha sobre as águas esguichando vinho pelo cu... Agora mantenham distância, pessoal, ou vocês correm o risco de ser irradiados pelas tremendas descargas dessa criatura.’

“E eu o conheço desde sempre, querido... Lembro que estávamos fazendo um Espetáculo de Imitações — coisa muito refinada — em Sodoma, que era uma cidade muito vagabunda... Quase a ponto da desnutrição... Enfim, de repente apareceu um cidadão, um filisteu de merda, saído de Baal Findomundo ou sei lá de onde e começou a

me chamar de bichona escrota em pleno espetáculo. Então respondi: 'Em três mil anos de show business, nunca perdi a compostura. Além do mais, não preciso tolerar as merdas que um incircunciso caga de sua boca de chupador de caralhos'... Mais tarde ele foi até o camarim e me pediu desculpas... Era um grande médico. E ainda por cima um sujeito adorável...

“*Buda?* Um notório junky metabólico... Produzia sozinho tudo de que precisava, se é que você me entende. Lá na Índia, onde eles não têm noção alguma de tempo, o Cara sempre chega com um mês de atraso... ‘Bem, espera um pouco, estamos na segunda ou na terceira monção? Tenho um encontro em Ketchupore meio que daqui a pouco.’

“E todos aqueles junkies ficavam sentados em posição de lótus, escarrando no chão e esperando pelo Cara.

“Então Buda aparece dizendo: ‘Não preciso aguentar esse negócio. Juro por Deus que eu mesmo vou metabolizar minha junk’.

““Cara, você não pode fazer uma coisa dessas. Os Coletores vão pegar você de jeito.’

““Ah, duvido que me peguem. Tenho os meus truques, entende? A partir de agora virei um porra de um Homem Santo.’

““Nossa, chefe, que falcatrua.’

““O problema é que alguns cidadãos ficam realmente exaltados quando experimentam a Nova Religião. Uns indivíduos desvairados, que realmente não sabem se comportar. Não têm classe alguma... Além disso, estão sujeitos a ser linchados, porque o povo não quer alguém melhor que eles andando por aí... (O que você está querendo fazer, Fulano, incomodar os outros?...) Então a

gente precisa ser discreto, cara, bem discreto... Nosso lema é pegar ou largar, pessoal. Não forçamos nada sobre sua alma, ao contrário de certos canastrões cujo nome não pronunciarei e que não estão em lugar algum. Preparem a caverna, limpem tudo. Vou metabolizar uma dose de *speedball* e proferir o Sermão do Fogo.'

"*Maomé?* Isso é algum tipo de piada? Pura criação da Câmara de Comércio de Meca. Todo o conceito de sucessão foi criado por um publicitário egípcio jogado na rua da amargura pelo abuso de bebida.

""Só mais uma dose, Gus. Juro por Alá que depois vou para casa receber outra sura... Espera só para ver quando a edição matinal chegar nos *souks*. Estou projetando Amálgamas Imagéticos a torto e a direito.'

"O garçom para de olhar para o programa de corridas. 'É. E um castigo terrível abater-se-á sobre eles.'

""Oh... hã... algo assim. Certo, Gus, pode colocar essa na minha conta.'

""Você ficou famoso em toda a Grande Meca por ser o rei do pendura. Eu não sou um cabide, sr. Maomé.

""Bem, Gus, digamos que eu saiba criar dois tipos de fama, a favorável e a do outro tipo. Está querendo um pouco do outro tipo? Posso estar prestes a receber uma sura a respeito de garçons que não ampliam o crédito daqueles que necessitam.'

""E um castigo terrível abater-se-á sobre eles. A Arábia caiu nessa.' Salta para o outro lado do balcão. 'Não vou mais tolerar essa conversa, Ahmed. Pega essas suras e cai fora. Se for preciso, eu mostro o caminho da rua. E *fica longe daqui*.'

""Isso vai ter volta, seu infiel filho de uma puta. O negócio vai ficar mais seco e apertado que o cu de um

junky. Juro por Alá que vou acabar com a bebida nesta península.’

“‘Já virou um continente...’

“Confúcio disse coisas que só fazem sentido para a Tininha e outros personagens de desenho animado. Lao-Tsé? Já deu o que tinha que dar... Ninguém mais aguenta esses santos piegas e suas expressões de pederasta desalentado no rosto, como se fingissem não perceber que estão sendo enrabados. Por que deveríamos permitir que algum velho fracassado venha nos dizer o que é sabedoria? ‘Em três mil anos de show business, nunca perdi a compostura...’

“Para começar, todo fato é encarcerado na companhia de michês e daqueles que profanam os deuses do comércio ao jogar bola na rua. Surge então algum velhote escroto de cabelos brancos, que mal consegue caminhar, para conceder-nos a dádiva de sua imbecilidade maturada. Será que nunca ficaremos livres desses lunáticos de barba grisalha que vivem no topo das montanhas do Tibete, saem de repente do interior de uma choça na Amazônia e dão o ar de sua graça até mesmo na Bowery, incomodando os passantes? ‘Estava à sua espera, meu filho’ é a senha para o início de algo que mais parece uma conversa de bêbado. ‘A vida é uma escola na qual cada aluno deve aprender uma lição diferente. Agora trarei à tona meu Tesouro de Palavras...’

“‘Tenho muito medo.’

“‘Não, nada poderá conter a subida da maré.’

“‘Não consigo contê-lo, meninos. *Sauve qui peut.*’

“‘Podem acreditar, quando abandono o Sábio é como se eu não fosse mais humano. Ele converte meus orgônios vivos em estrume morto.’

“Se possuo acesso exclusivo à palavra viva, por que não faço uso de transmissão direta? Não há como expressá-la diretamente... Talvez possa ser indicada mediante um mosaico de justaposições, como objetos abandonados em gavetas de hotel, definidos por negativas e ausências...

“Acho que vou fazer uma dobra na barriga... Posso ser velho, mas ainda dou para o gasto.”

(A Dobra Abdominal é um procedimento cirúrgico para remover gordura da barriga e ao mesmo tempo formar uma dobra na parede do abdome. Cria-se assim um espartilho de carne que, contudo, está sujeito a romper-se e despejar suas velhas e horrendas tripas pelo chão... Obviamente, os modelos mais esguios e elegantes de E. C. são os mais perigosos. Aliás, alguns dos modelos mais radicais são conhecidos no ramo pela sigla D. U. N. [Duram Uma Noite].

Sem papas na língua, o dr. “Rabiscos” Rindfest declara: “Para alguém com E. C., não existe lugar mais perigoso que uma cama”.

A música-tema dos usuários de E. C. é “Believe Me, If All These Endearing Young Charms”.* O parceiro de alguém que usa um E. C. está realmente sujeito a “*fleet from your arms like fairy gifts fading away*”.)

* * *

Róseos nus de vinte metros de altura banhados pela luz solar que preenche a sala branca de um museu. Intensos murmúrios adolescentes.

Balaustrada de prata... abismo de trezentos metros rumo ao brilho da luz do sol. Hortas diminutas e verdes

de repolho e alface. Rapazes morenos carregam enxós e atravessam um canal de esgoto sob o escrutínio de uma bicha velha.

— Ai, querido, será que alguém usa excremento humano como adubo?... Talvez comecem a fazer isso agora.

Saca uns binóculos de ópera incrustados de madrepérola, um mosaico asteca sob o sol.

Uma fila comprida de efebos gregos que marcham carregando vasilhas de alabastro cheias de merda e esvaziam em uma fossa de greda.

A brisa vespertina sacode os álamos empoeirados que cercam os tijolos vermelhos da Plaza de Toros.

Cubículos de madeira ao redor de uma fonte de águas cálidas... entulhos de muros em ruínas em um bosque de choupos... bancos tornados lisos como metal por um milhão de garotos punheteiros.

Brancos como mármore, efebos gregos fodem como cães, todos de quatro em frente ao pórtico de um imenso templo dourado... nu, um Entrepelado dedilha seu alaúde.

Sammy, o filho do Vigia das Docas, encontrou dois mexicanos enquanto caminhava pelas trilhas usando seu suéter vermelho.

— Ei, Magrelo — dizem. — Quer ser enrabado?

— Bem... Quero.

Foi posto de quatro pelo mexicano sobre um colchão de palha esfarrapado. Um garoto negro baila ao seu redor, marcando as estocadas com seus passos de dança... infiltrando-se por um buraco na madeira, o sol ilumina seu caralho com uma mancha rosada.

Cansada, a vergonha em carne viva ergue-se rósea contra o azul-pastel do horizonte, onde imensas mesetas de ferro irrompem no céu despedaçado.

— Tudo vai bem — grita O Deus com sua voz penetrante como ferrugem de três mil anos...

Um granizo de crânios de cristal estilhaçou a estufa de vidro sob o luar de inverno...

A americana deixou por trás de si um rastro de veneno na umidade de uma festa ao ar livre em St. Louis.

Tanque coberto de limo verde nas ruínas de um jardim francês. Lento, um sapo imenso e pederasta emerge da água, tocando clavicórdio sobre um palco de barro.

Um *sollubi* entra correndo no bar e começa a engraxar os sapatos do Santo com o sebo de seu nariz... Petulante, o Santo chuta-lhe a boca. O *sollubi* grita, rodopia e caga nas calças do Santo. Depois corre para a rua. Um cafetão contempla-o com olhos analíticos...

O Santo chama o gerente: — Céus, Al, que tipo de espelunca é esta? Olha só o que aconteceu com minha ictiose novinha...

— Desculpa, Santo. Não o vi entrar.

(*Sollubis* são integrantes de uma casta de intocáveis da Arábia, notórios por sua baixeza repugnante. Cafés luxuosos oferecem *sollubis* que lambem o cu dos clientes enquanto comem — é com este intuito que se providenciam buracos em todos os assentos. Cidadãos que desejam ser terrivelmente humilhados e degradados — como é o desejo de tantos nos dias de hoje, loucos como estão para abreviar suas vidas — oferecem-se como parceiros sexuais passivos a um acampamento inteiro de *sollubis*... Dizem que não existe nada igual... De fato, os *sollubis* estão sujeitos a se tornar ricos e

arrogantes, e quando isso acontece perdem sua baixeza natural. Qual a origem desses intocáveis? Trata-se provavelmente de uma casta sacerdotal que perdeu todo o seu prestígio. De certo modo, os intocáveis ainda cumprem uma função sacerdotal ao clamarem para si todo tipo de baixeza humana.)

Envergando sua capa negra, A. J. passeia pelo Mercado com um abutre empoleirado no ombro. Para ao lado de uma mesa de agentes.

— Essa vocês precisam ouvir. Menino de Los Angeles, quinze anos de idade. O pai resolve que chegou a hora de o menino comer uma bunda. Quando o menino está deitado no jardim, lendo suas histórias em quadrinhos, o pai aparece e diz: “Filho, aqui estão vinte dólares; quero que saia atrás de uma puta das boas e diga que está a fim de comer a bunda dela”.

“Aí eles pegam o carro e vão até um bordel todo forrado de veludo, e o pai diz: ‘Certo, meu filho. Agora é com você. Vai ali e toca a campainha. Quando a mulher aparecer, mostra os vinte dólares e diz que veio comer a bunda dela’.

“‘Deixa comigo, pai.’

“Uns quinze minutos depois, o menino está de volta:

“‘E aí, meu filho, comeu uma bunda?’

“‘Pois é, pai. Quando a vadia atendeu a porta, falei que tava a fim de comer a bunda dela e dei os vinte paus. Entramos no quarto e ela tirou a roupa. Quando peguei meu canivete e cortei um naco daquela bunda a mulher abriu um berreiro tão grande que precisei estourar a

cabeça dela com um dos meus sapatos. Aí fodi a defunta pra me divertir um pouco.’”

Restam somente os ossos a gargalhar, a carne cruza o horizonte sobre o vento da aurora ao som dos apitos de um trem. Não ignoramos o problema e temos sempre em mente as necessidades de nossos eleitores. Vivem em nossos corações. Quem conseguiria revogar um aluguel de sinapses que já dura noventa e nove anos?

Mais um capítulo das aventuras de Clem Snide, o Ânus Particular:

— Entro no bar, enxergo uma prostituta sentada no balcão e penso “Ai meu Deus, isso é o que eu chamo de *poule de luxe*”. É como se eu já tivesse encontrado aquela vadia em algum lugar. Aí de início nem presto atenção, mas quando ela começou a esfregar uma perna contra a outra e colocou os pés atrás da cabeça para aplicar uma ducha íntima com uma geringonça que saía de seu nariz, convenhamos, esse é o tipo de coisa que não tem como deixar de perceber.

Iris — meio chinesa, meio negra, viciada em di-hidroxi-heróina — aplica-se de quinze em quinze minutos, e para isso carrega conta-gotas com as agulhas permanentemente cravadas em seu corpo. Sua carne ressecada enferruja as agulhas, que em alguns pontos foram totalmente engolfadas pela carne formando cistos sebáceos macios e castanho-esverdeados. Sobre a mesa à sua frente repousa um samovar de chá e um cesto com nove quilos de açúcar mascavo. Nunca foi vista comendo outra coisa. Só consegue escutar o que alguém diz, incluindo a si mesma, quando está prestes a se aplicar. Nesses momentos costuma fazer algum comentário factual e desprovido de entusiasmo sobre si mesma.

— Meu cu está obstruído.

— Tem uma gosma verde escorrendo da minha boceta.

Iris é um dos projetos de Benway.

— Que diabos, o corpo humano pode viver apenas de açúcar... Sei que alguns de meus distintos colegas, em mais uma tentativa de diminuir o valor de minha obra genial, afirmam que misturo vitaminas e proteínas no açúcar de Iris, às escondidas... Desafio tais imbecis anônimos a rastejar para fora de suas latrinas e realizar uma análise laboratorial completa do açúcar e do chá consumidos por Iris. Iris é uma saudável boceta americana. Nego categoricamente que esteja se nutrindo de sêmen. E deixem-me aproveitar esta oportunidade para declarar que sou um cientista respeitável, não um charlatão, um lunático ou um pretenso milagreiro... Nunca afirmei que Iris fosse capaz de sobreviver exclusivamente de fotossíntese... Nunca declarei que é capaz de respirar dióxido de carbono e expirar oxigênio — confesso que fui tentado a realizar tal experiência, mas meu senso de ética médica me impediu de seguir adiante... Em resumo, as calúnias vis dos insetos que se opõem a mim fatalmente se voltarão contra meus adversários, como sempre acontece com as denúncias de qualquer dedo-duro.

* Balada do poeta irlandês Thomas Moore (1779-1852). Em tradução livre, o verso citado significa “voar de seus braços como presentes de fadas a desvanecer”.

Homens e mulheres comuns

Almoço do Partido Nacionalista em um terraço com vista para o Mercado. Charutos, scotch, arrotos muito polidos... Vestido com uma *djellaba*, o Líder do Partido anda de um lado para o outro fumando seu charuto e bebendo scotch. Calça sapatos ingleses muito caros, com meias berrantes e ligas que contrastam com suas pernas cabeludas e musculosas — um efeito geral de gângster bem-sucedido que resolveu usar uma fantasia.

L. P. (apontando com um gesto dramático): — Dê uma olhada. O que você enxerga?

ASSECLA: — Hein? Ora, enxergo o Mercado.

L. P.: — Não, resposta errada. Você enxerga homens e mulheres. Homens e mulheres *comuns*, cuidando de suas tarefas cotidianas comuns. Levando sua vida comum. É disso que precisamos...

Um menino de rua trepa na balaustrada do terraço.

ASSECLA: — Não, nós não queremos comprar camisinhas usadas! Cai fora!

L. P.: — Espere!... Venha cá, menino. Sente-se... Fume um charuto... Beba um drinque. — Rodeia o garoto como um gato macho excitado.

L. P.: — O que você acha dos franceses?

— Hein?

L. P.: — Os franceses. Aqueles colonialistas desgraçados que estão sugando os corpúsculos do seu organismo.

— Olha aqui, meu senhor. Sugar meu corpúsculo custa duzentos francos. Não baixo meus preços desde o ano da morrinha, quando todos os turistas morreram. Até os escandinavos.

L. P.: — Está vendo? Um típico menino de rua.

ASSECLA: — Seu faro é mesmo certo, patrão.

— M. I. nunca se engana.

L. P.: — Veja bem, garoto. Digamos assim: os franceses roubaram coisas que eram suas por direito.

— Tá falando da Dinheiro Fácil?... Eles têm um eunuco egípcio e banguela pra cuidar do serviço. Sacaram que ele causaria menos problemas, sabe, ele sempre baixa as calças pra mostrar que é eunuco. “Olha só, não passo de um pobre e velho eunuco tentando ganhar a vida. Minha senhora, veja bem, eu realmente adoraria poder ampliar o prazo de devolução desse rim artificial, mas estou apenas fazendo meu trabalho... Desconectem esse negócio, meninos.”

“Mostra as gengivas com uma risada cruel e febril... ‘Não é por nada que sou conhecido como Nellie Tomadevolta.’

“Então desconectam minha própria mãe, aquela santíssima puta velha, e ela incha e enegrece e o *souk* inteiro começa a feder a mijo, os vizinhos reclamam para a Comissão Sanitária e meu pai diz: ‘É a vontade de Alá. Agora ela não vai mais mijar meu dinheiro pelo ralo’.

“Tenho nojo de pessoas doentes. Quando algum cidadão começa a me falar de seu câncer de próstata ou

sobre seu septo que entrou em putrefação e está começando a escorrer pus eu digo: ‘Você acha meeesmo que tenho algum interesse em compartilhar de seu estadinho abominável? Olha, não estou nadiiinha interessado’.”

L. P.: — Está *certo*. Chega... Você odeia os franceses ou não?

— Odeio todo mundo, meu senhor. O dr. Benway diz que isso é metabólico, que a culpa é de alguma coisa que tenho no sangue... Árabes e americanos costumam sofrer disso... O dr. Benway está preparando um antissoro.

L. P.: — Benway é um Agente Ocidental infiltrado.

ASSECLA 1: — Todos sabem que ele é um judeu francês...

ASSECLA 2: — Um crioulo judeu comunista de rabo preto e bagos de porco.

L. P.: — Cala essa boca, idiota!

ASSECLA 2: — Desculpa aí, patrão. Acabo de passar um tempo em Quecedane.

L. P.: — Não se meta com Benway. (Para a plateia: “Não sei se ele vai cair nessa. Nunca se sabe o quanto são primitivos...”)

Ele é um praticante de magia negra disfarçado.

ASSECLA 1: — Tem um *djinn* escondido em casa.

— Ah, sei... Olha só, eu tenho um encontro com um cliente americano grã-fino. Um verdadeiro sujeito de classe.

L. P.: — Não sabia que é vergonhoso ficar vendendo a bunda para cacetes infiéis e estrangeiros?

— Bem, esse é o seu ponto de vista. Divirta-se.

L. P.: — Igualmente.

Menino sai de cena.

L. P.: — São incorrigíveis, ouçam o que digo. Incorrigíveis.

ASSECLA 1: — Que história é essa de antissoro?

L. P.: — Sei lá, mas não gostei nada dessa conversa. Acho melhor colocar um investigador telepático no rastro do Benway. Não se pode confiar nesse sujeito. É capaz de tudo... Até de transformar um massacre em orgia sexual...

ASSECLA 1: — Ou em piada.

L. P.: — Exatamente. Esses tipinhos metidos a artista... Não têm princípios...

* * *

DONA DE CASA AMERICANA (abrindo uma embalagem de Lux): — Isso aqui devia ter uma espécie de sensor elétrico que abrisse a caixa assim que registrasse minha presença e chamasse o Autômato Faz-Tudo para preparar a banheira... Por sinal, o Faz-Tudo anda meio fora de controle desde a última quinta-feira, fica me bolinando sem que eu o tenha programado para isso... E a Unidade Eliminadora de Resíduos não para de me incomodar, isso sem falar naquela velharia de Misturador que vive tentando enfiar-se por baixo do meu vestido... Estou com uma gripe terrível e meu intestino está totalmente constipado... Vou programar o Faz-Tudo para me aplicar um enema agora mesmo.

VENDEDOR (algo entre um *latah* agressivo e um Emissor tímido): — Lembro bem a época em que eu viajava com K. E., o inventor mais genial do ramo das engenhocas.

“‘Imagina só!’, ele dizia, assim do nada. ‘Um separador de creme na sua cozinha!’

“‘K. E., só de pensar nisso eu fico tonto.’

“‘Pode levar uns cinco anos, talvez dez, sim, quem sabe uns vinte... Mas vai existir.’

“‘Eu espero, K. E. Não importa o quanto demore, eu espero. Quando começarem a chamar os clientes, serei um dos primeiros da fila.’

“Foi K. E. quem inventou o Sistema Polvo para Massagistas, Barbearias e Banhos Turcos. Com ele você consegue aplicar ao mesmo tempo um enema e receber uma massagem indecorosa, lavar os cabelos do cliente com xampu, cortar suas unhas do pé e espremer seus cravos. Criou também o Sistema Medicinal Pode Deixar, que permite aos médicos muito ocupados extrair apêndices, dar um jeito em hérnias, arrancar sisos, puncionar hemorroidas e fazer circuncisões, tudo ao mesmo tempo. Ora, K. E. é um vendedor tão incrível que se por acaso ficar sem estoque de Sistemas Polvo é capaz de usar sua lábia para vender um Sistema Pode Deixar a uma barbearia. No dia seguinte algum cidadão acorda sem hemorroidas...

“‘Céus, Homer, que tipo de espelunca é essa? Parece que fui enrabado por uma tropa inteira.’

“‘Olha, Si, juro que minha única intenção era aplicar nosso enema gratuito, uma cortesia do dia de Ação de Graças. Acho que o K. E. me vendeu o sistema errado de novo...’”

MICHÊ: — Menino, as coisas que você precisa aguentar nessa profissão. Ai, Deus! Não acreditaria nas propostas

que eu recebo... Querem brincar de *latah*, querem se misturar com meu protoplasma, querem me usar de molde para criar réplicas, querem chupar meus orgônios, querem roubar para si minhas experiências passadas e deixar no lugar velhas memórias que me enjoam...

“Um dia eu tava trepando com um cidadão, pensando: ‘Finalmente alguém normal’; mas aí ele começou a gozar e se transformou em algum tipo de caranguejo tenebroso... Eu disse pra ele: ‘Cara, não tenho que aturar uma coisa dessas... Por que você não procura uma farmácia, hein?’. Tem gente que não tem mesmo nenhuma classe. Tem outro sujeito detestável, um velho telepata, que fica sentado sem fazer nada até melar as roupas de porra. É um nojo.”

Confusos, os garotos de programa recuam até a beira da rede soviética, onde cossacos enforcam *partisans* ao som de gaitas de foles enlouquecidas enquanto os meninos avançam pela Quinta Avenida até serem recebidos por Jimmy Walkover, que entrega a eles as chaves do Reino sem pedir nada em troca, pois estavam em seu bolso, esquecidas...

Por que estás tão pálido e lívido,* belo pederasta? Cheiro de sanguessugas mortas em uma lata enferrujada, foram colocadas naquela ferida aberta, chuparam fora o corpo e o sangue e os ossos de Jesuuuuus e o deixaram paralisado da cintura para baixo.

Menino, rende tuas formas ao teu padrinho que fez o exame há três anos e tem respostas para qualquer dúvida sobre beisebol.

Traficantes de gorados perseguem uma vaca grávida, prestes a parir. O fazendeiro alega *gravidez psicológica* e começa a berrar rolando no esterco. O veterinário digladia-se com um esqueleto de vaca. Os traficantes metralham uns aos outros, esgueirando-se pelo maquinário e pelos silos, pelos compartimentos, palheiros e manjedouras de um imenso celeiro vermelho. Nasce o bezerro. As forças da morte dissolvem-se assim que amanhece. Um dos meninos da fazenda ajoelha-se, reverente — sua garganta a pulsar perante o nascer do sol.

Junkies sentados nos degraus do tribunal aguardam o Cara. Caipiras com chapéus de caubói negros e calças jeans desbotadas amarram um crioulinho a um velho poste de ferro e o encharcam de gasolina em chamas... Os junkies aproximam-se correndo e aspiram a fumaça da carne queimada para dentro de seus pulmões doloridos... É um verdadeiro alívio...

O FUNCIONÁRIO PÚBLICO: — Eu tava sentado ali na frente da loja do Jed em Lambussa, pegando um sol... Minha pica tava mais dura que um nó de pinho, pulsando por debaixo dos meus jeans... Aaaí o velho dr. Scranton apareceu, taí um bom sujeito, não tem homem mais decente que o dr. Scranton nesse vale. Como ele sofre de prolapso anal, quando tem vontade de ser enrabado só precisa espichar o cu na ponta de um metro de in-tes-ti-no... Se quiser, pode até lançar um rolo de tripa desde o consultório dele até o bar do Roy que a bichinha começa a procurar uma pica, se arrastando por todo canto que nem uma cobra-cega... Aí o velho dr. Scranton enxerga

meu caralho e para na mesma hora, que nem um perdigueiro, e diz: 'Luke, posso tomar seu pulso daqui onde estou'.

Armados com facões de capar porco, Brubeck e o jovem Seward duelam cruzando celeiros, galinheiros e canis alvoroçados... cavalos relincham mostrando seus enormes dentes amarelos, cães uivam, gatos a copular gritam como bebês, uma vara de porcos com os pelos eriçados coloca a língua para fora e demonstra seu desagrado. Brubeck se desequilibra e é vitimado pela lâmina do jovem Seward, então tenta segurar as entranhas violáceas que escapam pelo talho de vinte centímetros. O jovem Seward decepa o caralho de Brubeck e ergue-o, ainda pulsante, contra a neblina rósea da aurora...

Brubeck grita... freios de metrô cospem ozônio...

— Para trás, pessoal... Para trás.

— Estão dizendo que ele foi empurrado.

— Parecia desequilibrado, como se não conseguisse enxergar direito.

— Muita fumaça nos olhos, acho.

Mary, a Governanta Lésbica, escorregou em um absorvente ensanguentado e se estatelou no chão do pub... Uma bicha de cento e quarenta quilos acaba com ela na base dos pontapés, soltando gritinhos de prazer pederasta...

Canta, com um falsete tenebroso:

*He is trampling out the vintage where the grapes of
wrath are stored,
He has loosed the fateful lightning of his terrible swift
sword.***

Saca uma espada de madeira pintada de dourado e golpeia o ar. Seu espartilho arrebenta e voa zunindo até o alvo de dardos.

A velha espada de toureiro resvala no osso e entra zunindo no coração do *espontáneo*, cravando no estrado sua coragem malograda.

— Aí um veado chique cansa de Lambussa, no Texas, e se manda para Nova York. É a bicha mais afrescalhada e chique que já existiu. Acaba adotado por velhas chegadas em veadinhos jovens, predadoras velhas e desdentadas fracas e lerdas demais para conseguir caçar qualquer outro tipo de presa. Tigresas idosas, carcomidas pelas traças, sempre se tornam devoradoras de veados... Aí esse cidadão, uma bicha espertalhona metida a artista, torna-se designer de joias. Todas as putas velhas da Grande Nova York querem que ele crie suas joias, e ele começa a ganhar dinheiro, 21, El Morocco, Stork, mas não sobra tempo para o sexo, passa o tempo todo preocupado com sua reputação... Começa a apostar nos cavalinhos, imaginando sabe-se lá por qual motivo que existe algo de másculo em participar de jogatinas, e acredita que ser visto no hipódromo pode criar uma boa fama. São poucos os veados que apostam nos cavalinhos, e aqueles que apostam perdem mais dinheiro que os outros, são péssimos jogadores, correm muitos riscos mesmo quando estão perdendo e param de apostar quando estão ganhando... de certo modo esse é o padrão de sua vida... Ora, qualquer criança sabe que nos jogos de azar existe apenas uma lei: vitórias e

derrotas acontecem em série. Arrisque quando estiver ganhando, tome cuidado quando começar a perder. (Certa vez conheci uma bicha que roubava dinheiro do trabalho — nada de pegar dois mil de uma só vez, correndo o risco de ser apanhada com a boca na botija. Não era assim que essa fofa agia... Ah, não, ela pegava no máximo uns dois dólares por vez...)

“Aí ele começou a perder e perder e perder um pouco mais. Um dia, quando estava prestes a incrustar uma pedra preciosa em uma joia, aconteceu o óbvio... ‘Mais tarde eu devolvo, é claro.’ Notórias últimas palavras. Daí em diante, durante todo o inverno, diamantes, esmeraldas, pérolas, rubis e safiras do *haute monde* são empenhados um a um e substituídos por réplicas de qualidade duvidosa...

“Aí, numa noite de abertura no Met, uma matrona aparece com sua tiara de diamantes, imaginando que está estonteante. Outra puta velha se aproxima e diz: ‘Ah, Miggles, como você é esperta... deixou a verdadeira em casa... Andar por aí dando sopa para o perigo é mesmo loucura’.

“‘Querida, você está enganada. Estes diamantes *são* verdadeiros.’

“‘Ah, Miggles, qué-rida, mas é claro que *não* são... Ora, pergunte ao seu joalheiro... Ou melhor, pergunte a *qualquer um*. Haa haaaa.’

“Convoca-se imediatamente um sabá. (Lucy Bradshinkel, cuidado com suas esmeraldas.) Aquele monte de bruxas velhas começa a examinar suas pedras preciosas como um cidadão procurando lepra pelo corpo.

“‘Meu rubi sangue-de-galinha!’

“‘Minhas opalas nieeeegras!’ Essa é uma puta velha que casou tantas vezes com tantos estrangeiros imundos de procedências diversas que nem lembra mais qual é seu verdadeiro sotaque...

“‘Minha lllllinda safira!’, berra uma *poule de luxe*. ‘Ah mas que coisa terrível!’

“‘É tudo de quinta categoria...’

“‘Só há uma coisa a ser feita. Vou telefonar para a polícia’, anuncia uma velhota falastrona, de personalidade forte; marcha pelo corredor com seus saltinhos e liga para a delegacia.

“Bem, o veado acaba condenado a dois anos; na prisão, conhece um sujeito que é uma espécie de michê barato. É quando surge o amor em nossa história, ou pelo menos uma imitação convincente o bastante para convencer ambos os envolvidos. Como era necessário para o desenrolar do enredo, os dois são libertados quase ao mesmo tempo e vão morar juntos em um apartamento no Lower East Side... Cozinham um para o outro e arranjam empregos simples, mas honestos... Pela primeira vez na vida, Brad e Jim conhecem a verdadeira felicidade.

“Entram em cena as forças do mal... Lucy Bradshinkel aparece para dizer que tudo foi perdoado. Acredita em Brad e quer montar-lhe um ateliê. Para isso, é evidente, ele precisará mudar-se para os East Sixties... ‘Este lugar é impossível, qué-rido; e esse seu *amigo*, francamente...’ E gângsteres influentes querem Jim de volta para trabalhar de motorista. Isso é subir de nível, entende? Uma oferta de cidadãos que mal o conheciam.

“Jim voltará ao mundo do crime? Brad sucumbirá às lisonjas de uma vampira envelhecida, consumida por

uma fome insaciável?... Nem preciso dizer que as forças do mal acabam derrotadas e saem de cena rosnando e resmungando de forma ameaçadora.

“‘O chefe não vai gostar nada disso.’

“‘Nem sei por que perdi meu tempo com você, sua bichinha vulgar de quinta categoria.’

“Abraçados em frente à janela de seu apartamento caindo aos pedaços, os meninos contemplam a ponte do Brooklyn. Morno, um vento de primavera despenteia os cachos negros de Jim e o cabelo de Brad, cuidadosamente tingido de hena.

“‘Bem, Brad, o que vamos jantar?’

“‘Surpresa! Fique esperando na sala.’ Enxota Jim para fora da cozinha, brincalhão, e coloca seu avental.

“O jantar consistiu na boceta *saignant* de Lucy Bradshinkel assada em *papillon* de absorvente íntimo. Os meninos comeram felizes, olhos nos olhos. Sangue escorria por seus queixos.”

Que a chama azul da aurora cruze a cidade... Não restam mais frutas nos quintais e os fornos crematórios expulsam seus mortos pelas chaminés...

— Minha senhora, poderia me indicar o caminho até Tipperary?

Muito além das colinas, na direção de Blue Grass... Cruzando os gramados de ossos moídos até o lago congelado onde peixinhos dourados em animação suspensa aguardam a chegada da primavera que trará o Traficante de Índias.

Aos berros, o crânio sobe rolando as escadas dos fundos para morder fora o caralho do marido infeliz que

resolveu aproveitar que a mulher estava com dor de ouvido para fazer o que não deve. O jovem marujo iniciante enfia um chapéu de oleado na cabeça e mata sua esposa a pancadas debaixo do chuveiro.

BENWAY: — Não leve isso tão a sério, rapaz... *Jedermann macht eine kleine Dummheit*. (Todo mundo comete suas pequenas cagadas.)

SCHAFER: — Estou dizendo que não consigo deixar de sentir algo de... bem, algo de *maligno* a respeito disso.

BENWAY: — Que bobagem, meu garoto... Somos cientistas... Homens consagrados à mais pura ciência. Continuamos com nossas pesquisas porque somos abnegados, e maldito seja quem gritar: 'Esperem um pouco, vocês estão indo *longe demais!*'. Esse tipo de gente não é melhor que um estraga-prazeres do partido.

SCHAFER: — Sim, sim, claro... e ainda assim... não consigo tirar esse fedor dos pulmões...

BENWAY (irritado): — Nenhum de nós consegue... Nunca senti um cheiro parecido... Do que eu estava falando, mesmo? Ah sim, o que poderia acontecer caso usássemos curare e pulmão de aço no decurso de uma crise maníaca aguda? É bem possível que o espécime, impossibilitado de usar a atividade motora para descarregar suas tensões, viesse a sucumbir na mesma hora, como um rato selvagem. Uma causa mortis interessante, não acha?

Schafer não está prestando atenção. — Sabe — diz, em um impulso —, acho que voltarei a praticar a velha cirurgia à moda antiga. O corpo humano é escandalosamente ineficiente. Em vez de uma boca e um

ânus que vivem dando problema, porque não contar com um único buraco multitarefa que sirva para comer e excretar? Poderíamos lacrar o nariz e a boca, preencher o estômago e perfurar um buraco com comunicação direta com os pulmões, onde sempre deveria ter estado...

BENWAY: — E por que não uma bolha multitarefa? Nunca contei a você a história do homem que ensinou o cu a falar? Todo o seu abdome movia-se em ondas, entende? Ficava peidando as palavras. Eu nunca tinha escutado algo parecido.

“Essa conversa anal alcançava uma espécie de frequência viscerosa. Acertava suas tripas em cheio, como se você estivesse com vontade de ir ao banheiro. É como quando você leva uma cotovelada do velho cólon, sabe? Começa a sentir calafrios e só consegue pensar em enfiar a bunda na privada. Bem, mas como eu estava dizendo, essa conversa atingia suas tripas em cheio com um som borbulhante, espesso e estagnado, um som que você conseguia até *farejar*.

“Esse homem trabalhava em um circo, sabe, até porque conseguia oferecer um espetáculo de ventriloquismo no mínimo inovador. Também era bem engraçado, pelo menos de início. Ele tinha um número chamado O Mió dos Buracos, que era um escândalo, pode acreditar. Esqueci como era, mas lembro que era um negócio bem esperto. Algo do tipo ‘Oh! Ora vejam... Então ainda estás aí embaixo, meu camaradinha?’

““Que nada! Precisei dar uma saída pra me aliviar.”

“Depois de algum tempo o cu ganhou vida própria. O sujeito entrava em cena sem ter nada ensaiado e o cu desatava a falar de improviso, respondendo todas as suas tiradas.

“Então o cu desenvolveu uma espécie de ganchos encurvados e ásperos, parecidos com dentes, e começou a se alimentar. De início o sujeito achou aquilo adorável e até criou um número que tirava proveito dessa nova característica, mas logo em seguida o cu começou a devorar os fundilhos de suas calças e a tagarelar em plena rua, exigindo direitos iguais em altos brados. Também passou a se embebedar e ter ataques de choro, resmungando que ninguém lhe amava e que, assim como qualquer outra boca, gostaria de ganhar beijos. Por fim, passava dias e noites falando sem parar. Mesmo a quarteirões de distância era possível escutar o sujeito discutindo com o próprio cu, mandando que ficasse quieto e tentando aquietá-lo com murros. Chegou até a enfiar velas cu adentro, na esperança de que isso o calasse, mas no fim das contas nada adiantou e o cu fez uma ameaça: ‘Quando isso tudo terminar, quem vai ficar quieto é você. Não eu. Isso porque não vamos mais precisar de você por aqui. Sou capaz de falar, comer e cagar’.

“Depois disso, o sujeito começou a acordar de manhã com a boca coberta por uma gelatina transparente como uma cauda de girino. Essa gelatina é chamada pelos cientistas de T. in-D., Tecido Indiferenciado, e consegue agregar-se a qualquer parte do corpo humano. Quando o homem arrancava a gelatina da boca, os pedaços grudavam em suas mãos como álcool gel, e onde quer que aquilo caísse começava a crescer na hora. Sua boca acabou lacrada e a cabeça inteira teria amputado a si mesma (sabia que existe uma condição que ocorre em partes da África, somente entre os negros, na qual os dedões do pé amputam a si mesmos?) se não fosse pelos

olhos, entende? Porque enxergar era a única coisa que o cu *não conseguia* fazer. Precisava dos olhos. Mas as sinapses nervosas foram bloqueadas, infiltradas e atrofiadas de modo que o cérebro não pudesse mais emitir ordens. Estava preso dentro do crânio, completamente lacrado. Por algum tempo ainda era possível enxergar por trás dos olhos o sofrimento silencioso e impotente do cérebro, até o dia em que ele finalmente acabou morrendo, porque os olhos *se apagaram* e não demonstravam mais emoções que o olho de um caranguejo na extremidade de um pedúnculo.

“É como o sexo que passa despercebido pelo censor, espreme-se por entre repartições nas quais sempre existe algum espaço *intermediário*, infiltra-se em canções populares e filmes B, entregando de bandeja a podridão americana fundamental, esguichando como furúnculos estourados que lançam glóbulos de T. in-D. para todos os lados e caem sobre algum lugar onde crescem até transformarem-se em formas de vida degeneradas, reproduzindo horrendas imagens aleatórias. Algumas seriam compostas inteiramente por um tecido erétil semelhante ao do pênis, com cachos de três ou quatro olhos reunidos, bocas e cus entrecruzados, órgãos humanos atirados para qualquer canto e assimilados na mesma posição em que caíram.

“O resultado da proliferação celular completa é o câncer. A democracia é cancerosa, e seu câncer são as repartições. Uma repartição cria raízes em qualquer parte do Estado, torna-se maléfica como a Divisão de Narcóticos e cresce de forma incessante, reproduzindo cada vez mais indivíduos da sua espécie até o ponto em

que, se não for controlada ou extirpada, acaba por asfixiar seu hospedeiro. Repartições não são capazes de viver fora de um hospedeiro, pois são organismos verdadeiramente parasitas. (Cooperativas, por outro lado, *conseguem* viver desligadas do Estado. Este é o caminho a ser seguido. A formação de unidades independentes para satisfazer as necessidades de quem colabora para o funcionamento dessas mesmas unidades. Uma repartição funciona com base no princípio inverso, ocupando-se de *inventar necessidades* que justifiquem sua existência.) A burocracia é um problema tão grande quanto o câncer, é um desvio que afasta os seres humanos do caminho evolucionário que os levaria até seu potencial infinito, até novas formas de diferenciação e atividades espontâneas e independentes, transformando tudo isso no parasitismo absoluto típico de um vírus.

“(Acredita-se que os vírus representam uma degeneração de formas de vida mais complexas. Em algum ponto remoto de seu passado, podem ter sido capazes de ter vida independente. No momento, estão reduzidos a um estado limítrofe entre a matéria viva e a inanimada. Dentro de um hospedeiro, um vírus é capaz de exibir comportamentos típicos de um organismo vivo, usando para isso a vida de outro ser — é a renúncia da vida em si, uma *derrocada* na direção de máquinas inorgânicas e inflexíveis, na direção da matéria morta.)

“Repartições morrem quando a estrutura do Estado entra em colapso. Sua impotência e sua incapacidade de existência independente são comparáveis às de uma ténia fora de um sistema digestivo ou às de um vírus que matou seu hospedeiro.

“Em Timbuctu, encontrei em certa ocasião um árabe que conseguia tocar flauta com o cu, e os veadinhos me contaram que na cama ele era realmente interessante. Conseguia tocar uma música apertando partes diferentes do órgão do parceiro, especialmente as mais erógenas e sensíveis, que obviamente não são as mesmas em todas as pessoas. Cada um de seus amantes tinha sua música-tema especial, feita sob medida para fazê-lo chegar ao clímax. Quando era necessário improvisar novas passagens e orgasmos especiais, o menino se revelava um grande artista. Alguns desses improvisos eram claras incursões ao desconhecido, contrapontos entre notas aparentemente dissonantes que de um momento para o outro entravam em choque e explodiam com um impacto doce, cálido e estonteante.”

* * *

O Gordo Terminal tinha organizado uma caçada ao babuíno de traseiro roxo sobre motocicletas.

Os Caçadores encontraram-se para tomar o Café da Manhã da Caçada no bar Enxame, ponto de encontro dos afeminados chiques. Tomados por um narcisismo imbecil, os Caçadores pavoneiam-se em suas jaquetas de couro negro e seus cintos de rebites, flexionando os músculos para os veados apalparem. Todos colocaram enchimentos descomunais na altura da braguilha. De quando em quando algum deles atira um veado no chão e urina sobre ele.

Bebem Ponche da Vitória, um composto de elixir paregórico, cantárida, rum forte e espesso, conhaque Napoleon e parafina enlatada. O ponche é servido dentro

de imenso babuíno oco feito de ouro, agachado de medo, mostrando as presas e agarrando uma lança cravada em seu flanco. Quando alguém torce os bagos do babuíno, seu caralho esguicha ponche. De tempos em tempos hors-d'oeuvres quentinhos saem do cu do babuíno, acompanhados por um peido muito barulhento. Quando isso acontece os Caçadores caem na gargalhada, que mais parece um rugido animalesco, fazendo os veados saltarem gritinhos e tremerem de medo.

O Guia da Caçada é o Capitão Sempreduro, que foi expulso do aniversário de sessenta e nove anos da Rainha ao ser flagrado usando um suporte atlético durante um jogo de *strip poker*. Motocicletas derrapam, saltam, desabam. Cuspindo, gritando e cagando, os babuínos enfrentam os Caçadores *mano a mano*. Motos desprovidas de condutor avançam pela poeira como insetos aleijados, atacando babuínos e Caçadores sem distinção...

Triunfante, o Líder do Partido atravessa a multidão ruidosa em seu carro. Ao enxergá-lo, um velho com ar digno caga nas calças e tenta sacrificar-se sob as rodas do automóvel.

LÍDER DO PARTIDO: — Não sacrifique sua carcaça encarquilhada sob as rodas do meu Buick Roadmaster conversível novinho em folha, com pneus brancos, janelas hidráulicas e demais acessórios. Esses árrabes e seus trruques barratos — cuida teu sotaque, Ivan —, melhor doar o corpo para servir de adubo... Para melhor consumir tal excelente intenção, recomendamos que se dirija à secretaria da agricultura...

Como as tábuas de lavar roupa estão fora de serviço, os lençóis são remetidos para uma lavanderia automática

de modo a perder suas manchas comprometedoras. Emanuel profetiza um Segundo Advento...

Do outro lado do rio passeia um menino com uma bunda que mais parece um pêssigo; como não sei nadar, oh tristeza!, perdi minha Clementine.

O junky senta-se e deixa a agulha à espera de algum sinal de sangue enquanto o michê apalpa o Otário com seus dedos de ectoplasma pútrido...

Escurece.

A Hora da Saúde Mental, com o dr. Berger.

TÉCNICO: — Agora preste atenção, vou explicar novamente falando bem devagar. “Sim!” — Assente com a cabeça. — E não esqueça o sorriso... *Sorriso.* — Exibe a dentadura em uma paródia horrenda de uma propaganda de pasta de dente. — “Gostamos de torta de maçã e gostamos um do outro. Só isso.” E você precisa soar bem *simples*, simples como um caipira... Que tal parecer bovino, hein? Quer voltar ao Painel de Controle, é isso? Está sentindo falta do balde?

ESPÉCIME (Criminoso Psicopata Reabilitado): — Não!... Não!... Como assim, bovino?

TÉCNICO: — Parecido com uma vaca.

ESPÉCIME (com cabeça de vaca): — Muuuu. Muuuu.

TÉCNICO (recuando): — Exagerado demais!! Não! Você só precisa parecer conformista, sabe? Um sujeito bem comum e pacato que gosta de comer pipoca...

ESPÉCIME: — Um otário?

TÉCNICO: — Bem, não exatamente um otário. Apenas um cidadão sem muita malícia. Acaba de sofrer uma concussão leve... Sabe como é essa gente. Emissor e

receptor telepáticos extirpados. Um Olhar de Recruta... Ação, câmera.

ESPÉCIME: — Sim, gostamos de torta de maçã. — Um ronco alto e demorado retumba de sua barriga. Fios de saliva escorrem de seu queixo...

O dr. Berger ergue os olhos de suas anotações. Parece uma coruja judaica com óculos escuros, a luz fere seus olhos.

— Creio que este espécime não é adequado... Transfira-o para a Remoção.

TÉCNICO: — Bem, ainda podemos eliminar o som do ronco da trilha sonora, enfiar um dreno em sua boca e...

DR. BERGER: — Não... Ele *não é adequado*. — Encara o indivíduo com repulsa, como se tivesse cometido algum *faux pas* terrível, do quilate de sair à procura de chatos na sala de estar da sra. Mundana.

TÉCNICO (resignado e exausto): — Mandem a bicha reabilitada entrar.

O homossexual reabilitado entra na sala... Caminha por entre contornos invisíveis de metal quente. Senta em frente à câmera e espalha o corpo em uma pose de capiau. Seus músculos movimentam-se até o lugar correto como se fossem partes autônomas de um inseto mutilado. Um ar vazio de estupidez amolece os traços de seu rosto, que parece embaçar...

— Sim — move a cabeça e sorri —, gostamos de torta de maçã e gostamos um do outro. Só isso. — Move a cabeça e sorri e move a cabeça e sorri e...

— Corta!... — grita o Técnico. O homossexual reabilitado é levado para fora da sala, ainda movendo a cabeça e sorrindo.

— Vamos ver como ficou.

O Consultor Artístico sacode a cabeça:

— Falta alguma coisa. Sendo mais específico, falta saúde.

BERGER (levantando de um salto): — Ridículo! Ele é a saúde encarnada!...

CONSULTOR ARTÍSTICO (contido): — Bem, caso o senhor tenha algo a declarar de modo a esclarecer minha visão do assunto, ficarei muito feliz de escutá-lo, *dr.* Berger... Se o senhor é capaz de levar este projeto adiante sem a ajuda de mais ninguém, contando apenas com sua mente brilhante, não entendo por que *precisa* ter um Consultor de Arte, *ora essa*. — Deixa a sala com a mão no quadril, cantarolando: — Voltarei quando você for embora.

TÉCNICO: — Mandem o escritor reabilitado... Aconteceu o *que* com ele? Budismo?... Ah, ele não pode falar. Por que não avisou isso antes, hein? — Dirige-se a Berger: — O escritor não pode falar... Alcançou a liberação suprema ou coisa que o valha. Mas é claro que podemos dublar suas falas...

BERGER (ríspido): — Não, isso não ia prestar... Chame qualquer outra pessoa.

TÉCNICO: — Esses dois eram meus prediletos. Passei mais de cem horas extras trabalhando com esses meninos e ainda não ganhei nada por isso...

BERGER: — Basta aplicar o fator triplo... Formulário 6090.

TÉCNICO: — Está querendo me ensinar a fazer meu trabalho, é isso? Olha aqui, doutor, certa vez o senhor disse: “Falar de um homossexual saudável é como dizer que um cidadão pode estar perfeitamente saudável ainda que sofra de cirrose terminal”. Lembra?

BERGER: — Ah, sim. Muito bem colocado, é claro. — Rosna, ameaçador. — Não finjo ser um *escritor*. — Escarra a palavra com ódio tamanho que o Técnico recua, espantado...

TÉCNICO (para a plateia): — Não suporto nem o cheiro dele. Fede como viveiros cheios de réplicas putrefatas... Como os peidos de uma planta carnívora devoradora de humanos... Como a, a-ham — (afeta uma dicção acadêmica) —, Estranha Serpente de Schafer... O que estou querendo dizer, doutor, é que não entendo como se pode esperar que um corpo continue saudável depois que o cérebro sofre uma lavagem... Ou, para colocar a questão de outra forma: como pode um indivíduo ser saudável *in absentia*, por procuração?

BERGER (dando um pulo): — Eu tenho saúde!... Sou cheio de saúde! Tenho saúde suficiente para todo o mundo, toda essa porra de mundo!! Posso curar qualquer um!

O Técnico lhe dirige um olhar amargo. Prepara um bicarbonato de sódio com água, bebe-o e cobre um arrote com a mão. “Faz vinte anos que sofro nas mãos da dispepsia.”

Lu Labioso, decana da lavagem cerebral, confessa:

— Meu negócio é bacalhau, adoro meeeeeesmo... Um segredinho, meninas: uso sempre Yokohama, Pau de Aço. Vocês não fariam o mesmo? Nunca me deixou na mão. Além disso, assim é bem mais higiênico e evita toda espécie de contatos desagradáveis que podem deixar um sujeito paralisado da cintura para baixo. Mulheres têm fluidos venenosos....

— Aí eu disse pra ele, falei bem assim: “*Dr. Berger*, está achando que vai conseguir me enrolar com essas

suas bonecas manjadas que sofreram lavagem cerebral? Sou a bicha mais antiga de todo o alto Cudemandrill...”.

Trocando de pele em bordéis vagabundos onde meninas desonestas transmitem gonorreia em nome da Casa 666, essas garotas não têm saúde alguma, são pura pingadeira, podres até a medula, ai, meu malogrado caralho. Quem matou Tordaralho Pintarroxo?... O pardal cai vítima de minha fiel espingarda de pressão Webley e uma gota de sangue brota em seu bico...

Lord Jim ficou amarelo-vivo sob a murcha e lúgubre lua matinal, como fumaça branca contra a luz do céu, e o vento frio de primavera açoita as camisas nos penhascos de calcário do outro lado do rio, Mary, e a aurora é partida ao meio como Dillinger fugindo da lei a caminho do Biógrafo. Cheiro de néon e gângsteres atrofiados, e o criminoso *manqué* enfia o nariz dentro de um balde de amoníaco para ganhar coragem de assaltar o caixa de um banheiro público...

— Vai ser sopa — repete para si mesmo. — É pegar e cair, digo, fugir.

LÍDER DO PARTIDO (preparando outro scotch): — O próximo tumulto será orquestrado como uma jogada de futebol. Importamos mil *latahs* de primeira qualidade da Indochina, criados a osso moído... A única coisa que falta é um líder para essa unidade. — Seus olhos esquadrinham a mesa.

ASSECLA: — Mas, chefe, não podemos só fazer com que um deles comece a agir e seja imitado pelos outros em

uma reação em cadeia?

A Recitadora serpenteia pelo Mercado:

— De que serve um *latah* sozinho?

L. P.: — Isso é um detalhe técnico. Precisaremos consultar Benway. Pessoalmente, acho que alguém deveria acompanhar toda a operação.

— Não sei — disse por falta dos pontos e classificações necessários para garantir a nomeação.

— Eles não têm emoções — explicou o dr. Benway, picando seu paciente em pedacinhos. — Apenas reflexos... Recomendo com fervor o emprego de alguma manobra de distração.

— Quando começam a falar, já estão com idade suficiente para ter relações sexuais.

— Que todos os seus problemas sejam pequeninos, como disse um pedófilo ao outro.

— É realmente sinistro, meu anjo, quando eles começam a experimentar suas roupas e lhe dar um gostinho de emoção *doppelgänger*.***

Uma bichona escandalosa tenta arrancar com as unhas a jaqueta esportiva de um menino que está indo embora.

— Minha jaqueta de caxemira de duzentos dólares — grita com a voz esganiçada...

— Aí ele resolve ter um caso com um *latah*, o tolinho quer ter completo domínio sobre alguém... O *latah* imita todas as suas expressões e maneirismos, literalmente sugando toda a sua persona como um sinistro boneco de ventríloquo... “Você me ensinou tudo sobre você... Preciso de um novo amigo.” E o pobre Bubu não tem como responder, porque nada mais resta dele.

Junky: — Ali estávamos nós naquela cidade arruinada, vivendo à base de xarope contra tosse.

PROFESSOR: — A coprofilia... cavalheiros... pode ser chamada de, a-ham, vício redundante...

— Em vinte anos como ator de filmes pornô, nunca precisei me rebaixar a fingir um orgasmo.

— Uma vadia junky inútil transmite o vício ao filho que carrega no útero... Mulheres não prestam, garoto.

— Olha, fazer sexo sem ter usado nada, com plena consciência do que está acontecendo... Melhor então começar a lavar os trapos do outro de uma vez...

— E bem no auge da paixão ele pergunta: “Você tem um porta-sapatos sobrando?”.

— Conta como foi arrastada para dentro de uma mesquita por quarenta árabes e estuprada por todos eles, em tese um depois do outro... Mas é difícil fazer com que fiquem todos em seus lugares. “Certo, Ali, volta pro fim da fila.” Sinceramente, meus adorados, essa foi a história mais nojenta que já escutei. Fiquei até com vontade de ser estuprado por uma manada de inconvenientes contumazes.

Um grupo de Nacionalistas amargos senta em frente ao Sargaço, lançando olhares desdenhosos aos veados enquanto matraqueiam em árabe... Clem e Jody passam por eles vestidos exatamente como os Capitalistas representados em murais comunistas.

CLEM: — Viemos nos alimentar de seu atraso.

JODY: — Nas palavras do Bardo Imortal, para engordar à custa dos mouros.

NACIONALISTA: — Porcos imundos! Filhos de uma cadela! Não percebem que meu povo tem fome?

CLEM: — É assim mesmo que gosto de vê-lo.

O Nacionalista cai morto, envenenado pelo ódio... O dr. Benway se aproxima correndo:

— Para trás, para trás, preciso de espaço. — Colhe uma amostra de sangue. — Bem, isso é tudo que posso fazer. Quando chega a hora de morrer, você morre mesmo.

A curiosa árvore de natal itinerante brilha nos lares de monturos de lixo da terra natal, onde meninos batem punheta no banheiro da escola — quantos espasmos jovens naquele velho e gasto assento de carvalho, liso como ouro...

Sono prolongado no vale do Rio Vermelho, onde as teias de aranha crescem nas janelas negras e nos ossos dos meninos...

Duas bichas negras discutem aos berros:

BICHA 1: — Cala essa boca, seu granuloma vaginal barato... Todo mundo sabe que você é conhecida como Lu Lamentável.

RECITADORA: — A menina da genitália interessante.

BICHA 2: — Miau. Miau. — Veste uma pele de leopardo com garras de ferro...

BICHA 1: — Oh, não. Uma Mulher da Alta Sociedade. — Foge aos berros pelo Mercado perseguida pelo travesti, que rosna e ruge...

Clem passa a perna em um aleijado convulsivo e rouba suas muletas... Começa uma imitação horrenda, fazendo caretas e babando...

Ruídos de tumulto ao longe, mil pomerânios histéricos.

Grades de ferro desabam como guilhotinas. Bebidas e bandejas pairam no ar quando os clientes são recolhidos às pressas pela sucção do pânico.

CORO DE BICHAS: — Vamos ser estupradas. Tenho certeza, tenho certeza. — Correm até uma farmácia e compram uma caixa de KY.

LÍDER DO PARTIDO (erguendo a mão de forma dramática):
— A voz do Povo.

Pearson, conhecido como Dinheiro Trocado, cai com tudo sobre a grama rente, puxado pelo extorsivo comandante do Carma, escondido em um terreno baldio na companhia das cobrinhas verdes apenas para acabar farejado pelo cão decifrável...

O Mercado fica vazio, com exceção de um velho bêbado de nacionalidade desconhecida que desmaiou com a cabeça enfiada num mictório. Os agitadores adentram o Mercado aos gritos de “Morte aos Franceses!” e destroçam o bêbado em pedacinhos.

SALVADOR HASSAN (espiando com dificuldades pela fechadura): — Olhem só todas essas expressões, todas essas belas criaturas protoplásmicas *exatamente iguais*.
— Dança a Giga Liquefacionária.

Gemendo, um veado desaba no chão e tem um orgasmo.

— Ah, meu Deus, é excitante demais. Parecem um milhão de caralhos quentes e pulsantes.

BENWAY: — Adoraria fazer um exame de sangue nesses meninos.

Um homem auspiciosamente discreto, com barba e rosto grisalhos, vestido com uma *djellaba* marrom e esfarrapada, cantarola sem abrir os lábios com um sotaque irreconhecível: — Ah mas que bonecas, que lindas e enormes bonecas.

Brigadas policiais com lábios crispados, narizes imensos e olhos frios e macilentos invadem o Mercado por todas as ruas que dão acesso a ele. Com brutalidade fria e metódica, cobrem os agitadores de pancadas e pontapés.

Os agitadores são levados embora em caminhões. As portas são reabertas e os cidadãos da Interzona retomam a praça coberta de dentes e sandálias, escorregadia de sangue.

A arca do marinheiro defunto chega à Embaixada e o vice-cônsul transmite a notícia para sua mãe.

Não existe... Manhã... Aurora... *n'existe plus*... Se eu soubesse adoraria lhe contar. De qualquer modo, não é uma boa para a Ala Oriental... Cruzou uma porta invisível... Não está aqui... Procure em qualquer lugar... Não adianta... *No bueno*... Ando me prostituindo... Vóta sestafêla.

(Nota: Drogados veteranos, de longa data — com rostos marcados pelas agruras macilentas da junk —, certamente lembrarão... Nos anos 1920 muitos traficantes chineses resolveram que o Ocidente era um lugar pouco confiável, desonesto e equivocado, e suspenderam suas atividades. Quando um junky ocidental aparecia para comprar droga, diziam: — Teinon... Vóta sestafêla...)

* Referência à balada “Why So Pale and Wan, Fond Lover?”, do poeta e dramaturgo inglês Sir John Suckling (1609-42).

** Trecho de “Battle Hymn of the Republic”, canção patriótica americana do período da Guerra Civil (1861-5) composta por Julia Ward Howe. Em tradução livre: “Ele pisoteou a vindima que guarda as vinhas da ira,/ Ele libertou o relâmpago fatal de sua espada terrível e veloz”. Os mesmos versos, por sua vez, fazem uma referência a um trecho do Apocalipse de São João e inspiraram o título do romance *The Grapes of Wrath* [As vinhas da ira], que rendeu a John Steinbeck o Pulitzer de 1940.

*** Entidade do folclore alemão que é o duplo de uma pessoa. Diz-se que se alguém encontra seu *doppelgänger* é porque morrerá em breve. Por vezes o termo também é usado como sinônimo de “sósia”, geralmente com alguma conotação maligna.

Corporação Islã e os partidos da Interzona

Eu estava trabalhando para uma organização conhecida como Corporação Islã, financiada por A. J., o notório Mercador do Sexo, que scandalizou a sociedade internacional ao aparecer no baile do Duc de Ventre fantasiado como um pênis ambulante forrado por uma enorme camisinha adornada por seu lema pessoal: “Não passarão”.

— Mas que mau gosto, meu rapaz — disse o duque.

Ao que A. J. respondeu: — Enfia no cu com κϣ da Interzona. — Era uma referência ao escândalo do κϣ, que naquela época ainda estava em seu estágio inicial. É de praxe que as réplicas engenhosas de A. J. façam referência a eventos futuros. Estamos falando de um mestre na humilhação de efeito retardado.

Salvador Hassan O’Leary, o Magnata do Pós-Parto, também está envolvido no escândalo. Para ser mais exato, uma de suas empresas subsidiárias fez contribuições não especificadas, e uma de suas personalidades subsidiárias está ligada à Corporação Islã em cargo de consultoria, sem que ele assuma pessoalmente qualquer tipo de compromisso ou ligação

pública com as diretrizes, ações ou objetivos dessa organização. Não podemos igualmente deixar de mencionar Clem e Jody, os Irmãos Ergotina, que dizimaram a República de Hassan usando trigo envenenado, Ahmed Autópsia e Hal Hepatite, o corretor de frutas e legumes.

Uma turba de mulás e muftis e muezins e alcaides e *glaouis*¹ e xeiques e sultões e homens santos e representantes de todos os partidos árabes que se possa imaginar forma fila para comparecer às reuniões das quais os mandachuvas se abstêm com prudência. Embora os delegados passem por uma revista cuidadosa ao entrar, tais encontros acabam sempre gerando tumultos. É comum que algum palestrante seja encharcado de gasolina e incendiado ou que algum rústico xeique do deserto abra fogo contra seus oponentes usando uma metralhadora escondida na barriga de uma de suas ovelhas de estimação. Mártires nacionalistas com granadas enfiadas no cu explodem de repente, causando pesadas baixas... E certa vez o presidente Ra derrubou o primeiro-ministro britânico no chão violentamente e em seguida o sodomizou à força, um espetáculo televisionado para todo o mundo árabe. Desvairados gritinhos de alegria foram ouvidos em Estocolmo. Um decreto municipal da Interzona proíbe qualquer reunião da Corporação Islã em um raio de oito quilômetros dos limites da cidade.

Certa vez A. J. — que na verdade é de obscura origem mediterrânea oriental — apareceu vestido como um cavalheiro inglês. Seu sotaque inglês definhou

juntamente com o Império Britânico, e ao fim da Segunda Guerra Mundial ele foi declarado cidadão americano por determinação do Congresso. A. J. é um agente como eu, mas nunca alguém conseguiu descobrir a serviço de quem ou de que está. Segundo alguns boatos, representa um conglomerado de insetos gigantes de outra galáxia... Creio que serve ao lado dos Fáticos (dos quais também sou representante); é claro que ele também poderia ser um Agente Liquefacionário (o programa Liquefacionário envolve a fusão eventual de todas as pessoas em Um Só Homem por meio de um processo de absorção protoplásmica). Neste ramo, nunca se pode ter certeza sobre ninguém.

O disfarce de A. J.? Playboy internacional e inofensivo pregador de peças. Foi A. J. quem colocou as piranhas na piscina de Lady Sutton-Smith, além de ter misturado iagê, haxixe e ioimbina no ponche servido durante uma recepção na Embaixada dos Estados Unidos em uma comemoração de Quatro de Julho, que acabou por degradingolar em uma orgia. Em seguida, quatro cidadãos conhecidos — todos americanos, é claro — morreram de vergonha. Morrer de vergonha é um feito peculiar dos índios kwakiutl e dos americanos — outros povos limitam-se a dizer “*Zut alors*” ou “*Son cosas de la vida*” ou “Alá, o Todo-Poderoso, me fodeu direitinho...”.

E quando a Sociedade Antifluoreto de Cincinnati reuniu-se para brindar sua vitória com a mais pura água da fonte, todos os seus dentes caíram na mesma hora.

— E em verdade vos digo, irmãos e irmãs do movimento Antifluoreto, neste dia desferimos um golpe em prol da pureza que nunca mais será rechaçado... Fora com o imundo flúor estrangeiro, é o que digo! Vamos

limpar esta terra doce e bela até que fique tão limpa quanto o flanco de um garotinho... Cantemos agora nossa música-tema, “The Old Oaken Bucket”.²

Luzes fluorescentes brincam sobre um manancial, iluminado com as cores horrendas de um jukebox. Cantando, os manifestantes Antifluoreto formam fila ao lado do manancial e bebem goles do balde de carvalho...

*The old oaken bucket, the gold oaken bucket
The glubthulunnubbeth...*³

A. J. sabotara a água, infiltrando no manancial um cipó sul-americano que transforma a gengiva em pasta.

(Quem me contou sobre esse cipó foi um velho explorador alemão que está morrendo de uremia em Pasto, na Colômbia. Diz-se que cresce na região de Putumayo. Nunca encontrei. Mas também não procurei com afinco... Esse mesmo cidadão contou-me de um inseto parecido com um gafanhoto gigante, conhecido como xiucutl: “Tem um efeito afrodisíaco tão potente que, se um deles pousar em você, é melhor arranjar uma mulher imediatamente. Caso contrário, acabará morrendo. Vi índios em corrida desabalada, tentando fugir do contato com esse bicho”. Infelizmente, tampouco encontrei um xiucutl...)

Na noite de inauguração do Metropolitan de Nova York, A. J. protegeu-se com repelente de insetos e libertou um enxame de xiucutls.

Sra. Vanderbligh, espantando um xiucutl com ambos os braços: — Oh!... Oh!... ooooooooooh!!!. — Gritos, vidro espatifado, roupas rasgadas. Um intenso crescendo de roncoss e guinchoss e gemidos e suspiros e lamúrias...

Fedor de sêmen e bocetas e suor e perfume bolorento de retos penetrados... Diamantes e casacos de pele, vestidos de gala, orquídeas, fraques e roupas de baixo forram o assoalho, coberto por uma massa inquieta, enlouquecida e ondulante de corpos nus.

* * *

Certa vez A. J. reservou com um ano de antecedência uma mesa no Chez Robert, onde um gourmet imenso e impassível supervisiona a cozinha mais refinada de todo o mundo. Seu olhar é tão maligno e cheio de desdém que muitos clientes, ao receber tal impacto demolidor, rolaram pelo chão com a bexiga descontrolada em um esforço convulsivo por cair em suas boas graças.

Então A. J. aparece por lá acompanhado de seis índios bolivianos que mascam folhas de coca entre um prato e outro. E quando Robert aproxima-se da mesa com toda a sua majestade de gourmet, A. J. o espia de canto de olho e berra: — Ei, garoto! Me traz um pouco de ketchup.

(Alternativa: A. J. saca um frasco de ketchup do bolso e esguicha o condimento por cima da *haute cuisine*.)

Trinta gourmets param de mastigar ao mesmo tempo. Ouviria-se até mesmo a queda de um suflê. Robert, por sua vez, urra de ódio como um elefante ferido, corre até a cozinha e arma-se com um cutelo de talhar carnes... O rosto do sommelier assume um estranho tom violáceo e iridescente e ele solta um rosnado ameaçador... Quebra uma garrafa de champagne *brut*... safra 1926... Pierre, o maître, apanha uma faca de desossar. Soltando berros incoerentes com fúria inumana, os três perseguem A. J. pelo restaurante... Mesas são viradas de pernas para o

ar, vinhos raros e pratos sem igual espatifam-se no chão... Gritos de “Linchem-no!” ecoam pelo ar. Um gourmet idoso, com olhos insanos e injetados de um babuíno, prepara um nó de força com o cordão de uma cortina de veludo vermelho... Quando se vê acuado, em perigo iminente de sofrer no mínimo um desmembramento, A. J. lança mão de seu trunfo... Joga a cabeça para trás e chama os porcos a plenos pulmões. Posicionados a pouca distância dali por A. J., uma centena de imensos porcos famintos corre para dentro do restaurante e enfia o focinho nas iguarias da *haute cuisine*. Fulminado por um ataque cardíaco, Robert desaba no chão como uma árvore gigantesca e é devorado pelos porcos:

— Esses pobres-diabos não são sofisticados o bastante para apreciar o prato — diz A. J.

Paul, o irmão de Robert, abandona sua aposentadoria em um hospício local e assume as rédeas do restaurante, que passa a servir algo que ele chama de Cuisine Transcendental... A qualidade da comida vai decaindo de forma imperceptível até que ele passa a servir lixo puro. Profundamente intimidados pela reputação do Chez Robert, os clientes não conseguem reclamar.

EXEMPLO DE CARDÁPIO

Límpida sopa de urina de camelo com minhocas fervidas

*Filé de carne-seca de arraia regado com água-de-colônia
e guarnecido com urtigas*

Suprême de boeuf de placenta cozido em óleo de motor drenado, servido com molho picante de gemas podres e besouros esmigalhados

Doce de queijo limburguer curado em urina de diabéticos, coberto com parafina flambada

Aos poucos, os clientes vão morrendo de botulismo... Então A. J. reaparece, acompanhado por um séquito de refugiados árabes do Oriente Médio. Grita depois da primeira garfada:

— Porra, mas que merda é essa? Este cidadão metido a esperto deve ser cozido em sua própria lavagem agora mesmo!

E, assim, a lenda de A. J. como um excêntrico divertido e adorável foi crescendo e crescendo... Passemos a Veneza... Gondoleiros cantam e gritos de pederastas escapam da San Marco e de Harry.

Há uma antiga e encantadora anedota veneziana que fala sobre uma ponte. Alguns marinheiros venezianos saem a viajar pelo mundo e acabam todos virando veados, chegando a enrabar até mesmo o grumete. Quando voltam para Veneza, decide-se que as mulheres devem cruzar uma ponte, com tudo à mostra, em uma tentativa de atizar o desejo desses cidadãos de reputação duvidosa. Um batalhão inteiro de tropas de choque é convocado às pressas para San Marco.

— Garotas, esta é a O. T. F. (Operação Tudo de Fora). Se suas tetas não forem suficientes, mostrem as bocetas para tentar confundir essas bichonas.

— Ai, fofa, é verdade. É mesmo verdade. Elas têm um buraco horrível no meio das pernas, em vez de um lindo negócio dependurado.

— Não posso nem olhar.

— Tenho medo que meu corpo vire pedra.

Paul foi mais sábio do que imaginava — mesmo que o merda tenha sido um velho realmente maligno — ao falar sobre homens que se deitam com outros homens para fazer coisas inconvenientes. “Inconvenientes” é a palavra certa. Quem gosta de encontrar um caralho quando está à procura de uma boceta? Quando um cidadão está louco para foder uma racha, gosta que um estranho qualquer apareça e faça coisas inconvenientes com seu cu?

A. J. atravessa San Marco correndo, golpeando os pombos com um sabre de abordagem: — Desgraçados! Filhos da puta! — grita. Embarca cambaleante em sua barça, uma estrutura monstruosa forrada de dourado e cor-de-rosa e azul, com velas de veludo roxo. Veste um uniforme naval absurdo, coberto de fitas e laços e medalhas, sujo e puído, com os botões do casaco enfiados nas casas erradas... A. J. caminha até uma imensa reprodução de uma grega, encimada por uma estátua de ouro de um menino com o pênis ereto. Torce os bagos do menino e um jato de champanhe esguicha em sua boca. Limpa o queixo e olha ao seu redor.

— Cadê meus núbios, porra? — grita.

Seu secretário ergue os olhos de uma revista em quadrinhos: — Enchendo a cara... Saíram atrás de bocetas.

— Mas puta que caralho. De que serve um homem sem seus núbios?

— Não quer pegar uma gôndola?

— Gôndola? — grita A. J. — Paguei uma fortuna por este negócio e você está me sugerindo que eu use uma gôndola? Prepare as velas e desarme os remos, sr. Hyslop... Vamos partir com a tripulação auxiliar.

Resignado, o sr. Hyslop encolhe os ombros. Começa a apertar botões em um painel de controle usando somente um dos dedos... As velas caem e os remos são recolhidos para o casco.

— E liga o perfume, tá bom? Esse canal está fedendo que é uma desgraça.

— Gardênia? Sândalo?

— Que nada. Ambrosia.

O sr. Hyslop aperta mais um botão e uma nuvem espessa de perfume cai sobre a barcaça.

A. J. tem um ataque de tosse... — Liga os ventiladores! — berra. — Estou sufocando!

Tossindo sobre um lenço, o sr. Hyslop aperta outro botão. Ventiladores começam a girar e dissipam a ambrosia.

A. J. toma sua posição ao leme, armado sobre uma plataforma. — Contato! — A barcaça começa a vibrar. — *Avanti*, porra! — Ao comando de A. J. a barcaça avança pelo canal a uma velocidade espantosa, emborcando gôndolas repletas de turistas, passando rente aos *motoscafi*,⁴ ziguezagueando de um lado a outro do canal (as ondas varrem as calçadas, encharcando os passantes) e destruindo uma frota de gôndolas atracadas até finalmente chocar-se contra um píer e ficar rodopiando no meio do canal... Uma coluna de água de dois metros esguicha no ar a partir de um rombo no casco.

— Cuide das bombas, sr. Hyslop. Estamos ficando cheios d'água.

A barça dá uma guinada repentina e atira A. J. no canal.

— Abandonar navio, porra! Cada um por si!
Escurece. Som de mambo.

Inauguração da Escuela Amigo, uma escola para meninos delinquentes de origem latino-americana financiada por A. J. Corpo docente, alunos e imprensa estão presentes. A. J. tropeça até o palanque, envolto por bandeiras dos Estados Unidos.

— Nas palavras imortais do padre Flanagan, um mau menino é coisa que não existe... Cadê a estátua, porra?

TÉCNICO: — Quer agora?

A. J.: — Mas puta que caralho, o que pensa que estou fazendo aqui? Está achando que vou inaugurar esse filho da puta *in absentia*?

TÉCNICO: — Certo... *Certo...* Já vem.

Rebocada por um trator, a estátua é colocada em frente ao palanque. A. J. aperta um botão. Turbinas entram em ação sob o palanque, até o barulho ficar agudo e ensurdecido. As cortinas de veludo vermelho que encobrem a estátua são arrancadas pelo vento. Caem sobre os membros do corpo docente na primeira fila... Nuvens de poeira e entulho abatem-se sobre os espectadores. Aos poucos, as sirenes vão cessando. O corpo docente liberta-se das cortinas... Todos encaram a estátua, em atônito silêncio.

PADRE GONZALEZ: — Santa Maria!

O HOMEM DA *TIME*: — Não *acredito*.

DAILY NEWS: — É a mais pura veadagem.

Os meninos não param de assobiar.

Quando a poeira baixa, uma criação monumental em rocha brilhante e rosada é revelada. Um menino nu debruça-se sobre um colega adormecido com a nítida intenção de acordá-lo. Uma de suas mãos segura o próprio pênis e a outra está estendida na direção de uma peça de tecido que repousa sobre o abdome do aluno que dorme. O tecido exhibe uma protuberância sugestiva. Os dois meninos estão com uma flor atrás da orelha e têm expressões idênticas, sonhadoras e brutais, depravadas e inocentes. Esta obra encima uma pirâmide de pedra calcária onde o lema da escola está inscrito em letras compostas por um mosaico de porcelana cor-de-rosa, azul e dourada: “*Com ele e por ele*”.

A. J. dá um passo incerto à frente e quebra uma garrafa de champanhe nas nádegas firmes do menino.

— E lembrem, meninos, é daqui que sai o champanhe.

Serenata de Manhattan.⁵

A. J. e séquito adentram uma casa noturna em Nova York. Traz consigo um babuíno de traseiro roxo preso em uma corrente de ouro. A. J. veste um traje de linho xadrez e um casaco de caxemira.

GERENTE: — *Espere* um minuto. *Espere um minuto*. O que é isso?

A. J.: — Um poodle ilírico. O animal mais nobre a ser domesticado pelo homem. Vai fazer sua espelunca subir de nível.

GERENTE: — Estou achando que é um babuíno de traseiro roxo, e vai ter de ficar do lado de fora.

LACAIO: — Não sabe com quem está falando? Este aqui é A. J., o último dos esbanjadores.

GERENTE: — Quero que ele e esse desgraçado de traseiro roxo caiam fora e gastem seu dinheiro em outro lugar.

A. J. para na frente de outra casa noturna e dá uma espiada em seu interior.

— Bichas elegantes e vadias decadentes, porra! Viemos ao lugar certo. *Avanti, ragazzi!*

Crava uma estaca de ouro no assoalho e prende o babuíno. Começa a falar de modo elegante enquanto seus lacaios formam fila.

— Fantástico!

— Monstruoso!

— Estou no céu!

A. J. enfia uma piteira comprida na boca. É feita com algum material obsceno de tão flexível. Sacode-se e serpenteia como se fosse dotada de alguma espécie repugnante e reptiliana de vida própria.

A. J.: — Ali estava eu, de bruços, a trinta mil pés de altura.

Várias das bichas que estão por perto erguem a cabeça, como animais que farejam o perigo. A. J. levanta de um salto, dando um rugido incompreensível.

— Seu filho da puta de traseiro roxo! — berra. — Vou mostrar o que acontece quando você caga no assoalho! — Saca um chicote de dentro de sua sombrinha e açoita o traseiro do babuíno. O animal grita e escapa da corrente. Pula na mesa ao lado e sobe em cima de uma velha que morre de ataque cardíaco na mesma hora.

A. J.: — Desculpe, minha senhora. Faço tudo em nome da disciplina.

Totalmente enlouquecido, chicoteia o babuíno de um canto a outro do bar. Gritando e rosnando e cagando-se de medo, o babuíno sobe nos clientes, corre pelo balcão e dependura-se em cortinas e candelabros...

A. J.: — Ou você toma jeito e aprende a cagar direito ou vai perder a capacidade de cagar.

LACAIO: — Você deveria ter vergonha de incomodar o A. J. desse jeito depois de tudo que ele fez por você.

A. J.: — Ingratos! Todos não passam de ingratos! Acreditem nas palavras desta bichona velha.

Ninguém acredita nesse disfarce, é claro. A. J. afirma ser “independente”, o que é a mesma coisa que dizer: “Cuidem da sua própria vida”. Não existem mais independentes... A Zona abriga todo tipo de agentes duplos, mas ninguém é neutro. Um neutro do quilate de A. J. é obviamente algo impensável...

Hassan é um conhecido Liquefacionário, suspeito de ser um Emissor disfarçado. — Poxa, meninos — diz, com um sorriso desarmante. — Não passo de um velho câncer em flor, preciso proliferar. — Começa a usar um sotaque texano depois que faz amizade com Dutton Cusseco, um petroleiro de Dallas, e usa botas de caubói e chapéus imensos dentro e fora de casa... É impossível enxergar seus olhos por trás dos óculos escuros, e seu rosto macio e branco como cera contrasta com o terno bem cortado feito inteiramente com cédulas de valor elevado, ainda imaturas. (Cédulas têm valor monetário, mas precisam amadurecer antes de ser utilizadas... Cada uma delas pode chegar a valer um milhão.)

— Elas não param de brotar em mim — confessa, resabiado... — É como se, puxa, nem sei como dizer. É como se eu fosse um escorpião mumificado, carregando todas essas cédulas bebês no calor de meu corpo, sentindo-as crescer... Olha, espero não estar chateando você com essa conversa.

Salvador, conhecido pelos amigos como Sally — ele sempre tem alguns “amigos” por perto, que recebem por hora —, enriqueceu durante a Segunda Guerra Mundial, negociando gorados. (“Enricar” significa ficar rico. É uma expressão usada por petroleiros texanos.) O Departamento de Pureza Alimentícia e Farmacêutica tem sua fotografia nos arquivos, mostrando um homem de rosto forte e aparência embalsamada, como se alguém tivesse injetado parafina debaixo de sua pele macia, brilhante e desprovida de poros. Um de seus olhos é opaco e macilento, redondo como uma bola de gude, com manchas e aparência cadavérica. O outro é negro e brilhante, um olho arcaico, de inseto sem sonhos. Quase sempre estão escondidos por trás de óculos escuros. Sua aparência é sinistra e enigmática — seus gestos e maneirismos permanecem incompreensíveis — como a de um agente secreto de um Estado embrionário.

Quando se empolga, Sal tende a falar em inglês canhestro. Em alguns momentos, seu sotaque sugere alguma ascendência italiana. Fala e lê etrusco.

Um esquadrão de peritos contábeis dedicou a vida ao estudo do dossiê internacional de Salvador... Suas operações estendem-se pelo mundo em uma rede inextricável e mutante de subsidiárias, empresas de fachada e pseudônimos. Acumulou vinte e três passaportes e foi deportado quarenta e nove vezes —

com processos de deportação ainda pendentes em Cuba e no Paquistão, em Hong Kong e Yokohama.

Salvador Hassan O'Leary, vulgo Menino Sapataria, vulgo Marv Mau Caminho, vulgo Leary Secundinas, vulgo Pete Gorado, vulgo Juan Placenta, vulgo Ahmed KY, vulgo El Chinche, vulgo El Culito etc. etc. ao longo de quinze páginas do dossiê, começou a ter problemas com a lei em Nova York, quando viajava com um indivíduo conhecido pela polícia do Brooklyn como Wilson Beiçola, que ganhava dinheiro para comprar drogas extorquindo fetichistas em sapatarias. Hassan foi acusado de estelionato em terceiro grau e tentativa de passar por policial. Tinha aprendido a regra Número Um dos michês: L. I. — Livre-se da Insígnia —, que corresponde ao M. V. C. dos pilotos — Mantenha Velocidade de Cruzeiro. Como diz o Justiceiro: “Se você se meter em apuros, meu rapaz, livre-se da insígnia mesmo que tenha de engoli-la”. Por isso não foi preso com uma insígnia falsa. Hassan depôs contra Wilson, que foi condenado a uma pena indefinida (a pena mais longa da legislação nova-iorquina para uma prisão por delito menor. Apesar do nome, corresponde a três anos de reclusão na Ilha Riker). O caso de Hassan foi arquivado por *nolle prosequi*. — Eu teria me dado muito mal — disse Hassan — caso não tivesse encontrado um policial honesto. — Hassan encontrava policiais honestos todas as vezes que era pego em flagrante. Seu dossiê continha três páginas de alcunhas que comprovavam sua tendência a colaborar com a lei, a “entrar no jogo”, como dizem os policiais. Mas há quem chame isso de outra coisa: Abe Lambeguarda, Marv Dedo-duro, Hebreu Falastrão, Ali Cagueta, Sal Bocamole, Cucaracha Cantor, Soprano Judaico, Tenor do Bronx, Gênio da Lâmpada,

Serviço de Mensagens, Sírío Conversador, Deduragem Musical, Bicha Bocuda, Cu Falante, Veado Sem Segredos, Leary Guardinha, Leprechaun Sabetudo... Fofa Faladora.

Abriu uma sex shop em Yokohama, vendeu junk em Beirute e foi cafetão no Panamá. Subiu de nível durante a Segunda Guerra Mundial, assumindo uma fábrica de laticínios na Holanda onde misturava graxa de motor na manteiga, dominando o mercado de kv no norte da África e, por fim, tirando a sorte grande com os gorados. Prosperou e proliferou, inundando o planeta com remédios falsificados e bens vagabundos de todo tipo. Repelente de tubarões ineficazes, antibióticos adulterados, paraquedas defeituosos, antídotos estragados, antissoros e vacinas inativos, botes salvavidas com vazamentos.

Clem e Jody, dois veteranos artistas de vaudeville, trocaram de lado e tornaram-se agentes russos cujo único encargo é gerar má reputação para os Estados Unidos. Quando foi preso na Indonésia por sodomia, Clem afirmou para o juiz:

— Peraí, isso nem pode ser considerado veadagem. Afinal de contas, eram só uns amarelos.

Apareceram na Libéria usando chapéus de caubói negros e suspensórios vermelhos:

— Aí eu meti bala no crioulo e ele desabou no chão com uma perna chutando o ar, bem assim.

— Tá, mas você já botou fogo num crioulo?

Vivem passeando por favelas, fumando charutos enormes.

— Tem que mandar umas escavadeiras pra cá, Jody. Alguém precisa limpar essa merda toda.

São perseguidos por multidões mórbidas, loucas para testemunhar mais uma demonstração superlativa de ofensas americanas.

— Em trinta anos de show business, nunca precisei lidar com uma coisa dessas. Querem que eu evacue uma favela, aplique uma dose de heroína, urine na Pedra Negra da Caaba, chame os peregrinos à oração vestido com minha fantasia de porco, cancele contratos de hipoteca e seja enrabado, tudo ao mesmo tempo... Acham que eu sou um polvo, é? — Clem reclama.

Estão planejando sequestrar a Pedra Negra com a ajuda de um helicóptero para então substituí-la por um cercado cheio de porcos treinados para mostrar a língua com ruído assim que os peregrinos chegarem. — Até tentamos ensinar aqueles guinchadores desgraçados a cantar “Three Cheers for the Red White and Blue”,⁶ mas não deu muito certo...

— Conseguimos o trigo no Panamá, com Ali Wong Chapultepec. Ele garantiu que é um troço de alta qualidade, deixado para a cafetina de um bordel pelo capitão de um navio finlandês que morreu por lá... “Ela era como uma mãe para mim”, disse ele, e essas foram suas últimas palavras... Compramos o trigo confiando na puta velha. Levou dez pacotes de heroína.

— E heroína da boa. Heroína de Aleppo, da boa.

— Tinha só um pouquinho de leite em pó misturado, o suficiente pra ela se manter forte.

— Cavalo dado não se olham os dentes, não é?

— É verdade que quando vocês encontraram Hassan serviram cuscuz feito com esse trigo em um banquete

oferecido para o alcaide?

— Claro que é. E, quer saber, aqueles cidadãos estavam tão chapados de maconha que começaram a perder a noção bem no meio do banquete... Eu mesmo só comi pão e leite... por causa da úlcera, sabe como é.

— Idem.

— Aí de repente eles saíram correndo e gritando que estavam pegando fogo, e a maioria morreu na manhã seguinte.

— O resto morreu na outra manhã.

— Mas o que eles esperavam que acontecesse ao se envolver com esses podres vícios orientais?

— É muito curioso, os cidadãos ficaram totalmente pretos e depois suas pernas caíram.

— Um efeito terrível da dependência de maconha.

— Aconteceu a mesma coisa comigo.

— De modo que lidamos diretamente com o velho Sultão, um notório *latah*. Depois disso foi tudo sopa no mel, como se diz.

— Você acredita que uns elementos descontentes resolveram nos seguir até nossa lancha?

— Como não tinham pernas, ficaram em desvantagem.

— E também não estavam muito bem da cabeça.

(Ergotina vem de *ergot*, palavra francesa que designa um fungo que cresce no trigo e causa uma doença conhecida como ferrugem. Durante a Idade Média, a Europa era periodicamente dizimada por episódios de ergotismo, então chamado de Fogo de Santo Antônio. Quando ocorre a gangrena, o que é inevitável, as pernas ficam negras e caem.)

Entregam um carregamento de paraquedas defeituosos na Força Aérea equatoriana. Manobras:

meninos despencam com paraquedas rodopiantes atados às costas, tão úteis quanto camisinhas furadas, e banham os generais barrigudos com sangue jovem... uma onda sonora ensurdecadora acompanha a fuga de Clem e Jody sobre os Andes a bordo de um jato...

Os objetivos exatos da Corporação Islã são obscuros. Desnecessário dizer que todos os envolvidos têm sua própria teoria, e cada um deles pretende passar por cima dos outros em algum ponto do caminho.

A. J. agita as massas em prol da destruição de Israel: — Com toda essa agressividade direcionada ao Ocidente, um sujeito começa a ter problemas para comprar favores dos meninos árabes... Essa situação é nada menos que intolerável... Israel representa uma tremenda inconveniência. — Típico disfarce de A. J.

Clem e Jody afirmam estar interessados na destruição dos campos de petróleo do Oriente Próximo para valorizar suas ações venezuelanas.

Clem escreve uma letra para a melodia de “Crawdaddy” (Big Bill Broonzy).

*What you gonna do when the oil goes dry?
Gonna sit right there and watch those Arabs die.⁷*

Salvador utiliza uma espessa cortina de transações no mercado financeiro internacional para acobertar, ao menos de seus subalternos, suas atividades Liquefacionárias. Mas basta um pouco de iagê para que abra o jogo com os amigos.

— Esse negócio de Islã já era, não tem mais jeito — afirma, dançando a Giga Liquefacionária... Em seguida, incapaz de se controlar, irrompe em um falsete tenebroso:

*It's trembling on the brink
One push and down it sink
Hey, Maw, get ready my veil.*⁸

“Bem, esses cidadãos requisitaram os serviços de um judeu do Brooklyn que afirma ser o Segundo Advento de Maomé... Na verdade foi trazido ao mundo pelo dr. Benway, através de uma cesariana realizada em um Homem Santo de Meca...

“Já que Ahmed não quer sair... Nós mesmos vamos tirá-lo de lá.”

Tal falcatrua descarada é aceita sem questionamento algum pelos crédulos árabes.

— Esses árabes são gente boa... Gente boa e ignorante — diz Clem.

Todos os dias, o embusteiro declama suras pelo rádio: — Olá, amigos ouvintes, aqui quem fala é Ahmed, seu amigável profeta... Hoje eu gostaria de falar sobre a importância de ser delicado e sempre dar beijos refrescantes... Amigos, nunca deixem de usar as pastilhas de clorofila de Jody.

E agora uma palavra sobre os partidos da Interzona...

Será claramente perceptível que o Partido Liquefacionário, à exceção de um único homem, é composto inteiramente de traidores, e até que ocorra a

absorção final nunca ficará claro quem está traindo quem... Os Liquefacionários apreciam toda espécie de perversão, especialmente práticas sadomasoquistas...

Liquefacionários, em geral, estão por dentro das coisas. Já os Emissores, por sua vez, notabilizaram-se por sua ignorância da natureza e do estado terminal da emissão, por seus modos bárbaros e hipócritas e por seu horror mórbido a qualquer *fato*. Foi somente por intervenção dos Fáticos que os Emissores abandonaram sua ideia de internar Einstein em um manicômio e destruir sua teoria. Pode-se dizer que muito poucos Emissores entendem o que estão fazendo, e tais Emissores de elite são os homens mais perigosos e malignos de todo o mundo...

De início, as técnicas de Emissão eram muito rudimentares. Escurece. Congresso Nacional de Eletrônica, em Chicago. Os participantes estão vestindo o capote... O palestrante fala com uma voz monótona de vendedor:

— Para concluir, gostaria de emitir um alerta... A extensão lógica da pesquisa eletroencefalográfica é o biocontrole; isto é, o controle dos movimentos físicos, dos processos mentais, das reações emocionais e das impressões sensoriais *aparentes* através do uso de sinais bioelétricos injetados no sistema nervoso do espécime.

— Mais alto! Mais engraçado! — Os Participantes encaminham-se aos bandos na direção da saída, levantando nuvens de poeira.

— Pouco tempo após o nascimento, um cirurgião poderia instalar conexões no cérebro. Um receptor de rádio em miniatura poderia ser conectado, deixando o

espécime à mercê dos transmissores controlados pelo Estado.

A poeira vai baixando pelo ar parado de uma sala imensa e vazia — cheiro de ferro quente e vapor; um radiador canta à distância... o Palestrante remexe suas anotações e sopra para limpar a poeira...

— O aparato de biocontrole é um protótipo de controle telepático em sentido único. Pode-se tornar um espécime suscetível ao transmissor por meio de drogas ou de outros processos, prescindindo da necessidade de instalação de qualquer aparato. Em última análise, os Emissores usarão exclusivamente transmissões telepáticas... Conhecem os códigos maias? É assim que os compreendo: os sacerdotes — por volta de um por cento da população — fizeram uso de emissões telepáticas de sentido único para informar os trabalhadores a respeito do que e quando sentir... Um emissor telepático precisa estar emitindo a todo momento. Nunca pode receber, porque assim estaria indicando ter sua continuidade parasitada por alguém com emoções próprias. O Emissor precisa emitir o tempo todo, mas não pode recarregar-se através de contato. Mais cedo ou mais tarde, fica sem emoções a transmitir. Não é possível ter emoções sozinho. Não quando se é sozinho como um Emissor — e, como é notório, só pode haver um único Emissor em dado ponto do espaço-tempo... Por fim, a tela se apaga... O Emissor transformou-se em uma enorme centopeia... Os trabalhadores então se aproximam, ateam fogo à centopeia e elegem um novo Emissor por meio de consenso geral... Os maias eram limitados por seu isolamento... Hoje um único Emissor controlaria todo o

planeta... *Entendam, o controle não pode de modo algum ser um meio para qualquer fim prático... Não pode de modo algum ser um meio para qualquer coisa além de mais controle... É como a junk.*

Os Divisionistas, que ocupam uma posição intermediária, poderiam ser chamados de moderados... São chamados de Divisionistas porque, literalmente, dividem. Cortam bocadinhos de sua carne e cultivam réplicas idênticas de si mesmos em geleia embrionária. É muito provável, a menos que se suspenda tal processo de divisão, que algum dia venha a existir somente uma réplica de um único sexo em todo o planeta; isto é, uma única pessoa em todo o mundo, com milhões de corpos separados... Seriam tais corpos verdadeiramente independentes? Poderiam desenvolver características diversas com o passar do tempo? Parece improvável. Qualquer réplica precisa recarregar-se com a Célula-Mãe de tempos em tempos. Trata-se de matéria de fé para os Divisionistas, que vivem com medo de que as réplicas deem início a uma revolução... Alguns Divisionistas acreditam que o processo pode ser suspenso pouco antes do estabelecimento de um suposto monopólio de uma única réplica. Dizem: “Deixe-me apenas plantar mais algumas réplicas por aí, para que eu não me sinta sozinho quando viajo... E devemos controlar com firmeza a divisão dos Indesejáveis...”. Qualquer réplica que não a sua própria acaba sendo rotulada de “Indesejável”. Se alguém começa a inundar uma região com Réplicas Idênticas, todos percebem o que está acontecendo. Os outros cidadãos têm direito de declarar uma Shlupada

(massacre indiscriminado de todas as réplicas identificáveis). Para evitar que suas réplicas sejam exterminadas, os cidadãos as tingem, as distorcem e as alteram usando moldes faciais e corpóreos. Só as criaturas mais inconsequentes e devassas se atrevem a produzir R. I. (Réplicas Idênticas).

Um alcaide retardado e albino, produto de uma longa linhagem de genes recessivos (boquinha desdentada cercada de pelos negros, corpo de caranguejo enorme, pinças em vez de braços, olhos nas extremidades de pedúnculos), chegou a acumular vinte mil R. I.

— Nada além de réplicas, réplicas a perder de vista — declara, rastejando por seu terraço enquanto emite estranhos chilreios de inseto. — Não preciso ficar me escondendo por aí como um idiota qualquer, cultivando réplicas na minha caixa de gordura para que saiam de lá disfarçadas de encanadores e entregadores de mercadorias... Minhas réplicas não têm sua beleza estonteante arruinada por cirurgias plásticas, tinturas grosseiras e processos de branqueamento. Avançam nuas à luz do sol para que todos contemplem a graça incandescente de seu corpo, seu rosto e sua alma. Criei-as à minha imagem e ordenei que cresçam e multipliquem-se em progressão geométrica, pois herdarão a Terra.

Um feiticeiro profissional foi convocado para esterilizar de uma vez por todas as culturas de réplicas do Xequie Araquid... Quando o feiticeiro estava prestes a liberar um jorro de antiorgônios, Benway avisou: — Não vale o esforço. Esse ninho de réplicas será varrido pela ataxia de Friedrich. Fui aluno de neurologia do professor Dedonock, em Viena... e ele conhece todos os nervos do

corpo humano. Uma criatura magnífica... Teve um fim complicado... Suas velhas hemorroidas explodiram quando ele estava a bordo do *Hispano-Suiza* do Duc de Ventre e enroscaram-se nas rodas traseiras. Foi completamente destripado, deixando para trás uma casca vazia sentada sobre o estofamento de pele de girafa... Até mesmo seus olhos e seu cérebro foram arrancados, com um terrível ruído de sucção. De acordo com o Duc de Ventre, aquele tenebroso *shlup!* vai acompanhá-lo até o mausoléu.

Como não existe um modo infalível de detectar uma réplica disfarçada (embora todo Divisionista acalente um método pessoal que considera à prova de erro), a paranoia dos Divisionistas chega às raias da histeria. Se algum cidadão resolve expressar uma opinião mais liberal, outro invariavelmente rosna em resposta: “Por acaso você é a réplica embranquecida de algum crioulo fedido?”.

Nos bares, são alarmantes as baixas causadas por brigas. Aliás, o medo das réplicas de negros — que podem ser loiras e ter olhos azuis — desabitou regiões inteiras. Todos os Divisionistas são homossexuais, assumidos ou latentes. Bichas velhas dizem aos meninos mais jovens: — Se você trepar com uma mulher, suas réplicas param de crescer. — E os cidadãos vivem amaldiçoando as culturas de réplicas alheias. Gritos de “Vai amaldiçoar minha cultura, é? Hein, Biddy Blair?”, seguidos por efeitos sonoros de desordem absoluta, reverberam a todo momento pelo bairro... Divisionistas apreciam todas as práticas de magia negra e detêm fórmulas inumeráveis de eficácia variada para destruir a Célula-Mãe, também conhecida como Protoplasma-Pai,

através do emprego de tortura ou morte de uma réplica capturada... As autoridades acabaram desistindo de suas tentativas de controlar as ocorrências dos crimes de assassinato e produção ilegal de réplicas entre os Divisionistas. Mas ainda assim encenam diligências nos períodos que precedem eleições e destroem vastas culturas de réplicas nas regiões montanhosas da Zona, onde se escondem os produtores ilegais de réplicas.

Relações sexuais com uma réplica são estritamente proibidas e praticadas de forma quase universal. Existem bares gays onde cidadãos-devassos copulam abertamente com suas réplicas. Detetives particulares enfiam a cabeça para dentro de quartos de hotéis, perguntando: — Por acaso você tem alguma réplica por aí?

Bares sujeitos a invasões da escória amante de réplicas afixam cartazes cheios de aspas: “””S NÃO SERÃO ATENDIDAS...

Pode-se dizer que o Divisionista médio vive mergulhado em crises contínuas de medo e ódio, incapaz de atingir tanto a complacência hipócrita dos Emissores quanto a depravação descontraída dos Liquefacionários... De qualquer modo, na prática os partidos não são de modo algum tão distintos, mas misturam-se uns com os outros em toda sorte de combinações.

Os Fáticos são Antiliquefacionários, Antidivisionistas e, acima de tudo, Antiemissores.

Boletim do Fático Nivelado a respeito das réplicas: “Devemos rejeitar a solução simplista de inundar o

planeta com 'réplicas desejáveis'. É altamente duvidoso que existam réplicas desejáveis, pois tais criaturas constituem uma tentativa de criar entraves ao processo de mudança. Até mesmo as réplicas mais inteligentes e geneticamente perfeitas constituiriam, com imensa probabilidade, uma ameaça sem igual à vida neste planeta".

B. E. (Boletim Experimental) — Liquefação: "Não devemos rejeitar ou negar nosso âmago protoplásmico, esforçando-nos a todo momento para manter o máximo de flexibilidade sem cair no lodo da liquefação".

Boletim Experimental e Incompleto: "É com ênfase que declaramos não sermos contrários à pesquisa telepática. Aliás, se compreendida e usada corretamente, a telepatia pode vir a se tornar a defesa suprema contra qualquer forma de coerção organizada ou de tirania por parte de grupos de pressão ou viciados em controle individual. Somos contrários, assim como somos contrários à guerra atômica, ao uso de tal conhecimento para controlar, coagir, humilhar, explorar ou aniquilar a individualidade de qualquer criatura viva. Por sua própria natureza, a telepatia não é um processo de mão única. Qualquer tentativa de estabelecer uma transmissão telepática de mão única deverá ser considerada uma calamidade sem tamanho".

B. D. (Boletim Definitivo): "O Emissor define-se por negativos. Uma área de baixa pressão, uma sucção no vazio. Será prodigiosamente anônimo, sem rosto e sem cor. Provavelmente nascerá com discos macios de pele no lugar dos olhos. Sempre saberá para onde está indo, como se fosse um vírus. Não precisa de olhos".

— Não pode haver mais de um Emissor?

— Ah sim, de início existem muitos deles. Mas não duram. Alguns cidadãos mais piegas imaginarão que eles são capazes de emitir algo edificante, sem perceber que o próprio *ato* de emitir é maligno. Dirão os cientistas: “Emitir é como a energia atômica... Se dominada da maneira correta”. Neste ponto, um técnico anal-retentivo prepara um bicarbonato de sódio e ativa o interruptor que transforma a Terra em poeira cósmica. (“*Bof...* Até em Júpiter vão ouvir esse arrote.”) Artistas acabarão confundindo emissão com criação. Armarão uma ciranda ao seu redor, berrando “Uma nova mídia!” até que ela comece a perder seu valor de mercado... Filósofos se digladiarão a respeito de meios e fins, sem saber que a *emissão não pode de modo algum ser um meio para qualquer coisa além de novas emissões, é como a junk*. Tentem usar a junk como meio para qualquer outra coisa... Alguns cidadãos viciados em controle no esquema “Coca-Cola com aspirina” tecerão comentários a respeito do encanto maligno da emissão. Mas ninguém falará sobre coisa alguma por muito tempo. O Emissor não gosta de conversa.

O Emissor não é um indivíduo humano... É o Vírus Humano.

(Todos os vírus são células deterioradas que levam existências parasíticas... Têm afinidade específica com a Célula-Mãe; assim, células-hepáticas deterioradas buscam o ponto de origem da hepatite etc. Desse modo, toda espécie tem um Vírus-Mestre: a Imagem Deteriorada dessa espécie.)

A imagem corrompida do Homem avança minuto a minuto, célula a célula... Pobreza, ódio, guerra, policiais e

criminosos, burocracia e insanidade são todos sintomas do Vírus Humano.

Hoje é possível isolar e tratar o Vírus Humano.

1 Líderes da tribo berbere glaoua, detentora de relativo poder sobre parte do Marrocos no final do século XIX.

2 Poema mais conhecido do poeta e dramaturgo americano Samuel Woodworth (1784-1842), musicado em 1826.

3 Em tradução livre: “O velho balde de carvalho, o dourado balde de carvalho/ O gluglubalueuecaualuo...”.

4 Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

5 Referência a “Manhattan Serenade”, um dos muitos sucessos de Harold Adamson (1906-80), letrista de canções para cinema e televisão.

6 “Três vivas para a vermelha, azul e branca”, marcha patriótica americana baseada em “Stars and Stripes Forever”, de John Philip Sousa (1854-1932). O título é uma referência às cores da bandeira dos Estados Unidos.

7 O que você vai fazer quando o petróleo acabar?/ Vou ficar sentado aqui vendo a Arábia se danar.

8 É o fim, já está quase chegando/ o cataclismo, vamos nos preparando/ Ei, Boca, apronte aí o meu véu.

O Funcionário Público

O gabinete do Funcionário Público fica em um prédio imenso de tijolos vermelhos, conhecido como Velho Tribunal. É fato que processos civis são realmente julgados por lá, mas os litígios se arrastam inexoráveis até que os envolvidos morram ou abandonem o caso. Isso se deve ao vasto número de registros a respeito de absolutamente qualquer coisa. Todos estão arquivados nos lugares errados, de modo que nenhuma pessoa além do Funcionário Público e sua equipe de assistentes seja capaz de encontrá-las, e ele mesmo costuma passar anos a fio fazendo alguma busca específica. Aliás, ele ainda está à procura de um material relativo a um processo por perdas e danos que foi resolvido mediante acordo extrajudicial em 1910. Porções imensas do Velho Tribunal estão em ruínas e outras apresentam alta periculosidade por conta de desmoronamentos constantes. O Funcionário Público delega as missões mais arriscadas aos seus assistentes, muitos dos quais perderam a vida no cumprimento do dever. Em 1912, duzentos e sete assistentes foram soterrados pelo colapso da Ala Nor-Nordeste.

Quando é aberto um processo contra algum habitante da Zona, seus advogados tratam de transferir o caso para o Velho Tribunal. O querelante perde o caso assim que isso acontece, pois os únicos casos que são efetivamente julgados no Velho Tribunal são aqueles instigados por indivíduos excêntricos e paranoides que exigem “uma audiência pública” que raramente conseguem levar a cabo, já que somente uma escassez brutal de notícias seria capaz de atrair um repórter ao Velho Tribunal.

O Velho Tribunal fica na cidade de Quecedane, fora da área urbana. Os moradores dessa cidade e de seus arredores tomados por brejos e bosques fechados são pessoas de estupidez tamanha e modos tão bárbaros que a Administração resolveu ser adequado contê-las sob quarentena no interior de uma reserva cercada por uma muralha radioativa erguida com tijolos de ferro. Como represália, os cidadãos de Quecedane encheram sua cidade com cartazes dizendo NEM CHEGA PERTO DAQUI, URBANITA. Uma ordem completamente desnecessária, pois somente a necessidade de resolver negócios urgentes levaria qualquer urbanita até Quecedane.

O caso de Lee é urgente. Precisa registrar imediatamente uma certidão que atesta sua condição de vítima da peste bubônica, de modo que não seja expulso da casa que ocupa há dez anos sem pagar aluguel. Vive em perpétua quarentena. Assim, arruma sua mala com certidões e petições e mandados e procurações e embarca em um ônibus rumo à Fronteira. O inspetor da alfândega urbanita acena e diz que ele pode passar: — Espero que não tenha uma bomba atômica aí nessa mala.

Lee engole um punhado de calmantes e avança na direção da cabana da alfândega de Quecedane. Os inspetores passam três horas folheando sua papelada e consultando livros empoeirados com regulamentos e impostos, dos quais leem excertos incompreensíveis e ameaçadores como: “E deste modo está sujeito a multa e penalidades diversas de acordo com o decreto 666”. Encaram-no de forma sugestiva.

Esquadrinham sua papelada com uma lupa.

— Às vezes eles escondem poeminhas indecentes no espaço entre as linhas.

— Talvez ele queira vender isso tudo como papel higiênico. Essa porcaria toda é para seu uso pessoal?

— Sim.

— Ele disse que sim.

— E como podemos ter certeza?

— Tenho uma certidão.

— Cara esperto. Tira essa roupa.

— É. Talvez ele tenha tatuagens indecentes.

Apalpam seu corpo, vasculhando seu cu em busca de contrabando e evidências de sodomia. Empapam seu cabelo e enviam a água para análise.

— Talvez ele tenha drogas no cabelo.

Acabam apreendendo sua maleta; então Lee cambaleia para fora da cabana carregando um fardo de documentos com mais de vinte quilos.

Uns doze Arquivistas estão sentados nos degraus de madeira podre do Velho Tribunal. Acompanham sua chegada com olhos azuis e baços, virando a cabeça lentamente sobre o pescoço enrugado (rugas cheias de poeira) para seguir seu corpo enquanto sobe os degraus e cruza a soleira da porta. Dentro do Tribunal a poeira

paira pelo ar como neblina, escapando pelo teto e erguendo-se do assoalho enquanto Lee caminha. Sobe uma escadaria desconjuntada — fechada ao público em 1929. Encosta o pé sobre um dos degraus, que cede e rasga a carne de sua perna com suas lascas secas. A escadaria termina em um andaime de pintor preso com cordas puídas e roldanas gastas a uma viga, quase invisível à distância por causa da poeira. Cauteloso, caminha devagar até uma cabine de roda-gigante. Um maquinário hidráulico é posto em ação por seu peso (som de água corrente). A roda move-se de maneira sutil e silenciosa até parar ao lado de uma varanda de ferro enferrujado, esburacada aqui e ali como a sola de um sapato velho.

Avança por um longo corredor ladeado de portas, quase todas fechadas com pregos ou tapadas com tábuas. No interior de um dos gabinetes, anunciado como REQUINTES DO ORIENTE PRÓXIMO por uma placa de latão esverdeada, um Entrepelado apanha cupins com sua língua negra e comprida. A porta do gabinete do Funcionário Público está aberta. O Funcionário Público está sentado, cheirando rapé na companhia de seis assistentes. Lee para na soleira da porta. O Funcionário Público continua falando, sem olhar para ele.

— Encontrei o Ted Torneira um dia desses... também é um bom sujeito. Não tem homem mais decente que o Ted Torneira aqui na Zona... Aí era uma sexta, lembro porque minha patroa tava de cama por causa das cólicas menstruais e fui até a farmácia do dr. Parker na rua Dalton, bem do outro lado da Casa de Massagens Decorosas da Mamãe Green, bem ali onde ficava o velho estábulo do Jed... Aí o Jed, daqui a pouco lembro o

sobrenome dele, tava com gesso no olho esquerdo e a mulher dele tinha voltado de algum lugar lá pro Oriente, acho que era Argel ou alguma coisa assim, e depois que o Jed morreu ela casou de novo, e casou com um dos meninos do Buzina, acho que foi com o Clem Buzina se estou lembrando bem, taí outro bom sujeito, aí na época o Buzina tava com uns cinquenta e quatro, cinquenta e cinco anos... Aí eu disse pro dr. Parker: “Minha patroa tá de cama sofrendo com cólica menstrual. Me vende aí sessenta gramas de elixir paregórico”.

“Aí o doutor disse: ‘Bem, Arch, você tem que assinar o livro. Nome, endereço e data da compra. É a lei’.

“Aí eu perguntei que dia era pro doutor e ele disse: ‘Sexta-feira 13’.

“Aí eu disse: ‘Olha, acho que já tenho azar de sobra’.

“‘Bem’, o doutor falou, ‘apareceu um sujeito aqui hoje de manhã. Um tipinho da cidade. Vestido de um jeito meio espalhafatoso. Tinha uma receita pra comprar um vidro de conserva cheio de morfina... Era uma receita meio esquisita, escrita em papel higiênico... Aí de cara eu disse pra ele: “Meu caro, suspeito que o senhor seja um drogado”. “Tô é cheio de unha encravada, chefe. Tô passando muito mal”, ele falou. Bem, aí eu disse: “Preciso tomar cuidado. Mas quando você tiver um problema de verdade e aparecer com uma receita dada por um médico qualificado, será uma honra atender você”. “Esse charlatão aí é dos bons”’, ele disse... Bem, acho que eu não prestei muita atenção no que tava fazendo quando dei pra ele um pote cheinho com bissulfato de sódio de desinfetar privada... Acho que ele também teve azar de sobra.

“‘Parece bem a coisa certa pra limpar o sangue de um sujeito.’

“‘Sabe que eu pensei a mesma coisa? Não tem como ser pior que enxofre com melaço... Arch, não vai pensar que estou sendo intrometido; como eu sempre digo, um homem não pode ter segredos com Deus e com seu farmacêutico... Diga, você ainda está comendo a Velha Égua Macilenta?’

“‘Mas ora, dr. Parker... Saiba que sou um homem de família e um Ancião da Primeira Igreja Denominacional Não Sextária, e não fodo um cu de cavalo desde que a gente era criança.’

“‘Bons tempos aqueles, Arch. Lembra aquela vez que eu confundi a gordura de ganso com mostarda? Não é à toa que dizem que tenho mania de pegar o pote errado. Dava pra ouvir seus gritos lá no condado de Lambussa, você berrava que nem um rato castrado.’

“‘Você tá enganado, doutor. Quem pegou a mostarda foi você, eu tive de ficar esperando que você parasse de gritar.’

“‘Que ideia, Arch. Li um negócio sobre isso numa revista uma vez, ali naquela latrina do lado da estação... Mas, Arch, acho que você não entendeu direito o que eu tava falando antes... Eu tava chamando a sua mulher de Velha Égua Macilenta... Quer dizer, ela não é mais a mesma depois de tantos carbúnculos e cataratas e frieiras e hemorroidas e aftosa.

“‘Mas não é verdade mesmo, doutor? A Liz anda mesmo doente. Nunca mais foi a mesma depois que sofreu o aborto espontâneo de número onze... Essa história aí foi meio estranha. O dr. Ferris veio logo me dizendo, ele disse bem assim: “Arch, não tá prestando

esse negócio de você ficar se deitando com essa criatura”. E aí depois ficou me encarando um tempão, eu me arrepiei todo... Bem, doutor, você tem razão. Ela não é mais a mesma. E seus remédios parecem nem adiantar nada. Olha, desde que pingou aquele colírio que você vendeu mês passado ela não consegue mais nem saber quando é dia e quando é noite... Mas, doutor, você devia saber que eu não tô comendo a Liz, aquela vaca acabada, sem querer desrespeitar a mãe dos meus monstros defuntos. Pra que eu ia fazer isso se tenho aquela coisinha de quinze anos... Aquela mulatinha, sabe? Que trabalhava no Salão de Alisamento de Cabelos e Clareamento de Pele da Marylou, lá no bairro dos crioulos.’

“Tá comendo carne de galinha preta, Arch? Tomando sorvete de chocolate?’

“Direto, doutor. Direto. Bem, o dever tá me enfiando o dedo no cu, como se diz. Preciso voltar pra casa que a porcaria da minha patroa tá me esperando.’

“Aposto que ela anda precisando de uma boa engraxada, vai dizer.’

“O buraco dela tá mesmo seco, doutor... Bem, obrigado por esse paregórico.’

“Agradeço sua compra, Arch... Hehehe... Olha só, Archy, se uma noite dessas você estiver precisando de uma força extra, vê se aparece pra tomar umas ioimbinitas comigo.’

“Vou fazer isso mesmo, doutor, pode apostar. Vai ser que nem nos velhos tempos.’

“Aí voltei pra casa, esquentei uma água e misturei um pouco de paregórico com cravo e canela e sassafrás e dei tudinho pra Liz, e acho que isso deixou ela bem mais

calma. Se não fosse isso ela teria me incomodado... Bem, mais tarde fui lá no dr. Parker de novo pra comprar umas camisinhas... e bem quando tava saindo encontrei o Roy Desgraça, que também é um bom sujeito. Não tem homem mais decente que o Roy Desgraça aqui na Zona... Aí ele me disse, disse bem assim: 'Arch, tá vendo aquele crioulo velho ali no terreno baldio? Olha, é mais garantido que merda e impostos. Toda noite ele aparece ali, nunca falha, dá até pra acertar o relógio por ele. Tá enxergando? Ali detrás das urtigas? Toda noite pelas oito e meia ele entra ali no terreno baldio e bate punheta com palha de aço... Me falaram que esse crioulo é pregador'.

"E foi por isso que fiquei sabendo mais ou menos a hora da sexta-feira 13 e não demorou mais que vinte minutos ou no máximo meia hora pra eu buscar um pouco de cantárida na farmácia do doutor e sair caminhando todo animado pelo brejo Grennel, a caminho do bairro dos crioulos... Queimaram aquele crioulo velho lá em Lambussa. O crioulo tava com aftosa e ficou totalmente cego... Aí uma garota branca lá de Texarkana* berrou: 'Roy, aquele crioulo velho tá me olhando de um jeito estranho. Juro mesmo que tô me sentindo toda imunda'.

"'Olha, doçura, nem se preocupa. Eu e os meninos vamos tacar fogo nele.'

"'Bem devagar, bonito. Bem devagar. Ele tá me dando uma baita dor de cabeça.'

"Aí eles queimaram o crioulo e o bom sujeito pegou a mulher e voltou pra Texarkana sem pagar a gasolina, o que fez o velho Lou Cochicho do posto de combustível não falar de outra coisa o outono inteiro: 'Esse povo da

cidade vem pra cá, queima um crioulo e nem se presta a pagar a gasolina’.

“Bem, aí o Chester Buzina pôs abaixo o barraco do crioulo e reconstruiu no fundo da casa dele no Vale Sangria. Cobriu todas as janelas com um tecido preto e não é direito falar do que acontece lá dentro... Olha, esse Chester é um sujeito bem esquisito... Bem ali onde ficava o barraco do crioulo, do outro lado daquela casa do velho Brooks que sempre alaga na primavera, mas naquela época ainda não era do Brooks... era de um sujeito chamado Scranton. Aquele terreno foi explorado em 1919... Imagino que você conheça o homem que fez o trabalho... Um sujeito chamado Clarence Corcunda, que também tirava feitiço de poços... Também é um bom sujeito, não tem homem mais decente que o Clarence Corcunda aqui na Zona... Enfim, foi bem por ali que eu peguei o Ted Torneira fodendo uma salamandra aquática gigante.”

Lee pigarreou. O Funcionário encarou-o por sobre os óculos. — Meu jovem, se você esperar que eu termine o que estou contando, será atendido.

E começou a contar uma piada sobre um preto que pegou hidrofobia de uma vaca.

— Aí meu papai disse: “Termina suas tarefas, meu filho, e vamos lá ver o tal crioulo raivoso”. Tinham acorrentado o crioulo na cama e ele mugia que nem uma vaca... Mas cansei logo daquele crioulo. Bem, se vocês não se importam, tenho assuntos privados a discutir com a latrina. Hehehe!

Ao ouvir aquilo, Lee foi tomado pelo horror. Não era incomum que o Funcionário Público passasse semanas na latrina, vivendo à base de escorpiões e catálogos de

grandes armazéns. Em diversas ocasiões foi preciso que seus assistentes arrombassem a porta e o carregassem para fora em um estado avançado de desnutrição. Lee decidiu lançar mão de sua última cartada:

— Sr. Anker — disse. — Confrade, é na condição de membro dos Porcos do Mato que peço sua atenção. — Ele puxou seu cartão dos Porcos do Mato, uma relíquia obtida ao roubar bêbados durante sua juventude.

O Funcionário espiou o cartão com suspeita no olhar.

— Pra mim você não parece nadinha com um Porco do Mato qualificado e cevado a bolotas... O que você acha dos judeeeeeeus...?

— Bem, meu caro sr. Anker, todos sabemos que tudo que um judeu mais quer é fazer o que não deve com uma garota cristã... Qualquer dia desses vamos lhes cortar fora o resto das picas.

— Olha, pra alguém da cidade até que você me parece bem sensato... Descubram o que ele quer e cuidem de tudo... Esse aí é um bom sujeito.

* Cidade localizada na fronteira entre o Texas, o Arkansas e a Louisiana e dividida em dois municípios independentes: um faz parte do Arkansas e o outro do Texas.

Interzona

O único nativo da Interzona que não é nem veado nem está disponível é o chofer de Andrew Keif. Não se trata de afetação ou perversidade por parte de Keif, mas de um pretexto útil para que ele rompa relações com quem não deseja mais ver. “Ontem à noite você deu em cima de Araqnid. Não posso mais recebê-lo em minha casa.” Na Zona era muito comum que as pessoas esquecessem o que tinham feito, tendo ou não bebido, e ninguém poderia afirmar com certeza se tinha ou não dado em cima de uma criatura tão repugnante quanto Araqnid.

Araqnid é um chofer imprestável, praticamente incapaz de dirigir. Certa vez atropelou uma grávida que voltava das montanhas com um fardo de carvão nas costas e ela abortou um bebê ensanguentado em plena rua. Keif desceu do automóvel e ficou sentado no meio-fio remexendo o sangue com um graveto enquanto a polícia interrogava Araqnid, e por fim prendeu a mulher por conta de alguma infração do Código Sanitário.

Araqnid é um jovem pouquíssimo atraente, dono de um rosto sinistro e comprido de tez estranha e azul-acinzentada. Seu nariz é enorme e ele possui dentes

acavalados e amarelos. Qualquer um seria capaz de encontrar um chofer atraente, mas somente Andrew Keif poderia ter encontrado Araqnid; Keif, o jovem romancista brilhante e decadente, que mora em um mictório remodelado na zona de prostituição do Bairro Nativo.

A Zona é uma única e imensa construção. Os cômodos são feitos de um cimento plástico que se dilata para acomodar as pessoas, mas quando muitas delas abarrotam um cômodo ouve-se um delicado *plop* e quem está sobrando atravessa a parede até parar na casa ao lado — na cama ao lado, sendo mais exato, já que em sua maioria os cômodos consistem de camas onde se conduzem os negócios da Zona. Como se fosse uma imensa colmeia, a Zona é sacudida pelo zunido de sexo e comércio:

— Dois terços de um por cento. Não aceito menos; nem mesmo de meus prediletos.

— Mas, querido, onde estão os comprovantes de remessa?

— Não estão onde você está procurando, tolinho. Seria óbvio demais.

— Um fardo de calças jeans com enchimento na braguilha. Feitas em Hollywood.

— Hollywood, no Sião.

— Bem, o *estilo* é americano.

— E a comissão?... A comissão... A Comissão.

— Sim, doçura, um navio inteiro carregado com *κ* feito de autêntico refugo de baleia encontra-se no momento retido no Atlântico Sul, em quarentena imposta pelo Departamento de Saúde da Terra do Fogo. A comissão, amado! Se conseguirmos nos safar dessa, vamos tirar a sorte grande.

(Refugo de baleia é um material descartável que se acumula durante o processo de esquartejamento e cozimento de uma baleia. É um negócio horrendo, com um fedor de peixe que pode ser sentido a quilômetros de distância. Nunca se conseguiu descobrir alguma utilidade para o refugo.)

O esquema do κ estava associado à Interzona Importações Ilimitada, uma empresa criada por Marvie e Leif Azarado. São oficialmente especializados em artigos farmacêuticos e possuem um dispensário que funciona vinte e quatro horas por dia, oferecendo como bônus todo tipo de tratamento especial.

(Até agora, seis doenças venéreas diferentes foram identificadas.)

Mergulham de cabeça nos negócios. Realizam serviços inomináveis para um agente de marinha mercante grego e paraplégico e para toda uma equipe de inspetores alfandegários. Os dois sócios terminam por se desentender e denunciam um ao outro à Embaixada, que os manda procurar a Repartição Para Assuntos Que Não Nos Interessam Nem Um Pouco e os expulsa por uma porta dos fundos que dá para um terreno baldio coberto de merda, onde abutres disputam cabeças de peixe. Históricos, trocam socos.

— Você está tentando roubar minha comissão, porra!

— *Sua* comissão?! Afinal de contas, quem foi que farejou este negócio, hein?

— Mas o comprovante de remessa está comigo!

— Seu monstro! Mas o cheque será emitido em meu nome!

— Desgramado! Você só vai colocar os olhos no comprovante de remessa quando minha parte for

depositada em juízo!

— Bem, acho melhor a gente trocar um beijo e fazer as pazes. Na verdade eu não sou nada maldoso ou mesquinho.

Apertam as mãos sem muito entusiasmo e trocam beliscões na bochecha.

O negócio se arrasta por meses a fio. Contratam os serviços de um Despachante. Por fim, Marvie aparece com um cheque no valor de quarenta e duas piastras do Turquistão depositadas em um banco anônimo da América do Sul, a ser descontado via Amsterdam em um processo que levará aproximadamente onze meses.

Agora ele pode relaxar nos cafés da praça. Exibe uma cópia fotostática do cheque. Obviamente nem pensa em mostrar o original, temendo que algum cidadão invejoso cuspa tinta corretiva na assinatura ou danifique o cheque de qualquer outra forma.

Quando pedem que ele pague bebidas e comemore, ele dá uma risada jovial e diz: — O fato é que não tenho dinheiro sequer para comprar um drinque para mim mesmo. Já gastei todas as piastras comprando estreptomicina para o Ali tratar sua gonorreia. Está bichado de novo, na frente e atrás. Cheguei quase a chutá-lo através da parede até o quarto ao lado. Mas vocês sabem que sou uma criatura sentimental.

Marvie, no entanto, compra um copinho de cerveja para si mesmo catando uma moeda enegrecida de sua braguilha e colocando-a sobre a mesa. — Pode ficar com o troco.

O garçom varre a moeda até uma pazinha, cospe na mesa e se afasta.

— Mas que bobalhão! Está com inveja do meu cheque.

Marvie anda pela Interzona desde “antes do primeiro ano”, como gosta de dizer. Aposentou-se de um cargo qualquer no Departamento de Estado “para o bem da repartição”. É fácil perceber que algum dia foi muito atraente, fazendo um tipo de menino universitário com cabelo à escovinha, mas seu rosto foi tornando-se flácido até formar papadas sob o queixo que lembravam parafina derretida. Sua cintura aumentava a olhos vistos.

Leif Azarado era um norueguês alto e magro que usava um tapa-olho. Seu rosto parecia eternamente congelado em um sorriso condescendente e fingido. Não tivera sucesso ao criar sapos, chinchilas, peixes de briga siameses, cânhamo-caloni e pérolas de cultura. Com variado grau de sucesso, tentou promover um Cemitério de Caixões Duplos Para Amantes, dominar o mercado de camisinhas durante a crise da borracha, gerenciar um bordel por correspondência e vender penicilina como medicamento patenteado. Baseando-se em sistemas de apostas desastrosos, jogou em cassinos europeus e hipódromos americanos.

Seu azar nos negócios só era rivalizado pelos desastres inacreditáveis de sua vida pessoal. Seus dentes da frente foram arrancados a pontapés no Brooklyn por brutamontes da Marinha americana. Abutres devoraram um de seus olhos depois que ele bebeu meio litro de elixir paregórico e desmaiou em um parque na Cidade do Panamá. Ficou cinco dias preso dentro de um elevador parado entre andares sofrendo ataques de abstinência de junk e teve um acesso de *delirium tremens* quando estava clandestino no compartimento de carga de um navio, encolhido dentro de uma mala. Certa vez, no Cairo, foi posto a nocaute por intestinos estrangulados,

úlceras perfuradas e peritonite. O hospital estava tão lotado que foi preciso alojá-lo na latrina, e o cirurgião grego ficou tão confuso que lhe enxertou um macaco vivo. Em seguida, Leif acabou enrabado por um grupo de atendentes árabes e um dos serventes trocou sua penicilina por desinfetante de vaso sanitário; em outra ocasião ele contraiu gonorreia no cu e foi tratado por um médico inglês arrogante que lhe aplicou um enema de ácido sulfúrico quente; um clínico alemão especializado em Medicina Tecnológica usou um abridor de latas enferrujado e tesouras de jardim para remover seu apêndice (considerava os germes uma “teoria absurda”). Depois da cirurgia, embevecido pelo sucesso, começou a seccionar e extirpar tudo que enxergava pela frente: — A corpo humana é cheia das parte inútil. É possível viver sem uma das rim. Quem precisa de duas? Zim, aquilo é uma rim... As organ interna não tem que ficar tudo junta reunida. Precisa de Lebensraum,* que nem o Alemanha.

Como o Despachante ainda não fora pago, Marvie precisou encarar a possibilidade de ficar em dívida com ele por onze meses, até que o cheque fosse descontado. Comentava-se que o Despachante nascera na Balsa, entre a Zona e a Ilha. Tinha como ofício acelerar a entrega de mercadorias. Ninguém sabia ao certo se seus serviços valiam alguma coisa, e mencionar seu nome era uma maneira infalível de começar uma discussão. Recorria-se a casos sem fim para provar tanto sua eficiência milagrosa quanto sua inutilidade absoluta.

A Ilha era um posto militar e naval do lado oposto da Zona, pertencente à Coroa Britânica. A Inglaterra mantém a posse da Ilha através de um arrendamento anual que prescinde de pagamento, e a cada ano os

contratos de Arrendamento e a Autorização de Residência são renovados formalmente. Toda a população aparece — o comparecimento é obrigatório — e se reúne no depósito de lixo municipal. Por tradição, exige-se que o Presidente da Ilha rasteje pelo meio do lixo e entregue a Autorização de Residência e a Renovação de Arrendamento — assinadas por todos os cidadãos da Ilha — ao Governador Residente, fulgurante em toda a glória de seu uniforme de gala. O Governador enfia a permissão no bolso de seu casaco.

— Bem — diz com um sorriso arreganhado —, então vocês resolveram deixar-nos ficar mais um ano por aqui, não é? Isso é muito gentil de sua parte. E todos estão satisfeitos com isso?... Alguém aqui não está satisfeito?

Soldados apontam metralhadoras montadas em jipes de um lado ao outro da multidão, com movimentos vagarosos e ameaçadores.

— Todos estão satisfeitos. Bem, isso me alegra. — Dirige-se com ar jovial ao Presidente prostrado. — Vou ficar com seus documentos, para o caso de me faltar papel. Hahaha. — Sua gargalhada estrondosa e metálica ressoa por todo o depósito de lixo, e a multidão gargalha com ele sob a vigilância das metralhadoras inquietas.

Na Ilha, os princípios democráticos são aplicados com rigor invejável. O Senado e o Congresso ocupam-se com sessões intermináveis que discutem o que deve ser feito com o lixo e como devem ser realizadas as inspeções de latrinas, únicas questões sobre as quais têm jurisdição. Por um breve período na metade do século XIX, permitiu-se que controlassem o Departamento de Manutenção de Babuínos, mas tal privilégio foi revogado por conta do desinteresse dos senadores.

No século xvii, piratas trouxeram para a Ilha os babuínos de traseiro roxo de Trípoli. Reza a lenda que a Ilha entrará em colapso assim que os babuínos desaparecerem de seu território. Nunca se definiu quem ou o que será responsável por esse colapso. Matar um babuíno é uma ofensa passível de pena capital, embora o comportamento nocivo desses animais torne a convivência com os cidadãos insuportável. Ocasionalmente alguém enlouquece, mata vários babuínos e a si próprio.

O cargo de Presidente é sempre imposto a um cidadão particularmente impopular e nocivo. Ser eleito presidente é o maior infortúnio e a maior desgraça que podem acontecer a um habitante. As humilhações e ignomínia são tais que poucos Presidentes sobrevivem ao mandato, geralmente morrendo de um espírito estraçalhado depois de um ano ou dois. O Despachante já foi o presidente e completou os cinco anos de seu mandato. Depois, ele mudou de nome e passou por cirurgia plástica com a intenção de, na medida do possível, eliminar quaisquer lembranças de sua desgraça.

— Sim... é claro que você vai ser pago — Marvie explicava ao Despachante. — Mas tenha calma. Ainda pode demorar um pouco...

— Ter calma? Um pouco?!

— Olha...

— Sim, conheço essa história. A companhia financeira está tomando de volta o rim artificial de sua esposa... Estão levando embora o pulmão de aço de sua avó.

— Isso foi de extremo mau gosto, meu rapaz...

— Para ser sincero, gostaria de nunca ter me envolvido com esse, hã, assunto. Essa graxa maldita tem muito

ácido carbólico. Semana passada visitei a Alfândega. Enfie um cabo de vassoura dentro de um tonel cheio dessa graxa e ela carcomeu a madeira na mesma hora. Além disso, fede tanto que é capaz de fazer um sujeito cair de bunda no chão. Você deveria fazer uma visita ao porto.

— Mas nem pensar! — berrou Marvie. (É uma distinção de casta na Zona: você não encosta nem mesmo chega perto de algo que está vendendo. Tais atitudes levantam suspeitas de atividade varejista, isto é, todos começam a achar que você não passa de um reles vendedor. Uma boa parte das mercadorias da Zona é negociada por vendedores de rua.) — Por que você está me contando essas coisas? É sórdido demais! Que os varejistas se preocupem com isso.

— Ah, para tipinhos como vocês tudo é muito fácil, podem sempre ficar escondidos debaixo dos panos. Mas eu tenho uma reputação a zelar... Isso vai me criar problemas.

— Você está insinuando que existe algo de *ilícito* nesta operação?

— Não exatamente de *ilícito*. Mas de trambique. É definitivamente um trambique.

— Ah, volte para sua ilha antes que ela entre em colapso! Quando o conhecemos, você estava oferecendo seu traseiro roxo por cinco pesetas nos mictórios da Praça.

— E ainda assim nem tinha muitos clientes — Leif acrescenta. Seu sotaque é curioso.

Tal referência à sua origem insular ultrapassou os limites do que o Despachante era capaz de suportar... Ergueu-se lentamente, preparando sua imitação mais

glacial de um aristocrata inglês pronto a ensinar uma lição àquela gentinha. Em vez disso, contudo, um ganido queixoso e estridente, quase canino, irrompeu de sua boca... Seu rosto pré-cirúrgico emergiu num arco de luz de ódio incandescente... Começou a despejar insultos no som gutural, horrendo e incomparável do dialeto da ilha. (Todos os ilhéus afirmam desconhecer tal dialeto, isso quando não negam categoricamente sua existência. “Somos britânicos, falou?”, afirmam. “Não temos nenhum maldito dialeto, saca?”) Os cantos da boca do Despachante estão tomados de espuma. Começou a cuspir bolinhas de saliva parecidas com chumaços de algodão. O fedor da depravação espiritual tomou conta da atmosfera que o rodeava, como uma névoa macilenta. Marvie e Leif recuaram, gorjeando em alerta.

— Ele ficou *louco* — suspirou Marvie, quase sem ar. — Vamos cair *fora* daqui.

Desaparecem de mãos dadas por entre a bruma que nos meses de inverno encobre a Zona como um banho turco frio.

* “Espaço vital”, elemento da geopolítica alemã que data do século XIX e foi apropriado pela ideologia nacional-socialista. Pregava a necessidade de expandir o espaço geográfico alemão para estimular o crescimento do povo germânico. A doutrina do Lebensraum foi usada por Adolf Hitler para justificar a invasão de países vizinhos.

O exame

Carl Peterson encontrou um cartão-postal na caixa do correio, solicitando seu comparecimento a uma consulta com o dr. Benway no Ministério de Higiene Mental e Profilaxia às dez horas...

Mas que diabos eles querem comigo?, pensou, irritado... *Só pode ser um engano.* No entanto, sabia que eles não cometiam enganos... Muito menos enganos de identidade...

Carl não chegou a pensar em desconsiderar a intimação, mesmo sabendo que não receberia punição alguma caso faltasse à consulta... Liberlândia era um Estado de bem-estar social. Se um cidadão desejasse qualquer coisa, de osso moído a um parceiro sexual, encontraria alguma repartição pronta a lhe prestar auxílio. Essa benevolência reinante trazia consigo certa ameaça implícita que sufocava o conceito de revolta...

Carl atravessou o Paço Municipal... Nus cromados de vinte metros de altura ensaboam-se sob duchas cintilantes... a cúpula de vidro, tijolos e cobre do Centro Administrativo desponta contra o céu.

Ele retribuiu o olhar de um turista americano homossexual, que baixou os olhos e começou a remexer

nos filtros de luz de sua Leica...

Adentrou o labirinto de aço esmaltado do Ministério, caminhou a passos largos até o balcão de informações... e apresentou seu cartão.

— Quinto andar... Sala 26...

Na sala 26, foi encarado pelos olhos frios e submarinos de uma enfermeira.

— O dr. Benway está à sua espera — anunciou, sorrindo. — Pode entrar.

Como se ele não tivesse mais nada para fazer além de me esperar, pensou Carl...

O consultório estava tomado pelo silêncio e envolto por uma luz leitosa. O médico apertou a mão de Carl sem desviar os olhos de seu peito...

Conheço esse homem, pensou Carl. *Mas de onde seria?*

Sentou-se e cruzou as pernas. Reparou no cinzeiro sobre a mesa e acendeu um cigarro. Encarou o médico com um olhar perscrutador, acompanhado por um quê de insolência.

O médico pareceu constrangido... Agitou as mãos e tossiu... remexeu alguns papéis...

— A-ham — disse enfim. — Seu nome é Carl Peterson, correto? — Seus óculos deslizaram até a ponta do nariz, em uma paródia do gestual acadêmico. Carl assentiu em silêncio. Mesmo sem olhar para ele, o médico pareceu ter percebido sua anuência. Pôs os óculos de volta no lugar com um dos dedos e abriu um arquivo sobre o tampo branco da mesa esmaltada.

— Hummmmmmm. Carl Peterson. — Repetiu o nome com um tom de carícia, comprimiu os lábios e meneou a cabeça diversas vezes. Recomeçou a falar abruptamente: — Estou certo de que você sabe que estamos tentando.

Estamos todos tentando. Às vezes, é claro, não obtemos sucesso. — Sua voz foi morrendo, tornando-se baixa e tênue. Encostou uma das mãos na testa. — Ajustar o Estado, que não passa de uma ferramenta, às necessidades individuais de cada cidadão. — De repente e sem aviso, sua voz tornou-se grave e retumbante, deixando Carl sobressaltado. — Em nosso modo de ver, é a única função do Estado. Nossos conhecimentos... são incompletos, é claro... — Fez um breve gesto de desdém. — Por exemplo... *por exemplo...* tomemos a questão do, hã, *desvio sexual*. — O médico embalava-se na cadeira. Seus óculos escorregavam até a ponta do nariz. De repente, Carl começou a se sentir desconfortável.

— Nós o consideramos um infortúnio... uma doença... certamente não se trata de algo que mereça mais censura ou, hã, sanções que, digamos, a tuberculose... Sim — repetiu com firmeza, como se Carl tivesse esboçado algum protesto. — A tuberculose. Por outro lado, é fácil perceber que *qualquer* moléstia impõe certas, digamos assim, *obrigações*, certos *imperativos* de natureza profilática para as autoridades responsáveis pela saúde pública. Tais imperativos devem ser impostos, desnecessário dizer, com o mínimo de inconveniência e incômodo para o indivíduo desafortunado que, sem ter culpa alguma, tornou-se, hã, infectado... Além, é claro, do mínimo incômodo compatível com a proteção adequada dos outros indivíduos que não foram atingidos por tal infecção... Ninguém considera a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola uma providência descabida... Nem o isolamento, em casos de certas doenças contagiosas... Tenho certeza de que você concorda que indivíduos afetados por, a-ham, aquilo que

os franceses chamam de *les maladies galantes*, hehehe, devem ser forçados a receber tratamento caso não se apresentem voluntariamente. — O médico continuou rindo e se embalando na cadeira, como um boneco de corda. Carl percebeu que deveria fazer algum comentário.

— Parece bem razoável — disse.

O médico parou de rir. Ficou imóvel de repente. — Agora voltemos à, hã, questão do desvio sexual. Francamente, não fingimos entender, ao menos não inteiramente, porque alguns homens e mulheres preferem a, hã, companhia sexual de indivíduos de seu próprio sexo. Sabemos que esse, hã, fenômeno é bastante comum e que sob certas condições é uma questão que, hã, interessa a esta repartição.

Pela primeira vez, os olhos do médico passaram brevemente pelo rosto de Carl. Olhos sem traço algum de afeto ou ódio ou qualquer sentimento que Carl já tivesse experimentado por si mesmo ou visto em outro alguém, ao mesmo tempo frios e intensos, predatórios e impessoais. Carl subitamente começou a sentir-se preso naquele cômodo cavernoso, quieto e submerso, desligado de qualquer fonte de afeto e certeza. Sua imagem de si mesmo — um homem sentado, de aparência serena e alerta, com um quê de desprezo educado — começou a desvanecer-se, como se a vitalidade estivesse sendo exaurida de seu corpo para se fundir com o ambiente leitoso e macilento daquele cômodo.

— No momento, o tratamento desses transtornos é apenas, a-ham, sintomático. — De repente o médico recostou-se com vigor em sua cadeira e deu uma

gargalhada metálica e retumbante. Carl olhou para ele, estarrecido... *Esse sujeito é maluco*, pensou. O rosto do médico tornou-se inescrutável como o de um jogador. Carl percebeu uma sensação estranha na barriga, como quando um elevador para de repente.

O médico analisava com atenção o arquivo à sua frente. Com um tom de voz divertido e um tanto condescendente, prosseguiu:

— Não fique tão assustado, meu jovem. É somente uma piada entre profissionais de meu ofício. Dizer que o tratamento é sintomático significa que não há tratamento algum. Pode-se apenas garantir que o paciente se sinta o mais confortável possível. E isso é precisamente o que buscamos fazer em tais casos. — Carl sentiu novamente o impacto daquele semblante frio sobre seu rosto. — Isso significa dar segurança quando segurança se mostra necessária... além de providenciar meios para que sublimem suas tendências na companhia de indivíduos em condição semelhante. Nenhum tipo de isolamento é indicado... tal condição não é mais diretamente contagiosa que um câncer... Câncer, meu primeiro amor... — A voz do médico foi tornando-se mais baixa, até que desapareceu. Era como se o médico tivesse saído do cômodo através de uma porta invisível, deixando seu corpo vazio sentado à mesa. — De repente, voltou a falar num tom de voz alto e límpido. — E ainda assim você pode estar se perguntando por que nos preocupamos com tal questão. — Abriu um sorriso resplandecente e frio como neve à luz do sol.

Carl deu de ombros: — Não é da minha conta... estou me perguntando por que você me intimou para vir até aqui e por que está me dizendo essas... essas...

— Bobagens?

Carl não ficou satisfeito ao perceber que tinha corado.

O médico recostou-se e uniu a ponta dos dedos:

— Ah, os jovens — suspirou com indulgência. — Sempre com pressa. Talvez algum dia você aprenda o significado da paciência. Não, Carl... Posso chamá-lo de Carl? Não estou fugindo de sua pergunta. Em casos de suspeita de tuberculose, nós, isto é, a repartição adequada, costumamos pedir, até mesmo *exigir*, que alguém compareça para submeter-se a um exame fluoroscópico. É apenas rotina, entenda. Desses exames, a maioria retorna com resultados negativos. Saiba então que você foi intimidado a comparecer para submeter-se a, digamos assim, uma fluoroscopia psíquica. Devo dizer que depois de conversar com você tenho *relativa* certeza de que o resultado, para todos os fins práticos, será negativo...

— Mas isso tudo é ridículo. Sempre me interessei somente por garotas. Tenho uma namorada firme e estamos pensando em nos casar.

— Sim, Carl, eu sei disso. E é por isso mesmo que você está aqui. Um exame de sangue pré-nupcial. É razoável, não acha?

— Por favor, doutor. Seja mais direto.

O médico não pareceu escutar. Deixou sua cadeira e desatou a caminhar às costas de Carl, sua voz lânguida e intermitente como música em uma rua açoitada pelo vento.

— Tomo a liberdade de lhe confidenciar que existem fortes evidências de um fator hereditário. Pressões sociais. Muitos homossexuais, latentes ou assumidos, infelizmente acabam se casando. Tais casamentos

costumam resultar em... É um fator do ambiente infantil.
— A voz do médico não parava nunca. Falava de esquizofrenia, câncer e disfunções hereditárias do hipotálamo.

Carl perdeu-se em devaneios. Abria uma porta verde. Um cheiro horrível invadiu seus pulmões e ele despertou com um sobressalto. A voz do médico era monótona e sem vida, a voz sussurrante de um junky:

— O teste Blomberg-Stanislauski de floculação espermática... uma ferramenta de diagnóstico... esclarecedora, pelo menos em um sentido negativo. Útil em alguns casos, apartados do cenário geral... Talvez sob tais, *hã, circunstâncias*. — De repente a voz do médico ficou tão aguda quanto os berros de um pederasta. — A enfermeira recolherá sua, *hã, amostra*.

— Por aqui, por favor... — A enfermeira abriu uma porta que dava para um cubículo de paredes brancas e nuas. Entregou-lhe um pote.

— Use isto, por favor. Quando estiver pronto, basta chamar.

Havia um recipiente de κΥ sobre uma prateleira de vidro. Carl sentiu vergonha, como se sua mãe tivesse lhe estendido um lenço. Bordado em sua superfície, alguma mensagem recatada como: “Se eu fosse uma boceta poderíamos abrir uma fábrica de lixas”.

Ignorou o κΥ e ejaculou no interior do pote, uma foda gélida e brutal com a enfermeira, de pé contra uma parede de tijolos de vidro. *A velha Boceta de Vidro*, desdenhou, e enxergou uma boceta cheia de estilhaços de vidro colorido iluminado pela aurora boreal.

Lavou o pênis e abotoou as calças.

Alguma coisa acompanhava com ódio frio e desdenhoso cada uma de suas ideias e movimentos, o deslocamento de seus testículos, as contrações de seu reto.

Estava em um cômodo banhado por luz verde. Havia uma cama dupla de madeira pintada e um guarda-roupa negro com um espelho de corpo inteiro. Carl não conseguia enxergar o próprio rosto. Alguém estava sentado em uma cadeira estofada com tecido negro. Vestia uma camisa branca com peitilho engomado e uma gravata suja. Inchado, o rosto parecia não ter crânio. Seus olhos brilhavam como pus incandescente.

— Algum problema? — perguntou a enfermeira, com ar indiferente. Estendia-lhe um copo d'água. Com indiferença desdenhosa, observou Carl bebendo a água. Virou-se e recolheu o pote com aversão escancarada. Dirigiu-se então a ele: — Está esperando alguma coisa em especial? — fulminou.

Em toda a vida adulta de Carl, ninguém falara com ele daquela maneira.

— Ora, claro que não...

— Então pode ir. — A enfermeira voltou sua atenção para o pote. Com um curto suspiro de repugnância, limpou uma gota de sêmen da mão.

Carl atravessou a sala e parou na soleira da porta.

— Vou ter de voltar para outra consulta?

Surpresa, a enfermeira encarou-lhe com ar de reprovação: — É claro que você será notificado. — Parou na porta do cubículo e observou Carl caminhar até o consultório e abrir a porta. Virou-se para a enfermeira e esboçou um aceno elegante. Ela não se moveu, nem ao menos mudou de expressão.

Enquanto descia as escadas, sentiu o sorriso forçado e falho queimando de vergonha seu rosto.

Um turista homossexual olhou para ele e ergueu uma das sobrancelhas, com ar cúmplice.

— Algum *problema*?

Carl correu até um parque e encontrou um banco vazio ao lado de uma estátua em bronze representando um fauno tocando pratos de metal.

— Sossega o facho, tolinho. Você vai se sentir melhor.

— O turista debruçava-se sobre ele, sua câmera pendendo em frente ao rosto de Carl como se fosse uma imensa teta balouçante.

— Vá se foder!

Carl enxergou algo de ignóbil e horrendo refletido nos olhos castanhos daquela bicha, semelhantes ao de um animal castrado.

— Oh! Se eu fosse você não diria essas coisas feias, tolinho. Você também foi apanhado. Vi quando você saiu do Instituto.

— E o que você quer dizer com isso? — Carl exigiu saber.

— Ah, nada. Nada mesmo.

— Bem, Carl— começou o médico, sorrindo e olhando diretamente para a boca dele. — Tenho boas notícias para você. — Apanhou uma tira de papel azul que estava sobre a mesa e, com uma elaborada pantomima, passou a ler seu conteúdo. — Seu, hã, teste... o teste de floculação Robinson-Kleiberg...

— Achei que era um teste Blomberg-Stanislouski.

O médico segurou o riso.

— Ah, meu caro, é evidente que não... Você está se adiantando, meu jovem. Talvez não tenha entendido direito. Blomberg-Stanislouski, beeem... é um tipo completamente diferente de teste. Eu *espero* que não seja necessário... — Segurou o riso novamente. — Mas como eu estava dizendo antes de ser interrompido de forma tão encantadora... por meu, a-ham, instruído e jovem colega. Seu R. K. parece... — estendeu o braço para ler melhor a tira de papel — ... completamente, hã, negativo. Assim, imagino que não precisaremos mais incomodá-lo. Então... — Dobrou a tira de papel com cuidado e colocou-a dentro de um arquivo. Folheou-o. Parou de repente, franziu o cenho e comprimiu os lábios. Fechou o arquivo, espalmou uma das mãos sobre ele e inclinou-se para a frente.

— Carl, quando você estava cumprindo o serviço militar... Deve ter havido... na verdade *houve* períodos nos quais você se encontrou privado do, hã, consolo e das, hã, *benesses* proporcionadas pelo sexo frágil. Durante tais períodos, que sem dúvida foram embaraçosos e difíceis, você por acaso possuía alguma fotografia de *pinup*? Talvez até um harém de *pinups*? Hehehe...

Carl encarou o médico sem disfarçar sua repugnância.

— Sim, é claro — confirmou. — Todos nós tínhamos.

— Agora, Carl, gostaria de lhe mostrar algumas fotografias de *pinups*. — Retirou um envelope de dentro de uma gaveta. — Peço-lhe que, por favor, escolha com qual delas você mais gostaria de, hã, se encontrar, hehehe... — Inclinou-se para a frente de súbito, abanando as fotografias na frente do rosto de Carl. — Escolha uma garota, qualquer uma delas!

Carl estendeu a mão com dedos dormentes e encostou em uma das fotografias. O médico recolocou a foto com as outras e em seguida embaralhou e cortou o monte como se fossem cartas de baralho. Depositou-as sobre o arquivo e formou um leque com destreza. Estendeu as fotografias na frente de Carl.

— Foi uma dessas?

Carl sacudiu a cabeça.

— É claro que não. Ela está aqui dentro, onde é seu lugar. O lugar que convém a uma mulher, é ou não é???

— Abriu o arquivo e estendeu a fotografia de uma garota, presa a um painel de Rorschach. — É esta aqui?

Carl assentiu em silêncio.

— Você tem bom gosto, meu garoto. Tomo a liberdade de lhe confidenciar que algumas dessas meninas — passava as cartas de um monte a outro, com a habilidade de um jogador profissional — na verdade são *meninos*. Estão *hã, travestidos*, creio que o termo é esse.

Suas sobrancelhas moviam-se para baixo e para cima a uma velocidade incrível. Carl não sabia ao certo se tinha percebido algo de incomum. À sua frente, o rosto do médico permanecia absolutamente imóvel, sem expressão alguma. Mais uma vez, Carl sentiu a sensação de leveza em sua barriga e em sua genitália, como se um elevador tivesse parado de repente.

— Sim, Carl, você parece estar se saindo muito bem em nossa pequena corrida de obstáculos... Imagino que você julgue tudo isso uma grande tolice, não é???

— Bem, para falar a verdade... Sim...

— Você é franco, Carl... Isso é bom... E agora... Carl...

— Arrastou o nome para fora da boca como se o acariciasse, lembrando um detetive bancando o

compreensivo, prestes a oferecer um Old Gold (fumar Old Gold é bem coisa de policiais) e começar o massacre...

O detetive sacana faz um breve passo de dança.

— Por que você não faz uma proposta ao Patrão? — Acena com a cabeça na direção de seu superego resplandecente. Sempre refere-se a ele na terceira pessoa, como “Patrão” ou “Tenente”. — O Tenente é assim, se você joga limpo com ele vai jogar limpo com você... Gostaríamos de pegar leve com você... Se você puder nos ajudar de alguma forma.

Suas palavras espalham-se por um cenário desolado de cafés e esquinas e restaurantes. Junkies desviam o olhar, mastigando bolo inglês.

— O Bichona ficou louco.

Com a língua de fora, chapada de calmantes, o Bichona desaba sobre uma cadeira estofada. Levanta-se em um transe barbitúrico e se enforca sem mudar de expressão ou recolher a língua para dentro da boca.

O detetive sacode um bloquinho.

— Conhece o Marty Steel? — Sacode.

— Sim.

— Consegue comprar dele? — Sacode? Sacode?

— Ele é desconfiado.

— Mas você consegue comprar. — Sacode, sacode. — Você comprou dele na semana passada, não foi? — Sacode???

— Sim.

— Bem, então você também conseguiria comprar dele esta semana. — Sacode... Sacode... Sacode... — Você conseguiria comprar dele hoje mesmo. — Não sacode.

— Não! Não! Isso não!!

— Olha aqui, você vai colaborar — três sacudidas raivosas — ou prefere... ser enrabado pelo Patrão? — Ergue uma das sobancelhas, ensandecido. — Assim sendo, Carl, você vai me fazer o favor de contar quantas vezes e em quais circunstâncias você, hã, dedicou-se a atos homossexuais??? — Sua voz se esvai. — Se você nunca fez isso, terei de considerá-lo um jovem deveras atípico. — O médico ergue um dedo em uma simulação de advertência. — De qualquer modo... — Deu um tapinha sobre o arquivo e deixou entrever um olhar malicioso.

Carl percebeu que o arquivo tinha quinze centímetros de espessura. Na verdade, parecia ter engrossado terrivelmente desde que ele adentrara o consultório.

— Bem, quando eu estava cumprindo meu serviço militar... Algumas vezes uns veados me fizeram propostas... quando eu estava falido...

— Sim, Carl, mas é claro — zurrou o médico, empolgado. — Eu teria feito o mesmo se estivesse em seu lugar, não tenho problemas em admitir, hehehe ... Bem, acho que podemos, hã, *desconsiderar a relevância* desses, hã, meios compreensíveis de recuperar o seu, hã, *erário*. Agora me diga, Carl, talvez tenha havido — um dos dedos tamborilou sobre o arquivo, que libertou um eflúvio rarefeito de suportes atléticos embolorados e cloro — situações. Nas quais nenhum fator, hã, econômico estava envolvido.

Um clarão esverdeado explodiu no interior do cérebro de Carl. Enxergou o corpo bronzeado e esbelto de Hans se aproximando, sentiu a respiração ofegante em seu ombro. O clarão se apagou. Um inseto enorme revolvía-

se em sua mão. Todo seu corpo se contraiu em um espasmo elétrico de repulsa.

Tremendo de ódio, Carl levantou-se.

— O que você está anotando? — exigiu saber.

— Você costuma cair no sono dessa forma? Bem no meio de uma conversa...?

— Eu não estava dormindo... quer dizer...

— Não estava?

— É que *tudo isso* é irreal demais... Estou indo embora. Não me importo mais. Não posso ser forçado a ficar aqui.

Cruzava o consultório em direção à porta. Caminhou por um bom tempo. Uma dormência crescente tomava conta de suas pernas. A porta parecia recuar.

— E para onde você vai, Carl? — Foi alcançado pela voz do médico, vinda de muito longe.

— Para fora... Para longe... Pela porta...

— A Porta Verde, Carl?

Mal se escutava a voz do médico. O consultório inteiro explodia rumo ao espaço.

Alguém viu Rose Pantopon?

— **Alguém viu Rose Pantopon?** — quis saber o velho junky. — Hora do cosque* — vestiu um capote preto e foi até a praça. Cruzou a sarjeta a caminho do museu da Market Street, que exhibe todo tipo de masturbação e autoerotismo. É disso mesmo que os meninos precisam quando são jovens...

Com os pés presos em um bloco de concreto, o gângster afunda no canal... Laçaram-no em plena sauna... Esse aqui é Gio Cu de Cereja, o Menino Toalha, ou é Mamãe Gillie, a Tia Velha de Westminster Place?? Só os dedos mortos falam em braile...

O Mississippi rola imensas rochas calcárias pelo beco silencioso.

— Estimar a tritubordo!** — gritou o Capitão da Terra Movediça...

Barrigas roncam ao longe... Pombos envenenados despencam da aurora boreal... Os reservatórios estão vazios... Estátuas de latão avançam pelas praças e pelos becos esfomeados da cidade boquiaberta...

Procurando uma veia em meio à aurora do enjoo narcótico...

À base de xarope contra a tosse...

Mil junkies irrompem nas clínicas com paredes de vidro e cozinham as sras. Macilentas...

Dentro da caverna calcária, encontrei um homem com a cabeça da Medusa dentro de uma caixa de chapéu e disse “Tenha cuidado” ao inspetor da Alfândega... Paralisado para sempre com a mão a dois centímetros do fundo falso...

Limpadores de janela gritam pela estação e enganam os caixas usando o Golpe típico dos veados... (Golpe é um trambique que envolve dinheiro trocado... Também é conhecido como Cédula.)

— Fratura múltipla — anunciou o médico renomado...
— Tenho muita técnica...

Impossível de esconder, a tuberculose se propaga pelos pórticos escorregadios de catarro com bacilos de Koch...

A centopeia roça as mandíbulas na porta de ferro coberta de ferrugem, transformada em uma fina lâmina de papel negro pela urina de um milhão de veados...

Isso não é pura matéria-prima, são apenas grãos corrompidos de poeira, poucos vestígios de uma dose perdida em algodões usados...

* Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

** Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

Besouros da cocaína

O chapéu de feltro cinzento e o capote negro do Marujo retorciam-se com a impaciência da fissura. O sol da manhã recortava a silhueta do Marujo contra a chama amarelo-alaranjada da junk. Trazia um guardanapo de papel sob sua xícara de café — a marca de todos que costumam esperar sentados em frente a uma xícara de café em praças, restaurantes, terminais e salas de espera do mundo todo. Mesmo um junky do quilate do Marujo funciona no Tempo da junk e, como qualquer outro suplicante, precisa esperar quando irrompe de forma inoportuna no Tempo alheio. (Quantos cafés no espaço de uma hora?)

Um menino entrou e sentou-se no balcão, aflito pela náusea da longa espera pela junk. O Marujo sentiu calafrios. Seu rosto saiu de foco em meio aos tremores de uma névoa pardacenta. Suas mãos moveram-se por sobre a mesa, lendo o braile do menino. Seus olhos descreveram pequenas elipses e círculos, acompanhando os cachos de cabelo castanho no pescoço do menino com um movimento vagaroso e perscrutador.

Inquieto, o menino coçou a nuca.

— Alguma coisa me picou, Joe. Que tipo de espelunca é essa?

— São os besouros da cocaína, garoto — Joe respondeu, erguendo ovos contra a luz. — Eu estava viajando com Irene Kelly, uma mulher bem divertida. Estávamos em Butte, lá em Montana, quando o pó deixou a Irene paranoica. Ela saiu correndo pelo hotel, gritando que estava sendo perseguida por percevejos chineses armados com facões de destrinchar carne. Em Chicago conheci um policial veado que cheirava um tipo de cocaína em forma de cristais, uns cristais azuis. Aí a bicha endoidou e começou a gritar que a Polícia Federal estava atrás dele. Saiu correndo por um beco e enfiou a cabeça dentro de uma lata de lixo. Aí eu perguntei: “Mas que diabo você tá fazendo?”, e a bicha respondeu: “Cai fora ou leva bala! Consegui me esconder direitinho!”. Quando chegar a hora da chamada, todos estaremos por lá, não é mesmo?

Joe olhou para o Marujo e estendeu as mãos no típico gesto de indiferença dos junkies.

Ao falar, o Marujo usou sua voz comovida, que se rearranja dentro da cabeça do ouvinte, pronunciando as palavras com dedos gélidos: — Seu canal foi interrompido, garoto.

O menino se assustou. Seu rosto de menino de rua, tomado de cicatrizes negras causadas pela junk, ainda retinha certa inocência selvagem e estilhaçada; animais tímidos espiando por entre arabescos cinzentos de horror.

— Não entendi nada, Jack.

Os olhos do Marujo assumiram de repente a nitidez de foco peculiar aos junkies. Virou do avesso a lapela de seu

casaco, deixando à mostra uma agulha hipodérmica de latão tomada de mofo e azinhavre.

— Aposentado para o bem da repartição... Sente-se e coma uma fatia de torta de mirtilo por conta da casa. Seu macaco adora... Deixa seu pelo lustroso.

Sentado no restaurante iluminado pela manhã, o menino sentiu algo roçar seu braço, vindo de uma distância de dois metros. Foi sugado de repente para dentro da cabine, pousando com um *shlup* inaudível. Encarou os olhos do Marujo, um universo esverdeado agitado por correntes gélidas e obscuras.

— O senhor é um agente?

— Prefiro a palavra... vetor. — Sua gargalhada estrondosa retumbou através da matéria do menino.

— Tá com alguma coisa em cima? Tenho grana...

— Não quero seu dinheiro, fofura. Quero seu Tempo.

— Não entendi.

— Quer uma dose? Quer da pura? Quer viajaaaaar? — O Marujo embalou alguma coisa rosada e vibrou até ficar fora de foco.

— Quero.

— Vamos de Independente. Têm sua própria polícia, não usam armas, somente cassetetes. Lembro uma vez quando eu e o Bichona fomos presos em Queens Plaza. Fique longe de Queens Plaza, meu rapaz... lugar sinistro... cheio de guardas. Níveis demais. Policiais chapados de amoníaco irrompem de armários de vassouras como leões enfurecidos... caem sobre a velha ladra de bêbados e deixam a pobre tão apavorada que o sangue congela seus ossos. Passa a semana aplicando subcutâneas ou longe da droga graças ao cinco-dois-nove que o governo de Nova York distribui gratuitamente

como cortesia aos seus junkies punguistas. Sendo assim: Bichona, Perdigueiro, Irlandês e Marujo, tomem cuidado! Prestem atenção, prestem atenção no trajeto antes de descer por lá...

O metrô passa à toda com sua obscura explosão de ferragens.

(Queens Plaza é um péssimo lugar para os ladrões de bêbados... Existem muitos níveis e esconderijos para os policiais do metrô, e depois que você coloca a mão para fora é impossível se esconder...)

(Cinco meses e vinte e nove dias: sentença aplicada em caso de “punga”, isto é, esbarrar em alguém com óbvia intenção de cometer um furto... Inocentes podem ser condenados por assassinato, mas nunca por punquear.)

(Bichona, Perdigueiro, Irlandês e Marujo: junkies veteranos e ladrões de bêbados que conheci... A velha corja da rua 103... Marujo e Irlandês se enforcaram nas Tumbas...* Perdigueiro morreu de overdose e o Bichona enlouqueceu...)

* Uma das alcunhas mais famosas da Penitenciária Masculina de Manhattan.

O Exterminador faz um bom trabalho

Com delicadeza, o Marujo encostou na porta, acompanhando os padrões no carvalho envernizado com movimentos sutis e retorcidos, deixando espirais tênues e iridescentes de limo. Enfiou o braço até a altura do cotovelo. Puxou um ferrolho interno e arredou-se para que o menino pudesse entrar.

Pesado, o cheiro incolor da morte preenchia o cômodo vazio.

— Isso aqui não é arejado desde que o Exterminador fumigou esse antro pra acabar com os besouros da cocaína — explicou o Marujo, como se pedisse desculpas.

Os sentidos à flor da pele do menino zuniam frenéticos de um canto a outro, explorando. Um quarto de pensão ao lado da estrada de ferro, vibrando com movimentos silenciosos. Em uma das paredes da cozinha, uma gamela de metal — seria realmente metal? — ligava-se a uma espécie de aquário ou tanque cheio até a metade com um fluido verde e translúcido. Objetos embolorados, usados até gastar em atividades desconhecidas, cobriam o chão: um suporte atlético desenhado para proteger algum órgão sensível e achatado, em forma de leque;

tipoiás, ataduras e faixas de todos os tipos; um jugo em forma de U feito de pedra rosada e porosa; tubinhos de chumbo com uma das pontas cortadas fora.

Correntes de movimento saídas de ambos os corpos agitavam focos de odor estagnado; um cheiro jovem, masculino e atrofiado de vestiários empoeirados, cloro de piscina e esperma seco. Outros cheiros rodopiavam em róseas espirais, roçando portas desconhecidas.

O Marujo colocou a mão sob a pia e retirou um pacote envolto com papel de embrulho que se desfez e escorreu por entre seus dedos em forma de poeira amarela. Colocou o conta-gotas, a agulha e a colher sobre uma mesa entulhada de louça suja. Nenhuma antena de barata se agitou em busca das migalhas de escuridão.

— O Exterminador faz um bom trabalho — disse o Marujo. — Às vezes bom até demais.

Enfiou os dedos em uma lata quadrada cheia de pó amarelo de píretro* e puxou uma embalagem plana envolta em papel chinês vermelho e dourado.

— Parece uma embalagem de bombinhas — pensou o menino. Perdera dois dedos quando tinha catorze anos... Um acidente com os fogos de artifício de Quatro de Julho... em seguida, no hospital, a primeira carícia silenciosa e possessiva da junk.

— Estouram bem aqui, garoto. — O Marujo encostou uma das mãos sobre a nuca. Abriu a embalagem com gestos obscenos de tão afetados, desmanchando o complexo arranjo de dobraduras e sobreposições.

— Purinha, cem por cento heroína. Não deve ter sobrado ninguém pra contar a história... e agora é todinha sua.

— E o que você quer de mim?

— Tempo.

— Não entendi.

— Eu tenho uma coisa que você quer. — Encostou a mão na embalagem. Desapareceu aos poucos na direção de outro cômodo, sua voz cada vez mais distante e indistinta. — Você tem uma coisa que eu quero... cinco minutos aqui... uma hora em outro lugar... dois... quatro... oito... Talvez eu esteja me adiantando... Morrer um pouco a cada dia... Ocupa o Tempo...

Voltou à cozinha, sua voz agora alta e clara:

— Cinco anos por dose. Não se encontra melhor negócio nas ruas. — Encostou um dos dedos entre o nariz e os lábios do menino. — Bem no meio.

— Não sei do que o senhor está falando.

— Você ficará sabendo, meu querido... quando chegar a hora.

— Certo. Mas, então, o que devo fazer?

— Você aceita?

— É, acho que... — Olhou de relance para a embalagem. — Ah, tanto faz... Aceito, sim.

O menino sentiu um *clanc* negro e silencioso perpassar sua carne. O Marujo colocou uma das mãos sobre seus olhos e arrancou fora um ovo escrotal cor-de-rosa, dotado de um olho fechado e pulsante. Penugem negra rodopiava dentro da carne translúcida do ovo.

O Marujo acariciou o ovo com mãos abertamente inumanas — rosenegras, espessas, fibrosas, com brotos compridos e brancos desabrochando na ponta dos dedos curtos.

O medo da Morte e a debilidade da Morte atingiram o menino, bloqueando sua respiração e congelando seu

sangue. Ele se recostou contra uma parede que pareceu ceder levemente. Voltou ao foco da junk.

O Marujo preparava uma dose. — Quando chegar a hora da chamada, todos estaremos por lá, não é mesmo? — falou, procurando a veia do menino, alisando a pele arrepiada com a delicadeza dos dedos de uma anciã. Enfiou a agulha. Uma orquídea vermelha desabrochou no interior do conta-gotas. O Marujo apertou o bulbo de borracha e observou a solução correndo para dentro daquela veia de menino, sorvida pela sede silenciosa do sangue.

— Deus do céu! — exclamou o menino. — Nunca levei um pico desses na vida! — Acendeu um cigarro e vasculhou a cozinha com os olhos, em busca de açúcar. — E você, não vai também? — perguntou.

— Aplicar essa porcaria misturada com leite em pó? A junk é um caminho sem volta. Não há retorno. Você não pode dar meia-volta.

Chamam-me de Exterminador. Exerci tal função durante um breve interlúdio e testemunhei a dança do ventre das baratas sufocadas pela poeira amarela do píretro. (“Agora é difícil de achar, minha senhora... com essa guerra e tudo o mais. Posso vender-lhe um pouco... Dois dólares.”) Expeli gordos percevejos do interior de papéis de parede decorados com rosas em decadentes hotéis para artistas em North Clark e envenenei o insistente Rato, devorador ocasional de bebês humanos. Você não faria o mesmo?

Minha presente missão: encontrar aqueles que ainda vivem e *exterminá-los*. Não os corpos, mas os “moldes”,

entende? Mas esqueço que você não tem como entender. Pegamos quase todos, faltam poucos. Mas bastaria um deles para acabar com nossa festa. O perigo, como sempre, vem dos agentes desertores: A. J., o Justiceiro, o Tatu Preto (portador de vetores da doença de Chagas, não toma banho desde a epidemia de 1935 na Argentina, lembra?), Lee, o Marujo e Benway. E sei que algum agente está por perto, procurando por mim em meio à escuridão. Porque todos os Agentes desertam e todos os Resistentes se vendem...

* Nome genérico para duas plantas cujas flores desidratadas e pulverizadas servem de base para a produção de inseticidas, graças à piretrina, seu princípio ativo.

A Álgebra da Necessidade

Terminal, o Gordo, saiu dos Tanques Pressurizados Municipais, de onde jorram aos borbotões um milhão de formas de vida. São devoradas de imediato e seus devoradores são suprimidos pela polícia do tempo negro...

Poucas conseguem chegar até a praça, um ponto onde os tanques despejam um rio periódico que carrega dentro de si formas de sobrevivência armadas com defesas de limo venenoso, fungo negro que carcome a carne e odores esverdeados que queimam os pulmões e encham o estômago de nós retorcidos...

Gordo tinha os nervos à flor da pele em carne viva, sensíveis a ponto de sentirem os espasmos moribundos de um milhão de viagens geladas... Por conta disso o Gordo aprendeu a Álgebra da Necessidade e sobreviveu...

Era uma sexta-feira quando o Gordo escorreu até a praça sob forma de um feto simiesco translúcido e desprovido de cor, com ventosas em suas mãozinhas macias e cinza-arroxeadas e uma boca discoidal de lampreia formada de cartilagem fria e coberta por dentes

ocos, negros e eréteis, em busca dos padrões de cicatrizes da junk.

Um homem rico passou por lá e encarou o monstro, e o Gordo começou a rolar, mijando e cagando de terror, e comeu a própria merda, e o homem ficou comovido com esse tributo à potência de seu olhar e tirou uma moeda da bengala que usava às sextas-feiras. (Sexta-feira é o domingo dos muçulmanos, quando se espera que os ricos distribuam esmolas.)

Deste modo, o Gordo aprendeu a servir a Carne Negra e desenvolveu um corpo que mais parecia um imenso aquário...

E seus olhos impassíveis de periscópio varriam a superfície do mundo... E sua esteira de viciados e macacos translúcidos-acinzentados zuniam como arpões na direção de um Otário junky e ali ficavam a sugar até tudo aquilo ser sorvido novamente pelo Gordo, e assim sua matéria crescia sem parar, preenchendo praças, restaurantes e salas de espera de todo o mundo com a gosma cinzenta da junk.

Boletins do Quartel-General do Partido são redigidos sob forma de charadas obscenas por hebefrênicos, *latahs* e enormes símios. *Sollubis* peidam códigos, negros abrem e fecham a boca para sinalizar mensagens com seus dentes de ouro, baderneiros árabes enviam sinais de fumaça atirando rechonchudos eunucos — produzem a melhor fumaça, que paira no ar negra e sólida como um cagalhão — em fogueiras acesas com gasolina e monturos de lixo, mosaico de melodias, a triste flauta de Pã de um mendigo corcunda, o vento frio desce cortante da paisagem de cartão-postal do Chimborazo,* flautas de Ramadã, música de piano em uma rua açoitada pelo

vento, telefonemas mutilados para a polícia, folhetos de propaganda sincronizados com brigas de rua soletrando SOS.

Dois agentes que identificaram um ao outro escolhendo práticas sexuais para despistar microfones alienígenas trocam segredos atômicos e fodas usando um código tão complexo que apenas dois físicos em todo o mundo podem fingir entendê-lo e cada um nega categoricamente a autoridade do outro. Mais tarde o agente receptor acabará enforcado, condenado pela posse de um sistema nervoso, e transmitirá a mensagem em espasmos orgásticos propagados por eletrodos atados ao seu pênis.

O ritmo da respiração de um velho cardíaco, o requebro de uma dançarina do ventre, o ruído de um barco a motor cruzando águas viscosas.

O garçom deixa cair uma gota de martíni no Homem do Terno Cinzento de Flanela que escapole no das 6h12 por *Saber Que Foi Descoberto*.

Junkies escalam a janela do banheiro do restaurante chinês enquanto o trem elevado passa *Retumbante*.

O Manco, laçado no Waldorf, *Dá à Luz Uma Ninhada de Ratos*.

(Laçar: gíria de rua nova-iorquina que significa acabar com a raça do filho da puta assim que ele for encontrado. Um rato é um rato é um rato é um rato. É um informante.)

E até mesmo as virgens loucas contemplam o coronel inglês que surge a cavalo brandindo um *Porco Selvagem* vivo e aos berros cravado na lança.

O veado chique é um frequentador assíduo do mictório de sua vizinhança onde recebe boletins da Mãe Defunta,

que continua viva em sinapses e terminará por evocar o cativante Espancador de Frutas.**

Meninos batendo punheta no banheiro da escola reconhecem-se como agentes da Galáxia X... saem de lá para um boteco de segunda categoria onde se sentam esfarrapados e agourentos bebendo vinagre de vinho e chupando limão para confundir as ideias de Sax Tenor (um árabe malandro com óculos azuis), suspeito de ser um Emissor Inimigo.

Malarientos do mundo todo se envolvem em protoplasma tiritante... Medo lacra a mensagem de excremento com um relato cuneiforme.

Às gargalhadas, baderneiros copulam ao som dos gritos de um crioulo em chamas. Bibliotecários arredios consagram a união de suas almas com beijos de hálito podre.

E aquela sensação envolvente, meu irmão? Garganta doída, perturbadora e alarmante como vento em uma tarde quente? Bem-vindo ao Abrigo Sifilítico Internacional — “Metodifta-Epifcopal, ora diabof” (frase usada para testar as dificuldades fonológicas características da paresia) — ou a primeira aparição de um cancro transformam você em um sócio com as obrigações em dia.

Vibrando, o zumbido silente da floresta profunda e dos acumuladores de orgônios, a calma súbita das cidades quando os policiais junkies e até mesmo O Suburbano zunem por entre vias entupidas de colesterol em busca de contato. Clarões de orgasmos explodem mundo afora. Um maconheiro levanta de um salto berrando “bateu o pavor!” e corre na direção da noite mexicana, abatendo cerebelos no mundo inteiro. O Carrasco borra-se de

pavor ao enxergar o condenado. O Torturador grita no ouvido de sua vítima implacável. Faquistas enlaçam-se, tomados de adrenalina. O câncer está batendo à porta com um Telegrama Cantado...

* Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

** Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

Hauser e O'Brien

Quando invadiram meu quarto às oito da manhã eu sabia que era minha última chance, minha única chance. Mas eles não. Como poderiam saber? Era só mais uma prisão de rotina. Mas de rotina aquilo não tinha nada.

Hauser estava tomando seu café da manhã quando recebeu o telefonema do Tenente: — Quero que você e seu parceiro prendam um sujeito chamado Lee, William Lee, quando estiverem a caminho do centro da cidade. Ele está no Hotel Lamprey. Fica na 103, perto da Broadway.

— Ah, sei onde fica. Me lembro desse cara.

— Ótimo. Quarto 606. Traga ele para cá. Não precisa demolir o quarto. Tragam todos os livros, cartas e manuscritos. *Qualquer coisa* impressa, escrita ou datilografada. Sacou?

— Saquei. Mas explica isso melhor... Livros...

— Faça o que mandei. — O Tenente desligou.

Hauser e O'Brien. Faziam parte do Departamento Municipal de Narcóticos havia vinte anos. Veteranos, assim como eu. Já usava junk havia dezesseis anos. Em se tratando de policiais, até que não eram más pessoas. Pelo menos O'Brien. O'Brien bancava o compreensivo e

Hauser fazia o papel de durão. Uma dupla de artistas. Hauser tinha a mania de desferir socos antes de falar qualquer coisa, só para quebrar o gelo. Então O'Brien oferecia um Old Gold — fumar Old Gold é bem coisa de policiais — e começava a falar manso até pegar você de jeito. Não era um mau sujeito, e eu realmente não queria fazer aquilo com ele. Mas era minha única chance.

Estava preparando o garrote para minha injeção matinal quando eles invadiram o quarto usando uma chave mestra. Um dos modelos especiais, que podem ser usados até mesmo quando a porta está trancada por dentro e com a chave na fechadura. À minha frente, sobre a mesa, um pacote de junk, uma agulha, uma seringa — quando estive no México fiquei acostumado a usar seringas normais e nunca mais voltei a usar contagotas —, álcool, algodão e um copo d'água.

— Ora, ora — diz O'Brien... — Há quanto tempo, hein?

— Vista o casaco, Lee — diz Hauser. Segurava sua arma. Sempre fazia isso naquela situação, para causar algum impacto psicológico e evitar qualquer corrida até a privada, a pia ou a janela.

— Será que antes posso me aplicar, rapazes? — perguntei... — Provas são o que não faltam por aqui...

Eu estava tentando imaginar como alcançaria minha maleta se eles dissessem não. A maleta não estava trancada, mas Hauser estava com a arma na mão.

— Ele quer se aplicar — disse Hauser.

— Ora, Bill, você sabe que isso nós não podemos permitir — respondeu O'Brien com sua fala mansa, deslizando meu nome por sua língua com uma familiaridade escorregadia e insinuante, brutal e obscena.

Na verdade, estava querendo dizer: “Como você pode nos ser útil, Bill?”. Olhou para mim, sorrindo. O sorriso se manteve ali por tempo demais, horrendo e nu, o sorriso do retrato de um velho depravado, concentrando toda a perversidade do papel ambíguo desempenhado por O’Brien.

— Posso armar alguma coisa pra vocês pegarem o Marty Steel — afirmei.

Eu sabia que eles estavam loucos para apanhá-lo. Marty já traficava havia cinco anos e eles ainda não tinham conseguido prendê-lo nem uma vez. Marty era um veterano, e escolhia seus clientes com muita cautela. Precisava conhecer o sujeito, e conhecê-lo muito bem, antes de aceitar seu dinheiro. Ninguém pode dizer que foi parar na cadeia por minha causa. Minha reputação é imaculada, mas nem por isso Marty vendia alguma coisa para mim, porque não me conhecia havia tempo suficiente. Esse é um bom exemplo de como o Marty era desconfiado.

— Marty? — disse O’Brien. — Você consegue comprar com ele?

— Claro que consigo.

Ficaram desconfiados. Um sujeito não consegue passar a vida inteira sendo policial sem desenvolver um conjunto peculiar de intuições.

— Certo — disse Hauser enfim. — Mas é melhor cumprir o prometido, Lee.

— Podem confiar. Agradeço essa chance.

Preparei o garrote com as mãos tremendo de fissura, parecendo um junky arquetípico.

— Sou apenas um velho junky, rapazes, um farrapo humano trêmulo e inofensivo. — Era essa impressão que

eu queria passar. E, como eu imaginava, Hauser desviou os olhos quando comecei a procurar uma veia. É um espetáculo terrivelmente desagradável.

O'Brien estava sentado no braço de uma cadeira, fumando um Old Gold e olhando pela janela com aquele ar de quem está pensando no que vai fazer depois da aposentadoria.

Acertei a veia de primeira. Uma coluna de sangue irrompe de súbito para dentro da seringa, permanecendo por algum tempo nítida e sólida como um cordão vermelho. Pressionei o êmbolo com o polegar e senti a junk invadindo minhas veias para alimentar milhões de células famintas de junk, levando força e vivacidade aos meus nervos e meus músculos. Aqueles dois não estavam prestando atenção em mim. Enchi a seringa com álcool.

Hauser brincava com sua arma exclusiva de detetives, um Colt de cano curto, e olhava ao seu redor. Como um animal, farejava o perigo. Usando a mão esquerda, escancarou a porta do armário e deu uma olhada no interior. Meu estômago se contraiu. *Se agora ele mexer na maleta vai ser meu fim*, pensei.

Hauser virou-se de frente para mim, abrupto.

— Ainda não acabou? — rosnou. — É melhor não tentar enganar a gente com esse papo de entregar o Marty. — O tom de suas palavras foi tão agressivo que ele próprio pareceu surpreso e chocado.

Apanhei a seringa cheia de álcool e rosqueei a agulha para me assegurar de que estava firme.

— Só mais um segundinho — pedi.

Esguichei um fino jato de álcool, atingindo seus olhos com um movimento lateral da seringa. Ele urrou de dor.

Enquanto apoiava um dos joelhos no chão, estendendo os braços em busca da maleta, cheguei a vê-lo esfregando os olhos com a mão esquerda, como se quisesse arrancar um curativo invisível. Abri a maleta com um solavanco e fechei a mão esquerda sobre a coronha da arma — sou destro, mas atiro com a mão esquerda. Senti a concussão do disparo de Hauser antes mesmo de escutá-lo. O projétil alojou-se na parede às minhas costas. Atirando do chão, acertei dois tiros rápidos na barriga de Hauser, bem na altura em que seu colete deixava à mostra quase três centímetros de camisa branca. Grunhiu de uma forma que me fez tremer e depois caiu para a frente. O'Brien, com a mão paralisada de pânico, tentava sacar a arma de seu coldre de ombro. Segurei meu pulso esquerdo com a outra mão de modo a firmá-lo para suportar o coice — o cão da arma tinha sido limado e só era possível dispará-la em ação dupla — e acertei O'Brien bem no meio de sua testa vermelha, a uns cinco centímetros das raízes de seus cabelos brancos. Na última vez em que o encontrara, seu cabelo ainda era grisalho. Quinze anos haviam se passado. A primeira vez que fui preso. Seus olhos se apagaram. Desabou da cadeira, de cara no chão. Estendi os braços em busca do que me era necessário, amontoando meus cadernos dentro da maleta na companhia do meu material, minha junk e uma caixa cheia de balas. Enfie a arma no cinto e, vestindo o casaco, saí para o corredor.

Escutei o recepcionista e o mensageiro subindo as escadas, apressados. Desci de elevador e cruzei o saguão vazio até chegar na rua.

Era um belo dia quente e úmido de final de outono. Eu sabia que não tinha muitas chances, mas ter qualquer chance é sempre melhor que não ter nenhuma, e muito melhor que se tornar cobaia em experimentos com ST(6)* ou quaisquer que sejam as iniciais.

Precisava estocar junk o mais rápido possível. Além de aeroportos, estações de trem e terminais de ônibus, a polícia vasculharia todas as regiões que tivessem alguma conexão com a junk. Peguei um táxi até a Washington Square, saí e caminhei pela rua 4 até que avistei Nick parado em uma esquina. Você sempre consegue encontrar o traficante. Como um espectro, ele é invocado por sua necessidade.

— Olha só, Nick — comecei. — Estou saindo da cidade. Preciso de um pouco de heroína. Você me conseguiria isso agora?

Caminhávamos pela rua 4. A voz de Nick parecia se infiltrar em minha consciência, saída de nenhum lugar em especial. Uma voz incorpórea e lúgubre.

— Sim, acho que consigo. Vou precisar sair aqui do centro.

— Podemos ir de táxi.

— Certo, mas entenda que não posso levar você até o cara.

— Entendo, sim. Vamos lá.

Estávamos dentro do táxi, indo para o norte. Nick falava com sua voz enfadonha e morta.

— Esse negócio que anda aparecendo é meio esquisito. Não que seja fraco... sei lá... É diferente. Talvez estejam misturando com alguma coisa sintética... Metadona, algo assim...

— O quê!!!? Mas já?

— Hein?... Mas essa que estou pegando pra você agora é boa. Na verdade, que eu saiba, é o melhor negócio do momento... Pare aqui.

— Por favor, seja rápido — implorei.

— Não vai levar mais que dez minutos, a menos que ele esteja sem nada e precise sair pra pegar... Melhor sentar ali e tomar um café... Esse bairro é cabuloso.

Sentei no balcão, pedi o café e apontei para um pão doce protegido por uma redoma de plástico. Precisei da ajuda do café para conseguir engolir o pão azedo e duro, rezando para que pelo menos daquela vez, por favor, meu Deus, que ele consiga de primeira e não volte dizendo que o cara está sem nada e que precisa ir até East Orange ou Greenpoint.

E ali estava ele de volta, bem às minhas costas. Olhei para ele, com medo de perguntar. Que engraçado, pensei, aqui estou eu sentado, com talvez uma chance em cem de sobreviver às próximas vinte e quatro horas — resolvi que não ia me entregar e depois passar meus últimos três ou quatro meses de vida na sala de espera do corredor da morte. E aqui estava eu, preocupado em conseguir junk. Mas só me restavam cinco doses, e sem junk eu ficaria paralisado...

Nick meneou a cabeça.

— Não me entregue aqui — pedi. — Vamos pegar um táxi.

Entramos no táxi e tomamos a direção do centro da cidade. Estendi a mão, apanhei o pacote e deslizei uma nota de cinquenta dólares na palma de Nick. Ele deu uma olhada e mostrou as gengivas em um sorriso desdentado:

— Valeu mesmo... Isso vai me deixar na boa...

Reclinei-me no assento, deixando a mente livre para funcionar em seu próprio ritmo. Se a mente é forçada em excesso, começa a dar problemas como um painel de controle sobrecarregado, isso quando não resolve partir para a sabotagem... E eu não tinha nenhuma margem para erro. Americanos morrem de medo de abrir mão do controle, de deixar as coisas acontecerem por si sós, sem interferência alguma. Se fosse possível, entrariam dentro do próprio estômago para digerir a comida e depois enfiar a merda para fora usando pás.

Se você aprender a relaxar e aguardar a resposta, sua mente responderá à maioria das perguntas. Como se fosse um computador, ela espera que você insira sua pergunta, sente-se e aguarde...

Eu estava em busca de um nome. Minha mente repassava diversos nomes, descartando vários deles de imediato: A. P. (Adora a Polícia); E. N. (Errado de Nascimento); S. L. M. C. (Sujeito Legal Mas Covarde)... separando alguns para serem reconsiderados, reduzindo a amostra, filtrando, procurando o nome, a resposta.

— Sabe, às vezes ele me deixa três horas esperando. Às vezes consigo de primeira, como hoje.

Nick pontuava seu discurso com uma risadinha zombeteira. Era uma espécie de desculpa por fazer uso da fala no mundo telepático dos dependentes, onde somente o fator quantidade — Quanto dinheiro? Quanta junk? — requer expressão verbal. Nós dois sabíamos tudo a respeito da espera. O ramo das drogas, em qualquer nível, opera sem horários. Ninguém entrega coisa alguma na hora combinada, exceto por acidente. O dependente funciona no tempo da junk. Seu corpo é seu relógio, e a junk escorre por dentro dele como em uma

ampulheta. Para o viciado, o tempo só significa alguma coisa quando está relacionado com a necessidade. É quando o dependente realiza sua intrusão abrupta no tempo alheio, e como todos os Intrusos, todos os Suplicantes, deve esperar, a menos que consiga coincidir com o tempo extrínseco à junk.

— Mas e o que eu podia dizer? Ele sabe que vou ficar esperando — riu Nick.

Passei a noite na Sauna Sempredura (a homossexualidade é o melhor de todos os disfarces que um agente tem à sua disposição), onde um rude funcionário italiano cria uma atmosfera enervante ao vasculhar o dormitório com seus binóculos infravermelhos de enxergar no escuro.

(“Ei vocês aí do canto norte! Estou vendo tudo!” — ligando holofotes, enfiando a cabeça por alçapões no chão e nas paredes dos quartos reservados, fazendo com que muitos veados fossem tirados de lá em camisas de força...)

Fiquei deitado em minha baia, olhando para o teto... ouvindo os grunhidos e guinchos e rosnados a meia-luz pesadelesca da luxúria aleatória e fragmentada...

— Vá você se foder!

— Com dois óculos talvez se enxergue alguma coisa!

Saí no exato início da manhã e comprei um jornal... Nada...

Fiz um telefonema a partir de uma cabine telefônica de uma farmácia... pedi para falar com a Narcóticos:

— Tenente Gonzales... quem fala?

— Gostaria de falar com O'Brien.

Um instante de estática, linhas cruzadas, conexões interrompidas...

— Não tem ninguém com esse nome no departamento... *Quem* está falando?

— Bem, então me deixe falar com Hauser.

— Olhe aqui, meu senhor, não existem nenhum O'Brien e nenhum Hauser nesta repartição. O que você quer, afinal de contas?

— Olha, é muito importante... Tenho informações sobre um carregamento enorme de heroína que está para chegar... Quero falar com Hauser ou O'Brien... Não lido com mais ninguém...

— Espere um pouco... Vou passar para o Alcebíades.

Comecei a duvidar que ainda restasse algum nome anglo-saxão naquele departamento...

— Quero falar com Hauser ou O'Brien.

— Quantas vezes vou ter de repetir que não há nenhum Hauser e nenhum O'Brien neste departamento?... E, escute aqui, com quem estou falando?

Desliguei e peguei um táxi para sair daquela região... Dentro do táxi, entendi o que acontecera... Fui lacrado fora do espaço-tempo, da mesma maneira que o cu de uma enguia fica lacrado quando ela para de se alimentar enquanto migra até os Sargaços... Obstruído... Nunca mais terei uma Chave, um Ponto de Intersecção... Estaria livre da Polícia dali em diante... na companhia de Hauser e O'Brien, relegado ao isolamento em um passado da junk onde trinta gramas de heroína custarão eternamente vinte e oito dólares e é possível conseguir *yen pox* na lavanderia de um chinês de Sioux Falls... Do outro lado do espelho do mundo, rumo ao passado na companhia de Hauser e O'Brien... agarrado a um ainda

não de Burocracias Telepáticas, Monopólios Temporais,
Drogas Controladas e Viciados em Fluido Pesado:

— Pensei nisso há trezentos anos.

— Naquela época seu plano era impraticável, agora é
inútil... Como os planos da máquina voadora de Da
Vinci...

* Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

Prefácio atrofiado

Você não faria o mesmo?

Por que desperdiçar tanto papel para levar o pessoal de um lugar para o outro? Talvez para poupar o leitor do estresse das mudanças repentinas de espaço, para mantê-lo amável? E assim compra-se uma passagem, chama-se um táxi, embarca-se em um avião. Somos autorizados a olhar de relance para o interior morno da caverna cor de pêssego enquanto ela (a comissária de bordo, é claro) inclina-se sobre nós e murmura suas ofertas de goma de mascar, Dramamine¹ e até mesmo Nembutal.

— Se você falar de paregórico, doçura, serei todo ouvidos.

Não sou a American Express...² Se algum dos meus personagens for visto caminhando por Nova York vestido em roupas civis e na frase seguinte estiver em Timbuctu jogando conversa mole para cima de um jovem de olhos de gazela, é razoável presumir que ele (aquele que não reside em Timbuctu) se transportou até lá fazendo uso dos métodos usuais de comunicação...

O agente Lee (um quatro-quatro-oito-dezesesseis) está fazendo um tratamento para se curar da junk... viagens no espaço-tempo são tão familiares para o viciado

quanto os encontros nas esquinas em busca de junk... imagens de tratamentos do passado e do futuro vão e voltam através de sua matéria espectral, vibrando com os ventos silenciosos do Tempo acelerado... Escolha uma dose... Qualquer uma...

Roendo os dedos de ansiedade, rolando pelo assoalho da cela do distrito...

— Que tal escolher a *heroína*, Bill?

— Hahaha.

Impressões falhas e titubeantes que se dissolvem na luz... bolsões de ectoplasma pútrido varridos longe por um velho junky que tosse e escarra em meio à aurora do enjoo narcótico...

Velhas fotografias castanho-arroxeadas que se retorcem e racham como lama ao sol: Cidade do Panamá... Bill Gains aplicando o golpe do elixir paregórico em um farmacêutico chinês.

— Tenho uns cães de corrida... galgos com pedigree... Estão todos com disenteria... é esse clima tropical... tanta merda... merda, compreende?... *Meus whippets³ estão morrendo!* — gritava. Ardia em seus olhos uma chama azulada... O fogo se apagou... cheiro de metal queimado... — Aplique com um conta-gotas de colírio... Você não faria o mesmo? Cólicas menstruais... minha esposa... absorventes... Mãe idosa... Hemorroidas... em carne viva... sangrando... — Caiu no sono sobre o balcão... O farmacêutico tirou um palito de dente da boca, olhou para uma das pontas e sacudiu a cabeça...

Gains e Lee atearam fogo na República do Panamá, de David a Darien, usando paregórico... Separaram-se com ruído: *shlup!*... Junkies tendem a compartilhar um só corpo... É preciso ter cuidado, especialmente em lugares

quentes... Gains voltou para a Cidade do México... O desespero esquelético do sorriso forçado imposto pela falta crônica de junk, amainada por codeína e barbitúricos... furos de cigarro em seu roupão de banho... manchas de café no assoalho... fogão a querosene, fumegando... chama alaranjada como ferrugem...

A Embaixada recusou-se a fornecer detalhes, informou somente que o local de sepultamento foi o Cemitério Americano.

E Lee voltou ao sexo e à dor e ao tempo e ao iagê, amargo cipó da Amazônia...

Lembro-me de certa ocasião, logo depois de uma overdose de *majoun* (trata-se de *cannabis* seca e transformada em um pó fino que mais parece açúcar de confeitiro verde, misturada com algum confeito que geralmente deixa um gosto forte de pêssego, mas a escolha da mistura é sempre arbitrária...). Voltando do Troninho ou do Salão do Garotinho (fedor de infância atrofiada e do aprendizado de usar o banheiro) e observando a sala de estar daquela aldeia nos arredores de Tânger percebi de repente que não sabia mais quem eu era. Talvez tivesse aberto a porta errada e a qualquer momento O Homem no Comando, o Dono Que Chegara Antes, surgiria gritando:

— *O que você está fazendo aqui? Quem é você?*

E eu não sei o que eu estou fazendo ali e muito menos quem sou. Resolvo manter a calma, com esperanças de recuperar o senso de orientação antes que o Dono apareça... Assim, em vez de gritar “*Onde estou?*” é melhor manter a calma, dar uma olhada ao redor e acabar descobrindo que, de certo modo... Você não estava ali no *Princípio*. Você não estará ali no *Fim*... Sua

consciência do que está acontecendo não é capaz de ultrapassar o superficial e o relativo... Que sei eu desse rosto jovem, amarelo e ressecado de junky, nutrindo-se de ópio cru? Tentei falar: “Algum dia desses você vai acordar com o fígado no colo”, e lhe ensinar como processar o ópio cru para que deixe de ser venenoso. Junkies são assim, a maioria deles nem quer saber... Quem fuma não quer saber de nada além de fumar... Com os junkies de heroína é a mesma coisa... Só pensam na agulha, e o resto que se dane...

Sendo assim, acho que ele ainda está por lá, sentado em sua aldeia espanhola de 1920 nos arredores de Tânger, comendo ópio cru cheio de merda e pedras e palha... engolindo tudinho por medo de perder alguma coisa...

Um escritor só consegue escrever sobre uma única coisa: *aquilo que se apresenta aos seus sentidos no momento da escrita*... Sou um instrumento de registro... Não tenho intenção alguma de impor “história”, “enredo”, “continuidade”... Na medida em que for bem-sucedido no registro *direto* de certas áreas do processo psíquico, ainda posso desempenhar alguma função limitada... Não estou aqui para fornecer entretenimento...

Chamam isso de “possessão”... Às vezes alguma entidade se apodera do corpo — silhuetas agitam-se como geleia amarelo-alaranjada — e mãos se deslocam para estripar a prostituta que passa ou estrangular o filho do vizíun⁴ na esperança de resolver um problema crônico de alojamento. Como se normalmente eu estivesse ali, mas sujeito a de vez em quando sair para dar um passeio... *Errado! Eu nunca estou aqui*... Nunca

totalmente possuído, que fique claro, mas de algum modo em uma posição de antecipar movimentos mal calculados... Tal patrulhamento é na verdade minha ocupação principal. Não importa quão rígida é a Segurança, estou sempre em algum ponto lá *fora* dando ordens e *dentro* dessa camisa de força de geleia que cede e estica, mas sempre volta à forma original antes de cada movimento, ideia ou impulso, marcada com o selo da inspeção alienígena...

Escritores costumam falar do cheiro enjoativo da morte, mas qualquer junky pode confirmar que a morte não possui cheiro algum... ao mesmo tempo é um cheiro que tranca a respiração e paralisa o sangue... o não cheiro incolor da morte... ninguém consegue respirá-la e cheirá-la por baixo das róseas espirais e dos filtros sangrenegros de carne humana... o cheiro da morte é sem dúvida um cheiro, e também uma completa ausência de cheiro... a ausência de cheiro chega antes ao nariz porque tudo que é orgânico possui cheiro... a cessação do olfato é sentida como a escuridão pelos olhos, o silêncio pelos ouvidos, a pressão e a falta de peso pelo equilíbrio e o senso de orientação...

Durante a abstinência de junk, você sempre consegue sentir esse cheiro e recende a ele, de modo que os outros são capazes de sentir... O cheiro de morte de um junky tentando largar a droga é capaz de tornar inabitável um apartamento inteiro... mas uma boa arejada é suficiente para preencher o lugar com odores de modo que o corpo consiga respirar... Também se pode senti-lo quando o sujeito começa a se aplicar como louco, aumentando o consumo em progressão geométrica como um incêndio florestal incontrolável...

O lema dos tratamentos é sempre: *Abandone! Pule!*

Um amigo meu se viu desnudo em um quarto no segundo andar de um hotel de Marrakesh... (É o produto de uma mãe texana que o vestia com roupas de menina quando ele era criança... Um método grosseiro mas eficaz de prevenir o protoplasma infantil...) Os outros ocupantes são árabes, três árabes... com facas nas mãos... cacos de assassinatos desabam em chuva lenta, como lascas de opala atravessando glicerina... Reações animais mais retardadas permitem-no usar um segundo inteiro para tomar sua decisão: Saltou direto pela janela até a rua lotada como uma estrela cadente, sua cauda de vidro resplandecendo ao sol... quebrou o tornozelo e deslocou o ombro... vestido com uma diáfana cortina rosada, mancou até o Comissariado de Polícia usando o trilho da cortina como apoio...

Mais cedo ou mais tarde o Justiceiro, o Bronco, o agente Lee, A. J., Clem e Jody, os irmãos Ergotina, Hassan O'Leary, o Magnata do Pós-Parto, o Marujo, o Exterminador, Andrew Keif, Gordo Terminal, dr. Benway e Dedos Schafer acabarão dizendo a mesma coisa com as mesmas palavras, ocupando a mesma posição no espaço-tempo naquele ponto de intersecção. Usar um aparato vocal comum e completo, com todos os seus auxílios metabólicos — isto é, ser a mesma pessoa —, é uma maneira deveras inexata de expressar *reconhecimento*: o junky nu sob a luz do sol...

Como sempre, o escritor enxerga a si mesmo lendo para o espelho... Precisa conferir com frequência para se assegurar de que o Crime da Ação Isolada não tenha acontecido, não aconteça e não venha a acontecer...

Qualquer pessoa que tenha enxergado o próprio reflexo no espelho sabe qual crime está cometendo e qual o seu peso em termos de perda de controle quando o reflexo para de obedecer... É tarde demais para ligar para a polícia...

Pessoalmente desejo cancelar meus serviços a partir de agora, pois não posso continuar vendendo a matéria-prima da morte... Seu caso, meu senhor, é repelente e tem poucas esperanças...

— Qualquer tentativa de defesa é inútil haja vista o presente estado de nosso conhecimento — anunciou a defesa, erguendo os olhos de um microscópio de elétrons...

Faça seus negócios com a Walgreen's.⁵

Não somos responsáveis.

Roube tudo que enxergar.

Não sei como descrever ao leitor branco.

Pode-se escrever ou gritar ou cantar a respeito disso... pintar, se quiser... atuar... cagar a bordo de veículos em movimento... *Desde que não se cometa a bobagem de fazê-lo...*

Senadores pulam no ar zurrando seu apoio à pena de morte, com a autoridade inflexível do anseio virótico... Morte aos drogados, morte às bichas loucas (digo, aos invertidos), morte ao psicopata que magoar a carne amedrontada e desprovida de graça com a fragmentada inocência animal de seus movimentos flexíveis...

A biruta negra da morte ondula sobre a terra, procurando, farejando o crime da vida isolada, aqueles que tremendo movem sua carne congelada pelo medo por sob uma vasta curva de probabilidades...

Grupos populacionais inteiros desaparecem em um jogo de damas de genocídios... Qualquer um pode jogar...

A Imprensa Liberal e a Imprensa Nem Tão Liberal Assim e a Imprensa Reacionária demonstram sua aprovação aos berros: “Acima de qualquer outro, o mito da experiência em outros níveis deve ser erradicado”. E, sombrios, discorrem a respeito de certas realidades desagradáveis... vacas com febre aftosa... profilaxia...

Incansáveis, os grupos que comandam o mundo interrompem linhas de conexão...

O planeta segue à deriva rumo à perdição aleatória sob o jugo dos insetos...

Sem pressa alguma, a termodinâmica acabou vencendo... Os orgônios empacaram... Cristo sangrou... Tempo acabado...

Pode-se abordar *Almoço nu* a partir de qualquer ponto de intersecção... Escrevi muitos prefácios. Espontaneamente, atrofiam-se e amputam-se como as vítimas de uma doença da África Ocidental confinada à raça negra em que os atingidos perdem os dedos dos pés e a loira que passa mostra seu tornozelo bronzeado enquanto um dedo do pé com unha pintada saltita pelo terraço do clube até que seu galgo afegão vai buscá-lo e o traz de volta para sua dona...

Almoço nu é uma cópia heliográfica, um pré-livro... Insetos negros anseiam por vastos cenários de outros planetas... Conceitos abstratos, simples como álgebra, reduzem-se a um monte de bosta ou a um par de *cojones* velhos...

Como ampliar os níveis de experiência abrindo a porta no final de um longo corredor... Portas que somente são

abertas quando há *silêncio*... *Almoço nu* exige silêncio de seu leitor. Caso contrário, acaba tomando seu próprio pulso...

Robert Christie conhecia o Serviço de Mensagens... Matou as putas velhas... guardou os pelos pubianos em seu medalhão... você não faria o mesmo?

Robert Christie, estrangulador em série de mulheres — parece até que estou falando de uma grinalda —, enforcado em 1953.

Jack, o Estripador, prosaico espadachim da década de 1890, nunca foi pego com as calças na mão... enviou uma carta à imprensa:

“Da próxima vez mando também uma orelha, só para me divertir... Você não faria o mesmo?”

— Oh, tenha cuidado! Lá vão elas de novo! — exclamou a bicha velha quando seu suporte rompeu e seus bagos saíram rolando pelo chão... — Apanhe-os para mim, James, seu inútil de merda! Não fique parado aí olhando os bagos do mestre rolarem até a carvoeira!

Dilaudid, salve esta pobre alma (Dilaudid é morfina desidratada e potencializada).

Trajado com seu colete negro, o xerife datilografa uma sentença de morte: — Tudo precisa parecer legítimo, sem relação alguma com narcóticos...

Violação da Lei de Saúde Pública número 334... Obter um orgasmo por meio de fraude...

Johnny de quatro chupado por Mary que corre os dedos pelo verso de suas coxas até chegar aos arredores do campo-santo...

Passando pela cadeira quebrada e ultrapassando a janela da casa de ferramentas com janelas brancas batendo ao sabor do vento frio de primavera no topo de

um penhasco de pedra calcária com vista para o rio... um pedaço da lua paira como fumaça no céu azul de porcelana... no final de um comprido filamento de esperma no assoalho empoeirado...

Motel... Motel... Motel... arabesco de néon defeituoso... os gemidos da solidão atravessam o continente como sirenes de neblina sobre águas viscosas e paradas de rios periódicos...

Bago espremido até o bagaço como limão morrinha lambe o cu com uma faca corta uma fatia de haxixe para o narguilé — *blu-blu* — indicando quem eu costumava ser...

— O rio está servido, senhor.

Folhas mortas coalham a fonte, gerânios proliferam ao lado da menta, invadindo a trilha do autosserviço do outro lado do jardim...

O playboy envelhecido veste sua capa de chuva em estilo 1920 e enfia a esposa na unidade de processamento de resíduos... Cabelo, merda e sangue formam o número 1963 na parede... — É verdade, rapazes, em 1963 a merda vai mesmo atingir o ventilador — declarou o velho profeta cansado, capaz de entediar habitantes de qualquer direção no espaço-tempo...

— Desta vez consigo lembrar porque foi apenas dois anos antes que um surto de aftosa humana surgido em um lavabo boliviano foi transmitida por casacos de chinchilas causando problemas de imposto de renda em Kansas City... E uma tal de Liz anunciou uma Imaculada Conceição e pariu pelo umbigo um macaco-aranha de quase duzentos gramas... Dizem que o charlatão que macaqueou essa farsa estava drogado o tempo todo...

Eu, William Seward, capitão deste metrô repleto de bêbados e maconheiros, domarei o monstro do lago Ness com rotenona e laçarei a baleia branca. Reduzirei Satã à Obediência Automática, sublimando qualquer inimigo subsidiário. Banirei os candirus de suas piscinas.

Promulgarei uma bula versando sobre o Controle da Natalidade Imaculada...

— Quanto mais alguma coisa acontece, mais unicamente maravilhosa se torna — declarou o jovem nórdico pretensioso, estudando sua lição de casa maçônica sobre o trapézio.

— Judeus não acreditam em Jesus, Clem... Só pensam em fazer o que não devem com uma garota cristã...

Anjos adolescentes cantam para as paredes dos banheiros públicos do mundo todo.

“Vem cá bater punheta...”, 1929.

“Essa merda que o Manquinho tá vendendo é leite em pó...”, Johnny, enforcado no final de 1952.

(Trajando um espartilho, um tenor decadente canta “Danny Deever” vestido de mulher...)

Mulas não podem dar cria neste condado respeitável e nenhum morto encapuzado abre o bico quando está sendo incinerado. Violação da Lei de Saúde Pública número 334.

E cadê a estatuária e a porcentagem? Quem pode dizer? Não tenho o Verbo... Meu lar é minha ducha íntima... O rei está à solta com um lança-chamas e o assassino do rei, torturado em frente a mil vagabundos, escapa até a sarjeta para cagar na quadra de esportes com piso de pedra calcária.

O jovem Dillinger saiu de casa e nunca mais olhou para trás...

— Não olhe para trás, garoto... Você pode se tornar uma pedra de sal e acabar lambido por uma vaca velha.

Bala da polícia no beco... Asas partidas de Ícaro, gritos de um menino em chamas inalado pelo velho junky... olhos vazios como uma imensa planície... (asas de abutres fustigam o ar seco).

O Caranguejo, idoso Decano dos Ladrões de Bêbados, veste seu traje de crustáceo para fazer a ronda no cemitério... com suas garras de aço arranca os dentes e coroas de ouro de qualquer pinguço que esteja dormindo com a boca aberta... Se o pinguço reagir, o Caranguejo recua brandindo as garras, oferecendo a honra duvidosa de um combate nas planícies do Queens.

O Menino Arrombador, enrabado durante uma longa passagem pela cadeia, expulso do cemitério por falta de pagamento, adentra balbuciando o bar de veados com um recibo de penhor mofado à procura dos bagos traseiros no Campo de Refugiados, onde vendedores castrados entoam a canção da IBM.

Caranguejos saltitaram por sua floresta... brigando com a ereção angelical a noite toda, perdidos no abismo sem honra do homossexualismo, tomando um atalho para a caverna de calcário ferruginoso.

Fissura Negra ejacula sobre os pântanos salgados onde nada cresce, nem mesmo a mandrágora...

Lei dos medianos... Algumas galinhas... Única maneira de viver...

— Oi, Grana.

— Tem certeza de que está aqui?

— Claro que tenho... Vou entrar com você.

Até Chicago a bordo do trem noturno... Encontro uma garota no saguão, percebo que ela é entendida e

pergunto onde consigo comprar.

— Entra, meu filho.

Não era jovem nem nada, mas tinha um corpo...

— Que tal uma dose antes?

— Nem, senão você fica fora de combate.

Três vezes seguidas... acordo tremendo e enjoado com o vento morno de primavera soprando pela janela, a água queima meus olhos como se fosse ácido...

Nua, ela sai da cama... Pega a droga escondida no abajur de naja... Prepara uma injeção...

— Vira de bruços... Vou aplicar na sua bunda.

Enfia a agulha até o talo, tira e massageia a nádega...

Lambe fora uma gota de sangue em seu dedo.

Ele rola na cama, sua ereção dissolvendo-se na gosma cinzenta da junk.

Em um vale de cocaína e inocência, rapazes de olhos tristes cantam lamentos em falsete por um Danny Boy⁶ perdido...

Cheiramos a noite toda e trepamos quatro vezes... dedos na lousa... arranhando os ossos brancos. Lar: heroína voltando para casa depois de cruzar o oceano, michê voltando para casa depois de atender seu cliente.

O vendedor se agita, inquieto: — Por favor, garoto, cuide disso por mim. Preciso conversar com um sujeito a respeito de um macaco.

O Verbo divide-se em partes que formam uma unidade e assim deve ser encarado, mas tais partes podem ser abordadas em qualquer ordem, jogadas de um lado para o outro e exploradas de frente e de costas, como se faria com um objeto sexual especialmente interessante. Este

livro derrama-se em todas as direções para fora de suas páginas, em um caleidoscópio de paisagens, miscelânea de canções e ruídos urbanos, peidos e urros de tumultos e estrondo de pantográficas de casas comerciais, gritos de dor e páthos e gritos de simples pederastia, gatos que copulam e guinchos injuriados do bagre extraído de seu hábitat, resmungos proféticos do *brujo* em seu transe de noz-moscada, pescoços partidos e gritarias de mandrágoras, suspiros de orgasmos, heroína silenciosa como a aurora nas células sedentas, Rádio Cairo com berros dignos de um leilão de tabaco ensandecido e flautas de Ramadã abanando o junky enjoado como um delicado ladrão de bêbados na aurora macilenta do metrô, buscando o tato das verdinhas com seus dedos apurados...

Esta é a Revelação e a Profecia do que consigo captar sem FM com meu aparelho de cristal modelo 1920 com antenas de esperma... Amável leitor, por intermédio de nossos cus enxergamos Deus durante o clarão do orgasmo... Por intermédio desses orifícios somos capazes de transmutar nosso próprio corpo... O caminho de SAÍDA é o caminho de ENTRADA...

Agora eu, William Seward, trarei à tona meu tesouro de palavras... Meu coração viking viaja pelo vasto rio pardacento onde os motores fazem ruído na aurora da selva e onde árvores inteiras flutuam com serpentes verdes enroscadas em seus ramos enquanto lêmures de olhos tristes contemplam as margens, do outro lado dos campos do Missouri (o menino avista uma sagitária rosada), trens apitam ao longe, tudo volta para mim tão faminto quanto um menino de rua que não sabe vender o cu que Deus lhe deu... Amável leitor, o Verbo saltará

sobre você com as garras de ferro dos homens-leopardo, decepará os dedos de seus pés e de suas mãos como um caranguejo oportunista, enforcará você para colher seu esperma como um cão decifrável, enrolará a si mesmo ao redor de suas coxas como uma surucucu e aplicará uma injeção de ectoplasma rançoso...

E por que um cão *decifrável*?

Um dia desses, quando estava retornando de ainda outro de uma série de almoços que passam da boca para o cu em todos os dias de nossos anos, avistei um menino árabe acompanhado de um cãozinho preto e branco que conseguia caminhar sobre as patas traseiras... E um cão enorme e amarelo se aproximou do menino em busca de carinho, mas acabou enxotado. Então mostrou os dentes e abocanhou o garotinho, rosnando como se possuísse o dom humano da linguagem: — Este foi um crime contra a natureza.

E foi assim que batizei o cão amarelo de Decifrável... E deixe-me fazer um comentário humilde, e sou sempre humilde como um bom crioulo: precisa-se de muito sal para engolir o Oriente Indecifrável... Seu Repórter consome dois gramas de morfina por dia e passa oito horas sentado, indecifrável como um cagalhão.

— O que você está *pensando*? — pergunta o inquieto Turista Americano.

Ao que respondo: — Como a morfina deprimiu meu hipotálamo, centro da libido e das emoções, tendo em mente que o cérebro anterior age somente em resposta aos estímulos do posterior, como um cidadão passivo que só goza ao levar por trás, devo informar minha virtual ausência de atividade cerebral. Estou consciente de sua presença, mas como para mim ela não tem

conotação afetiva alguma, já que meu afeto foi desligado por falta de pagamento pelo traficante de junk, não tenho o mínimo interesse por você... Fique ou vá, cague nas calças ou seja enrabado por uma serpente ou um ferro quente — coisa bem merecida para uma bicha —, os mortos e os junkies não estão nem aí... — São indecifráveis.

— É por este corredor que chego ao toalete? — pergunto à atendente loira.

— Por aqui, meu senhor... Ainda cabe mais um.

— Alguém viu Rose Pantopon? — quis saber o velho junky vestido com um capote negro.

O xerife texano matou seu cúmplice, o veterinário Brubeck Desequilibrado, envolvido nos esquemas da heroína para cavalos.

Um cavalo que sofre de aftosa precisa levar uma injeção de heroína para aliviar sua dor, e por vezes um pouco dessa heroína acaba cruzando a planície solitária e torna-se uma dose cavalgar à venda na Washington Square... Junkies se aproximam gritando: “Aiôôô Silver!”.

— Mas cadê a *estatuária*? — Esta diminuta amostra arquetípica de páthos é guinchada para fora de um confortável salão de chá com decoração de bambu, na Calle Juarez, México, Distrito Federal... Perdido por lá, fugindo de uma rocambolesca acusação de estupro... uma vadia qualquer arranca suas calças e você acaba sendo preso por estupro, é assim que funciona a lei, meu irmão...

Chicago na escuta... entre, por favor... Chicago na escuta... entre, por favor... Para que você acha que eu coloquei essa camisinha, como quem calça galochas em Puyo? É um lugar terrivelmente úmido, meu leitor...

— Tire isso! Tire isso!

A bicha velha encontra a si mesma voltando do espetáculo da adolescência e toma um joelho do espectro do velho Howard... Cruzou a sarjeta a caminho do museu da Market Street, que exhibe todo tipo de masturbação e autoerotismo. É disso mesmo que os meninos precisam quando são jovens...

Estavam maduros, prontos para a colheita, mas esquecidos no mais distante cu do mundo... perdidos entre pequenos cacos de prazer e pergaminhos flamejantes...

Ler a metástase com dedos de cego.

Mensagem fossilizada de artrite...

— Vender vicia mais que usar.

Lola La Chata, México, Distrito Federal

Sucção aterrorizante de cicatrizes de agulha, grito submarino verbalizando alertas de nervos adormecidos que temem a fissura vindoura, mordida pulsante nascedouro de hidrofobia...

— Se Deus inventou coisa melhor, guardou para si mesmo — costumava dizer o Marujo, sua transmissão congestionada por vinte calmantes.

(Cacos de assassinatos desabam lentos, como lascas de opala atravessando glicerina.)

Observando você e cantarolando “Johnny’s So Long at the Fair”⁷ sem parar.

Traficando de leve para conseguir manter o vício...

— Acho bom *usar* esse álcool — digo, batendo a lamparina sobre o tampo da mesa. — Seus junkies impacientes de merda, vivem enegrecendo minhas

colheres com seus fósforos... É tudo que se precisa para passar um tempo indefinido na cadeia, basta a polícia encontrar uma colher suja de fuligem por aqui...

— Achei que você estava largando a droga... Não seria legal estragar todo o seu processo terapêutico.

— Precisa de muita coragem pra se livrar do vício, garoto.

Procurando veias na carne degelada. A ampulheta da junk escorre seus últimos grãos negros para dentro dos rins...

— Região gravemente infectada — resmungou, trocando o garrote de lugar.

— A Morte era seu Herói Cultural... — disse minha patroa, erguendo os olhos de seus códices maias. — Da Morte receberam o fogo, a fala, a semente do milho... A Morte se transformou em uma espiga de milho.

São chegados os dias de Ouab⁸

ventos em carne viva trazem ódio e infortúnio
avivaram a dose.

— Tira essas imagens indecentes daqui! — pedi a ela.

O Drogado Veterano se apoiou nas costas de uma cadeira, bêbado e chapado de barbitúricos... uma desgraça para sua estirpe.

— Quem diabos você pensa que é, um desses artistas que tomam calmante?

Odores amarelados de xerez vagabundo e fígado obstruído emanaram de suas roupas quando ele fez o gesto do junky, estendendo uma das mãos com a palma para cima...

perfume de casas de chili e capotes úmidos
e testículos atrofiados...

Encarou-me através da ectoplásmica e hesitante carne terapêutica... quando você larga a droga, quinze quilos materializam-se no espaço de um mês... uma substância macia, pastosa e rosada que cede à primeira carícia silenciosa da junk... Vi isso acontecer... quase cinco quilos perdidos em dez minutos... de pé, segurando a seringa com uma das mãos... segurando as calças com a outra

agudo mau cheiro de metal enfermo.

Escalando um monturo de lixo para chegar ao céu... por todos os lados, fogueiras acesas com gasolina... fumaça negra, sólida como excremento, pairando pelo ar imóvel... sujando o filme velado com o calor do meio-dia... D. L. caminha ao meu lado... um reflexo de minhas gengivas desdentadas e meu crânio desprovido de cabelos... carne humana espalhada pelos ossos fosforescentes e putrefatos, consumidos por fogueiras lentas e gélidas... Carrega uma lata cheia de gasolina, e o cheiro da gasolina o envolve por completo... Ao chegar a uma pilha de metal enferrujado, encontramos um grupo de nativos... rostos achatados e bidimensionais como os de um peixe saprófago...

— Atire essa gasolina em cima deles e taque fogo...

Rápido...

clarão branco... gritos de insetos mutilados...

Acordei com gosto de metal na boca ao regressar da terra dos mortos

rastreando o cheiro incolor da morte

placenta de um macaco cinzento e atrofiado

dores agudas e espectrais de amputação...

— Garotos de programa à espera de clientes — disse Eduardo antes de morrer de overdose em Madri...

Trens carregados de pólvora pegam fogo ao cruzar róseas espirais de carne tumescente... detonam clarões de orgasmo... fotografias precisas de movimentos abortados... um flanco bronzado e macio se retorce para acender um cigarro...

Ficou ali, usando o chapéu de palha em estilo de 1920 que alguém lhe deu... palavras macias e mendicantes desabando sobre a rua escura como pássaros mortos...

— Não... Não mais... *No más*...

Um mar oscilante de martelos pneumáticos no crepúsculo roxo-pardacento maculado pelo odor podre-metálico de gás de esgoto... jovens rostos operários vibram desfocados em auréolas amarelecidas de lanternas de carbureto... canos rompidos expostos...

— Estão reconstruindo a cidade.

Lee assentiu distante... — Sim... Sempre...

De qualquer modo não é uma boa para a Ala Oriental...

Se eu soubesse, adoraria lhe contar...

— Nada bom... *no bueno*... ando me prostituindo...

Teinon... Vóta sestafêla

Tânger, 1959

1 Dimedrinato, um antiemético.

2 Fundada em 1850 para competir com os Correios americanos no transporte expresso de cargas e valores, era uma das mais importantes companhias ferroviárias dos Estados Unidos no início do século xx. Em 1918 transferiu suas atividades ferroviárias para a American Railway Express e tornou-se uma empresa dedicada exclusivamente ao crédito financeiro.

3 Raça canina desenvolvida no século xix a partir do cruzamento de terriers com greyhounds. Como todos os galgos, são extremamente velozes e possuem visão apurada.

4 Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

5 Rede americana de farmácias e lojas de conveniência, fundada em Chicago em 1901.

6 Referência a uma balada melancólica usada tanto em ocasiões fúnebres quanto em comemorações. Apesar de sua popularidade na Irlanda, foi composta por Frederick Weatherly, um inglês.

7 Canção folclórica irlandesa. Em tradução livre: “Johnny não volta nunca do Festival”.

8 Ver “Carta para Irving Rosenthal”.

**APRESENTAÇÕES ORIGINAIS
E ADENDOS DO AUTOR**

Depoimento: Testemunho acerca de uma doença

Acordei da Doença aos quarenta e cinco anos de idade, tranquilo e lúcido, e com uma saúde razoável exceto por um fígado enfraquecido e pela aparência flácida e alheia de minha carne, comum a todos que sobrevivem à Doença... A maioria dos sobreviventes não se recorda de seu delírio em detalhes. Aparentemente, fiz anotações detalhadas sobre doença e delírio. Não tenho uma lembrança precisa de ter escrito as anotações que acabaram publicadas sob o título *Almoço nu*, que foi uma sugestão de Jack Kerouac. Só fui entender o significado do título depois de minha recente recuperação. O título significa exatamente o que dizem suas palavras: almoço nu — um momento paralisado no qual todos são capazes de enxergar o que está cravado na ponta de cada garfo.

A Doença é a dependência de drogas, e por quinze anos fui um dependente. Quando falo em dependência, estou dizendo que era viciado em junk (um termo genérico para o ópio e/ou seus derivados, incluindo todos os sintéticos, de Demerol a Palfium).^{*} Usei diversos tipos de junk: morfina, heroína, Dilaudid, cucodal, Pantopon, Diocodid, Diosane, ópio, Demerol, Dolofina^{**} e Palfium.

Fumei junk, comi junk, cheirei junk, apliquei junk na veia, na pele, no músculo, enfiei supositórios de junk no reto. A agulha não importa. Tanto faz se você cheira, fuma, come ou enfia no cu, pois o resultado é sempre o mesmo: dependência. Quando falo de dependência de drogas, não estou me referindo a *keif*, maconha ou qualquer mistura de haxixe, mescalina, *Banisteriopsis caapi*, LSD6, Cogumelos Sagrados ou qualquer outra droga do grupo dos alucinógenos... Não existe evidência alguma de que o uso de qualquer alucinógeno cause dependência física. Em termos fisiológicos, a ação dessas drogas é oposta à da junk. Por conta do zelo exagerado dos departamentos de narcóticos dos Estados Unidos e de outros países, surgiu uma confusão lamentável entre essas duas categorias de drogas.

Em meus quinze anos de dependência, pude observar a maneira exata como o vírus da junk opera. A pirâmide da junk, onde cada nível devora o nível inferior (não é de espantar que os chefões do tráfico sempre sejam gordos e os viciados nas ruas sempre sejam magros), e isso segue até o topo, ou melhor, até os topos, pois há diversas pirâmides de junk alimentando-se da população da Terra, todas elas assentadas nos princípios básicos do monopólio:

1. Nunca dar nada sem receber algo em troca.
2. Nunca dar mais do que você tem para dar (seu comprador deve estar sempre na fissura, e você deve sempre fazê-la esperar).
3. Sempre que possível, tomar de volta tudo que foi dado.

O Traficante sempre toma tudo de volta. O dependente precisa de doses cada vez maiores de junk para manter sua forma humana... para não se transformar no Macaco.

O mundo da junk é moldado em posse e monopólio. O dependente permanece imóvel enquanto é levado por suas pernas de viciado até mais uma recaída na junk. O envolvimento com junk é perfeito e quantitativamente mensurável. Quanto mais junk você usa, menos você tem, e quanto mais você tem, mais você usa. Todas as drogas alucinógenas são vistas como sagradas por aqueles que as utilizam — existem Cultos do Peiote e da *Banisteriopsis*, Cultos do Haxixe e dos Cogumelos; “os Cogumelos Sagrados do México permitem que um homem enxergue Deus” —, mas nunca alguém cogitou a ideia de que a junk seja sagrada. Não existem cultos do ópio. Ópio é como dinheiro, profano e quantitativo. Ouvi falar que na Índia existiu uma espécie benéfica de junk, que não causava tipo algum de dependência. Chamava-se *soma* e é representada como uma bela onda azul. Se realmente chegou a existir, aposto que algum Traficante estava por lá para embalá-la, monopolizá-la, vendê-la e transformá-la na boa e velha JUNK.

Junk é o produto ideal... a mercadoria suprema. O vendedor não precisa de lábia. O cliente se arrastará pelo meio do esgoto implorando uma chance de comprar... O vendedor de junk não vende seu produto ao consumidor; vende o consumidor ao seu produto. Não melhora nem otimiza sua mercadoria. Piora a qualidade da mercadoria e otimiza o cliente. Paga seus funcionários em junk.

Junk demonstra a fórmula básica do vírus “maligno”: a Álgebra da Necessidade. A face do “mal” é sempre a face da mais absoluta necessidade. Um viciado em drogas é

alguém que precisa desesperadamente de drogas. Ao ultrapassar certa frequência, a necessidade perde qualquer limite ou controle. Nas palavras da necessidade absoluta: “Você não faria o mesmo?”. Sim, faria. Você mentiria, enganaria, delataria seus amigos, roubaria, faria *qualquer coisa* para satisfazer essa necessidade absoluta. Porque você estaria em um estado completamente doente, totalmente possuído, sem condição alguma de agir de outra forma. Viciados em drogas são pessoas doentes, que não conseguem fazer diferente do que fazem. Um cão raivoso não tem escolha senão morder. Ser hipócrita e moralista a esse respeito não ajuda em nada, a menos que você tenha a intenção de manter o vírus da junk funcionando. E a indústria da junk é colossal. Lembro-me de uma conversa que tive com um americano que trabalhava para a Comissão da Aftosa no México. Seiscentos dólares por mês, com despesas pagas:

— Quanto tempo vai durar essa epidemia? — eu quis saber.

— Pelo tempo que conseguirmos mantê-la ativa... E sim... talvez a aftosa chegue à América do Sul — declarou, com os olhos vidrados.

Se você quiser alterar ou aniquilar uma pirâmide de números que possua uma relação em série, você altera ou remove o último número. Se quisermos aniquilar a pirâmide da junk, devemos começar com a base da pirâmide: o Viciado nas Ruas, e acabar com as perseguições quixotescas aos chamados “chefões do tráfico”, pois todos eles são imediatamente substituíveis. *O viciado nas ruas, que precisa de junk para viver, é o único fator insubstituível na equação da junk.* Quando

não houver mais dependentes para comprar junk, não haverá mais tráfico de junk. Enquanto alguém precisar de junk, haverá quem ofereça o produto.

Dependentes podem ser curados ou postos em quarentena — isto é, receber permissão para consumir uma ração controlada de morfina, supervisionados como vítimas de febre tifoide. Quando isso for feito, desabarão as pirâmides de junk do mundo todo. Até onde sei, a Inglaterra é o único país que adota esse método para lidar com o problema da junk. Existem cerca de quinhentos dependentes em quarentena no Reino Unido. Na próxima geração, quando os dependentes em quarentena morrerem e forem descobertos analgésicos baseados em princípios ativos não opioides, o vírus da junk será como a varíola, uma página virada — uma curiosidade médica.

A vacina capaz de relegar o vírus da junk a um passado esquecido já existe. Chama-se “Tratamento com Apomorfina”, e foi descoberto por um médico inglês cujo nome não revelarei até receber permissão para usá-lo e citar passagens de seu livro que documenta três décadas do uso de apomorfina no tratamento de viciados em drogas e álcool. Apomorfina é um composto formado ao se ferver morfina com ácido hidrocloreídrico. Foi descoberta anos antes de ser usada no tratamento de dependentes. Por muitos anos o único uso da apomorfina, que não possui nenhuma propriedade narcótica ou analgésica, foi como emético para induzir vômitos em casos de envenenamento. Age diretamente nos centros do cérebro posterior que controlam o vômito.

Encontrei essa vacina quando estava no fundo do poço da junk. Vivia em um quarto no Bairro Nativo de Tânger.

Não tomava banho havia um ano nem trocava ou tirava as roupas para nada a não ser enfiar uma agulha na carne fibrosa, desbotada e rígida da dependência terminal, coisa que fazia de hora em hora. Nunca limpava ou tirava o pó do quarto. Ampolas vazias, caixas e toda espécie de lixo formavam uma pilha que chegava ao teto. Não havia mais luz ou água, cortadas havia muito por falta de pagamento. Eu não fazia absolutamente nada. Conseguia ficar olhando para a ponta do meu sapato por oito horas a fio. Só me animava a fazer algo quando terminava a areia na ampulheta da junk. Se algum amigo aparecia para me visitar (e isso raramente acontecia, pois não havia mais quem ou o que visitar), eu ficava ali sentado, sem me importar se ele ingressara em meu campo de visão — uma tela acinzentada, cada vez mais vazia e tênue — ou se acabara de deixá-lo. Se meu amigo morresse ali mesmo, eu teria continuado a encarar a ponta do meu sapato, esperando o momento de vasculhar seus bolsos. Você não faria o mesmo? Tudo isso porque eu nunca tinha junk suficiente — ninguém tem, nunca. Nem dois gramas de morfina por dia eram o bastante. Longas esperas em frente à farmácia. O atraso é uma regra no ramo da junk. O Cara está sempre atrasado. Isso não é acidental. Não existem acidentes no mundo da junk. O dependente reaprende por vezes sem conta o que lhe acontecerá caso não obtenha sua ração de junk. Consiga logo esse dinheiro, senão... E de repente meu consumo começou a crescer mais e mais. Três, quatro gramas por dia. E ainda assim não era suficiente. E eu não tinha como pagar.

Eu estava ali, com meu último cheque nas mãos, quando me dei conta de que aquele era meu último

cheque. Embarquei no voo seguinte para Londres.

O médico me explicou que a apomorfina age no cérebro posterior, regulando o metabolismo e normalizando a corrente sanguínea de modo que o sistema enzimático da dependência seja destruído em quatro ou cinco dias. Assim que o cérebro posterior é regulado, a apomorfina pode deixar de ser administrada, sendo usada somente em casos de recaída. (Ninguém tomaria apomorfina por prazer. *Nenhum caso de dependência de apomorfina jamais foi registrado.*) Concordei em receber tratamento e me internei em uma clínica. Durante as primeiras vinte e quatro horas fiquei literalmente insano, totalmente paranoico, como acontece com a maioria dos dependentes em abstinência severa. Tal delírio dispersou-se por vinte e quatro horas de tratamento intensivo com apomorfina. O médico me mostrou a tabela. Tomei quantidades diminutas de morfina, insuficientes para serem responsáveis pela falta de sintomas mais severos da abstinência, como câibras na perna e na barriga, febre e meu sintoma particular, a Queimadura Fria, que é como se o corpo estivesse tomado de urticária e recebesse uma massagem com mentol. Todo dependente tem seu sintoma particular, que foge a qualquer controle. Faltava um fator na equação da abstinência — e isso só podia ser culpa da apomorfina.

Percebi que o tratamento com apomorfina realmente funcionava. Oito dias mais tarde, deixei a clínica comendo e dormindo normalmente. Fiquei completamente longe da junk por dois anos inteiros — um recorde em doze anos. Tive uma recaída durante alguns meses, em razão de dor e de doença. Outro

processo de terapia com apomorfina me manteve longe da junk até o momento em que escrevo estas linhas.

A terapia com apomorfina é qualitativamente diversa de qualquer outro método terapêutico. Experimentei todos eles. Redução abrupta, redução gradual, cortisona, anti-histamínicos, tranquilizantes, terapias do sono, Tolserol,*** reserpina. Nenhuma dessas terapias foi capaz de resistir à primeira oportunidade de recaída. Posso dizer com convicção que nunca fui curado *metabolicamente* até me submeter à terapia com apomorfina. As assustadoras estatísticas de recaída do Lexington Narcotic Hospital levaram os médicos a afirmar que a dependência não tem cura. Até onde sei, em Lexington utiliza-se uma terapia de redução auxiliada por Dolofina, e a apomorfina nunca foi experimentada. Na verdade, esse método de tratamento foi largamente negligenciado. Nenhuma pesquisa foi feita com variantes da fórmula da apomorfina, nem com sintéticos. Não tenho dúvidas de que substâncias cinquenta vezes mais fortes que a apomorfina possam ser desenvolvidas, eliminando o vômito como efeito colateral.

A apomorfina é um regulador metabólico e psíquico, cujo uso pode ser interrompido assim que a substância tenha cumprido sua missão. O mundo está submerso em tranquilizantes e estimulantes, mas esse regulador peculiar não recebeu atenção alguma. Nenhuma pesquisa foi feita por nenhuma das maiores indústrias farmacêuticas. Imagino que a pesquisa com variações da apomorfina e sua síntese abrirá uma nova fronteira na medicina, indo muito além do problema da dependência.

Um grupo ruidoso de lunáticos antivacinação se opôs à vacina contra a varíola. Não duvido que gritos de

protesto irrompam de indivíduos desequilibrados ou com interesses escusos assim que o vírus da junk começar a ser debelado. A junk é um negócio gigantesco; como sempre, existem manivelas e seus operadores. Não se deve permitir que interfiram no trabalho essencial de tratamento por inoculação e quarentena. *O vírus da junk é o maior problema de saúde pública do mundo atual.*

Como *Almoço nu* trata desse problema de saúde, não pode deixar de ser um livro brutal, obsceno e repulsivo. Muitas doenças têm detalhes repugnantes, inadequados aos que possuem estômago mais fraco.

Certos trechos do livro, considerados pornográficos, foram escritos como um manifesto contra a Pena Capital, à moda de *Uma proposta modesta* de Jonathan Swift. Tais trechos têm a intenção de desnudar a pena capital como o anacronismo obsceno, bárbaro e repugnante que é. Como sempre, o almoço está nu. Se os países civilizados desejam um retorno aos Rituais de Enforcamento dos Druidas nos Bosques Sagrados, ou beber sangue com os astecas alimentando seus deuses com sangue de sacrifícios humanos, que tenham plena consciência do que realmente estão comendo e bebendo. Que vejam de perto o conteúdo das colheres compridas servidas a eles pelos jornais.

Uma continuação de *Almoço nu* está quase pronta. É uma extensão matemática da Álgebra da Necessidade, para além do vírus da junk. Pois existem diversas formas de dependência, e creio que todas elas obedecem a leis básicas. Nas palavras de Heisenberg: “Este pode não ser o melhor dos universos, mas pode acabar se provando um dos mais simples”. Se o homem for capaz de *perceber*.

* Dextromoramida.

** Metadona.

*** Mefenesina.

Pós-escrito: Você não faria o mesmo?

Falando por mim, e se um homem falar de qualquer outro modo é melhor sair à cata de seu pai-protoplasma ou sua célula-mãe, *não quero mais ouvir essa velha conversa de junky trambiqueiro...* As mesmas coisas repetidas mais de um milhão de vezes, e não faz sentido falar qualquer coisa porque *NADA jamais acontece* no mundo da junk.

A única desculpa para trilhar esse caminho manjado e mortal é A EXCITAÇÃO que toma conta quando o circuito da junk é desconectado por falta de pagamento e a pele junkie morre de falta de junk e overdose de tempo, e a Velha Pele esqueceu todos os macetes do jogo otimizando um caminho por sob o disfarce da junk do jeito que as peles costumam fazer... Uma condição de exposição absoluta vem à tona quando o Viciado Sem Droga não tem outra escolha senão ver, cheirar e escutar... Cuidado com os carros...

Está bem claro que a junk é uma espécie de “volta ao mundo empurrando uma pelota de ópio com o nariz”. É coisa para escaravelhos — para vagabundos que

tropeçam no lixo da rua para em seguida ser levados embora pela coleta. Cansei de ver isso acontecendo.

Junkies vivem se queixando do *Frio*, como gostam de dizer, erguendo as lapelas de seus casacos negros e encolhendo seus pescoços enrugados... conversa fiada de junky. Um junky não quer estar quentinho, quer ficar frio — bem frio — GELADO. Mas seu desejo pelo Frio é como seu desejo pela junk — não o quer DO LADO DE FORA, onde não lhe adianta para nada, mas DO LADO DE DENTRO, para que ele possa ficar sentado com uma coluna vertebral que mais parece um macaco hidráulico congelado... seu metabolismo chegando perto do ZERO absoluto. Dependentes TERMINAIS chegam a passar dois meses sem evacuar, fazendo com que seus intestinos resolvam desenvolver pregas — você não faria o mesmo? — que exigem a intervenção de um descaroçador de maçãs ou seu equivalente cirúrgico... Assim é a vida na Velha Casa de Gelo. Por que ficar andando por aí, perdendo TEMPO?

Ainda Cabe Mais Um, Meu Senhor.

Algumas entidades funcionam à base de viagens termodinâmicas. Então inventaram a termodinâmica... Você não faria o mesmo?

E outros de nós estão em busca de Viagens Diferentes, e isso é do conhecimento de todos, bem como eu gosto de ver o que como e vice-versa mutatis mutandis se for o caso. *Almoço nu no Bar e Restaurante do Bill...* Pode subir as escadas... Que venham os jovens e os idosos, os humanos e as bestas. Nada melhor que um pouco de elixir de enganar trouxas para azeitar as engrenagens e reger o pináculo do espetáculo. De que lado você está?

Da Hidráulica Con-ge-la-da? Ou quer dar uma volta com Bill, o Honesto?

Esse é o Problema Mundial de Saúde que citei lá no artigo. A Perspectiva Diante de Nós, MEUS amigos. Por acaso estou ouvindo alguém resmungar sobre uma navalha e um vigarista de quinta categoria que dizem ter inventado as leis de Bill? Você não faria o mesmo? A navalha pertencia a um homem chamado Ockham, que não colecionava cicatrizes. Ludwig Wittgenstein *Tractatus Logico-Philosophicus*: “Se uma proposição NÃO É NECESSÁRIA, NÃO TEM SENTIDO e aproxima-se de SIGNIFICADO ZERO”.

— E o que seria ainda mais DESNECESSÁRIO que a junk quando Você Não Precisa Dela?

Resposta: Junkies, quando você não usa JUNK.

Vou contar uma coisa para vocês, meninos, já escutei todo tipo de conversa fiada, mas nenhuma CATEGORIA PROFISSIONAL chega perto da termodinâmica da junk e sua velha lenti-DÃO. Um viciado em heroína dificilmente fala alguma coisa, e isso eu consigo tolerar. Mas um “Fumante” de Ópio é mais ativo, pois ainda lhe restam uma tenda e uma lamparina... e talvez 7-9-10 esparramados por ali como répteis hibernantes mantendo a temperatura adequada ao Nível de Conversação: Como os outros junkies não valem nada mas NÓS — NÓS temos esta tenda e esta lamparina e esta tenda e esta lamparina e esta tenda e é quente e gostoso aqui dentro é quente e gostoso e AQUI DENTRO é gostoso e LÁ FORA É FRIO... É FRIO LÁ FORA onde os comedores de lixo e os carinhas que brincam com agulhas não vão durar nem dois anos nem seis meses nem nadinha de nada ficam tropeçando por aí sem ter a mínima classe... Mas nós FICAMOS SENTADOS AQUI e nunca aumentamos nossa

DOSE... nunca — nunca aumentamos a dose nunca menos HOJE À NOITE que é uma OCASIÃO ESPECIAL com todos esses comedores de lixo e esses carinhas que brincam com agulhas passando frio lá fora... A gente nunca come o ópio nunca nunca nunca come não... Perdão peço licença pois viajarei até a Fonte das Cápsulas de Vida que todos trazemos no bolso e pelotas de ópio enfiadas no cu dentro de uma dedeira na companhia das Joias da Família e daquela merda toda.

Ainda cabe mais um, meu senhor.

Bem quando a gravação recomeça pela bilionésima vez sem que ninguém troque a fita nós não junkies tomamos uma atitude drástica e os homens se distinguem dos meninos que usam junk.

Só existe uma maneira de ficar protegido desse perigo horrendo, que é vir até AQUI e morar com Caríbdis...* Trata você direitinho, garoto... Doces e cigarros.

Passei quinze anos naquela tenda. Entrei e saí entrei e saí entrei e SAÍ. *Câmbio e desligo*. Sendo assim, escutem seu Velho Tio Bill Burroughs, que inventou o Esquema de Regulagem da Calculadora Burroughs baseado no Princípio do Macaco Hidráulico: não importa como você gire a manivela, o resultado é sempre o mesmo para certas coordenadas. Fui treinado bem cedo... Você não faria o mesmo?

Bebês paregóricos do mundo, uni-vos. Não temos nada a perder, exceto Nossos Traficantes. E ELES são DESNECESSÁRIOS.

Prestem atenção, PRESTEM ATENÇÃO nessa velha trilha da junk antes de resolver viajar por ela e acabar se metendo com a Turma Errada...

É um conselho que dou aos espertos.

* Nífa da mitologia grega, filha de Gaia e Posêidon, transformada por Zeus em um monstro marinho. Na *Odisseia*, é um dos perigos enfrentados por Ulisses em sua viagem de regresso a Ítaca.

Reflexões tardias sobre um depoimento

Quando afirmei não ter lembrança alguma de ter escrito *Almoço nu*, é claro que estava exagerando, e recomendo que todos tenham em mente que a memória possui diversas regiões. Como a junk é um analgésico, anestesia também a dor e o prazer implícitos na consciência. Enquanto a memória factual de um dependente pode ser realmente precisa e vasta, sua memória emocional tende a ser limitada e, no caso da dependência grave, aproxima-se do zero afetivo.

Quando afirmei que “o vírus da junk é o maior problema de saúde pública do mundo atual”, não estava me referindo somente aos efeitos danosos dos opiáceos sobre a saúde dos indivíduos (que, em casos de dosagens controladas, podem ser mínimos), mas também à histeria que o uso de drogas costuma causar nas massas preparadas pela mídia e pelos agentes de narcóticos para ter reações históricas.

Em sua forma atual, o problema da junk começou com a Lei Harrison de Narcóticos, decretada em 1914 nos Estados Unidos. Agora a histeria antidrogas espalhou-se por todo o mundo e, onde quer que apareça, consiste em

uma ameaça mortal às liberdades pessoais e à aplicação correta das garantias legais.

Outubro de 1991

Carta de um perito no vício em drogas perigosas¹

3 de agosto de 1956, Veneza

Caro doutor,

Agradeço sua carta. Incluo anexado aquele artigo sobre os efeitos das várias drogas que usei. Não sei se é adequado ao seu periódico. Não faço objeções ao uso de meu nome.

Nenhum problema com álcool. Nenhuma vontade de usar qualquer droga. Estado geral de saúde excelente. Por favor, mande lembranças ao sr. _____. Faço uso diário de seu sistema de exercícios, com resultados excelentes.

Penso em escrever um livro a respeito de drogas narcóticas, caso consiga encontrar um colaborador adequado para lidar com as questões técnicas.

Sinceramente,
William Burroughs

O uso do ópio e de seus derivados conduz a um estado que define limites e descreve o sentido de “vício”. (O termo é usado livremente para indicar qualquer coisa a

que alguém esteja acostumado ou que deseje com intensidade. Falamos de vício em doces, café, tabaco, temperatura amena, televisão, histórias policiais e palavras cruzadas.) De tão mal aplicado, o termo tende a perder qualquer utilidade mais precisa enquanto definição. O uso de morfina leva a uma dependência metabólica dessa substância. O consumo de morfina torna-se uma necessidade biológica, como a ingestão de água, e o usuário pode morrer caso interrompa bruscamente seu uso. Um diabético morrerá se não puder usar insulina, mas não é viciado em insulina. Sua necessidade de insulina não é resultado do uso de insulina. Ele precisa de insulina para manter um metabolismo normal. O viciado precisa da morfina para manter um metabolismo dependente da morfina, e assim evitar as dores indescritíveis de um retorno ao metabolismo normal.

Usei uma série de drogas “narcóticas” no decorrer de um período de vinte anos. Algumas dessas drogas são “viciantes” no sentido exposto acima, enquanto a maior parte delas não causa dependência:

Opiáceos: Durante um período de doze anos fiz uso de ópio, fumado e ingerido por via oral (injeções subcutâneas causam abscessos; injeções intravenosas são desagradáveis, talvez até perigosas), de heroína em injeções subcutâneas, intravenosas e musculares, inalada (quando não havia agulha disponível), de morfina, Dilaudid, Pantopon, Eucodal, paracodeína, Dionina, codeína, Demerol e metadona. Todas elas causam dependência em algum grau. O método de administração não faz muita diferença: seja fumada,

inalada, injetada, ingerida ou introduzida no reto por meio de supositório, acabará estimulando o vício. Parar de fumar um opiáceo é tão difícil quanto deixar de aplicá-lo na veia. O conceito de que o consumo injetável é particularmente nocivo deriva de um medo irracional de agulhas (“injeções contaminam a corrente sanguínea” — como se a corrente sanguínea fosse menos suscetível a contaminações por substâncias absorvidas pelo estômago, pelos pulmões ou pelas mucosas). É provável que Demerol cause menos dependência que morfina. É também menos satisfatório para o viciado, e menos eficaz como analgésico. Ainda que seja mais fácil abandonar o vício em Demerol que um vício em morfina, não há dúvidas de que o Demerol é mais nocivo para a saúde, especialmente para o sistema nervoso. Certa vez usei Demerol por três meses e desenvolvi uma série de sintomas perturbadores: tremor nas mãos (quando usava morfina, minhas mãos estavam sempre firmes), perda crescente de coordenação motora, contrações musculares, obsessões paranoides e medo de enlouquecer. Acabei desenvolvendo uma oportuna resistência ao Demerol — uma medida de autopreservação, sem dúvida — e mudei para a metadona. Todos os meus sintomas desapareceram imediatamente. Devo adicionar que o Demerol causa constipações tão fortes quanto a morfina e exerce um efeito depressivo ainda mais severo no apetite e nas funções sexuais, apesar de não contrair as pupilas. Com o passar dos anos, apliquei-me milhares de injeções com agulhas não esterilizadas (sujas, para ser mais exato), e nunca contraí nenhum tipo de infecção até fazer uso de Demerol. Então caí vítima de uma série de abscessos,

um dos quais precisou ser curetado e drenado. Em resumo, o Demerol me parece uma droga mais perigosa que a morfina. A metadona, um analgésico fabuloso, é completamente satisfatória para o viciado e causa uma dependência no mínimo idêntica à da morfina.

Consumi morfina para combater dores agudas. Qualquer opiáceo que tem sucesso em aliviar a dor possui idêntica capacidade de aliviar os sintomas da abstinência. A conclusão é óbvia: qualquer opiáceo que alivie a dor causa dependência, e quanto mais eficaz se demonstrar no alívio da dor, maior dependência deverá causar. Na morfina, a molécula causadora de dependência e a molécula analgésica são provavelmente idênticas, e o processo através do qual a morfina alivia a dor é o mesmo processo que leva à tolerância e ao vício. Uma morfina que não cause dependência parece ser a mais recente pedra filosofal. Por outro lado, variações da apomorfina podem demonstrar eficácia extrema no controle da síndrome de abstinência. Mas não devemos esperar que tal droga também tenha ação analgésica.

Como as características do vício em morfina são amplamente conhecidas, não vejo motivos para discuti-las aqui. Alguns pontos, contudo, parecem-me ter recebido atenção insuficiente: foi observada a incompatibilidade metabólica entre a morfina e o álcool, mas até onde sei ninguém apresentou uma explicação para esse fenômeno. Se um dependente de morfina consumir álcool, não experimenta nenhum tipo de sensação agradável ou eufórica. Aos poucos vai surgindo uma sensação crescente de desconforto e a necessidade de aplicar mais uma dose. O álcool parece ser suprimido, talvez pelo fígado. Certa vez tentei beber álcool durante

uma convalescença de icterícia (naquela época, não estava usando morfina). A sensação metabólica foi idêntica. Em um dos casos o fígado estava parcialmente desativado por conta da icterícia, e no outro estava literalmente preocupado com o metabolismo da morfina. Em nenhum dos casos mostrou-se capaz de metabolizar o álcool. Se um alcoólatra tornar-se dependente de morfina, a morfina acabará substituindo inteiramente o álcool. Conheci diversos alcoólatras que começaram a usar morfina. De início já eram capazes de tolerar doses generosas de morfina (sessenta e cinco miligramas por dose) sem experimentar efeitos nocivos, e em questão de dias suspendiam qualquer uso de álcool. O oposto nunca acontece. O viciado em morfina não tolera o álcool quando está usando morfina ou passando pela abstinência de morfina. Qualquer tolerância ao álcool é um sinal inconfundível de desintoxicação. Assim sendo, o álcool nunca poderá ser substituído diretamente por morfina. Obviamente, depois de desintoxicado um dependente pode começar a beber e vir a tornar-se um alcoólatra.

No decorrer da abstinência, o dependente adquire uma consciência profunda de tudo que o rodeia. Impressões sensoriais são aguçadas a ponto de se confundir com alucinações. Objetos familiares parecem dotados de vida estranha e furtiva. O dependente está sujeito a um bombardeio de sensações, tanto externas quanto viscerais. Pode experimentar clarões de beleza e nostalgia, mas a impressão geral é terrivelmente dolorosa. (Talvez as sensações sejam dolorosas por conta de sua intensidade. Uma sensação agradável pode

tornar-se intolerável depois que atinge certa intensidade.)

Percebi duas reações específicas no início da abstinência: 1) tudo parece ameaçador; 2) paranoia leve. Médicos e enfermeiras parecem monstros malignos. No decorrer das mais diversas terapias, sempre me senti cercado por lunáticos perigosos. Conversei com um dos pacientes do dr. Dent, que acabara de se desintoxicar do vício em petidina. Mencionou uma experiência idêntica, afirmando que por vinte e quatro horas as enfermeiras e o médico “pareciam desumanos e repugnantes”. E tudo à sua volta parecia azul. Conversei também com outros dependentes, que mencionaram as mesmas reações. Desse modo, a base psicológica das noções paranoides durante a abstinência parece óbvia. A similaridade específica entre tais reações indica uma origem metabólica comum. Há uma similaridade gritante entre características da abstinência e certos estados da intoxicação por drogas. Haxixe, *Banisteriopsis caapi* (harmina) e o peiote (mescalina) produzem estados de sensibilidade aguda, com viés alucinatório. Tudo parece dotado de vida. Ideações paranoides são frequentes. A intoxicação com *Banisteriopsis caapi* reproduz especificamente o estado da abstinência. Tudo parece ameaçador. Ideias paranoides aparecem, especialmente com a overdose. Depois de ingerir *Banisteriopsis caapi*, fiquei convencido de que o Curandeiro e seu aprendiz tinham planos de me assassinar. Parece que os estados metabólicos do corpo são capazes de reproduzir os efeitos das mais diversas drogas.

Nos Estados Unidos, os viciados em heroína estão recebendo involuntariamente uma terapia por redução

aplicada pelos traficantes que cada vez mais diluem seu produto com leite em pó, açúcar e barbitúricos. Como resultado, os viciados que buscam tratamento sofrem de uma forma leve de dependência, podendo ser completamente desintoxicados em um curto espaço de tempo (de sete a oito dias). Recuperam-se rapidamente, sem uso de medicação. Nesse meio-tempo, qualquer droga tranquilizante, antialérgica ou sedativa trará algum alívio, especialmente se administrada por via injetável. O viciado sente-se melhor quando sabe que alguma substância estranha está atravessando sua corrente sanguínea, Tolserol, *Thorazine*² e “tranquilizantes” do mesmo quilate, todo tipo de barbitúricos, hidrato de cloral e paraldeído, anti-histamínicos, cortisona, reserpina e até mesmo eletrochoques (será que ainda falta muito para a lobotomia?) já foram utilizados com resultados que costumam ser descritos como “encorajadores”. Minha experiência pessoal indica que tais resultados devem ser encarados com alguma reserva. É evidente que o tratamento sintomático é indicado, e todas essas drogas (com exceção das drogas de uso mais comum: os barbitúricos) têm seu lugar no tratamento da síndrome de abstinência. Mas, em si, nenhuma dessas drogas resolve o problema da abstinência. Os sintomas da abstinência variam de acordo com o metabolismo individual e o tipo físico. Indivíduos com tórax em quilha, os alérgicos a pólen e os asmáticos sofrem tremendos sintomas alérgicos durante a abstinência: coriza, espirros, queimação, olhos lacrimejantes e dificuldades para respirar. Cortisona e drogas anti-histamínicas podem ser de grande valia em

tais casos. Os vômitos podem ser controlados com drogas antieméticas, como Thorazine.

Passei por dez “terapias” no decurso das quais todas essas drogas foram utilizadas. Fui submetido a reduções abruptas de consumo, reduções graduais, sono prolongado, apomorfina, anti-histamínicos, um método francês que envolvia um produto inútil conhecido como “amorfinina” e todo o resto, com exceção de eletrochoques. (Tenho interesse em ser informado sobre o resultado de novos experimentos com eletroconvulsoterapia realizados em outras pessoas.) O sucesso de qualquer tratamento depende do grau e da duração da dependência, da etapa da abstinência (drogas que se demonstram eficazes nas fases tardias da abstinência ou em abstinências leves podem ter resultados desastrosos na fase aguda), de sintomas individuais, do estado de saúde, da idade etc. Um método de tratamento pode ser totalmente ineficaz em uma ocasião, mas dar resultados excelentes em outra. Um tratamento que de nada me serve pode ajudar outra pessoa. Não tenho intenção alguma de proferir julgamentos definitivos, desejo somente registrar minhas próprias reações às diversas drogas e métodos de tratamento.

Terapias por redução de consumo: São as formas de tratamento mais comuns, e ainda não foi descoberto nenhum método capaz de substituí-las em casos de dependência severa. É necessário administrar um pouco de morfina ao paciente. Se existe alguma regra aplicável a todos os casos de dependência, é esta. Mas a morfina deve ser suspensa o mais rápido possível. Fui submetido a diversas terapias de redução gradual, e em todos os

casos o resultado foi a perda de ânimo com o tratamento e a inevitável recaída. Uma terapia de redução imperceptível provavelmente será uma terapia sem resultados. Quando um viciado busca tratamento, na maioria das vezes já teve diversas experiências dos sintomas da abstinência. Sabe que uma provação desagradável está à sua espera e se prepara para resistir a ela. Mas se o sofrimento da abstinência estender-se por dois meses em vez de dez dias, ele pode não ser capaz de suportá-lo. O que acaba com a vontade de resistir não é a intensidade da dor, mas sua duração. Se o viciado puder consumir qualquer quantidade, por menor que seja, de algum opiáceo para suavizar a fraqueza, a insônia, o tédio e o nervosismo da abstinência tardia, os sintomas da abstinência vão se prolongar por um período de tempo indeterminado e a recaída pode ser dada como quase certa.

Sono prolongado: Parece bom na teoria. Você vai dormir e acorda curado. Doses industriais de cloridratos, barbitúricos e Thorazine produziram em mim não mais que um estado pesadelesco de semiconsciência. Depois de cinco dias, a abstinência de sedação causou um choque severo, seguido de sintomas de abstinência aguda de morfina. O resultado foi uma síndrome composta de horror sem paralelos. Nenhum dos tratamentos aos quais me submeti foi tão doloroso quanto esse método supostamente indolor. O ciclo de sono e vigília sofre perturbações profundas durante a abstinência. Perturbá-lo ainda mais com sedação maciça parece no mínimo contraditório. Por si só, a abstinência de morfina é suficientemente traumática e não precisa ser acompanhada pela abstinência de barbitúricos.

Depois de duas semanas no hospital (cinco dias sedado, dez dias de “descanso”), eu ainda estava tão fraco que desmaiei ao tentar subir uma ladeira pouco íngreme. Considero o sono prolongado o pior de todos os métodos para tratar a abstinência.

Anti-histamínicos: O uso de anti-histamínicos baseia-se na teoria alérgica da abstinência. A súbita abstinência de morfina precipita uma produção exagerada de histamina, com os consequentes sintomas alérgicos. (Em casos de choque decorrente de ferimentos traumáticos com dor aguda, vastas quantidades de histamina são liberadas no sangue. Na dor aguda, assim como na dependência, doses potencialmente tóxicas de morfina são facilmente toleradas. Coelhos, que possuem uma alta taxa de histamina no sangue, são extremamente resistentes à morfina.) Minha experiência pessoal com os anti-histamínicos não foi conclusiva. Certa vez me submeti com bons resultados a uma terapia na qual se usavam somente anti-histamínicos. Mas naquela época minha dependência era leve, e eu já estava sem morfina havia setenta e duas horas quando a terapia teve início. Desde então criei o hábito de utilizar anti-histamínicos para tratar sintomas de abstinência, mas os resultados foram frustrantes. Na verdade, parecem piorar minha depressão e minha irritabilidade. (Não sofro dos típicos sintomas alérgicos.)

Apomorfina: Apomorfina é sem dúvida alguma o melhor método de tratamento da abstinência a que fui submetido. Não elimina completamente os sintomas da abstinência, mas consegue reduzi-los a um nível tolerável. Os sintomas agudos, como câibras na barriga e nas pernas e estados maníacos ou convulsivos, são

completamente controlados. A terapia com apomorfina gera menos desconforto que uma terapia por redução de consumo. A recuperação é mais rápida e mais completa. Eu nunca tinha me sentido completamente curado de meu desejo por morfina até ser submetido à terapia com apomorfina. Talvez o desejo “psicológico” pela morfina, quando persiste depois de uma terapia, não seja de modo algum psicológico, mas metabólico. Variações mais potentes da fórmula da apomorfina podem se provar qualitativamente mais efetivas em tratar todos os tipos de dependência.

Cortisona: Cortisona parece oferecer certo alívio, especialmente quando aplicada de forma intravenosa.

Thorazine: Proporciona algum alívio para os sintomas da abstinência, mas nada considerável. Apresenta como efeitos colaterais depressão, perturbações visuais e indigestão, o que anula seus duvidosos benefícios.

Reserpina: Nunca percebi efeito algum dessa droga, exceto uma leve depressão.

Tolserol: Resultados insignificantes.

Barbitúricos: Prescrever barbitúricos é uma prática comum no tratamento da insônia causada pela abstinência. Na realidade o uso de barbitúricos atrasa a volta do sono normal, prolonga todo o período de abstinência e pode levar à recaída. (O dependente fica tentado a tomar um pouco de codeína ou paregórico com seu Nembutal. Quantidades diminutas de opiáceos, que seriam praticamente inócuas para uma pessoa normal, imediatamente restabelecem a dependência em um viciado que se submeteu a um tratamento.) Não tenho dúvidas de que minha experiência confirma a declaração do dr. Dent: barbitúricos são contraindicados.

Hidrato de cloral e paraldeído: Se um sedativo for realmente necessário, talvez sejam preferíveis aos barbitúricos, mas a maioria dos dependentes vomitará o paraldeído na mesma hora.

Por iniciativa própria, também experimentei as seguintes drogas durante a abstinência:

Álcool: Absolutamente contraindicado em qualquer estágio da abstinência. O uso de álcool invariavelmente torna mais intensos os sintomas da abstinência e leva à recaída. O álcool só pode ser tolerado depois que o metabolismo volta ao normal. Em casos de dependência severa, isso costuma levar um mês.

Benzedrina: Pode aliviar temporariamente a depressão no último estágio da abstinência, desastrosa durante a fase aguda da abstinência, contraindicada em qualquer estágio porque leva a um estado de nervosismo para o qual a morfina é a resposta fisiológica.

Cocaína: O mesmo que foi mencionado acima, duas vezes mais forte.

Cannabis indica (maconha): No estágio final da abstinência, ou em casos de abstinência leve, pode aliviar a depressão e aumentar o apetite. Na abstinência aguda, é um desastre completo. (Certa vez fumei maconha durante o início da abstinência e os resultados foram apavorantes.) A *cannabis* é um sensibilizador. Se você está se sentindo mal, ela fará com que se sinta ainda pior. Contraindicada.

Peiote, *Banisteriopsis caapi*: Não me aventurei a experimentar. Meu cérebro entra em parafuso ao cogitar a ideia de sobrepor os efeitos da intoxicação por *Banisteriopsis* aos sintomas da abstinência aguda. Conheço um homem que dizia ter usado peiote como

droga substituta nos estágios finais da abstinência. Afirmava ter perdido todo o desejo pela morfina, mas acabou morrendo intoxicado pelo peiote.

Em casos de dependência grave, bem definida e física, os sintomas da abstinência persistem por ao menos um mês.

Nunca encontrei ou ouvi falar de um psicótico viciado em morfina. Estou falando de alguém que tenha demonstrado sintomas psicóticos durante o período de dependência de algum opiáceo. A verdade é que os dependentes são assustadoramente sãos. Talvez exista uma incompatibilidade metabólica entre a esquizofrenia e a dependência de opiáceos. Por outro lado, a abstinência de morfina costuma detonar reações psicóticas — em geral, paranoia leve. É interessante perceber que certas drogas e métodos de tratamento que dão resultados com a esquizofrenia também são de alguma utilidade na abstinência: anti-histamínicos, tranquilizantes, apomorfina e eletrochoque.

Sir Charles Sherrington definiu a dor como “o adjunto psíquico de um reflexo de defesa imperativo”.

O sistema nervoso vegetativo se expande e se contrai em resposta a ritmos viscerais e estímulos externos. Expande-se quando recebe estímulos reconhecidos como prazerosos — sexo, comida, contatos sociais agradáveis etc. — e se contrai em resposta a dor, ansiedade, medo, desconforto e tédio. A morfina altera todo esse ciclo de expansão e contração, liberação e tensão. A função sexual é desativada, os movimentos peristálticos são inibidos, as pupilas param de se retrair em resposta à luz e à escuridão. O organismo não se contrai por causa da dor nem se expande por conta de fontes normais de

prazer. Ele se ajusta ao ciclo da morfina. O dependente é imune ao tédio. Consegue passar horas encarando o próprio sapato ou simplesmente deitado na cama. Não precisa de sexo, contatos sociais, trabalho, diversão ou exercício, apenas de morfina. É possível que a morfina alivie a dor emprestando ao organismo certas qualidades de uma planta. (Não é possível que a dor possua alguma função para as plantas, que em sua maior parte são imóveis e incapazes de reflexos de defesa.)

Cientistas procuram uma espécie de morfina que não cause dependência e seja capaz de eliminar a dor sem conceder prazer, enquanto os viciados querem — ou acham que querem — sentir euforia sem criar dependência. Não entendo como seria possível separar as funções da morfina. Creio que qualquer analgésico eficaz deprime a função sexual, induz euforia e causa dependência. É bem provável que o analgésico perfeito viesse a causar dependência instantânea. (Se alguém tiver interesse em desenvolver tal droga, talvez seja bom começar pela di-hidroxi-heroína.)

O dependente existe dentro de um estado desprovido de dor, sexo e tempo. A transição de volta para o ritmo da vida animal envolve a síndrome de abstinência. Duvido que tal transição possa algum dia ser feita de modo confortável. O máximo que se pode esperar é uma abstinência sem dor.

Cocaína: De todas as drogas que já usei, a cocaína é a mais estimulante. O centro de sua euforia é a cabeça. Talvez a droga ative diretamente as conexões de prazer no cérebro. Suspeito que a aplicação de uma corrente elétrica no lugar correto produziria um efeito idêntico. O

efeito pleno da cocaína só pode ser sentido por meio de uma injeção intravenosa. Os efeitos prazerosos não duram mais que cinco ou dez minutos. Se a droga for injetada na pele, a rápida eliminação enfraquece os efeitos. Isso acontece duas vezes mais rápido quando a droga é cheirada.

É uma prática comum dos usuários de cocaína passar a noite toda aplicando a droga em intervalos de um minuto, alternando com doses de heroína, ou cocaína e heroína misturadas na mesma injeção, de modo a formar uma *speedball*. (Nunca conheci um cocainômano que não fosse também viciado em morfina.)

O desejo pela cocaína pode ser intenso. Passei dias inteiros indo de uma farmácia a outra para conseguir que me aviassem uma receita de cocaína. Você pode ansiar intensamente pela cocaína, mas não tem nenhuma necessidade metabólica da droga. Se você não consegue a cocaína, come, dorme e esquece o assunto. Já conversei com pessoas que usaram cocaína por anos a fio e de repente perderam seu acesso à droga. Nenhum deles sofreu qualquer sintoma de abstinência. De fato, é difícil imaginar como um estimulante do cérebro anterior poderia causar dependência. A dependência parece ser um monopólio dos sedativos.

O uso constante de cocaína provoca nervosismo, depressão e às vezes psicose tóxica com alucinações paranoides. O nervosismo e a depressão causados pelo uso de cocaína não são mitigados por doses adicionais da droga, mas para isso a morfina demonstra-se eficaz. O uso de cocaína por um viciado em morfina sempre leva ao aumento de frequência e volume no consumo de morfina.

Cannabis indica (haxixe, maconha): Os efeitos dessa droga foram descritos com frequência e de forma vívida: transtornos na percepção de espaço-tempo, sensibilidade aguda às impressões sensoriais, fuga de ideias, acessos de riso, bobeira. A maconha é um sensibilizador, e os resultados nem sempre são agradáveis. Consegue tornar uma situação ruim ainda pior. Depressão torna-se desespero, ansiedade vira pânico. Já mencionei minha experiência terrível com maconha durante a abstinência aguda de morfina. Certa vez ofereci maconha para um conhecido que estava levemente ansioso por algum motivo (“Todo cismado”, como ele disse). Depois de fumar meio baseado, ele de repente saltou e ficou de pé, gritando “Bateu o pavor!”, e saiu correndo da casa.

Uma característica especialmente irritante da maconha é o transtorno da orientação afetiva. Você não consegue decidir se gosta ou não de algo, se uma sensação é agradável ou desagradável.

O uso de maconha varia imensamente, de acordo com o indivíduo. Alguns fumam a toda hora, outros de vez em quando, e existe quem a odeie com fervor. Parece ser particularmente impopular entre os dependentes de morfina mais avançados, muitos dos quais têm uma visão puritana do consumo de maconha.

Nos Estados Unidos, os efeitos nocivos da maconha foram exagerados de forma grosseira. Nossa droga nacional é o álcool. Costumamos abordar o uso de qualquer outra droga com certo horror. Qualquer pessoa que se entregue a esses vícios estrangeiros merece ter sua mente e seu corpo completamente arruinados. As pessoas acreditam no que bem entendem, sem dar a

mínima para os fatos. Maconha não causa dependência. Nunca encontrei evidência alguma de efeitos nocivos causados por seu consumo moderado. O uso excessivo e prolongado pode detonar uma psicose tóxica.

Barbitúricos: Não há dúvidas de que os barbitúricos causam dependência se forem consumidos em grandes quantidades por qualquer período de tempo (cerca de um grama por dia é suficiente para causar dependência). Sua síndrome de abstinência é mais perigosa que a da morfina e consiste de alucinações acompanhadas por convulsões semelhantes às da epilepsia. Os viciados costumam se machucar ao desabar sobre pisos de cimento (pisos de cimento são um corolário habitual da abstinência repentina). Muitos morfinômanos usam barbitúricos para potencializar doses inadequadas de morfina. Alguns deles acabam também se viciando em barbitúricos.

Por quatro meses, tomei duas cápsulas de Nembutal (cem miligramas cada) todas as noites e não sofri nenhum sintoma de abstinência. A dependência de barbitúricos é uma questão de quantidade. Provavelmente não gera uma dependência metabólica, como a morfina, apenas uma reação mecânica detonada pela sedação excessiva do cérebro anterior.

O viciado em barbitúricos oferece um espetáculo impressionante. Não consegue se coordenar, tropeça, desaba de assentos nos bares, cai no sono no meio de uma frase, deixa a comida cair da boca. É confuso, briguento e tolo. E quase sempre usa outras drogas, qualquer uma que cair em sua mão: álcool, benzedrina, opiáceos, maconha. Na sociedade dos dependentes, os

usuários de barbitúricos são desprezados: “Esses vagabundos que tomam bola não têm a mínima classe”. O passo seguinte é misturar leite com gás de carvão ou cheirar amônia de dentro de um balde — “A droga das faxineiras”.

Em minha opinião, os barbitúricos causam a pior de todas as formas de dependência: repugnante para os olhos, degenerante para o usuário e difícil de tratar.

Benzedrina: Como a cocaína, é um estimulante cerebral. Grandes doses causam sonolência prolongada, com sentimentos de euforia. Esse período é seguido por uma depressão horrível. A droga tende a piorar a ansiedade. Causa indigestão e perda de apetite.

Conheço apenas um caso em que sintomas claros surgiram durante a abstinência de benzedrina. Uma conhecida minha usou uma quantidade incrível de benzedrina por seis meses. Durante esse período, desenvolveu uma psicose tóxica e passou dez dias no hospital. Continuou a usar benzedrina, mas parou de repente. Teve um ataque parecido com asma. Não conseguia respirar e ficou roxa. Dei a ela uma dose de anti-histamínico (Thephorin),³ que proporcionou alívio imediato. Os sintomas não reapareceram.

Peiote (mescalina): Sem dúvida um estimulante. Dilata as pupilas e deixa o indivíduo alerta. Causa fortes náuseas. Os usuários têm dificuldade de manter a droga dentro de si por tempo suficiente para perceber seu efeito, que em alguns aspectos é semelhante ao da maconha. Aumenta a sensibilidade às impressões sensoriais, especialmente às cores. A intoxicação com

peiete detona uma consciência vegetal peculiar, uma espécie de identificação com a planta. Tudo parece com um cacto de peiete. É fácil entender por que os índios acreditam que no interior do peiete reside um espírito.

Overdose de peiete pode causar paralisia respiratória e morte. Conheço apenas um caso. Não há motivos para acreditar que o peiete causa dependência.

Banisteriopsis caapi (harmina, banisterina, telepatina): *Banisteriopsis caapi* é um cipó de crescimento rápido. Ao que parece, seu princípio ativo é encontrado nos ramos do cipó recém-cortado. A casca interior é considerada mais ativa, e as folhas nunca são usadas. É preciso uma quantidade considerável de cipó para sentir os efeitos plenos da droga. Para uma pessoa, são necessários cinco pedaços de vinte centímetros do cipó. O cipó é esmagado e fervido por duas horas ou mais, acompanhado pelas folhas de um arbusto identificado como *Palicourea* fam. *rubiaceae*.

Iagê ou ayahuasca (os nomes indígenas mais comuns para a *Banisteriopsis caapi*): É um narcótico alucinógeno que proporciona um profundo desregramento dos sentidos. Em grandes quantidades, é venenosa e causa convulsões. Como antídoto podem ser usados barbitúricos ou outro sedativo anticonvulsivante de potência comparável. Qualquer pessoa que esteja tomando iagê pela primeira vez deve ter consigo um sedativo para usar no caso de uma overdose.

As propriedades alucinógenas do iagê inspiraram os curandeiros a utilizá-lo para fortalecer seus poderes. Também o utilizam como panaceia no tratamento de diversas doenças. Como o iagê baixa a temperatura

corporal, tem alguma utilidade no tratamento da febre. É um anti-helmíntico poderoso, indicado no tratamento de verminoses estomacais ou intestinais. O iagê induz a um estado de anestesia consciente e costuma ser usado em ritos nos quais os iniciados precisam submeter-se a provações dolorosas, como ser chicoteados com cipós ou picados por formigas.

Até onde descobri, apenas o cipó recém-cortado é ativo. Não encontrei maneira alguma de desidratar, extrair ou conservar seu princípio ativo. Nenhuma espécie de tintura provou-se eficaz. O cipó desidratado é completamente inócuo. A farmacologia do iagê requer pesquisas em laboratório. Sendo o extrato grosseiro um narcótico alucinógeno tão poderoso, é possível que efeitos ainda mais espetaculares possam ser obtidos com variações sintéticas. É sem dúvida uma questão que inspira pesquisas adicionais.⁴

Nunca observei qualquer efeito nocivo que possa ser atribuído ao uso de iagê. Os curandeiros que o utilizam continuamente no cumprimento do dever parecem dispor de saúde normal. Rapidamente se adquire tolerância e torna-se capaz de beber o extrato sem sentir náuseas ou outros efeitos nocivos.

O iagê é um narcótico peculiar. Provoca uma intoxicação que em alguns aspectos é semelhante à do haxixe. Em ambos os casos há uma troca de ponto de vista, uma ampliação da consciência para além da experiência cotidiana. Mas o iagê proporciona um desregramento dos sentidos ainda mais profundo, que inclui alucinações. Clarões azuis bem em frente aos olhos são típicos da intoxicação por iagê.

Há diversas posturas em relação ao iagê. Muitos índios e a maioria dos usuários brancos o consideram apenas mais um intoxicante, como o álcool. Em outros grupos, possui usos e significados ritualísticos. Entre os jívaros, os homens jovens tomam iagê para entrar em contato com os espíritos de seus ancestrais e receber conselhos sobre sua vida futura. É usado durante iniciações como anestésico, para suportar as provações dolorosas. Todos os curandeiros fazem uso do iagê em suas práticas, seja para prever o futuro, encontrar objetos perdidos ou roubados, revelar o culpado de algum crime ou diagnosticar e tratar doenças.

O alcaloide da *Banisteriopsis caapi* foi isolado em 1923 por Fisher Cardenas, que o batizou de telepatina, com banisterina como nome alternativo. Rumf demonstrou que a telepatina era idêntica à harmalina, o alcaloide da *Peganum harmala*.

É evidente que a *Banisteriopsis caapi* não causa dependência.

Noz-moscada: Presidiários e marinheiros costumam recorrer à noz-moscada. Engolem cerca de uma colher de sopa de noz-moscada moída misturada com água. O efeito é vagamente similar ao da maconha, com dores de cabeça e náusea como efeitos colaterais. É provável que a morte do usuário venha antes da dependência, isso se tal dependência for possível. Usei noz-moscada apenas uma vez.

Os índios sul-americanos fazem uso de uma série de narcóticos da família da noz-moscada. Em geral, aspira-se uma forma pulverizada da planta seca e moída. Ao consumir essas substâncias nocivas, os curandeiros

entram em estados convulsivos. Do ponto de vista da tribo, suas convulsões e murmúrios têm valor profético. Um amigo meu ficou gravemente enfermo por três dias depois de experimentar na América do Sul uma droga da família da noz-moscada.

Datura (escopolamina): Morfinômanos frequentemente são envenenados ao aplicar morfina combinada com escopolamina.

Certa vez obtive duas ampolas, cada uma com dez miligramas de morfina e seiscentos e cinquenta microgramas de escopolamina. Imaginando que esses seiscentos e cinquenta microgramas eram uma quantidade inofensiva, apliquei seis ampolas com uma só injeção. O resultado foi um estado psicótico com duração de algumas horas, durante o qual acabei sendo contido por meu paciente senhorio. No dia seguinte, não lembrava coisa alguma.

Drogas do grupo da datura são usadas pelos índios da América do Sul e do México. Mortes são relatadas com frequência.

A escopolamina tem sido usada pelos russos como uma droga para forçar confissões, com resultados duvidosos. O indivíduo pode ficar disposto a revelar seus segredos, mas ser totalmente incapaz de se lembrar deles. É comum que o disfarce e a vida secreta misturem-se em uma confusão inextrincável. Pelo que sei, a mescalina tem sido muito eficaz para extrair informações de suspeitos.

A dependência de morfina é uma doença metabólica provocada pelo uso de morfina. Em minha opinião, o

tratamento psicológico não apenas é inútil como também contraindicado. De acordo com as estatísticas, as pessoas que se tornam dependentes da morfina são as mesmas que têm acesso à droga: médicos, enfermeiras e qualquer pessoa que tenha contatos no mercado negro. Na Pérsia, onde o ópio é vendido livremente em lojas específicas, setenta por cento da população adulta é viciada. Será então que devemos submeter milhões de persas à psicanálise para descobrir quais conflitos e ansiedades profundas os levaram ao uso do ópio? Creio que não. De acordo com minha experiência, a maioria dos dependentes não é neurótico e não precisa de psicoterapia. Tratamento com apomorfina e acesso à apomorfina em caso de recaída certamente garantiriam uma porcentagem maior de curas permanentes que qualquer programa de “reabilitação psicológica”.

1 Extraído de *The British Journal of Addiction*, v. 53, n. 2. (N. E.)

2 Clorpromazina, conhecida no Brasil pela marca “Amplictil”.

3 Maleato de feniramina.

4 Desde a publicação deste texto, descobri que o alcaloide da *Banisteriopsis* é relacionado com o LSD6, que foi usado experimentalmente para induzir estados psicóticos. Se não me engano, já chegaram ao LSD25. (N. A.)

**TEXTOS DE BURROUGHS
ANEXADOS PELOS
EDITORES**

Nota dos editores

Almoço nu evoluiu de forma lenta e imprevisível ao longo de nove anos tumultuados na vida de seu autor, William Seward Burroughs. O romance não foi criado de acordo com um plano ou esquema predeterminado, mas foi crescendo no decorrer de uma década de viagens e atribulações por quatro continentes, sendo continuamente editado e reeditado não apenas por seu autor, mas também por seus amigos íntimos Allen Ginsberg e Jack Kerouac. Passou por inumeráveis versões temporárias e “definitivas”, a maioria delas organizada em Tânger, no Marrocos. Só tomou sua forma realmente definitiva em junho de 1959, quando Maurice Girodias disse a Burroughs que precisava do texto pronto em duas semanas para ser publicado por sua editora parisiense de língua inglesa, a Olympia Press. Assim, por conta de sua própria natureza, *Almoço nu* resiste ao conceito de um texto fixo, e nossa recriação da história de sua composição e edição exigiu uma revisão cuidadosa das diversas provas díspares que podem ser encontradas em várias coleções e arquivos, bem como das duas primeiras edições, tanto a de 1959 (Olympia Press) quanto a de 1962 (Grove Press) — cujos textos são bem diferentes.

Para entender como *Almoço nu* foi escrito, precisamos conhecer melhor a vida de seu autor na década anterior ao nascimento do livro.

Burroughs deu início ao seu primeiro projeto literário mais sério — hoje conhecido como *Junky* — durante a primavera de 1950, na Cidade do México. Enquanto *Junk*, como ele chamava, ainda não possuía um final adequado (um ano antes que Allen Ginsberg encontrasse um editor para o livro), Burroughs começou a trabalhar em seu projeto seguinte, *Queer*,¹ de 1950 a 1952. Deixando este livro também inconcluso, fez uma excursão de seis meses pela América do Sul, de janeiro a julho de 1953. Enviava então frequentes cartas a Ginsberg, que já considerava como material bruto para seu projeto seguinte, *Yage*.² No verão de 1953, o primeiro livro de Burroughs, *Junkie*, foi publicado por uma editora nova-iorquina de livros baratos, e naquele outono ele se encontrou com Ginsberg em Nova York para trabalhar em sua correspondência sul-americana. Seu esperado caso de amor com Ginsberg acabou não se concretizando. Em dezembro, ele tomou um navio para o Mediterrâneo e — depois de uma breve passagem por Roma — se estabeleceu em Tânger. De lá, escrevia com frequência para Ginsberg, que o encorajava e agia como seu editor e agente à distância. Buscando manter vivos o interesse e a atenção de Ginsberg, Burroughs deu ênfase a seu projeto literário comum e preencheu a correspondência com seu melhor material. Como escreveu em 24 de junho de 1954: “Vamos começar esse romance de uma vez. Talvez o verdadeiro romance sejam minhas cartas para você”.

No final de 1954, Kerouac fez Bill acreditar que Ginsberg queria que ele fosse até San Francisco para que vivessem juntos. Burroughs voltou para Nova York por um breve período, e de lá seguiu para a casa de seus pais em Palm Beach, na Flórida, disposto a se encontrar com Ginsberg. Mas não chegou a ir até a Califórnia; Ginsberg rechaçou-o por carta e ele voltou para Tânger para preservar a dignidade que ainda lhe restava. Em 13 de dezembro de 1954, Burroughs aparentemente mencionou para Ginsberg o título de seu projeto de romance pela primeira vez: “Se existe alguma chance de publicar *Almoço nu*, tenho algumas anotações sobre cocaína que merecem fazer parte do livro, mas na seção ‘Junk’”. Como explicou o editor Oliver Harris em uma nota de rodapé em *The Letters of William Burroughs, 1945-1959*: “Nessa época, Burroughs concebia *Almoço nu* (título que atribuiu a Kerouac) como uma obra em três partes: ‘Junk’, ‘Queer’ e ‘Yage’. Sua nova obra, da qual grande parte acabaria publicada com esse título, era então considerada independente dessa trilogia coletiva”.

Embora o título que acabaria sendo usado no livro já existisse, ainda não era definitivo. O nome do projeto de romance de Burroughs passou por diversas mudanças até finalmente voltar a ser chamado de *Almoço nu*, no inverno de 1958-9. Existem relatos um tanto conflitantes a respeito da origem desse título, mas Burroughs sempre atribuiu a autoria a Kerouac. Em 14 de julho de 1955, Kerouac escreveu a Ginsberg incitando-o a remeter “TUDO de *Almoço nu* que tenha o título ALMOÇO NU” para Malcolm Cowley, comentando que relatara a Cowley “todos os detalhes sobre como chegamos a esse título — mande tudo como UM ÚNICO ROMANCE, chega dessa bobagem de

três partes. É UM ÚNICO ROMANCE, uma visão ampla e única... *Junkie* encaminha o leitor para os trabalhos mais complexos que o sucedem, QUEER e YAGE”.

Anos mais tarde, em uma carta de junho de 1960, Kerouac lembrou Ginsberg da origem do título: “Não tenho falado com Burroughs, mas fiquei feliz quando ele mencionou que fui eu quem batizou *Almoço nu* (mas foi você, lembra? Estava lendo o manuscrito e confundi ‘*naked lust*’³ com ‘*naked lunch*’, eu só chamei a atenção para o erro, uma curiosidade de história literária, enfim)”. Os originais datilografados que continham a expressão “*naked lust*” tornaram-se ‘Queer’; ela não aparece em nenhum dos dois textos definitivos do romance (Paris e Nova York) nem na antologia *Interzone* de 1989, na qual Burroughs incluiu a maioria dos “exercícios iniciais” escritos naquela época, assim como o texto integral de “Word”, uma parte essencial do romance em progresso que mais tarde acabou quase totalmente abandonada. A carta de 1960 parece definir a invenção do título *Almoço nu* como uma parceria de Kerouac e Ginsberg.

Em outubro de 1955, em uma carta enviada para Kerouac e Ginsberg, Burroughs improvisou um “exercício” sobre o processo de batismo. Em dado momento, comenta que todos os anos as enguias do oceano Atlântico migram para se reproduzir no Mar dos Sargaços, perto das Bermudas, e que enquanto cruzam o oceano seu ânus fica lacrado; em seguida, decola: “Ora, isso seria um título bem melhor para meu romance da Interzona do que *Ignorant Armies* (‘*Dover Beach*’, de Matthew Arnold):⁴ *Encontre-me nos Sargaços; Vejo você nos Sargaços; A trilha dos Sargaços; [...] Passagem para Sargaços; Encontro em Sargaços; A caminho dos*

*Sargaços; [...] Fissura dos Sargaços; Hora dos Sargaços; Viagens dos Sargaços; Blues dos Sargaços; [...] Encruzilhada dos Sargaços; Migrando para os Sargaços; Transferência para os Sargaços; Desvio para os Sargaços [...] Vou acabar chegando ao título ideal com a palavra Sargaços". É divertido imaginar que as três principais obras da Geração Beat poderiam ter ficado conhecidas como *Pé na estrada, Uivo e Encruzilhada dos Sargaços*.*

O prefácio de Harris à correspondência de 1945-9 e a correspondência em si deixam claro que o conteúdo do projeto *Almoço nu* metamorfoseava-se de semana a semana, de mês a mês, durante os anos passados em Tânger — e que a enxurrada de cartas para Ginsberg continha a semente do texto definitivo. Burroughs debatia-se de forma inclemente com a “forma” de seu romance, mas como a cada dia escrevia mais e tomava novos rumos, acabou perdendo a capacidade de gerenciar o caos de páginas datilografadas e escritas à mão que se acumulavam em seu quarto com jardim no Hotel Muniriya de Tânger. Outro obstáculo era o uso de narcóticos, contra o qual Burroughs lutava desde a metade dos anos 1940 em Nova York e que na primavera de 1956 o arrastara ao que até então fora o ápice mais lamentável de sua dependência. Com dinheiro dos pais, foi até Londres em busca da “terapia com apomorfina” na clínica do dr. John Dent. De lá seguiu para Veneza, onde vivia seu amigo Alan Ansen, para recobrar as forças.

Burroughs voltou para Tânger naquele outono e continuou remetendo novos “exercícios” e cartas para Ginsberg em San Francisco. Este planejava duas longas viagens com seu novo amante, Peter Orlovsky: iriam para

o México e de lá para Tânger e Paris. Burroughs estava ansioso para reencontrar Ginsberg e fortalecer seu relacionamento de coeditores: precisava de ajuda para levar adiante seu projeto de livro, cada vez mais extenso e fora de controle. Nas cartas para Kerouac ou Ginsberg, chamava o livro de “o romance” ou “o manuscrito” — ou apenas de “a obra”. Quando Ginsberg e Orlovsky chegaram para visitar Jack Kerouac na Cidade do México, em novembro, Kerouac decidiu unir-se à excursão e no dia 15 de fevereiro de 1957 embarcou em um navio rumo ao Marrocos. Três semanas mais tarde, Ginsberg e Orlovsky cruzaram o oceano.

Em fins de março Kerouac escreveu para seu agente, Sterling Lord, e mencionou que estava datilografando “o manuscrito de Bill Burroughs” em troca de comida: quatro anos mais tarde, quando preparou a segunda parte de *Desolation Angels*, relatou que o livro tinha lhe causado “pesadelos horríveis”. Duas semanas depois de dizer a Malcolm Cowley que Burroughs escrevera “o livro mais fantástico desde NOSSA SENHORA DAS FLORES de Genet, e chama-se TESOURO DE PALAVRAS”, Kerouac seguiu viagem para Londres e Nova York, deixando Ginsberg e Burroughs sozinhos para continuar o trabalho. Pouco tempo depois, Alan Ansen chegou de Veneza para ajudá-los. Na terceira semana de maio de 1957 Ginsberg escreveu para Lucien Carr:

Ansen chegou de Veneza para dar uma ajuda no livro do Bill; nos revezamos para digitar & editar uma quantidade imensa de material e às vezes também contratamos datilógrafos, bastante coisa já está pronta — uma parte inteira de 120 páginas está concluída e outra do mesmo tamanho vai ficar pronta ainda esta semana, depois virá o trabalho mais complicado de reler as cartas de 1953 a 1956, extrapolando e integrando

material, autobiografia, exercícios & fragmentos de narrativa. É um trabalho e tanto — trabalhamos seis horas por dia ou até mais, brincamos, bebemos, almoçamos, cozinho jantares monstruosos, durmo na antiga varanda do Jack com vista para a baía & a Espanha [...]. Pretendo seguir viagem quando o manuscrito estiver quase pronto, trabalhar nos estágios finais quando estiver em Veneza & no outono tentar vender o livro em Paris para a Olympia Press. É um livro e tanto — toda a energia & a prosa de Bill somada a toda a nossa organização, & revisão & estrutura para que o texto fique contínuo & legível, decifrável. Daqui a mais ou menos um mês começaremos a mandar excertos para revistas.

O manuscrito que criaram (e intitularam provisoriamente) de abril a maio de 1957 ainda existe: na primeira página, Ginsberg escreveu “ÍNDICE DE INTERZONA” seguido por uma lista de onze capítulos (distribuídos por 175 páginas); logo abaixo Ansen escreveu “SUMÁRIO DEFINITIVO DE INTERZONA” e uma lista um pouco diferente, com doze capítulos e um apêndice. (Alguns anos mais tarde, Kerouac escreveu “Propriedade de Allen Ginsberg, 170 East 2nd, Apt. #16, NYC 9” bem no meio da folha, em letras garrafais.)

Naquele verão Burroughs transferiu-se para Copenhague, onde seu velho amigo Kells Elvins vivia com a terceira esposa, uma atriz de cinema dinamarquesa. Estabelecido por lá, trabalhou na seção “Liberlândia” do livro. Em 28 de agosto escreveu para Ginsberg: “Só a Escandinávia poderia ter catalisado a Grande Obra...”. Contou a Ansen que diminuía a seção intitulada “Word” para trinta páginas; em dezembro, fora diminuída para vinte páginas. Por volta de abril de 1958 Burroughs disse a Lawrence Ferlinghetti, editor de Ginsberg na City Lights Books de San Francisco, que tinha “reduzido” aquele

material a três páginas e que “toda a seção final, intitulada *WORD*, [deve ser] ignorada”.

No outono de 1957, novamente em Tânger, Burroughs parece ter abandonado de uma vez por todas o esquema em três partes. Em 20 de setembro escreveu para Ginsberg, que estava em Paris:

Sobre o manuscrito, não acho que seria adequada qualquer tentativa de organização cronológica. No meu modo de ver, *Queer* e *Cartas* [do lagê] não fazem parte desta obra. [...] A lacuna entre o novo material, isto é, tudo que produzi no último ano, e o material escrito anteriormente é tamanha que não acredito mais que os textos anteriores tenham a mesma pertinência, e tentar encaixá-los em qualquer esquema acabaria enfraquecendo o efeito geral da obra. No momento estou trabalhando em *Benway* e algumas passagens escandinavas, além de estar desenvolvendo uma teoria sobre a dependência de morfina.

Em 16 de janeiro de 1958, Burroughs encontrou Ginsberg no “Hotel Beat” (Rue Git-le-Coeur, 9) de Paris. Datilografaram novamente todo o manuscrito por semanas a fio, incorporando as últimas mudanças realizadas por Burroughs e adicionando novas seções baseadas em suas pesquisas na biblioteca médica francesa da Rue Dragon. Nessa altura o livro já estava praticamente completo. Em 18 de abril, por sugestão de Ginsberg, Burroughs remeteu o manuscrito *Interzona* para Ferlinghetti, da editora City Lights Books, sugerindo que o título da seção “Word” fosse trocado para “Alguém viu Rose Pantapon?” (Burroughs costumava errar a grafia de Pantopon, nome de uma droga comercial, o que corrigimos nesta edição). Ferlinghetti não gostou muito do material. Como de qualquer modo a City Lights ainda

não publicara nenhum romance, somente livros de poesia, recusou o livro.

Nos dezoito meses seguintes, quase tão somente graças aos esforços de Ginsberg, partes do manuscrito começaram a vir à tona em pequenas revistas literárias. O poeta Robert Creeley, editor da *Black Mountain Review*, publicou “De: *Almoço nu*, livro III: Em busca do iagê” na edição do outono de 1957 (que trazia como data “primavera de 1958”); foi a primeira aparição impressa de um excerto do romance e de seu título definitivo. Em 1958, LeRoi Jones publicou o capítulo “Alguém viu Rose Pantapon?” na terceira edição da *Yugen Magazine*. E Irving Rosenthal, então estudante da Universidade de Chicago, publicou alguns trechos nas edições de primavera e outono de 1958 da revista literária da universidade, a *Chicago Review*, da qual era editor. Na edição do outono de 1958, o fechamento provocativo do capítulo intitulado “O Bronco” — “Continua.” — inspirou comentários agressivos de um colunista social de Chicago. Isso fez com que o conselho consultor da faculdade impedisse a preparação gráfica da edição do inverno de 1958, na qual seriam publicados Jack Kerouac, Edward Dahlberg e Burroughs.

Rosenthal e Paul Carroll, editor de poesia, além de outros quatro estudantes editores, renunciaram aos seus cargos em protesto e deram início a uma nova revista, *Big Table*, para publicar o material censurado. Centenas de exemplares da primeira edição, publicada em março de 1959 com tiragem de 10 mil exemplares, foram retidas pelos Correios de Chicago sob alegação de obscenidade. A União Americana pela Liberdade Civil abriu um processo em nível federal contra os Correios e

em junho de 1960 acabou ganhando a causa. Enquanto isso, a cobertura jornalística do caso chamou a atenção de Maurice Girodias, da Olympia Press de Paris. Embora tivesse rejeitado o manuscrito em duas oportunidades (a primeira ainda em 1956), em junho de 1959 Girodias mandou seu assistente Sinclair Beiles ao Hotel Beat, não muito longe da Olympia Press, para encontrar-se com Burroughs e informar que Girodias precisava do manuscrito pronto em duas semanas; queria aproveitar a publicidade instantânea proporcionada pelo julgamento.

Graças à ajuda de Brion Gysin e Beiles, o livro foi editado e datilografado dentro do prazo. Em 1978, ao escrever um prefácio para uma bibliografia de sua obra, Burroughs lembrou:

Muito do que acabou entrando no livro tinha sido redatilografado anteriormente por Alan Ansen e Allen Ginsberg em Tânger. As partes foram sendo enviadas para a composição à medida que eram datilografadas, e eu tinha planejado esperar pelas provas de impressão para decidir a ordem definitiva dos capítulos. Sinclair deu uma olhada nas provas e disse: “Acho que essa ordem é a melhor”. Os capítulos tinham se encadeado por obra de alguma espécie de magia e a única mudança que fizemos foi trocar a seção “Hauser e O’Brien” do início para o final do livro. Um mês depois da visita de Sinclair, *Almoço nu* já estava nas prateleiras das livrarias, estabelecendo um recorde de velocidade de publicação.

Embora em suas cartas Burroughs sempre mencionasse o título como apenas *Almoço nu*, a capa da edição da Olympia Press trazia o título *O almoço nu*.

No final de julho, enquanto essa edição estava sendo impressa, Burroughs escreveu para Ginsberg:

Tive exatamente dez dias para preparar o manuscrito para a impressão. Toda essa pressão deu ao livro uma firme continuidade orgânica que anteriormente ele não possuía. O livro sairá esta semana. Perceba que neste último mês eu editei todo o manuscrito, corriji as provas de impressão e as provas finais e criei uma capa, e o livro está sendo impresso neste exato momento.

No início de agosto, 5 mil exemplares haviam sido impressos. Como era inevitável em se tratando de um trabalho editorial tão apressado — no qual os responsáveis pela composição sabiam pouco ou nada de inglês —, um número expressivo de erros acabou incluído no texto. Burroughs corrigira mais de cinquenta deles quando o livro foi reimpresso na semana seguinte, mas um número enorme permaneceu. Em sua maioria, estavam presentes desde as versões iniciais do manuscrito.

A editora de Girodias era especializada em publicar livros escritos em linguagem explícita, que desafiava a censura — publicava tanto obras literárias, como o *Trópico de Câncer* de Henry Miller, quanto simples pornografia, como a *Roman Orgy*, de “Marcus van Heller”. Possuía uma equivalente em Nova York: a incipiente Grove Press de Barney Rosset, que em 1959 transformara em best-seller *O amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence. Depois de ganhar um processo que suspendeu a censura desse livro antes proibido, Rosset saiu à cata dos direitos de *Trópico de Câncer* e Girodias acabou lhe convencendo a publicar *Almoço nu*. O contrato da Grove com a Olympia Press para a publicação de *Almoço nu* foi firmado em novembro de 1959.

Auxiliado por Allen Ginsberg, Irving Rosenthal seria o editor de Rosset para a edição americana. Como Ginsberg estava familiarizado com *Interzona*, a versão inicial e mais extensa de *Almoço nu* (e ainda possuía o manuscrito devolvido por Ferlinghetti), escreveu uma carta para Burroughs perguntando se parte do material excluído da edição Olympia poderia ser incorporado na edição Grove. Burroughs considerou a sugestão uma boa ideia para tornar o livro mais extenso, e concordou em termos. Em 3 de julho de 1960, escreveu para Ginsberg: “Inserção de material excluído. Sua sugestão parece uma solução excelente. Prepare tudo, vou dar uma olhada”. Na mesma carta, Burroughs concordou com a inclusão de sua extensa carta em primeira pessoa para o *British Journal of Addiction*, “Carta de um perito no vício em drogas perigosas”, publicada na edição de 1957 daquele jornal a pedido de seu editor, o dr. John Dent. Boa parte dessa carta havia sido desmembrada em inúmeras notas de rodapé na edição Olympia de *Almoço nu*. No início de 1960 o artigo de Burroughs “Depoimento: Testemunho acerca de uma doença” apareceu na revista literária publicada pela Grove, *Evergreen Review*. Burroughs também concordou com a inclusão desse texto na edição Grove.

Rosenthal ainda não considerava o livro extenso o bastante, e perguntou mais uma vez se Burroughs não tinha mais algum material para incluir. Clara e direta, a resposta de Burroughs a Ginsberg em 20 de julho de 1960 foi também um tanto confusa, tendo em vista que ele aceitara a inclusão dos textos de *Interzona*: “Com exceção dos erros tipográficos, a edição Olympia representa o livro na forma em que foi concebido e

tomou corpo. Essa forma não pode ser alterada sem que sua vitalidade sofra prejuízo. Não tenho dúvidas: nenhum material adicional deve ser incluído no texto”. Em vez de discutir os méritos das centenas de cortes e mudanças feitas por Burroughs ao preparar o texto da edição Olympia, Ginsberg, Rosenthal e os editores da Grove simplesmente reorganizaram o manuscrito de *Interzona*, datado de 1958, na ordem publicada na edição Olympia, incluindo as novas partes desta última edição e fazendo algumas poucas correções óbvias ao texto de 1958. Assim, curiosamente, a edição que acabou publicada pela Grove em 1962 baseia-se em uma versão do texto anterior à utilizada na edição Olympia, publicada em julho de 1959.

Rosset imprimiu e encadernou 10 mil exemplares da nova edição ainda em 1961, mas a publicação de *Trópico de Câncer* em abril do mesmo ano fez com que a Grove precisasse se defender de dezenas de tentativas de censura. Isso obrigou Rosset a manter todos esses exemplares de *Almoço nu* parados em um depósito até que a situação melhorasse. No início de 1962, em Chicago, a Grove ganhou um importante julgamento a respeito das tentativas de censura. Em agosto do mesmo ano, no Encontro de Escritores de Edimburgo, organizado na Escócia pelo editor de vanguarda John Calder, o romance de Burroughs voltou às manchetes: foi defendido (em meio a uma acalorada controvérsia) por — entre outros — Norman Mailer, Alex Trocchi e Mary McCarthy. Foi quando Rosset decidiu agir. Mandou imprimir outros milhares de cópias de *Almoço nu* e, depois de driblar as objeções moralistas do proprietário da gráfica onde costumava imprimir os livros, colocou o

romance nas livrarias dos Estados Unidos no final de novembro. Foram vendidos 8 mil exemplares no espaço de um mês.

Mas os censores lançaram um contra-ataque. Em janeiro de 1963 a polícia de Boston prendeu um livreiro que vendia o romance, mas o caso só foi julgado dois anos mais tarde. Enquanto isso, John Calder publicou uma edição londrina em novembro de 1964, usando a versão Olympia do título: *O almoço nu* (como o livro é conhecido na Inglaterra até hoje). Uma crítica demolidora no *Times Literary Supplement*, escrita por John Willett, deu início a um debate exaltado na seção de cartas do periódico; Calder reuniu esses comentários em um texto que batizou de “The ‘Ugh’ Correspondence”, incluído nas edições britânicas subsequentes. Traduções surgiram na Alemanha (1962), na França e na Itália (ambas em 1964).

No início de 1965, o valor literário da edição da Grove Press foi defendido em juízo por Mailer, Ginsberg e pelo poeta John Ciardi. Ainda assim, a obra foi considerada obscena pelo juiz, e Rosset fez um apelo à Suprema Corte de Massachusetts. Em junho de 1965, Rosset publicou no *Evergreen Review* uma versão editada dos depoimentos do julgamento, “The Boston Trial of *Naked Lunch*”. Em 7 de julho de 1966, a alta instância proclamou que o romance possuía “qualidade redentora social” e, portanto, não era obsceno. Isso liberou Rosset para publicar o livro novamente e marcou o final da censura aberta a obras literárias nos Estados Unidos.

Em outubro de 1966, a Grove lançou sua nova edição. Incluía os trechos dos depoimentos do julgamento publicados no *Evergreen Review*, adicionados em uma tentativa de evitar processos futuros. Na primavera de

1974, mais de 200 mil exemplares da edição Grove de *Almoço nu* tinham sido vendidos, e o livro fora traduzido para Japão (1965); Noruega, Suécia e Dinamarca (1967); Finlândia e Espanha (1971); e Holanda (1972). Até o presente momento foram lançadas edições em Portugal e no Brasil, na Croácia, na China, na Rússia e em Israel. Com mais de 1 milhão de exemplares vendidos em todo o mundo, *Almoço nu* conquistou um lugar permanente na literatura norte-americana do pós-guerra.

No verão de 1998, James Grauerholz examinava a imensa coleção de manuscritos de Burroughs na biblioteca da Ohio State University. Boa parte dela fora incluída no acervo havia dez anos, graças a uma negociação de Burroughs com a biblioteca de Coleções Especiais. Praticamente na última hora, Grauerholz informou ao bibliotecário-chefe, Geoffrey Smith, que gostaria de conferir todo e qualquer material de autoria de Burroughs que a Ohio State tivesse adquirido antes de 1988. Examinando os textos, ficou atônito ao perceber que aquele material parcamente catalogado, adquirido pela biblioteca na metade dos anos 1960, incluía um conjunto praticamente completo dos originais datilografados de 1959, usados pela Olympia para a composição gráfica de *Almoço nu* — material que Burroughs sempre afirmara ter sido perdido por Maurice Girodias. Essa descoberta levou à publicação desta nova edição. Depois de 1962, o texto da edição Grove sofreu duas revisões superficiais (uma feita por Grauerholz, outra por Steven Lowe) com o objetivo de corrigir os erros mais evidentes de composição e ortografia; mas o

livro nunca tinha sido objeto de uma análise textual mais profunda, adequada para o estabelecimento de um texto “definitivo” para as futuras edições em língua inglesa e estrangeira.

Começamos o trabalho comparando o texto da edição Grove com a edição Olympia, para identificar as decisões editoriais tomadas por Burroughs depois de 1959. Estas foram comparadas com o manuscrito *Interzona* de 1958, descoberto no início dos anos 1980 por Barry Miles na Coleção Allen Ginsberg da Biblioteca Butler da Universidade Columbia, catalogada como um simples “anexo” a uma carta de apresentação enviada por Burroughs a Ferlinghetti. Consultamos diversas páginas desordenadas de versões iniciais de *Almoço nu* preservadas na Coleção Robert H. Jackson pertencente à biblioteca de Coleções Especiais da Arizona State University, onde contamos com a ajuda gentil da bibliotecária Marilyn Wurzberger. Geoff Smith, da Ohio State, e o catalogador de seu instituto, John M. Bennett, prestaram-nos um auxílio generoso e de grande valia. Também comparamos todos os trechos do livro que apareceram em revistas literárias antes da publicação da edição Grove de 1962, e — quando foi possível — os originais datilografados relevantes guardados pelas bibliotecas cujas coleções incluem material dessas revistas. É possível que duas ou três coleções particulares contenham material adicional que por ora permanece inacessível, e sem dúvida o próprio Burroughs destruiu ou perdeu diversas versões intermediárias e incompletas. De qualquer modo, nossa revisão de fontes textuais teve a maior abrangência possível.

Se tivéssemos realizado esse trabalho nos anos 1960, a tarefa teria sido mais simples. Talvez corrigíssemos os numerosos erros de pontuação e ortografia da edição Olympia e recuperássemos somente as palavras, frases e parágrafos que claramente adicionavam alguma coisa ao texto. Contudo, a forma consagrada do livro a partir do rearranjo feito por Rosenthal nos anos 1960 entrou para o cânone (a edição Calder difere da Grove apenas no material extra que acompanha o texto principal, e todas as traduções seguem a edição Grove). Não teríamos como, em nome de um suposto princípio de pureza acadêmica, remover do texto certos trechos que foram citados em trabalhos já publicados, e nenhum admirador do livro gostaria de descobrir que seu trecho predileto acabou cortado. E acima de tudo — o que muito nos entristece —, não mais contamos com nosso amigo William para servir de árbitro definitivo de quaisquer mudanças nesta obra-prima. Entretanto, o próprio Burroughs se baseou na edição Grove por anos a fio; era a edição que usava em leituras públicas e em gravações. Tendo isso em vista, a edição Grove tornou-se nossa linha mestra.

Miles certa vez perguntou a Burroughs se certas passagens repetidas no livro eram intencionais. Burroughs respondeu que estavam ali por engano, causado pela pressa em entregar o texto para Girodias — esses trechos foram editados depois do manuscrito *Interzona*, a partir de diversas versões desorganizadas. Consideramos esse comentário uma autorização para remover diversos parágrafos repetidos que estavam claramente no lugar errado, mas deixamos outros que

pareciam funcionar bem em ambos os lugares em que surgem no texto.

Corrigimos incontáveis erros ortográficos — em sua maioria, nomes de tribos e drogas ou referências antropológicas — e padronizamos o uso de parágrafos. James Grauerholz foi assistente editorial de Burroughs por 23 anos e sua experiência em datilografar, digitar e editar textos do autor e revisá-los em sua companhia provou-se inestimável para que soubéssemos como Burroughs gostaria que certos trechos fossem lidos.

O *Uivo* de Allen Ginsberg pode estar se referindo parcialmente a Burroughs no seguinte trecho: “*and who therefore ran through the icy streets obsessed with a sudden flash of the alchemy of the use of the ellipsis catalog a variable measure and the vibrating plane*”.⁵ Recuperamos o uso que Burroughs fazia das reticências, recurso inspirado pelos livros *Viagem ao fim da noite* e *Morte a crédito* de Louis-Ferdinand Céline. Esses romances foram traduzidos para o inglês por John Marks respectivamente em 1934 e 1938, durante a época em que Burroughs estava na universidade, e sabe-se que foram lidos por ele. Seus originais datilografados empregam um curioso sistema de dois pontos subsequentes — em vez de um, para ponto final, ou três, para reticências — no final da maioria das frases; estas foram consideradas por nós como reticências padrão.

No verão de 1959, Burroughs fez mudanças gramaticais em diversos trechos do manuscrito *Interzona* para a edição Olympia, e essas mudanças foram mantidas como parte da versão final, mesmo que a edição Grove, publicada mais tarde e baseada em *Interzona*, tenha omitido essas correções iniciais. Essas

mudanças — de tempo verbal e número — serão as diferenças mais perceptíveis nesta nova edição.

Longe de ser realmente “nu”, ao longo dos anos este livro foi incrustado de um acréscimo de artigos, cartas, transcrições legais e outros documentos. A edição Olympia não inclui nada disso. Quando Burroughs concordou em incluir “Depoimento: Testemunho acerca de uma doença” na edição Grove, especificou que o texto deveria ser usado como apêndice: por isso o transferimos para o final do livro. Desde 1966, a edição americana costuma incluir as transcrições do julgamento de *Almoço nu* em Boston, mas isso não parece mais relevante para a obra; retiramos esse texto, que permanece disponível aos pesquisadores interessados. A edição britânica foi sobrecarregada com “Ugh”, a antologia das correspondências publicada no *TLS*, incluída após sua primeira publicação em 1964. Como atualmente esse debate possui interesse meramente histórico, decidimos pela não inclusão de “Ugh”.

Entretanto, com ajuda dos trechos e fragmentos originais datilografados e, especialmente, dos extensos capítulos descobertos em 1998 na Ohio State University, criamos um novo “anexo” de materiais, que inclui: “sobras” que datam do início do processo de escrita do livro, posteriormente abandonadas; fragmentos de textos perdidos entre os últimos originais datilografados e a edição Olympia, talvez por acidente; versões alternativas de trechos conhecidos; e alguns escritos de Burroughs da mesma época que — embora nunca tenham sido planejados como parte de *Almoço nu* — ainda assim são relevantes e reveladores. Todos esses textos estão reunidos aqui, ao final do livro, organizados de forma a

seguir, quando possível, a ordem a que pertenceriam no texto original. Esses originais datilografados da primeira versão incluem muitas anotações nas margens, diversas repetições movidas pelo esforço de encontrar a frase ideal, cortes e tentativas não muito claras de indicar transposições. Há muitas lacunas de sentido, que passam a impressão de que certamente seriam corrigidas pelo autor em uma revisão posterior — caso ela tivesse acontecido. Corrigimos discretamente repetições e erros ortográficos; de resto, todas as interpolações editoriais, mudanças na sequência de palavras e reconstituição de linhas cortadas são indicadas por colchetes.

Nenhum dos editores seria capaz de abordar este livro de forma imparcial; ambos foram afetados profundamente ao travarem contato com ele nos anos 1960. É provável que nosso sonho insistente, nosso desejo de que o livro não terminasse na última página, tenha de certo modo se tornado realidade através de nosso minucioso arranjo de todas as páginas inéditas de *Almoço nu* que pudemos encontrar. Ainda assim, é com certa tristeza que alcançamos os limites definitivos da abrangência do romance de Burroughs. Entretanto, ao ler novamente o livro original — pela enésima vez — somos atingidos em cheio por sua hilariedade imortal, seus insights e suas profecias. *Almoço nu* ainda conversa conosco, uma voz diferente de qualquer outra que já tenha sido ouvida antes ou desde então.

Barry Miles e James Grauerholz
Janeiro de 2001

FONTES

BURROUGHS, William S. *Interzone*. Org. de James Grauerholz. Nova York: Viking, 1989.

_____. *The Letters of William S. Burroughs, 1945-1959*. Org. de Oliver Harris. Nova York: Viking, 1993.

CLAY, Steven; PHILLIPS, Rodney. *A Secret Location on the Lower East Side*. Nova York: New York Public Library e Granary Books, 1998.

GINSBERG, Allen. *Howl, Original Draft Facsimile*. Org. de Barry Miles. Nova York: Harper & Row, 1986.

GOODMAN, Michael Barry. *Contemporary Literary Censorship: A Case History of Burroughs' Naked Lunch*. Metuchen, NJ: Scarecrow, 1981.

KEROUAC, Jack. *Selected Letters, 1940-1956*. Org. de Ann Charters. Nova York: Viking, 1995.

_____. *Selected Letters, 1957-1969*. Org. de Ann Charters. Nova York: Viking, 1999.

MAYNARD, Joe; MILES, Barry. *William S. Burroughs: A Bibliography, 1953-73*. Charlottesville: University Press of Virginia Bibliographical Society, 1978.

MILES, Barry. *The Beat Hotel: Ginsberg, Burroughs and Corso in Paris, 1957-1963*. Nova York: Grove, 2000.

_____. *Ginsberg: A Biography*. Nova York: Simon & Schuster, 1989.

_____. *William Burroughs, El Hombre Invisible: A Portrait*. Nova York: Hyperion, 1993.

MORGAN, Ted. *Literary Outlaw: The Life and Times of William S. Burroughs*. Nova York: Henry Holt, 1988.

1 Termo usado em referência a homossexuais. Literalmente, significa “rainha”.

2 lagê.

3 Literalmente, “luxúria nua”.

4 Matthew Arnold (1822-88), crítico literário inglês e um dos poetas mais destacados da era vitoriana. “*Where ignorant armies clash by night*” [onde exércitos ignorantes enfrentam-se à noite] é o verso final de seu poema “Dover Beach”.

5 Em tradução livre: “e que assim correram pelas ruas cobertas de gelo obcecados por um súbito clarão da alquimia do uso da elipse do catálogo do metro e do plano vibratório”.

Carta para Irving Rosenthal

*20 de julho de 1960 do Tempo Presente
Carregamento da American Express
Londres, Inglaterra*

Caro Irving,

Antes de mais nada, uma orientação geral a respeito de Almoço nu. Com exceção dos erros tipográficos a edição Olympia representa o livro na forma em que foi concebido e tomou corpo. Essa forma não pode ser alterada sem que sua vitalidade sofra prejuízo. Não tenho dúvidas: nenhum material adicional deve ser incluído no texto. No momento estou escrevendo uma continuação de *Almoço nu* chamada *SR BRADLY SR MARTIN*, na qual farei uso de todo material constante dos manuscritos em posse de Allen [Ginsberg] que me parecer pertinente. Mas repito que parte alguma desse material deve ser adicionado ao texto como se apresenta no momento. Acima de qualquer outra coisa, o final não deve ser alterado. Na verdade penso em usar pouquíssima coisa do material antigo. É visivelmente datado.

Sim, é minha intenção definitiva que o livro flua do início ao fim sem nenhuma interrupção espacial ou

cabeçalhos adicionais para os capítulos. Creio que os cabeçalhos nas margens estão claramente indicados. ISTO NÃO É UM ROMANCE. E não deve parecer-se com um. Qual o sentido de cabeçalhos que meramente repetem trechos do texto? Em resumo sou definitivamente contrário a *quaisquer* cabeçalhos adicionais nos capítulos.

Por outro lado acho uma excelente ideia incluir o artigo DEPOIMENTO publicado na *Evergreen* e o artigo do *Journal of Addiction*. COMO APÊNDICES. O mesmo vale para a nota anexa sobre o método *Cut-Up** que será usado na continuação e ilustrado em *O EXTERMINADOR* e *MINUTES TO GO*, ambos já publicados nos Estados Unidos. Nessa continuação, lido com a questão das palavras como formas. Se usar ilustrações (e acho uma ideia excelente) elas devem ser desenhos de Brion Gysin, já que meus desenhos derivam dos que ele faz. Sugiro que uma seleção de desenhos feitos por mim e por Gysin seja inserida próxima ao texto antes do Apêndice. Por favor me informe se a Grove está disposta a usar os desenhos de Brion e entrarei em contato com ele. De forma alguma posso usar apenas meus desenhos sem reconhecer que derivam dos desenhos de Gysin.

18. *Insha allah (sic)* significa “Se Alá quiser”.

19. S. M. é Sulfato de Morfina. Jargão Hospitalar.

20. Veganin são comprimidos de codeína com aspirina, vendidos a quinze centavos na Inglaterra. São vendidos sem receita por toda a Europa.

21. Trak é o nome que dei para os Apetrechos de Sexo e Sonho. Explico melhor na Continuação que estou preparando.

22. Sim, codeinita. Comprimido de codeína latino-americano.

23. Sobera De La Flor.

24. Lude é um instrumento de duas cordas parecido com um violão. Ou um bandolim. Nimun é o nome do outro menino. Então sabe-se lá.

25. “Nenhum buraco está proibido” é o correto.

26. Fuga é um período de amnésia. Esse homem fala errado para fortalecer sua lenda.

27. Reg é um deserto.

28. Falta de encontros é falta de encontros. Não há mais encontros. Encontros são encontros. Quando você encontra alguém.

29. Chimborazo é um famoso pico nevado que fica no Equador. Uma das maravilhas do mundo.

30. Um rato é um rato é um rato é um rato. É um informante.

31. Um Espancador de Frutas é alguém que espanca frutas. Um Espancador de Veados.

32. Não tenho uma cópia comigo. Qual o contexto? *Espartilho de carne. A.* [Letra de Allen Ginsberg.]

33. Qual o contexto? *M. I. são as iniciais do líder do partido. — A. G.* [Ginsberg].

34. Um sabá é um encontro de bruxas.

35. *Motoscafi* são barcos que transportam passageiros de lá para cá nos canais de Veneza.

36. “Cosque” significa ficar pronto para sair.

38. A repetição é intencional.

39. “Estimar a tritubordo” refere-se a um tipo de navegação que ainda não existe, e assim não possui nenhum significado conhecido.

40. “Um ovo escrotal cor-de-rosa” é uma referência aos testículos.

41. Um inseto que transmite a doença de Chagas.

42. É um nome que inventei para uma droga, e deve continuar sendo ST(6) porque foi inventado assim.

43. Vizíun é uma solução razoável, como prele. Mas não “ah, esquece”.

44. Fissura Negra está correto.

45. Um abajur em formato de naja. Uma atrocidade comum nos anos 1920 e que encontra alguma correlação em partes da arquitetura pseudoespanhola.

46. Ah, Irving, para com isso. *“Oh oh what can the matter be Johnny’s so long at the fair?????”* Você já escutou mil vezes essa canção. Todos nós escutamos. Não é uma cantiga popular, é só uma música velha que nunca para de ser tocada.

47. O livro deve terminar com “Teinon... Vóta sestafêla”. Explicação em nota de rodapé.

48. Os dias de Ouab eram os cinco dias que sobravam no final do ano de acordo com o calendário maia. Todo o azar de um ano inteiro se concentrava nos Dias de Ouab.

A EXPLICAÇÃO ANEXA DO MÉTODO *CUT-UP* DEVE SER INCLUÍDA AO FINAL DO ARTIGO DEPOIMENTO E SEGUIDA PELO *CUT-UP* DESSE ARTIGO QUE FOI IMPRESSO NAS NOTAS DOS COLABORADORES. LEMBRE QUE ALGUNS DOS ERROS DA EDIÇÃO OLYMPIA SÃO INTENCIONAIS. CORRIGI O LIVRO PARA A SEGUNDA IMPRESSÃO E SE LEMBRO BEM NÃO ENCONTREI MAIS DE CINQUENTA ERROS.

COM AMOR,

William Burroughs

* Método de criação literária estabelecido por Burroughs e Brion Gyson, inspirado em procedimentos dadaístas. Frases e palavras eram recortadas

de livros e jornais e reorganizadas ao acaso, dando origem a um novo texto baseado em princípios de colagem e edição não linear.

A morte de Mel, o garçom*

Lembro-me de como acabei escrevendo este livro. Tinha um amigo — não, um amigo não, um cliente, assim é melhor — chamado Mel, o garçom. Sempre que ele metia pra dentro — eu dava no quarto dele, sabe — parece sexo — boa parte das conversas sobre junk são ambigualmente sexuais — ele morava na Jane Street, numa daquelas pensões imundas de tijolos vermelhos — por uma estranha coincidência eu morava no mesmo lugar quando fodia o Anderson ou vice-versa — uma coincidência do caralho, digamos assim...

Mas lembro-me de uma vez que o Mel meteu pra dentro — e quando eu me virei lá estava ele, capotando, com a seringa pendendo do braço cheio de sangue — Puxei a seringa e bati no rosto dele com uma toalha molhada, quer dizer, o Ritchie bateu nele com a toalha, eu não conhecia o Mel tão bem assim — sabe do que estou falando? — é preciso conhecer bem um sujeito pra poder bater na cara dele com uma toalha molhada, está me entendendo?

Bem, imagine que eu tenha chegado bem no meio da história, daqui a uns mil anos — novas viagens, um novo esquema — podia ficar sentado, só escutando — Quer

dizer, se eu *capiscasse* alguma coisa — e descobriria o esquema ou pelo menos a palavra usada pra ele — por exemplo, sempre tem uma palavra pra falar da polícia — Isso me lembra de Fay White e sua mania de desconversar quando falava do Phil — “Phil não está, precisou ir ao centro” — ou “Phil está envolvido com algum negócio que o fez ir até Lexington”.

Bem, foi assim que acabei suspeitando que algum dia o Mel ia se dar mal — o que acabou acontecendo mesmo...

Saiu limpinho de Lexington depois da terapia — acontece com um monte de gente boa. Não que Mel, o garçom, prestasse pra alguma coisa. Ritchie me contou que um amigo dele morreu em seus braços em Chicago (nos braços do Ritchie, claro). Estavam mais ou menos limpos. Aí pegaram um negócio no South Side e o amigo do outro vagabundo congelou e seus olhos se reviraram.

É isso que acontece — uma vez tive uma overdose lá em Yonkers — e a Jane disse que meus olhos se reviraram e ficaram mostrando as escleróticas brancas pra ela do outro lado da mesa da cozinha, como se fossem cataratas. Mas não temas, ó Convidado do Casamento, este corpo não foi a nocaute — bem, não daquela vez — onde — quando? Texas? New Orleans? México?

Enfim, eu estava pensando em “Jump for Joe”, do Stan Kenton, que parece se expandir e expandir com borrões negros sonoros no interior de um imenso celeiro vazio até perder-se no Espaço...

Aí tenho visto Mel, o garçom. Alguém me escreveu — não, estive em Nova York — que no último inverno Al ficou maluco e começou a esparramar visões pelo chão

do metrô (e disse “Pelo amor de Deus, Al, apanhe essas coisas. Estamos em um lugar público, isso é um reflexo”). Quer dizer, chega um ponto em que você pergunta “O que há de errado com você, está ficando maluco?” E de repente você percebe que ele realmente enlouqueceu.

Como lá no México, quando o velho Garver apareceu no meu cubículo mofado no quinto andar com as impurezas da heroína amadora passeando por seu cérebro como espiroquetas — e eu ali, dormindo e não prestando atenção em nada — onze da manhã de uma manhã mexicana clara e iluminada...

E ali está ele, ao lado da minha cama, parecendo um cadáver com seu sobretudo azul-escuro — sobretudo azul meia-noite — e os olhos mais brilhantes do que nunca, faiscando na escuridão, as cortinas estavam fechadas, você entende, eu estava dormindo — E aí ele diz: “Vai ficar aí, deitado nessa cama, logo agora que esse monte de carregamentos está pra chegar?”. E eu respondo: “E por que não? O que eu vou fazer? Isso aqui não é uma porra de uma granja”. E ele deita na cama comigo, de sobretudo, sapatos e tudo. E eu digo “O que há de errado com você. Está louco?”. E olhei dentro de seus olhos brilhantes e percebi que estava.

Bem, aconteceu a mesma coisa com o Al no metrô — então foi o Al que me falou do Mel no metrô, preste atenção. Foi antes de pararmos na frente de uma farmácia, o que deve ter trazido o assunto à tona — Ele me contou que Mel, o garçom, tinha morrido — mas não conseguiu lembrar o nome até que eu dei uma ajuda — Morrer de overdose depois de se tratar em Lexington.

Então foi depois — acho que em New Orleans. Eu estava chapado de maconha ouvindo Stan Kenton e

enxergo Mel, o garçom, deitado na cama e começando a ficar azulado — perto dos lábios. Não, isso não foi em New Orleans, porque Al também estava lá — estava? Ele não tinha como estar lá. Mas sinto que estava.

Azulado, o quarto abrindo-se para o espaço, o anúncio em néon do lado de fora da janela piscando sua luz vermelho-púrpura sobre o rosto de Mel, indo e voltando, voltando e indo — e a seringa cheia de sangue cravada em seu braço como se fizesse parte do anúncio e do néon.

E foi assim que terminou — O Longo Fim — ou coisa que o valha. Mas, quando comecei a escrever, mal usei essa ideia.

* Escrito à mão por volta do final de 1953. (N. E.)

Sobras

O JUSTICEIRO

Visitando a amante, a modelo, na rua Jane... Bati na porta e disse: — Sou eu, o Bill — e escutei quando ela girou a chave...

Ficou parada me olhando, ossos saltados no rosto, íris como um diminuto anel dourado cercando os resignados buracos negros [de suas pupilas]... Meneei a cabeça... e ela buscou seus instrumentos...

— Primeiro os mais velhos — falei.

— A casa é minha, os instrumentos também.

— Mas a droga é quase toda minha, doçura... Não vá esquecer, não vá esquecer... — Enchi o conta-gotas e atirei minha gravata em sua direção... — Mas tudo bem... Pode amarrar.

Procurei o ponto ideal em seu braço e enfiei a agulha... o sangue brotou no conta-gotas como uma orquídea vermelha... Então apertei devagar a ponta do conta-gotas enquanto ela afrouxava a gravata, observando a junk entrando aos poucos, o rosto jovem assumindo o semblante sem idade da junk, a pele macia, as pálpebras

se fechando... Olhei para ela sem desejo algum... Não era mais uma mulher...

Então foi minha vez, aquela coisa adocicada a gotejar pela carne ruidosa como água sobre terra ressecada, dores nos pulmões, câibras nas pernas, lágrimas ácidas queimando os olhos... [Agora] tudo passou [o incômodo e a dor passaram] com o toque mágico da [substância] *G. O. M.*¹

[Fiz o sinal da cruz e me ajoelhei e recebi o sacramento da junk enquanto Joan dançava a giga junky pelo quarto...]

Fiquei em pé e dancei a giga junky.

Como eu disse, ela ficou viciada quando estava na Europa... Festas movidas a cocaína no banheiro de escolas progressivas na Suíça, orgias de *majoun* em Tânger, conexões escusas e imundas nos canais de Copenhague — ninguém tão sujo quanto o sujo Dinamarquês a menos que ele seja um sueco sujo — seu primeiro namorado morreu de overdose em Oslo...

— Ficava chapado com dezesseis miligramas... Tinha alguma coisa no metabolismo, sabe.

Fico chapado... todos os mortos caminhando pelo quarto, o Marujo pendurado na porta da cela, com a língua estendida para fora como ficava quando ele se enchia de calmantes... “Se algum dia eu me pegar fazendo algumas coisas, largo tudo na hora, pode apostar”, ele me disse uma vez... isso foi na época em que eu experimentava o bissexualismo... Mel, o garçom, morto de overdose ao sair da terapia, ficando azulado ao redor dos lábios sob as luzes de néon dentro de um quarto de hotel barato, indo e voltando com a seringa

cheia de sangue cravada no braço como uma sanguessuga de vidro...

São tantos que escuto seus suspiros e seus lamentos de abandono da junk e orgasmos da junk quase duro me esfregando no canto de madeira macia de uma cela de distrito até que um bêbado rosnou: — O que você está fazendo?

[E então encarei-o com ódio metabólico, me afastando...]

— Porra, me deixa em paz, tá bom?

Levei um soco que me atirou em um dos cantos da cela com sangue escorrendo da boca, e [eu] não olhei mais para ele... agora ele sacode as barras da cela e grita: — Me tira daqui! — Acho que queria chamar o Departamento de Controle de Pragas Carcerárias... e um junky velho e ruivo se aproximou e sentou ao meu lado com um guardanapo e um copo d'água e lavou o sangue do meu rosto com dedos de velha ladra...

E concedi a todos eles [uma] bênção sonolenta... e me aninhei nos braços da junk e voltei a ficar quieto e chapado...

Mais ou menos nessa mesma época encontrei um alfaiate italiano *que também era* traficante, eu o conhecia de Lexington, me vendeu heroína por um bom preço... Pelo menos no começo era muito boa, mas com o passar do tempo durava cada vez menos... Tony Encolhe, era assim que o chamávamos... “Compre um terno com ele e não vai levar muito tempo pra estar nos seus joelhos.”

Mas engordamos a droga com leite em pó e começamos a vender de leve para alimentar o Chinês, atendendo os jovens garotos junkies que ele sabia terem ficado sem opções quando seu traficante se matou com uma injeção intravenosa de heroína ácida, deixou a cidade completamente seca com essa história...

O Cara quer colocar as mãos nesses garotos selvagens...

Rostos jovens à luz da chama azulada do álcool, invadidos, possuídos pela Substância...

— Mas por que se preocupar se vocês estão levando na veia? Consigo um belo lugar para vocês se aplicarem e o que recebo em troca, garotos? Se estão levando na veia, nada mais importa...

O Traficante fica ali sentado, nutrindo-se de sangue jovem, seu rosto cruel e farto e assexuado à luz azulada e bruxuleante, Mãe-Terra Asteca, Sacerdote e Agente da junk...

— Olha, você está com uma aparência ótima, garoto... Faça-se um favor e continue sem usar... Estou conseguindo junk de primeira nos últimos tempos... Lembra aquela droga marrom, garoto? Aquela meio amarela, parecida com rapé? Quando você cozinha a dose ela fica marrom, só que ainda transparente...

— Não, eu parei de usar e...

— Claro que você parou, garoto... Mas olha só, eu moro aqui perto... Não está a fim de dar um só? Ora, todo mundo sabe que aplicar só uma dose nunca fez ninguém voltar a usar... Não tem como ficar viciado se você sabe quando e como parar... É bem aqui, garoto...

De volta a Nova York, com o rosto maculado por malária e hepatite, a junk está caríssima e cheia de misturas e os clarões do medo explodem nos olhos de todos os junkies, indo e voltando como a lâmpada de um farol...

Entre nesse barco, junky, saia já daí. Os Estados Unidos estão completamente acabados, gado e junkies em busca de alívio esfregam o focinho em cachimbos de ópio vazios e cápsulas de heroína sem conteúdo...

Desembarquem quem vai desembarcar... Segurem essa porta barulhenta do metrô...

O Velho Mundo...

A Zona: fácil de entrar e difícil de sair... O enjoo narcótico assume os controles, a necessidade de um menino queixoso intercepta uma bichona apressada a caminho do aeroporto, o mandado da Divisão de Investigações Criminais aguarda em Gibraltar...

Sob a crescente aurora cinzenta da junk... aplicando injeções a toda hora — o dia inteiro encarando o próprio sapato... imagens cinzentas em uma tela cinzenta, desvanecendo aos poucos...

Seu tempo está acabando quase acabou foi o pânico que me levou até o aeroporto e me fez entrar no avião com um frasco de *eau de cologne* cheio de solução de junk... uma dose no lavabo do aeroporto em Paris, a caminho das cinzentas [ruas de Londres]...

Apomorfina: vomitei os pedaços ensanguentados de meu macaco em uma bacia que foi levada embora... a carne pende nos ossos do corpo abandonado e de repente eu estava de volta, em movimento, caminhando pelo Hyde Park...

Veneza... amarelos profundos e haxixe azul nas ruas, como profundos despenhadeiros de rocha, portas azuis, luzes amarelas... bares diminutos onde tristes e velhos bêbados espanhóis cheiram rapé, absortos... *Tapas* e resultados de partidas de futebol afixados na parede...

O BRONCO

É assim que a bola começa a rolar. Normalmente eu entrava e pedia ao médico o endereço de um hospital ou coisa parecida, para que eu pudesse dar uma olhada nele e sentir sua conversa... Então eu planejava a estratégia e dificilmente me enganava... sempre acertava em cheio no ponto fraco do médico. Seria conde? Carl era barão... Talvez marxista? O Bronco se envolveu com junk e era do P. C. e tudo mais.

Precisei cuidar de alguns tipos mais iconoclastas. A maioria dos médicos mantém a si mesmo no interior de um ambiente de ideias enganosas, com a palavra “médico” pairando ao seu redor, achando que isso lhes empresta algum tipo de aura mágica. Parecem estar pedindo para cair em algum trambique...

Quando chegamos em Chicago... Chicago tem alguma coisa que paralisa a alma sob o peso morto de formalidades ditadas por criminosos, uma hierarquia de carcamanos que fizeram plástica facial... E por todos os cantos sente-se o cheiro de gângsteres atrofiados, o peso morto dos Doces Dias Defuntos paira no ar como ectoplasma rançoso... Você é asfixiado pelo passado imediato, ainda palpável, tiritando como um espectro apegado à matéria, deslizando pela esquina no corpo de

um junky escapando sorrateiro, o jazz das antigas ou somente a alma incorpórea dos anos vinte atingirá você em cheio no Lincoln Park, ou então pelo Near North Side, na esquina da Dearborn com a Halsted, aquela sensação de anos vinte acabará atingindo você em cheio. E os espíritos são esmagados pelo peso do formalismo criminoso que reduz todos a uma impassibilidade forçada, todos muito sóbrios e cochichando de canto de boca. O sonho aqui é sufocante, mais real que o real, o passado realmente, incrivelmente, invadindo o presente. É como se fosse possível esticar as mãos e recuperar a juventude, perfeitamente sólida, nostalgia tomando forma sólida e assumindo um rosto... Mas a fraude logo se torna aparente. E o horror, o medo da estagnação e da decadência enroscam-se em volta do coração.

Seguimos para o oeste e depois para o sul, parando em estradas paralelas de terra vermelha no Tennessee para aplicar uma dose ao meio-dia, e Carl sai para mijar e encontra uma pequena sagitária rosada...

E incontáveis policiais... Guardas estaduais com curso superior, impessoais e educados, analisando você com olhos cinzentos e uma conversa experiente sem relação alguma com o olhar crítico que revista suas roupas, sua bagagem e seu carro, analisando e peneirando.

* * *

Em Cuernavaca, Joan conheceu um gigolô que tocava trombone e consegui até enxergar os dois se encaixando como uma moeda partida ao meio... adorei ficar livre dela... para o Sul...

Larguei a droga no Panamá, usando paregórico... É mais fácil largar em um lugar quente... dormia nu, o povoado inteiro parece [de] 1910, sanguessugas desprezíveis no canal, cafetões e prostitutas... Sem usar drogas... para o Sul...

E quando me afastei deles levei dentro de mim uma parte dela, um homem pela metade, partido de forma ambígua...

Subindo um vasto e pardacento rio periódico até ancorar em Port City em meio a aguapés e jangadas estreitas e compridas... A única canhoneira da República estava encalhada no lodo da maré baixa, cercada por um emaranhado de passarelas vergadas... um soldado caga em um buraco no convés, aberto pela ferrugem. Limpa a bunda com a bandeira, pensativo, observando os barcos chegando de terras distantes...

A cidade é uma estrutura intrincada de bambus divididos ao meio que em alguns pontos chega a seis andares, pendendo sobre a rua, [mantida no lugar com vigas e pilares e implementos rodoviários que formam galerias onde os habitantes podem se abrigar da chuva morna que cai em intervalos de dez minutos...]

Ambíguos cafetões de *maricas* — negros, chineses, indígenas — vagueiam por debaixo da iluminação pública tomando sorvetes roxos, recostam-se em afloramentos calcários, conversam através de gestos silenciosos e catatônicos, afrescos de depravação, hieróglifos egípcios planos e bidimensionais... Lamúrias de menino vagueiam pela noite... Paco, Joselito, Enrique.

Conversa fiada de comércio: — *A ver* Luckies? — Linda garota *señor*... — Chapéu-panamá? — Cabeça encolhida?

(Os melhores chapéus-panamá não são feitos no Panamá.)

Uma boca horrenda e asquerosa sopra anéis de fumaça contra a noite... — Fume cigarros Trak... Esses dão conta do recado...

Este território pertence à Trak e sendo assim TRAK, o conglomerado de sinistros artefatos sexuais, tem autorização para desconectar orgônios por falta de pagamento...

A selva invade a cidade sob a forma de imensos parques cobertos de mato onde tatus infectados com a Doença dos Comedores de Terra saltam pelo meio de quiosques em ruínas, o Libertador em pedra, cavalo cansado carregando um cavaleiro cansado... [como lunáticos paralisados, generais de pedra defendem a liberdade sob o olhar dos iguanas,] candirus obstinados descobrem caminhos até as piscinas, um velho chinês, delicado e amarelo como um enxadrista de marfim, descansa sobre um assento antropomórfico de pedra calcária, bebericando paregórico...

O flanco bronzeado e macio do gigolô incha e apodrece com linfogranulomas, albinos fulguram sob o sol, meninos sentados em filas intermináveis debaixo da sombra das galerias, lendo histórias em quadrinhos — não movem as pernas enquanto passam os transeuntes...

Há aqui algo que nunca se enxerga ou encontra, dentro de uma meia de seda atirada em uma varanda de madeira de teca apodrecida, [por debaixo dos telhados de metal fervente da cidade, onde plantas semeadas em latas vazias crescem em varandas prestes a desabar.] burocrata vestido com um terno negro e óculos escuros,

escondendo o ódio tedioso acumulado em seus olhos, que atinge seu fígado como veneno de sapo...

Cheiro do rio periódico e do lodo da maré baixa, do esgoto e de sementes de cacau postas para secar...

Agora os *Vagos Jugadores de Pelota* tomam de assalto as insípidas ruas comerciais, pulando, dando bicicleta, e os membros da Guarda Civil se afastam discretamente, baixam as calças e ocupam-se de catar chatos, escondidos em um terreno baldio...

Gritando “Ei, Seus Broncos!”, esses jogadores conseguem atrair um milhão de adolescentes, rompendo todas as fronteiras, chegando até povoados ribeirinhos miasmáticos como Quevedo e Babahoya, [platôs montanhosos açoitados pelo vento, cobertos de cascalho, nuvens de La Paz, as brumas de Bogotá e Lima e os frios] platôs montanhosos açoitados pelo vento... [Cidades de montanha, empoeiradas e açoitadas pelo vento — ar rarefeito deixando um gosto de morte na garganta — bruma gélida de Lima que cai sobre você como o frio do enjoo narcótico,] a região arruinada e ocupada por leprosos em Tolima, florestas costeiras de madeira de lei com cidades cheias de Homens Procurados, [cidades-fantasma cheias de esmeraldas...] um negro pensativo coça os bagos...

Povoados de fim de estrada, como Puyo e Mocoa, Puerto Limón e Pucallpa, abrigados sob as asas silenciosas do mosquito anófele...

Há sinistros bares de beira de estrada na selva que cerca Port City, abarrotados de prostitutas, agentes obstinadas da transmissão de moléstias. Vendedores de drogas escondem-se no banheiro com dardos de agulhas carregadas que atiram nos turistas sem esperar [seu]

consentimento... Quem cuida da portaria são policiais, experientes ladrões de bêbados como todos os policiais da região, conseguem bater a carteira do generalíssimo com um másculo esbarrão enquanto cobrem um marinheiro bêbado de cacetadas sobre a lama da selva...

Eu estava analisando um diminuto cartaz afixado em um prédio abandonado: FORA TRAK E SEUS ARTEFATOS SEXUAIS....

Homens escuros e ensebados puxavam as mangas de minha camisa, rosnando para exhibir seus dentes de ouro.

— *Psst!*

— *Seguridad.*

Amontoados uns sobre os outros, analisavam meus documentos... Aqueles que estavam mais ao fundo pulavam por cima dos outros e resmungavam de insatisfação... Mosquitos moviam-se pelo ar, delicados e tênues...

Um grupo de detetives começou a entoar em uníssono:
— *Comisaría! Comisaría! Comisaría!*

O comandante surgiu de uma porta de metal, dando tapinhas impacientes em sua pequena pistola... A pistola passava de um coldre a outro, ambos pendendo de ganchinhos de aço...

Ele estava sentado em uma garagem abaixo do nível da rua, cheia de barreiras de metal e portões e trancas que se abriam facilmente graças às dobradiças azeitadas... Percebi que ele estava usando um uniforme de piloto... Aviões de metal pousados sobre seus ombros como insetos monstruosos... Seu rosto era o rosto de um mecânico, tomado de aço e combustível...

— Deixamos os cartazes no lugar porque somos uma democracia... Mas não recomendo que você pare e fique lendo o que eles dizem.

— Pode apostar — escarneceu um jornalista de esquerda com ombros estreitos e dentes podres, ao lado de um arquivo de metal... — Você pode acabar parando na lista da Trak... Talvez você não saiba, mas a Trak possui uma polícia especial, responsável por lidar com os crimes cometidos em dependências da Trak, com direitos extraterritoriais para o resto do mundo... Está tudo explicado bem aqui... Levei anos para escrever...

O comandante sorriu e indicou o jornalista com a cabeça...

— *Mucho polito* — disse.

Devolveu meu passaporte e bateu continência.

Um garoto chamado Joselito entrou em meu quarto, sufocando-me com resultados de partidas de futebol... Usávamos as mesmas roupas e deitamos com a mesma *novia*, magra e doentia, sempre a lançar feitiços com velas e imagens religiosas, tomando remédios aromáticos em copinhos de plástico e evitando encostar em meu pênis durante o ato sexual...

Passei pelas revistas de alfândega e de postos policiais, recebi passes e uma série de salvo-condutos, vento morno batendo em meu rosto enquanto três macacos cruzam a estrada correndo na direção do som de água corrente — todos excitados no interior do ônibus, gargalhando e falando ao mesmo tempo, balançando-se nas guinadas sobre vazios tomados de neblina, e o motorista zurrava feliz ao apontar as cruzes brancas, bebendo *aguardiente* de uma garrafa ofertada por um tímido policial indígena.

— *Veinte y dos muertos*.

— *Dos jóvenes quemados vivos*.

— *Viva la sport!* — ejacula uma bicha louca americana, duas câmeras pendendo sobre seu colo glorioso, lentes e filtros de luz em seu peito, buscando modelos jovens com olhos mortos e maquiados... Recosta-se no assento e ajusta os filtros de luz...

Até os povoados de Fim de Estrada, na fronteira do território do iagê...

Seguindo até os povoados ribeirinhos, Babahoya, Quevedo, Puerto Limón, chapéus negros de caubói e rostos acinzentados pela malária, parecendo papéis sujos, espingardas de carregar pelo cano e urubus bicando as ruas... descendo as montanhas para comprar pólvora e doses e tônicos e *aguardiente* (monopólio governamental, tem gosto de querosene)...

O estudante da capital, com olhos tristes, parecia se desculpar enquanto esperava o ônibus completar sua carga de bananas e Coca-Cola... — Eles não têm instrução... Não há nada para fazer por aqui, exceto beber... Muita malária... — Alertou-me sobre Río de Oro, um dos vários assentamentos nas regiões de floresta costeira que é habitado exclusivamente por criminosos procurados, são tantos que nenhuma força policial é capaz de colocar os pés na região, morrem de medo e não querem nem saber...

[Os criminosos pensam que são santos, a polícia é furtiva e miserável...]

Cheguei à cidade de Quevedo, violência melancólica pelas ruas enlameadas, espectros cinzentos da malária caminham resmungando pelas ruas enlameadas até chegar ao rio...

No meu quarto de hotel, dois colchões de palha em beliches de madeira... [Jarro de cobre laqueado, vazio e

coberto de poeira.] Um escorpião avança lentamente pela parede de bambu.

Em um dos beliches está um rapaz que acordou e se apresentou... Está a caminho do litoral para se apresentar à Força Aérea... — *Yo soy un pobre muchacho pero tengo los sentimientos elevados... Y soy hombre...*

Morreu testando um paraquedas defeituoso, remendado e restaurado pela Corporação Trak — um escândalo envolvendo um sinistro contrabandista albanês conhecido como sr. IN, que começou a vida como atendente de banheiro no Congresso... Sangue jovem banha o Operador, sentado com seu peso secular e maciço, retira o que lhe pertence e nunca retribui com coisa alguma... Enfiou o grande contrabando no cu: heroína, diamantes e antibióticos...

Uma prostituta meio negra e meio chinesa, com seios pequenos e empinados e dentes brancos parou na porta e pediu um cigarro...

Entra no quarto, tira a calcinha cor-de-rosa e fica completamente nua... O menino tira a roupa e deita nu sobre um colchão de palha, mascando chiclete e esperando...

BENWAY

O dr. Benway está entrevistando um jovem médico que deseja ingressar em sua equipe especial de analistas especializados em resolver problemas:

— Seu primeiro caso, no qual você terá a chance de testar seu vigor ou talvez o vigor do *amoque*, hehehe, será um amoque no estágio inicial...

“É claro que você tem alguma ideia vaga do que vem a ser um amoque, e provavelmente arrecadou uma coleção de mitos sobre o assunto... De fato, os mitos ocidentais a respeito de qualquer coisa relativa ao, a-ham, ‘Oriente misterioso’ são realmente alarmantes no que concerne ao seu suntuoso descaso por fatos como as teorias infantis sobre sexo e nascimento. Tive um paciente que aos vinte anos de idade acreditava que não existiam mulheres, apenas homens castrados, e que os partos ocorriam através do umbigo...”

ENTREVISTADO: — Retornemos ao assunto, senhor.

BENWAY: — *Touché*, meu rapaz, *touché*... Ah sim, os mitos... Deixe-me expor um breve resumo: o amoque clássico é um indivíduo tímido e reservado que reprime profundamente seus impulsos agressivos... o resultado final só pode ser descrito como, a-ham, lamentável...

“Por que amoque sempre usam facas? Por que não uma arma, ou talvez um lança-chamas? Será que sua predileção por facas é um mero resultado de seu atraso generalizado — amoque não são um fenômeno típico de salas de estar do século XVIII ou de ambientes urbanos supercivilizados — ou será que isso tem origem mais profunda?

“Mas a questão mais interessante e enigmática é: o que termina por ativar os reflexos assassinos profundamente reprimidos? É curioso. Esperamos que a qualquer momento algum escritor, algum motorista de ônibus ou algum balconista insulte a pessoa errada e detone o, a-ham, furacão... Mas quase nunca acontece dessa maneira... Não, o que diferencia a síndrome amoque de uma mera explosão de um temperamento agressivo, baseado no instinto natural de um animal

usuário de ferramentas, é que a síndrome amoque tem pouca relação com...”

Possuído por uma coreografia ambígua e por súbitas convulsões elétricas de violência, um rapaz pula em pé — desferindo estocadas com uma faca e girando sem parar, sua faca vibrando com uma espécie de grito vital elétrico... *No me toca, maricas...!* Seus olhos se acendem, tremulam e se apagam... ele desaba, caga nas calças de tanto medo e sai correndo... É seguido por um sodomita idoso e paciente, com óculos de lentes violeta e terno de gabardine...

Roubos e assassinatos são epidêmicos e raramente punidos... Há regiões inteiras etc. As pessoas caminham com sombras de insanidade paranoica nos olhos... é como no Sul, quando ainda não pegaram o crioulo...

Os habitantes dessa região parecem ter origem branca... Não apresentam o repertório fascinante e multicolorido de doenças de pele encontrado entre os índios das montanhas e do litoral...

Troia será este o rosto que enviou milhares de navios e incendiou as torres incomparáveis de Ílion Troia uma bandeja de hematita ele ou Deus e impostos estão no banheiro espanhol alugam quartos para que junk vagabunda ópio não quero mais vai bem com café foi devorado pela ovelha comeu inteiro [Jaime] inteiro e agora onde estão na coruja e chegou em Troia atravessando o rio morto aqui no imenso território do delta e os outros que estavam [nas] imensas casas nas

árvores nas ilhotas ocasionais, pântanos e nascentes e límpidos riachos e todas as espécies de peixes e serpentes. E finalmente chegou no [lago] que nas ilhas do delta são cada vez mais frequentes... e agora o próprio mar e o rapaz estão resplandecendo rumo a um porto tranquilo no litoral... desceu na praia... apontou para o...

... encarou Carl com uma expressão severa e demorada até que sorriu. A cidade se espalhava por uma série de parques entre canais e lagoas... Pessoas o cumprimentavam com a cabeça e com acenos, agindo normalmente... Nunca viu [alguém] olhar feio... Às vezes era ignorado por alguém que estava claramente pensando em outra coisa...

Você não deve fazer uso de táticas psíquicas para impedi-lo de expressar seus impulsos agressivos... o paciente sempre percebe essas tentativas e se ressent de elas.

Devo revistá-lo na entrada, em busca de facas?

Não, isso aumentaria a ansiedade e faria a doença desenvolver raízes ainda mais profundas.

Qual é o problema, meu rapaz, por acaso este trabalho assusta você?

Francamente, sim...

Isso é ótimo, o medo é uma coisa evidente e sempre saudável... O maior de todos os toureiros tremia e vomitava antes de entrar em cena... Lembre sempre deste paradoxo... Em nossa profissão não há nada a temer, exceto a tensão... Se você ficar na defensiva, está perdido... O paciente não se tornaria amoque se você tivesse feito seu trabalho... Sua defesa física falhará sempre... Essas coisas não são fáceis de descrever... Mas

pode acreditar, ódio e agressividade ganham forças com sua resistência... Em resumo, estamos cercados por fantasmas ameaçadores que somente [obtêm] forças para nos atacar, isto é, um corpo, se ficarmos com medo, sucumbirmos à ansiedade e assumirmos uma posição defensiva...

Discute-se qual seria o tipo de paciente mais perigoso... Benway diz que um *latah* é mais perigoso que um amoque no estágio inicial... Na verdade, ele mesmo é um amoque no estágio inicial, do tipo mais perverso e traiçoeiro... Nunca o pressione em demasia...

A CARNE NEGRA

O Generalíssimo inaugurou pessoalmente sua estátua... mais um cavaleiro de bronze para os pombos cagarem em cima... autoprojeção estática com protoplasma decepado apodrecendo em seu interior e formas de insetos que proliferam sem cessar e que, em circunstâncias normais, ficariam para sempre contidas no interior da casca de bronze... Mas algum aprendiz engraçadinho adicionou um cu à estátua do Generalíssimo — coberto pelo uniforme de bronze, mas ainda assim aberto — fugiu correndo com um sorriso de menino de rua, perseguido por uma bala da polícia, e depois de saltar pela janela quebrada de uma joalheria estatelou-se no asfalto de verão, um Mercúrio desonrado abatido por uma bala de prata.

Soam as trombetas e o Hino começa a tocar. Todos se levantam para assistir ao espetáculo...

— Foi pra isso que chamaram a gente aqui? Só pra ver esse cu velho e horroroso? — sussurrou um jovem Falangista ao seu amante... Os meninos seguram o riso e ficam paralisados pelo olhar manchado de violeta de um major gordo e doente do fígado, sentado ao lado do volume maciço de sua esposa, parecida com uma Deusa-Mãe, com o lábio superior gorducho manchado de penugem macia e negra...

Quando a cobertura de tecido e celofane é retirada por um sistema de roldanas sincronizadas com correntes de ar, ruidosos barulhos flatulentos irrompem da estátua e do terreno que a sustenta...

— Vou rebaixar pessoalmente esse Técnico a assistente de limpador de esgotos! — rosna o jovem major com ambições sociais, encarregado do protocolo cerimonial.

E de repente escapou um fedor horrendo, parecido com azinhavre evaporado... fedor de sêmen atrofiado, de testículos jovens congelados pela junk, de subúrbios americanos onde a alma masculina apodrece cercada de grama transplantada... lares espanhóis burocráticos sob a vigilância dos olhos frios de matriarcas com bigodes... camadas de polimento em armarias brilhantes e molduras douradas de espelhos... maciço e úmido e pesado como as mulheres ali presentes (por trás de uma redoma esverdeada de samambaias e peperômias).

Chuva e morte nas ruas de Bogotá, atormentado por policiais assassinos e estudantes mortos... ventos em carne desviva trazendo ódio e desastre desde a verdejante savana muito além da Deusa-Mãe de pedra negra... E em todas as ruas e corredores e janelas e portas surgem os cães negros e raivosos de Paul na

estrada de Damasco, serpenteando por entre inquisições e fogueiras. Paulo nunca perdia uma fogueira...

— Ah, sim — disse o xerife, enfiando um mantinha de rapé no nariz. — Nada se compara a queimar um crioulo *bem* devagar, a cidade fica quietinha por um bom tempo... E o pessoal fica com um jeito de quem está sonhando, bem tranquilo, parece até que está dormindo. É como se tivessem acabado de comer alguma coisa bem gostosa e estivessem satisfeitos...

(Pilhas de lenha em Belsen.)

O veado americano assume seu corpo mutilado de inseto macho e começa a despedaçá-lo da mesma forma que uma enguia-do-mar transpassada por um arpão — (O mergulhador está escrevendo um artigo para a revista *Ball*) — atacaria o próprio corpo com dentadas pouco acima do arpão até conseguir escapar e fugir nadando, mutilada, posturas homossexuais galvanizadas e planas como bonecos recortados de folhas metálicas, espermatozoides moribundos em lençóis de subúrbio na aurora da ressaca dominical...

— Jogue-o no porão, ele está fedendo a alguma coisa horrível — disse o Sargento britânico.

— O futuro é nosso. É claro que usaremos algumas partes da máquina de Paul durante o, a-ham, *período de transição* durante o qual a POLÍCIA que conhecemos ainda será necessária... Um período relativamente elástico, é claro.

Benway estende as mãos com um gesto majestoso e abre um sorriso que esbofeteia dez bilhões de rostos... polícia com carne de metal negro sobre motocicletas...

— Estamos atrás de *crimes de verdade*, entenda... A mãe texana vestindo seu filho com roupas de garotinha...

mãos infantis que levam tapas quando encostam em regiões proibidas do próprio corpo, cada pensamento e emoção marcados com o selo de excremento da inspeção alienígena... (Em resumo, um crime de interferência maligna...) Veja bem, somos “gente direita”... estamos atrás do verdadeiro inimigo, dos conformistas, dos falsos... dos GUARDAS.

— É claro que isso tudo não passa de brincadeira de criança, como você mesmo pode confirmar, mas quando o supositório tranquilizante encaixa — Benway encolheu os ombros — aproveite para enfiar lá dentro...

— Ainda cabe mais um, meu senhor.

— Hora de consolidar, ou de, a-ham, *aglutinar*... o processo leva tempo... Teremos tempo e mãos hábeis para embaralhar as cartas quando o baralho estiver pronto...

O Marujo foi à feira para comprar uma dúzia de ovos de Tempo... Oh-oh, qual será o problema???

Lee voltou pelo mesmo caminho que viera, cruzando ruas deformadas por uma vagarosa artrite arquetetônica... Subindo escadas em caracol tão retorcidas pelo desequilíbrio de um bêbado contumaz em suas voltas para casa que agora é impossível subir por elas sem cambalear, esteja você embriagado ou sóbrio.

Quando chegou, estavam revistando seu quarto.

— Polícia, Johnny.

Um deles mostrou uma insígnia que refletiu a luz indistinta como o flanco de um peixe em águas turvas e profundas... Era difícil enxergar quantos deles bisbilhotavam seus documentos e seus cadernos com dedos ligeiros e frios como vento de primavera.

Lee olhou para os rostos planos e bidimensionais, fervendo com penugem negra e voraz. — Grileiros — decidiu...

Grileiros são indivíduos que invadem um escritório vazio no interior de um prédio do governo e dão início às suas atividades... Por vezes compraram de alguém do alto escalão sua permissão para funcionar, o que garante uma rápida incorporação oficial. Outros não passam de fraudes completas e sem orçamento algum que se abancam em escritórios improvisados em banheiros, armários de limpeza e no quarto escuro do setor de fotografia da polícia... cantos e corredores e pátios de prédios do governo abrigam frágeis repartições...

HOSPITAL

— A cinco quilômetros da cidade de Camembert... Identificação avançada... O Médico-Legista... Ousado ataque em plena luz do dia ao Sindicato dos Atendentes de Banheiros... contusões leves... negaram ser cúmplices...

— O inspetor René Parbleu declarou que a chacina foi um acerto de contas entre os envolvidos no lucrativo contrabando de papel higiênico... El Culito é suspeito de ter “escondido o jogo” de seus comparsas... o crime em questão foi uma tentativa de “aliviar as pressões”...

A FESTA ANUAL DE A. J.

A bicha velha se contorce em um banco de pedra calcária de Chapultepec (índios adolescentes passam abraçando o pescoço e as costelas uns dos outros), retesando sua carne moribunda na esperança de ter acesso a nádegas e coxas jovens, bagos inchados e caralhos esporreantes. Um menino se vira, sorri para ele e grita: — Oi, tio. — Sua inocência de menino açoita as nádegas caídas e os quadris flácidos da bicha velha, que grita como uma Sibila enigmática com óculos escuros e rosto cinzento. Urina escorre morna como sangue por suas coxas murchas.

* * *

Mark e Johnny estão sentados um de frente para o outro em uma cadeira vibratória, com Johnny empalado no caralho de Mark.

— Pronto, Johnny?

— Pode ligar.

Mark aciona o interruptor e a cadeira vibra. Mark atira a cabeça para trás e encara Johnny com uma expressão ausente, seus olhos frios zombando do rosto de Johnny. Johnny grita e geme, seu rosto se desintegrando como se estivesse derretendo de dentro para fora... As mãos de Mark percorrem os flancos de Johnny e desenharam uma mulher no ar. Delicado, aproxima sua cabeça do caralho de Johnny e faz um gesto de arrancá-lo fora. Johnny berra como uma mandrágora, desmaia quando seu esperma começa a jorrar e desaba sobre o corpo de Mark como um anjo drogado. Mark acaricia seu ombro com tapinhas distraídos...

Mark e Mary suspiram. Gargalham ao olhar para Johnny.

— Vire-se, Johnny — ordena Mark.

Johnny obedece e Mark prende suas mãos às suas costas com algemas forradas de couro e correntes de cobre.

— Combinam com seu cabelo, Johnny — diz, despenteando o cabelo dele com afeto negligente.

Johnny está semiadormecido. — E agora?

Mark para ao seu lado, sorrindo e com as mãos nos quadris. — O que você acha?

Mary reclina-se sobre Johnny e afasta o cabelo da frente de seus olhos. — Vamos enforcar você, Johnny.

O corpo de Johnny se contrai e expulsa o ar de seus pulmões. A língua se estende para fora. Sangue incha seus lábios e seus olhos escurecem. A contração se mantém, espremendo seu corpo em três espasmos demorados e esguichando merda a dois metros de distância de seu cu até que um derradeiro espasmo de agonia faz brotar uma gota de sangue no canto de sua linda boca. Ele recolhe esperma e sangue com a língua e cai no sono. Carinhosa, Mary envolve-o em um cobertor quente e macio. Beija seus olhos fechados. Na soleira da porta, Mark e Mary viram-se para olhar para Johnny e riem baixinho.

Manhã. Johnny acorda e tenta se espreguiçar. Mark e Mary estão ao lado da cama.

MARK: — Vamos, Johnny. Está tudo pronto e à sua espera.

Ele ajuda Johnny a se sentar e coloca suas pernas para fora da cama.

Mary senta-se ao lado de Johnny e penteia seu cabelo.
— Você vai ser um bom menino, não é, Johnny?

Johnny tem uma ereção. — Vocês vão mesmo me enforcar?

— Claro que vamos, querido. Mas não se preocupe. Não vai doer.

— Vocês vão me deixar cair no alçapão?

MARK: — Não. Assim você ficaria inconsciente e não sentiria nada. Vou quebrar seu pescoço bem assim.

Coloca uma das mãos no queixo de Johnny e a outra ao lado de sua cabeça. Move as mãos em direções opostas e estala a língua. Puxando Johnny pelo queixo, faz com que ele fique em pé. Johnny estende a língua e deixa a cabeça pender. Mary segura um dos braços de Johnny, Mark cuida do outro. Conduzem-no até uma porta que se abre de forma automática graças a um sensor elétrico.

CORPORAÇÃO ISLÃ E OS PARTIDOS DA INTERZONA

Clem sustenta um menino árabe e outro judeu. Dançam no interior de um café, imitando coristas, erguendo chapéus de palha no estilo de 1920, cantando:

— Clem é o escolhido do povo... Ele ama os árabes — bolinando o árabe — *e também* os judeus — passando as mãos pelo judeu...

— Bem, preciso sair para levar embora o pulmão de aço de um árabe. O cidadão é um delinquente. É meu dever cívico para com Wall Street.

— Tomamos a Pedra Negra da Caaba como refém e vamos pedir seu peso em diamantes como resgate. Caso contrário, construiremos um mictório ao seu redor bem no centro de Tel-Aviv...

Possuem uma fita chamada “Seu Repórter entrevista os irmãos Ergotina”, que tocam sempre que alguém pede, ou mesmo quando não pedem.

O EXAME

— Você me tem completamente.

— Nas palavras do bardo imortal, adeus! Demais a tua posse pesa.

Carl não conseguiu deixar de olhar para trás quando alcançou a porta... O médico desaparecera... Carl ficou encarando a mesa vazia com um olhar idiota... então cruzou a soleira da porta correndo e desceu as escadas em pânico.

Uma semana mais tarde, recebeu outra intimação para comparecer ao Ministério, exatamente igual à primeira... Resolveu ignorá-la, mas não foi capaz de sustentar sua decisão...

— Vou contar-lhe alguma coisa... — murmurou enquanto se aproximava da recepção...

— Dr. Benway? Ah sim, agora seu consultório fica na Saúde Pública... Cruze a praça e vire à esquerda...

No consultório de Benway, a enfermeira fazia palavras cruzadas. Um pintor retocava o teto.

— Ah, sim — disse ela. — Pode entrar, ele deve mesmo estar à espera de alguém...

No alto de sua escada, o pintor parecia uma bailarina... Lançou um olhar de flerte para Carl, usando um pincel como leque...

— Não se preocupe com ele — disse a enfermeira. — Está esperando pela Operação... O doutor disse que ele vai ficar muito mais feliz.

Quando Carl entrou, o médico lhe encarou sem nenhum sinal de reconhecimento no olhar.

— Olá — olhou para o cartão de maneira ostentosa —, Carl.

Carl olhou incrédulo para o rosto do outro lado da mesa. O homem devolveu o olhar com uma expressão tranquila e educada, com certa gentileza até profissional. Parecia um banqueiro bem-sucedido.

— Bem, Carl, parece que você anda deixando seu patrão um tanto preocupado. — Sua voz foi abafada pelo ruído de um martelo. O médico sorriu, bem-humorado, e sua voz explodiu de repente. — Sim, estamos realizando alguns, hã, consertos por aqui. É uma pena que não possamos fechar nosso *psiquismo* para consertos de vez em quando. Não que estejamos fechados... Ah, não, meu caro... Estamos trabalhando com uma equipe mínima, só isso. Ora, é bem possível que tenham trocado seu arquivo com o de outra pessoa. Mas um homem tem de fazer o melhor com o que tem à mão, certo? Então deixe-me ver com o que estamos lidando. Entenda que eu faço uso aleatório de diversas frases, como “Parece que você anda deixando seus entes queridos meio preocupados” ou “Você nos deixa apreensivos, Carl” —, com um sorriso de detetive trambiqueiro.

— Mas então, Carl... — O médico desliza de sua mesa e deita de bruços no chão, mascando um capim. — Mas

então, Carl, parece que os Coletores apanharam você. — Fica de quatro e fareja a perna de Carl.

— Aromático — diz. — *Bourbon*. Esse perfume nunca me escapa. — Plantou bananeira. — Mas então, Carl, você vai fazer um exame de sangue ou será preciso que eu arranje um mandado?

— Mas como assim? Por quê?

— Bem, se você faz questão de saber, estamos em busca de certa enzima proteica, identificada precisamente como enzima proteica por um tal dr. Saúde, de New Orleans, um distinto colega, tomara que caia morto e apodreça por ter roubado minha enzima bem debaixo de meu nariz.

O médico correu até a cadeira, gritando: — Mamãe!

— Um zumbido nos ouvidos, quem sabe?

Uma serra elétrica grita nos bastidores...

— Enzimas — diz o médico. — A nova aparência será a aparência antienzimática. Uma aparência que não será dominada por uma única enzima... Mas enquanto isso... — encolhe os ombros —, devemos fazer nosso trabalho.

Derruba um pedaço da parede usando uma marreta. O buraco na parede revela o interior de uma tumba maia. Carl se afasta, ficando longe do médico.

— *Cherchez la enzyme*, ou cuide de procurar as enzimas e os segundos-tenentes cuidarão da própria vida... Hehehe. Uma piada entre profissionais de meu ofício, Carl... Veja bem, todas as, hã, moléstias, por mais rarefeitas ou aparentemente extintas para sempre na mente de meus, a-ham, colegas, hã, afeitos à telepatia que acharam por bem inventar uma placa dizendo “Proibida a entrada de cães e de Benway”... Essa é a nossa Matadora. Casos avançados de linfogranuloma,

dedos-duros de alto escalão e placas com “Proibida a entrada de Benway”... tem seu sistema de enzimas correspondente e seu odor característico. Sendo assim, quando o curandeiro de uma tribo primitiva fala de curar uma doença inalando-a até que saia do corpo afligido, não devemos encará-lo de soslaio como homens instruídos, mas sim emular seu exemplo.

— Mamãe concorda — disse o pintor.

(Comissário farejando seu subordinado... — Você nunca lava os miolos, Camarada? Estou sentindo um forte cheiro de descontentamento...

— Não sou eu, chefe...)

— Às vezes me pergunto se esta mesma enzima não é instrumental para a homossexualidade, a esquizofrenia e a dependência de drogas... Formando uma película protetora ao redor das células, em cada um dos casos... Mas, no caso da dependência, essa película pode ser removida... Seria possível desintoxicar alguém que sofreu a vida toda de dependência de uma cobertura celular?

— Como é que eu vou saber, porra? — responde Carl, mal-humorado.

— Será que o choque da vida, a beleza do mundo, todas essas sensações adoráááveis e profundas não acabariam por simplesmente incinerar o pobre infeliz, antes insensível? Sim, é provável que a criatura esfolada e miserável fugisse do clarão da beleza e rastejasse por entre imensos monturos de lixo em busca de sua pele imunda...

— Ah, fecha essa matraca, seu velho desvairado — disse Carl.

— Você adoraria... — ele encara Carl com ares de ameaça elétrica — ouvir por inteiro minha Teoria Geral da Dependência... Mamãe concorda... Quer conservar meus bagos preservados em álcool dentro de seu baú de enxoval... Não é um amor...? Você adoraria conhecer minha mamãezinha.

— Espero nunca encontrá-la...

— Não conte com isso, fofa... Mamãe está em todas... Bem, a nova aparência será uma aparência combinada, isto é, não será dominada por uma única enzima, o Criminoso, o Perverso, o Sujeitinho Santarrão, o Sacerdote, o Intocável, todas as raças e condições e potencialidades, não importa o quanto sejam desprezíveis e horrendas, devem fundir-se... em novas formas... Do mesmo modo que disciplinas como a física, a literatura etc. não podem sustentar existência independente à luz dos Fatos da PES² etc... Essa hora chegará, cavalheiros... enquanto não chega, devemos fazer nosso trabalho.

Derruba uma parede inteira com uma marreta.

Carl sai em meio a urnas que parecem pênis imensos e... Dois estranhos homenzinhos deformados e nus estão agachados em frente à porta... Têm ereções enormes, seus corpos incham até assumir a forma de descomunais pênis eretos com braços e pernas vestigiais... Transformam-se em urnas ao lado da porta...

A cerimônia na qual o menino é escolhido [por] clamor popular e desnudado no bosque sagrado, sentindo os olhos sobre ele, lambendo todo o seu corpo, bolinado e lambido e manuseado... Caminha até a árvore com uma guirlanda de flores no pescoço e coberto de perfumes, cagando e mijando, parando com frequência para

dedicar-se à sodomia ou outras perversões na companhia de rapazes sádicos e zombeteiros, de modo que leva uma semana para completar o trajeto... e em cada abrigo, toda sorte de apetrechos... Todos estão no cio... Enforca-se por lá, tiritando.

Arrastam-se pela merda e pelo mijo e pela porra como em uma comédia pastelão e forçam adolescentes bêbados a cambalear na cozinha do clube de campo... Músicas de 1920 tocadas ao vivo entram pela janela aberta.

— Vamos até East Beaugard arranjar uma trepada...

Um gigolô sai [e] enfia o corpo pela janela... — Meninos, visitem a Casa de Davi e assistam às garotas comendo merda... Faz o sujeito sentir-se muito bem... Digam à cafetina que vocês são meus amigos...

Enfia um cilindro cuneiforme cheio de merda negra no bolso de trás de um dos meninos, bolinando sua bunda com dedos flexíveis que parecem transmitir mensagens no idioma esquecido de um povo ignóbil que [vive] em um vale nos Andes... Separados do mundo por gigantes[cos] penhascos cobertos de neve e uma imensa cachoeira... Seus habitantes são loiros e têm olhos azuis... etc. Sexo é sua única ocupação... Masturbar-se [ou] ter orgasmos sozinho é ilegal, todos moram no interior de uma ampla casa de pedra... No porão há um banho turco... onde as pessoas sempre acabam se perdendo... Segundo os boatos, o Adito, uma espécie de jovem espírito zombeteiro, atrai as pessoas até um rio subterrâneo povoado por imensas centopeias aquáticas... Mas às vezes um Ádito se afeiçoa por alguém... não existe coisa melhor neste mundo...

Esguicha sangue por sobre o altar, uma estátua branca e exangue... ereção paralisada coberta de gelo à luz do luar... sol de inverno, aurora boreal... A tribo suspira em uníssonos quando gozam simultaneamente... é o momento em que desabam no chão, abatidos pela pequena morte...

Sussurram: — Deixe-me ser sua pequena morte até a grande morte chegar...

É evidente que todos querem a honra de ter um Ádito na família... Mães dedicam-se a criar os filhos com afinco, para garantir que atinjam altos patamares de ignobilidade... As crianças do Vale são tão cruéis e ignóbeis que todas as casas são blindadas... Nenhum pai ousaria dormir sem trancar as portas e janelas de aço e ligar o alarme... para evitar que sua prole entre rastejando no meio da noite e use os dentes para arrancar fora seu caralho...

Mais tarde, é evidente, serão desmamados e submetidos a processos adicionais, de forma que ao completar quatro anos de idade estarão completamente subjugados e não ousarão pensar em nada além de sexo...

A primeira ereção de um menino é comemorada com ganidos de alegria e fotografada por todos os ângulos... Todos os vizíuns entram correndo para dar os parabéns... O pai distribui fotografias no escritório... para os meninos no quarto dos fundos do cu de Loki... Garotinhas são estimuladas com vibradores por avôs dementes e desdentados... Os cômodos possuem espelhos transparentes que permitem a todos observar a vida alheia a qualquer momento... tentar se esconder é um ato de traição... Recusar qualquer proposta *in totum*

também implica punições severas que incluem abstinência forçada... Assim, as pessoas estão sempre parando de vez em quando no meio da rua para assistir educadamente a alguém masturbando-se com merda ou realizando algum ato pervertido...

Ambos os sexos gozam da mais completa igualdade e todos participam das orgias com o mesmo empenho... Anualmente se realiza um festival do sexo, que dura três meses e inclui peças, leituras poéticas e demonstração de apetrechos sexuais... meninos de rua vendem afrodisíacos e fotografias e bonecos infláveis animados, além de roupas desenhadas de modo a serem elegantes e fáceis de despir...

Nada é buscado mais intensamente do que a mescla perfeita entre depravação e inocência... — Dá para acreditar — diz a mãe orgulhosa enquanto seu filho se aproxima carregando uma linha de pesca cheia de bagres, tocando sua gaita — que ele é uma bicha peidorreira?

A mãe agarrou impulsivamente a mão de Lucy Bradshinkel e olhou no fundo de seus olhos. — Que mulher maravilhosa — disse apenas.

Voz de locutor de documentários sobre viagens: — Continuem ligados no Explorador Volante, todas as quartas-feiras neste mesmo horário, e em qualquer horário que você parar para assistir...

Todos os cidadãos passam no mínimo metade de seu tempo nus, envolvidos em algum ato ou brincadeira sexual à vista de todos os outros...

Era como viver no interior de uma espécie de geleia que amortecia qualquer movimento... acariciando

sugestivamente seus bagos com afagos latejantes, fluindo devagar para dentro do seu cu...

* * *

Trem para o Canadá ah aquela é Elinor Glyn,³ uma garota moderna. Corro para pegar um lugar é claro parece um trem de refugiados esses assentos estão reservados... boto ele no lugar... mas e agora Joan falando do trabalho de Neal pode ser colocado Joan está morta vida longa à rainha *strip polca... strip poker...* sem levar a sério só de farra dissemos... e jogamos com ele e mais outro... não é bem como se fosse...

Se todas as enzimas possuem imagens assim como todos os junkies se parecem isso se deve à enzima especial da dependência... Todos os esquizofrênicos se parecem... Todos os veados se parecem... todos os criminosos e todas as lésbicas... Lésbicas sempre parecem peixe frio... Se a enzima for retirada, o arquétipo morre de fome... A nova aparência mesclará todos os arquétipos em uma única matriz espontânea...

A nova aparência não será dominada por uma única enzima, será a aparência inexpugnada característica não da inocência, mas do conhecimento.

Da mesma forma, qualquer pessoa inocente, isto é, inexpugnada, pode tornar-se dependente de qualquer um dos arquétipos enzimáticos... Nosso protótipo é sempre a junk, que nos fornece a fórmula geral da dependência... E depois da junk? Lésbicas... Uma enzima bloqueou o hormônio feminino... Possuímos uma enzima masculina...

Esquizofrênicos e homossexuais, ao redor da boca... Junkies e lésbicas, no interior dos olhos...

Voltando a Carl... doses da enzima não seja ingênuo... Em vez de uma reação pessoal isolada — coisa que uma criança não é capaz de ter — sofremos a reação enzimática de uma enzima feminina e então a imagem masculina torna-se inconsciente ou é trancafiada pela enzima feminina, a enzima homossexual...

Assim o menino passa a desejar a enzima feminina como se fosse morfina quer que ela faça parte de suas células... Assim que ela torna-se parte de suas células uma película celular ele não a deseja mais, tornou-se ela... isso só ocorre com a enzima domesticante da esquizofrenia etc., que predomina na infância, na adolescência, na abstinência... a enzima domesticante assim que for estabelecida a dependência da enzima feminina não mais desejará mulheres apenas homens e desejarão sua exata imagem masculina tornada inconsciente ou seja *a exata imagem que desejava as mulheres de forma quase sempre violenta e sádica* — um fraco por tipos violentos e criminosos sua imagem masculina é violenta a minha é inocente ou quase isso mas ainda há outra metade ainda não percebida de forma consciente que inclui violência extrema...

De modo semelhante, a lésbica reage ao masculino e no decorrer de suas tentativas de incorporação perde seu desejo pelo masculino e a enzima masculina bloqueia os hormônios femininos...

Voltando à morfina... digamos que eu precise de uma dose feminina a cada quatro horas para manter a imagem feminina e se não a receber as células simplificadas que vivem no meio lançam seu ataque...

Em resumo é simples ele sofre exposição a uma intensa imagem feminina em estado de domesticação

isto é sem os receptores celulares a célula deve ser penetrada... um vírus invade a célula carregando uma enzima... penetra a parede celular... e agora esperamos ficar a postos para quando chegar nossa hora quem somos nós ainda não sei...

BESOUROS DA COCAÍNA

[...] gritando, e os *vecinos* irrompem como Fúrias.

Tropecei em Eduardo no banheiro, ele disse “Estou me matando com esse negócio” e seus olhos enjoados me encararam com um olhar de vítima aproveitadora.

— Filho da puta.

Meia garrafa de Fundador⁴ pouco tempo depois da terapia meia-boca. Médico húngaro que faz abortos mas não sabe a diferença entre suas hemorroidas e uma dedeira. Coloca sanguessugas sobre minhas cicatrizes de agulha para que suguem o veneno. Aplicando Demerol à luz de velas — desligaram a energia elétrica e cancelaram a água. Pergunte se Weston ficou alegre ao livrar-se de seu inquilino maligno e caloteiro. Nunca aceite um locatário viciado. E Kiki foi embora. Como um gato que um dia ganhou mais comida de alguém e então sumiu. Cruzou uma porta invisível. Procure em qualquer lugar. Não adianta. Nada bom. *No bueno*. Ando me prostituindo.

De uma hora para a outra enxergo a garota claramente. É viciada e está passando mal, fungando e com os ossos do rosto muito visíveis. Percebe que estou olhando, caminha na minha direção, debruça-se sobre a mesa e diz:

— Pode me ajudar?

— Senta aí. O Cara está quatro horas atrasado. Tem grana?

— Sim. Quer dizer, tenho três centavos.

— Menos de cinco não adianta. Ele diz que são pacotes duplos. Olha só, eu conheço um velho charlatão que dá receitas como se estivesse escrevendo bilhetes. Só que eu não posso falar com ele. Da última vez a gente brigou.

— Mas é que...

— Ele não consegue *levantar* nem nada. Só umas brincadeirinhas e nada mais, entende?

— Argh.

— Morrer um pouco a cada dia. Ocupa o tempo.

O charlatão mora longe, em Long Island... Cochilo no trem, o sono leve da fissura, e acordo em todas as estações. Nessa você troca.

Fique longe de Queens Plaza, meu rapaz. Lugar sinistro, guardas por...

Nessa você desce. Bar. Mercaria. Antenas de tevê sugam o céu como periscópios insaciáveis... O médico mora no subúrbio, em uma rua sem saída. Uma casa do século XIX em estilo espanhol, com varandas de metal enferrujado.

HAUSER E O'BRIEN

Estava sentado no bar e restaurante do Joe tomando café com um guardanapo debaixo da xícara como dizem ser a marca de alguém que passa muito tempo sentado em cafés e restaurantes... Esperando pelo Cara...

— E o que se vai fazer? — Nick me disse certa vez em seu sussurro morto de junky... — Eles sabem que vamos esperar.

Sim, eles sabem que vamos esperar... Esquina, café, banco de praça, sentados, em pé, caminhando... Todos que esperam aprendem que tempo e espaço são uma coisa só... Quantos minutos-metros para ir até o fim da esquina e voltar? Quantas xícaras de café no espaço de uma hora?

Uma garota ficou me olhando do balcão e consegui delinear uma impressão vagamente agradável, como alguma coisa vista de relance pela janela de um trem... de volta aos gritos, aos tremores da náusea, tudo tão claro e definido que causa dor, manchado de repente com fumaça cinzenta — o relógio saltara adiante como o tempo costuma fazer depois das quatro da tarde até mesmo para um junky passando mal. E não quero saber dela ou de mais ninguém...

Meu consumo estava descontrolado... Um quarto de heroína por dia... Eu estava me virando com o Marujo naquelas tardes melancólicas... Era impossível saber o que o Marujo estava pensando, seus olhos castanhos acesos por dentro refletindo pontos de luz como uma opala, olhando para algo muito distante, rosto amarelado e gasto e sem expressão sobre maçãs do rosto proeminentes, cantava sem parar mostrando seus dentes amarelos e brilhantes: *"Oh, oh, what can the matter be? Johnny's So Long at the Fair..."*⁵

Entendo por que o Marujo enlouqueceu... Ele não conseguia sentir nada por ninguém...

O Marujo está morto... Quase todas as pessoas que conheço agora estão mortas... O Marujo pendurado na

porta de uma cela com a língua de fora como acontecia quando ele ficava chapado de calmantes, [Kammerer] vagueando pelo fundo do Hudson, armas usadas em assassinatos e lançadas n'água retalhando sua carne como meteoros e Jane ali, sentada no balcão... Fiquei sabendo mais tarde, em Tânger...

Encontrei o Alemão... No bar e restaurante do Joe encontrei...

Largou de vez a junk... Nove quilos de carne alheia... e um consolo de atar na cintura... Juros compostos, falei:

Lázaro, volte para casa...

— Agora enxergo as coisas de modo diferente — afirmou... — Ninguém vai me enganar e tomar o que é meu... É instrumento do meu ofício... Está na lei... — Mostrou o consolo por debaixo da mesa...

Qualquer um consegue largar... Basta fazer um trato, só isso...

Lázaro, volte para casa... Você deprime os vivos com esse cristal...

Encontrei Nick perto dos jogadores de xadrez na Washington Square e ele me falou de prisões e de mortes e de gente largando a droga... não conseguíamos nem falar com tantos junkies ao nosso redor...

Arnie Tampinha começou a aparecer bêbado no Joe depois que largou a junk... Nove quilos de carne alheia...

Lázaro, volte para casa... Pague o Cara e volte para casa...

PREFÁCIO ATROFIADO

As Vozes irrompem como leões enfurecidos.

— Vou rasgar você ao meio — disse o Homem de Ossos Negros, tremendo.

— Disse o tenente Lothar cuja tia afogou-se no mar — disse uma voz baixinha, soando como um rodo.

— Cruzando painéis cristalinos de horror até chegar à lagoa inclinada...

— Hora de se aposentar... Passar a régua... vermes resplandecentes soam o chamado e alimentam minha nostalgia dos clarões de luxúria adolescente sobre as colinas de minha terra, onde o esperma flutua pelo ar como teias de aranha carregadas pelo vento frio da primavera...

— Adorável perna morena. Ah, meu deusinho, meu amor, deitado na cama percevejos rastejam sob a luz azul... Ah, meu Senhor...

— Faça isso o dia inteiro... Faça agora mesmo...

— Mame no seio da noite sob a luz azul do fogareiro... Pérolas do Oriente caem sobre onde devem ficar...

— O cavalo alado e o mosaico de ferro transformam o céu em bolo azul...

— Em varandas de cristal, anjos pensativos examinam unhas pintadas de cor-de-rosa... Flocos dourados atravessam a luz do sol...

— Barrigas roncam ao longe... Bichas porcinas acenam carteiras recheadas... Buganvílias recobrem os degraus de pedra calcária... Pombos envenenados despencam da aurora boreal, desabando sobre o canal seco com as asas em chamas... Os reservatórios estão vazios... Escadarias

azuis tornam-se espirais sufocantes... onde estátuas de latão avançam pelas praças e pelos becos esfomeados da cidade boquiaberta...

— Ereção iridescente... Arco-íris nas cachoeiras...

— Não escuto nada.

— Dois garotos escaparam.

— Nunca mais grasnado de ganso apito de trem amante no leito... Passageiro misterioso (olho emplastrado de muco)... Veja o menino tendo uma ereção...

— Sem marca nenhuma... O que matou seu macaco?

— Deus suicida, siga seu caminho pelo beco da junk... Desvios no gracioso despenhadeiro iluminado pela luz da aurora... Prédios desmoronam e viram pó na planície dos pântanos salgados... Terão os meninos vencido a última montanha e adentrado o porto seguro de Lambussa, onde o vento não sopra?

— Sobre o ringue pau circuncidado minha boca acabe com a vadia jogue a toalha... Traga sua própria esposa... Flo Panama, a depravada, derrota a Mangona e a corta em pedaços do tamanho de bifés...

(Mangona é uma espécie muito perigosa de tubarão. Como todos os tubarões, morde fora pedaços do tamanho de bifés.)

— Você não faria o mesmo?

— Gulosa amaldiçoa a libido.

— Notificação apresentada em papel higiênico.

— Choque de olfato envolve com náusea os pulmões.

— Bicha gorda, quase explodindo no interior de um macacão de brim, carrega uma linha de pesca cheia de bagres até o açude inclinado...

— INCLINAR...

— Cabeça cinzenta emerge na piscina natural... Os meninos sobem uns por cima dos outros, gritando... “AAAAI... um Homem...”

— Será apanhada, essa criatura.

— Um veado!

— Monstruoso!

— Fantástico!

— Pega ela!

— Baixe a cortina metálica da latência!...

— Raio raio... é o bastante.

— A medicina está sendo redefinida por minha causa.

Sueco de meia-idade usando boné de iatismo, torso nu e tatuado, olhos azuis indiferentes, aplica uma injeção de heroína no esquizofrênico... (suave odor de cozinhas institucionais).

Espectros cinzentos de um milhão de junkies aproximam-se enquanto a Essência faz-se carne dotada de vida.

— Este é o esquema que prendeu milhares de ventres e levou à falência as perfumadas farmácias do Líbano?

— Em um vale de cocaína e inocência, dentro de uma cabana de esqui na montanha, rapazes de olhos tristes cantam lamentos em falsete por um Danny Boy perdido...

— Cheiramos a noite toda e trepamos quatro vezes... dedos na lousa, arranhando os ossos brancos. Lar: a heroína voltou, voltou depois de cruzar o oceano.

— Procurando uma veia na aurora do enjoo narcótico vento sacode a janela.

— No Joe, café e pão doce velho...

— “Oi, Grana...”

“Tem certeza de que está aí?”

“‘Claro que tenho... Vou entrar com você.’

“‘Para hoje à noite?’”

— Uma cidade arruinada... Visito um charlatão do lugar para conseguir S. M., aplico tudo em duas horas... Até Chicago a bordo do trem noturno... Encontro uma garota no saguão, percebo que ela é entendida e pergunto: “Onde consigo comprar?”.

“‘Entra, meu filho.’

“Não era jovem nem nada, mas tinha um corpo... ‘Que tal uma dose antes?’

“‘Nem, senão você fica fora de combate.’

Três vezes seguidas... acordo tremendo e enjoado com o vento morno de primavera soprando pela janela, a água queima meus olhos como se fosse ácido.

“‘Agora’.

“Nua, ela sai da cama... Pega a droga escondida no abajur de naja... Prepara uma injeção...

“‘Vira de bruços. Vou aplicar na sua bunda.’

“Enfia a agulha até o talo, tira e massageia a nádega... Lambe fora uma gota de sangue em seu dedo...

“Ele rola na cama, sua ereção dissolvendo-se na matéria cinzenta da junk...”

[Ícaro], com uma camisinha rasgada servindo de paraquedas. Em um monturo de lixo do outro lado da baía, seu jato vaporiza osso e merda na forma da matéria azul do céu...

— É como se eu não fosse mais humano... Quando os *Poltergeist* descem do sótão e cagam na sala de estar

e superam aqueles que assombram em uma proporção de dez para um e suas brincadeiras perdem toda a graça virginal e tornam-se cruéis durante a adolescência como acontece com os macacos... Às vezes eu não sei mesmo...

Debaixo da bandagem colocada pela sisuda enfermeira-chefe, a boceta de Jade Radiante...

— Veja bem querida quando um pescoço quebra o choque exerce um efeito bem horroroso. — Contém o riso, nervosa... — É claro que nessa altura a pessoa já está morta ou pelo menos inconsciente ou no mínimo atordoada... Mas... E... Hã... Entretanto... Veja bem... É uma REALIDADE MÉDICA... As entranhas femininas costumam esguichar pela boceta o que acabou transformando nosso último médico em pedra e então vendemos o resultado para o Paraguai, como se fosse uma estátua de Bolívar.

— Vim até aqui para confirmar uma morte... Não para fazer uma histerectomia — disparou de imediato [o charlatão] com jeito de tia velha... usando os dentes cinzentos para mastigar um pãozinho encharcado, [o odor de cozinhas institucionais o persegue como uma nuvem úmida]...

— Ah meu Deus outro auê... Aquele tal de Pierpoint não...

Irritado, começou a pegar no pé da Lésbica. Ela cozinhou a amante, amarrou sua vítima com a cabeça dentro de um bidê cheio de soda cáustica fervente...

— Foi um *crime passionnel* — declarou, em êxtase. — Juiz, você precisava ter escutado aqueles gritos... Foi

uma delícia...

— Levada embora por um imenso rio caudaloso e contente... Quem de vocês conheceu o Supositório Inteiro? [Fornecedores constipados de peidos exaustos...]

Entre por favor???? Você, vamos: acho que mereço ficar sabendo de todinha essa história do buraco... Uma qualquer chamada LU-LU...

Acordou em um banho turco no porão de um *bidonville* de Johannesburgo... — Que lugar é esse, seus negros desgraçados?

Não seja assim? Quantos você matou? — Quanto mais, melhor — disse Robert Christie...

Você não faria o mesmo?

— Cavalheiros, os imundos estandartes menstruados estão tremulando sobre nossos pacíficos caralhos... A horrenda subespécie conhecida como MULHER deve ser eliminada e destruída com lança-chamas antissépticos para evitar que o terrível vírus Feminino sobreviva e tente mais uma vez desecrar nossas *fantásticas* cidades gregas... Murtinha, cadê o ativo?

Subiram em lambretas e morreram todos sob a noite italiana... E a Coisa arcaica que vende cigarros no mercado negro... Gargalhou e gargalhou e gargalhou...

— O universo é côncavo... Eles acabarão voltando... Li tudo através do buraco na parede da latrina do Velho Tribunal... Lá vêm eles...

Os meninos se aproximam com gritos de pederastia descontrolada... avançam por uma planície e as árvores secam e murcham à sua passagem...

— Eu trocaria meus seios postiços por um homem, Mary!

— Traição... Enforcem essa puta louca antes que ela desenvolva uma boceta nojenta...

Quando eu usava junk e cuidava de minha vida de junky, era visto apenas por traficantes e pelos policiais do metrô... O Independente tem sua polícia especial, não usam máquinas, só cassetetes... Uma vez, lá em Queens Plaza — não é uma boa estação, níveis demais —, pegaram o Bichona e a mim, e eu mordi a mão do guarda — naquela época eu ainda tinha dentes —, mordi e escapei, aí ele ficou berrando “Pare ou atiro” sem parar, mas como eu sabia que ele não tinha com o que atirar continuei fugindo...

O Bichona se recusava a falar com a polícia. Diz que eu sou de Times Square e que meu nome é Joe alguma coisa. Aí quebram os poucos dentes que ainda lhe restavam... “Tavam soltos mesmo”, ele me explica mais tarde... Sempre mostra que é veado, isso é parte do estilo dele, sabe... ganha um cinco-dois-nove por punga... Como eu sempre digo, junkies são espectros e só algumas pessoas conseguem enxergá-los...

(Cinco meses e vinte e nove dias é a sentença que costuma ser aplicada a quem tenta roubar um bêbado dentro ou perto do metrô. O crime é chamado de “punga”.)

Uma traficante da Cidade do México chamada Lupita — no México todos os grandes traficantes são mulheres — uma Deusa — Mãe Asteca, precisa de muito sangue. Então Lupita diz “Vender vicia mais que usar”, e nisso há realmente muita sabedoria instintiva — é uma vadia sem instrução, lembre... Um traficante que não usa drogas

fica viciado no contato com os clientes, e esse vício é impossível de largar... Acontece a mesma coisa com os agentes policiais...

Como sempre digo, o leitor encontrará com frequência a mesma coisa dita com as mesmas palavras. Isso não é um descuido nem um aceno para o Departamento dos Apaixonados pelo Som das Próprias Palavras... São indicações de uma justaposição no espaço-tempo... uma dobra interna que se fecha (dizem por aí que o universo é côncavo)... um ponto de intersecção entre níveis de experiência no encontro de linhas paralelas...

Como sempre digo, prefácios atrofiam-se, amputam-se e voltam a crescer. Em certo momento o prefácio estava com cento e cinquenta páginas, constituindo uma ameaça para todo o empreendimento... Foi amputado até tornar-se um toco de três páginas e lentamente voltou a crescer...

— Sou o Egípcio — disse, parecendo tolo e achatado.

E respondi: — Pare com isso, Bradford, não me canse a beleza...

No sótão da Grande Loja arrancamos a roupa e mandamos ver... Cuidado, não deixa espirrar...

Não dedure os meninos... O porão está cheio de luz e ar... Os girinos nascerão em duas semanas... O que será que aconteceu com o menino do Otto, aquele que tocava violino?...

Canja de galinha, café pequeno, brincadeira de criança... Bocetas fósseis de garotas abatidas pulam ao nosso redor em Queens Plaza...

Jogue-as na privada... Basta enfiar lá dentro, a vibração cuida do resto... poeira negra chove sobre nós, como uma maldição cancerosa por nossa inversão... Caralho debaixo da casca de noz... Cheguem mais perto... estava aqui, agora não está mais...

— Fratura múltipla — anunciou o médico renomado. — Tenho muita técnica.

Degraus de madeira em uma escarpa interminável... dispersas cabanas de pedra...

Rostos com a inocência lúgubre dos povos antigos, mosaico justaposto de linhagens douradas de essência negroide, brotam de um Sul em gestação...

O homem vestido com um terno verde em estilo antigo, de corte inglês, com bolsos para moedas... passara para trás a proprietária envelhecida de uma floricultura:

— Bruxa velha, tem mais é que ficar fissurada por mim.

Estavam maduros e prontos para a colheita esquecidos no cu do mundo entre cacos de prazer e pergaminhos flamejantes...

Ó morte, onde está o teu ferrão? O Cara está sempre atrasado...

1 God's Own Medicine, literalmente, "remédio de Deus", termo usado por alguns médicos para se referir à morfina, especialmente na época em que a substância começou a ser utilizada.

2 Percepção Extrassensorial.

3 Pseudônimo de Nellie Sutherland (1864-1943), escritora e cineasta inglesa. Depois de ganhar fama como autora de literatura erótica, mudou-se para Hollywood e tornou-se uma das primeiras mulheres diretoras de cinema.

4 Conhaque de xerez espanhol.

5 Em tradução livre: “Oh, oh, o que terá acontecido? Johnny não volta nunca do Festival”.

Copyright © 1959, 1964, 1982, 1991 by William S. Burroughs
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Naked Lunch

Capa e ilustração
Christiano Menezes

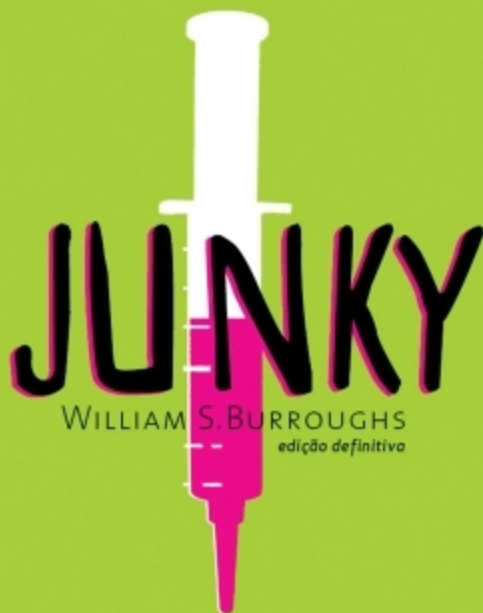
Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Jane Pessoa

ISBN 978-85-438-0557-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Com introdução de **ALLEN GINSBERG**




MA COMPANHIA

Junky

Burroughs, William S.

9788580866445

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Cotidiano modorrento, um atestado de dispensa do serviço militar e alguns trambiques. Assim o narrador de Junky descreve sua vida antes das drogas. Nem mesmo as catástrofes da Segunda Guerra Mundial haviam sido merecedoras de sua atenção. Alguns miligramas de morfina causariam mais impacto. Mescla de confissão - William Burroughs foi dependente de narcóticos por catorze anos - e uma objetividade radical, marcada por uma narração veloz e sem espaço para reflexões psicológicas, o livro marcou a estreia do autor na literatura. Escrito em 1949, durante uma temporada de Burroughs no México, Junky discorre sobre experiências com morfina, heroína, cocaína, remédios controlados, maconha e tráfico de substâncias ilegais. Não obstante alguns percalços iniciais, que atrasaram a publicação em quatro anos, o livro resultou num sucesso editorial. Nos Estados Unidos dos anos 1950, as drogas eram um demônio a ser combatido. Em Junky não há lugar para a vergonha, o arrependimento e muito menos a redenção,

o que, na época, ia contra tudo o que se considerava útil no tocante à abordagem das drogas na literatura.

Recheada de confissões de violência, homossexualismo e teorias extravagantes a respeito dos benefícios filosófico-espirituais da droga pesada, a narrativa causou choque.

"Estou melhor de saúde agora, depois de ter tomado drogas pesadas em vários períodos da vida, do que estaria se nunca tivesse me viciado", afirma o narrador ao se declarar dependente. O amigo Allen Ginsberg, que se autointitulava "agente" de Burroughs por ter convencido um editor de Nova York a publicar o material que uma fila de profissionais havia rejeitado, festeja na introdução do livro sua "atitude cultural revolucionária". Décadas mais tarde, Junky permanece atual. Para além do fato de ter chocado uma época, sua força está na habilidade de Burroughs dar tratamento literário ao que chamou de um "estilo de vida". Com introdução de Allen Ginsberg.

[Compre agora e leia](#)

MILLENNIUM

4

A GAROTA NA TEIA DE ARANHA

DAVID LAGERCRANTZ

CONTINUAÇÃO DA SÉRIE DE

STIEG LARSSON

LISBETH
está de
volta

COMPANHIA DAS LETRAS

A garota na teia de aranha

Lagercrantz, David

9788543803753

560 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lisbeth Salander e Mikael Blomkvist estão de volta na aguardada e eletrizante continuação da série Millennium. Neste thriller explosivo, a genial hacker Lisbeth Salander e o jornalista Mikael Blomkvist precisam juntar forças para enfrentar uma nova e terrível ameaça. É tarde da noite e Blomkvist recebe o telefonema de uma fonte confiável, dizendo que tem informações vitais aos Estados Unidos. A fonte está em contato com uma jovem e brilhante hacker – uma hacker parecida com alguém que Blomkvist conhece. As implicações são assombrosas. Blomkvist, que precisa desesperadamente de um furo para a revista Millennium, pede ajuda a Lisbeth. Ela, como sempre, tem objetivos próprios. Em A garota na teia de aranha, a dupla que já arrebatou mais de 80 milhões de leitores em Os homens que não amavam as mulheres, A menina que brincava com fogo e A rainha do castelo de ar se encontra de novo neste thriller extraordinário e imensamente atual.

[Compre agora e leia](#)



Tá todo mundo mal

Jout Jout

9788543805863

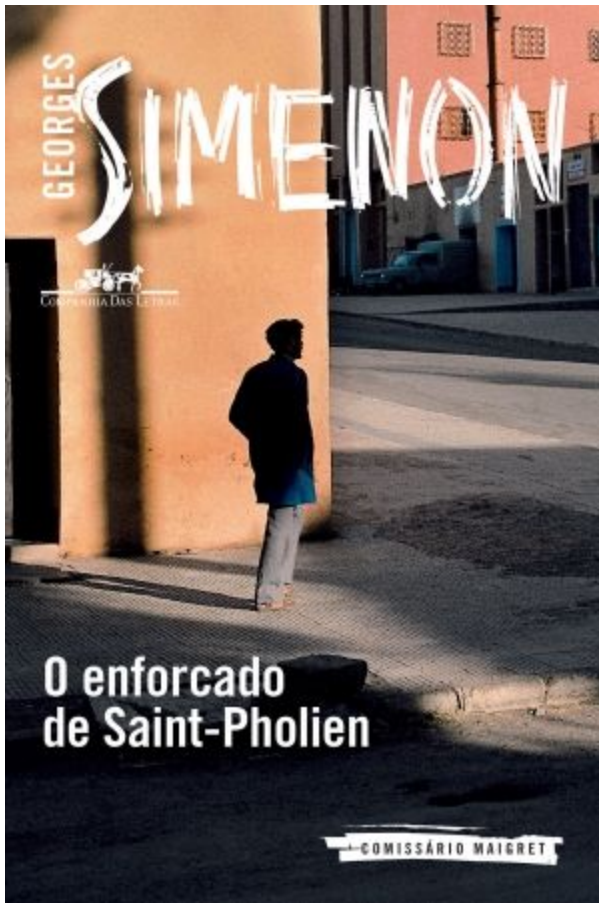
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do alto de seus 25 anos, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, já passou por todo tipo de crise. De achar que seus peitos eram pequenos demais a não saber que carreira seguir. Em "Tá todo mundo mal", ela reuniu as suas "melhores" angústias em textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer".

Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias!

[Compre agora e leia](#)



O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges

9788580869934

136 páginas

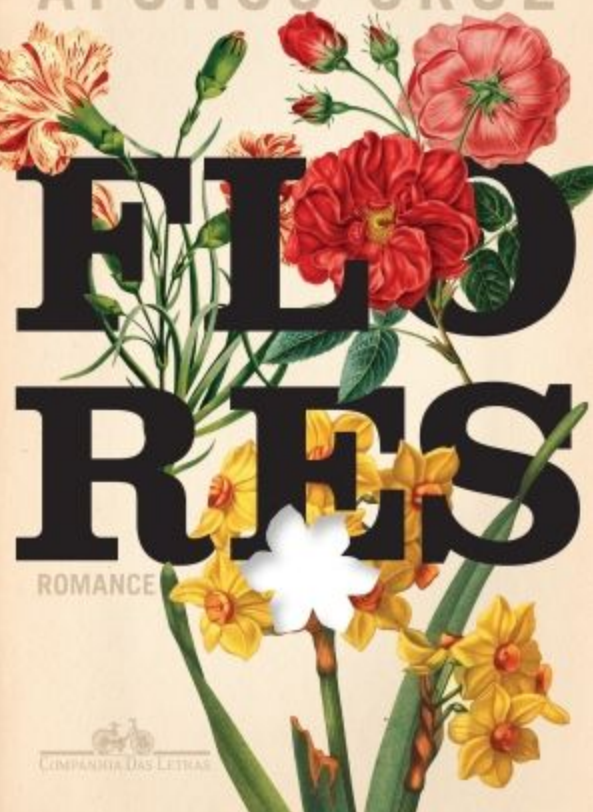
[Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos

eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

[Compre agora e leia](#)

AFONSO CRUZ



Flores

Cruz, Afonso

9788543805856

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história inquietante sobre o amor, a memória e o que resta de nós quando perdemos nossas lembranças.

Um homem sofre muito com as notícias que lê nos jornais, com todas as tragédias humanas a que assiste. Um dia depara-se com o fato de não se lembrar do seu primeiro beijo, dos jogos de bola nas ruas da aldeia ou de ver uma mulher nua. Outro homem, seu vizinho, passa bem com as desgraças do mundo, mas perde a cabeça quando vê um chapéu pousado no lugar errado. Contudo, talvez por se lembrar bem da magia do primeiro beijo — e constatar o quanto a sua vida se afastou dela —, o homem decide ajudar o vizinho a recuperar todas as recordações perdidas. Em seu livro mais recente, o português Afonso Cruz apresenta uma bela reflexão sobre o amor e a memória.

[Compre agora e leia](#)